THE NEW YORK TIMES BESTSELLER

FREDRIK BACKMAN



NÓS CONTRA OS OUTROS



© Linnéa Jonasson Bernholm

Fredrik Backman nasceu em 1981, na Suécia. Foi colunista e *blogger* antes de se aventurar como romancista. Estreou-se em 2012 com o fenómeno mundial *Um Homem Chamado Ove*. Bem-humorados, comoventes e astutos, os romances de Fredrik Backman são uma odisseia pelas vidas de homens e mulheres comuns. Escreveu até agora sete romances, duas novelas e um livro de não ficção sobre paternidade. Os seus livros já venderam mais de 19 milhões de exemplares e estão traduzidos em 46 línguas. Contam também com várias adaptações ao grande e pequeno ecrã, entre elas *Um Homem Chamado Ove*, *Beartown* e *Gente Ansiosa*.

Nós contra os Outros
Fredrik Backman

Publicado em Portugal por
Porto Editora
Divisão Editorial Literária – Lisboa
Email: dellisboa@portoeditora.pt

Título original:
Vi mot er
© Fredrik Backman, 2017
Published by agreement with Salomonsson Agency

Tradução: Elsa T. S. Vieira

Design da capa: © James Iacobelli
Imagens da capa: © Shutterstock.com e Robert Seitz / ImageBROKER on Offset

1.ª edição em papel: junho de 2023

Rua da Restauração, 365
4099-023 Porto
Portugal

www.portoeditora.pt

ISBN 978-972-0-67058-8

Para Neda.
Só para que saibas,
continuo a tentar impressionar-te.

1

Será culpa de alguém

Alguma vez viram uma cidade cair por terra? Aconteceu à nossa. Dir-se-á que, este verão, a violência chegou a Björnstad[1], mas será mentira; a violência já aqui estava. Porque, às vezes, é tão fácil odiarmo-nos uns aos outros que parece incompreensível que façamos outra coisa.

Somos uma pequena comunidade na floresta; as pessoas dizem que não há estradas até aqui, apenas estradas que passam por cá. A economia engasga-se de cada vez que respira fundo; a fábrica faz cortes de pessoal todos os anos, como uma criança que acha que ninguém vai reparar que o bolo no frigorífico está a ficar mais pequeno se tirar apenas uma fatiazinha fina de cada lado. Se sobrepusermos um mapa recente da cidade a um antigo, a principal rua comercial e a pequena faixa conhecida como «o centro» parecem encolher como *bacon* numa frigideira quente. Temos um pavilhão com um rinque de gelo, mas não muito mais. Por outro lado, como as pessoas por aqui costumam dizer, de que raio precisamos mais?

Quem passa por cá afirma que Björnstad não vive para mais nada a não ser o hóquei, e há dias em que até têm razão. Às vezes, as pessoas precisam de ter qualquer coisa para a qual possam viver, de modo a conseguirem sobreviver a tudo o resto. Não somos loucos, não somos gananciosos; ache-se o que se achar de Björnstad, as pessoas aqui são fortes e trabalhadoras. Assim, construímos uma equipa de hóquei que era como nós, de que nos podíamos orgulhar, porque nós éramos diferentes dos outros. Quando as pessoas das cidades grandes achavam que alguma coisa parecia demasiado difícil, nós sorríamos e concordávamos: «É suposto ser assim.» Crescer aqui não é fácil; foi por isso que nós conseguimos e os outros não. Tínhamos sempre a cabeça erguida, estivesse o tempo como estivesse. Mas depois aconteceu algo, e desabámos.

Há uma história sobre nós, anterior a esta, e carregaremos sempre essa culpa.

Às vezes, convictas de estarem a tentar proteger aquilo que amam, as pessoas boas fazem coisas terríveis. Um rapaz, a estrela da equipa de hóquei, violou uma rapariga. E nós perdemo-nos. Uma comunidade é a soma das suas escolhas, e, quando dois dos nossos filhos disseram coisas diferentes, acreditámos no rapaz. Porque era mais fácil. Porque, se a rapariga estivesse a mentir, as nossas vidas podiam continuar como até aí. Quando descobrimos a verdade, desabámos, e a cidade tombou connosco. É fácil dizer que devíamos ter feito tudo de maneira diferente, mas talvez vocês também não tivessem agido de outra forma. Se estivessem com medo, se fossem obrigados a escolher um lado, se soubessem o que teriam de sacrificar. Talvez não sejam tão corajosos como pensam. Talvez não sejam tão diferentes de nós como gostariam.

Esta é a história do que aconteceu depois, de um verão para o inverno seguinte. É uma história sobre Björnstad e a cidade vizinha de Hed, e sobre como a rivalidade entre duas equipas de hóquei pode crescer e transformar-se numa luta desenfreada por dinheiro e poder e sobrevivência. É uma história sobre rinques de hóquei e todos os corações que batem à volta deles, sobre pessoas e desporto e como, às vezes, se apoiam mutuamente. Sobre nós, que sonhamos e lutamos. Alguns de nós apaixonar-se-ão, outros ficarão destroçados; teremos dias bons e alguns dias muito maus. Esta cidade festejará, mas começará também a entrar em combustão. Haverá uma terrível explosão.

Algumas raparigas deixar-nos-ão orgulhosos; alguns rapazes tornar-nos-ão especiais. Jovens vestidos de cores diferentes lutarão até à morte numa floresta sombria. Um carro passará demasiado depressa, a meio da noite. Diremos que foi um acidente; no entanto, os acidentes são caprichos do acaso, e saberemos que podíamos ter evitado este. Este será por culpa de alguém.

Pessoas que amamos, morrerão. Sepultaremos os nossos filhos debaixo das árvores mais bonitas.

---

[1] Em sueco, literalmente, «Cidade do Urso». (*N. do E.*)

2

Três tipos de pessoas

Bang-bang-bang-bang-bang.

O ponto mais elevado de Björnstad é uma colina, a sul dos últimos edifícios da cidade. Daí, vê-se desde as casas grandes nos Montes, passando pela fábrica, pelo rinque de gelo e pelas casas geminadas mais pequenas perto do centro, até aos prédios de apartamentos arrendados no Covão. Duas raparigas estão no cimo da colina, a olhar para a sua cidade. Maya e Ana. Em breve terão dezasseis anos, e é difícil dizer se ficaram amigas apesar das suas diferenças ou por causa delas. Uma gosta de instrumentos musicais; a outra, de armas. O desprezo mútuo que ambas nutrem pelos gostos musicais da outra é um tema de discussão tão recorrente como a discórdia em relação a animais de estimação, que se arrasta há dez anos. No inverno anterior, foram expulsas de uma aula de História porque Maya murmurou: «Sabes quem é que gostava muito de cães, Ana? O Hitler!» Ao que Ana retorquira: «E sabes quem é que gostava muito de gatos? O Josef Mengele!»

Estão sempre com picardias e adoram-se uma à outra inquestionavelmente, e, desde que eram pequenas, sempre houve dias em que sentiram que estavam as duas sozinhas contra o mundo inteiro. Contudo, depois do que aconteceu a Maya no princípio da primavera, todos os dias têm sido assim.

É princípio de junho. Durante três quartos do ano este lugar está envolto em inverno, mas agora, durante algumas semanas mágicas, é verão. A floresta à volta delas embriaga-se de sol, as árvores bailam alegremente junto dos lagos, mas os olhos das duas raparigas estão inquietos. Esta altura do ano costumava ser para elas um período de aventuras sem fim; passavam o dia inteiro na natureza e chegavam a casa à noite, de roupas rasgadas e caras sujas, com a infância no olhar. Tudo isso acabou. Agora são adultas. Para algumas raparigas, isto não é algo que se escolhe, é-lhes imposto à força.

Bang. Bang. Bang-bang-bang.

Uma mãe está no exterior de uma casa, a arrumar as coisas do filho num carro. Quantas vezes o fazemos enquanto eles crescem? Quantos brinquedos apanhamos do chão, por quantos bonecos de peluche temos de lançar operações de busca à hora de dormir, quantas luvas perdemos a esperança de encontrar no jardim de infância? Quantas vezes pensamos que, se a natureza quer mesmo que as pessoas se reproduzam, se calhar a evolução devia permitir que nascessem, a todos os pais, alguns pares de braços extra, para poderem enfiá-los debaixo de todos os malditos sofás e frigoríficos? Quantas horas passamos em corredores à espera dos nossos filhos? Quantos cabelos brancos nos fazem nascer? Quantas vidas dedicamos à vida deles? O que é preciso para ser um bom pai ou mãe? Não muito. Apenas tudo. Absolutamente tudo.

Bang. Bang.

No cimo da colina, Ana vira-se para a melhor amiga e pergunta:

– Lembras-te de quando éramos pequenas? E querias sempre fingir que tínhamos filhos?

Maya acena com a cabeça sem afastar os olhos da cidade.

– Ainda queres ter filhos? – pergunta Ana.

A boca de Maya mal se move quando responde:

– Não sei. E tu?

Ana encolhe ligeiramente os ombros, a meio caminho entre a raiva e o pesar.

– Talvez quando for velha.

– Velha como?

– Não sei. Trinta, para aí.

Maya fica em silêncio durante muito tempo e depois pergunta:

– Gostavas de ter rapazes ou raparigas?

Ana responde como se tivesse passado a vida inteira a pensar no assunto.

– Rapazes.

– Porquê?

– Porque o mundo às vezes é uma merda para eles. Mas, a nós, trata-nos mal quase sempre.

Bang.

A mãe fecha o porta-bagagens, contendo as lágrimas porque sabe que, se deixar escapar uma que seja, nunca mais parará. E, por mais velhos que eles sejam, nunca queremos chorar em frente dos filhos. Faríamos tudo por eles; eles nunca sabem, porque não compreendem a imensidão de algo que é incondicional. O amor dos pais é insuportável, imprudente, irresponsável. Eles são tão pequenos, quando dormem nas suas caminhas e nos sentamos ao lado deles, desfeitos em cacos por dentro. É uma vida de falhas e, esmagados pelo sentimento de culpa, pomos fotografias felizes por todo o lado, mas nunca mostramos as lacunas no álbum de fotografias, onde escondemos tudo aquilo que magoa. As lágrimas silenciosas em quartos escuros. Passamos noites em claro, aterrorizados com todas as coisas que lhes podem acontecer, tudo aquilo a que poderão estar sujeitos, todas as situações em que poderão acabar como vítimas.

A mãe contorna o carro e abre a porta. Não é muito diferente de qualquer outra mãe. Ela ama, assusta-se, desaba, enche-se de vergonha, é insuficiente. Sentou-se ao lado da cama do filho quando ele tinha três anos, a vê-lo dormir e a temer todas as coisas terríveis que lhe podiam acontecer, como qualquer outra mãe. Nunca lhe ocorreu que, se calhar, devia temer precisamente o oposto.

Bang.

O dia está a nascer, a cidade dorme; a estrada principal que sai de Björnstad está deserta, mas os olhos das raparigas, no alto da colina, continuam fixos nela. Esperam pacientemente.

Maya já não sonha com a violação. Com a mão de Kevin a tapar-lhe a boca,

o peso do corpo dele a sufocar-lhe os gritos, o quarto com todos os troféus de hóquei nas prateleiras, o chão pelo qual saltitou o botão da sua blusa. Agora sonha apenas com o trilho de *jogging* atrás dos Montes; consegue vê-lo daqui. Quando Kevin estava a correr, sozinho, e ela saiu das trevas com uma caçadeira na mão. Encostou-a à cabeça dele enquanto ele tremia e soluçava e implorava misericórdia. Nos seus sonhos, ela mata-o, todas as noites.

Bang. Bang.

Quantas vezes uma mãe faz rir o filho? Quantas vezes o filho a faz rir às gargalhadas? As crianças viram-nos do avesso da primeira vez que percebemos que o fazem intencionalmente, quando descobrimos que têm sentido de humor. Quando fazem piadas, aprendem a manipular os nossos sentimentos. Se nos amam, aprendem a mentir pouco depois disso, para nos pouparem, fingindo-se felizes. Aprendem depressa aquilo de que gostamos. Podemos achar que os conhecemos, mas eles têm os seus próprios álbuns fotográficos, e crescem nos espaços vazios.

Quantas vezes esteve aquela mãe de pé ao lado do carro, em frente da casa, a olhar para o relógio e a chamar o filho com impaciência? Hoje não tem de o fazer. Ele está sentado no banco do passageiro em silêncio, há horas, enquanto ela lhe fazia as malas. O corpo do rapaz, em tempos tonificado, está agora magro, depois de semanas em que ela teve de lutar para que ele comesse alguma coisa. Os olhos dele fitam, sem ver, o para-brisas.

Quanto pode uma mãe perdoar a um filho? Como pode sabê-lo de antemão? Nenhuma mãe ou pai imagina que o seu menino vai crescer e cometer um crime. Ela não sabe que pesadelos ele tem agora, mas ouve-o gritar quando acorda. Desde aquela manhã em que o encontrou no trilho de *jogging*, imóvel do frio, rígido de medo. Urinara nas calças e as suas lágrimas desesperadas tinham-lhe congelado nas faces.

Ele violou uma rapariga e ninguém o conseguiu provar. Haverá sempre quem diga que isso significa que ele não pagou por isso, que a família escapou ao

castigo. E têm razão, claro. Mas aquela mãe nunca sentirá o mesmo.

Bang. Bang. Bang.

Quando o carro começa a mover-se ao longo da estrada, Maya, no cimo da colina, sabe que Kevin nunca mais voltará. Sabe que o destruiu. Haverá sempre quem diga que isso significa que ela venceu.

Mas ela nunca sentirá o mesmo.

Bang. Bang. Bang. Bang.

As luzes de travagem acendem-se por um momento; a mãe lança um último olhar ao espelho retrovisor, para a casa que foi um lar e para os restos de papel autocolante rasgado na caixa de correio, de onde foi arrancado o sobrenome «Erdahl», letra a letra. O pai de Kevin está a arrumar as suas coisas no outro carro, sozinho. Esteve ao lado da mãe no trilho, viu o filho ali caído, com lágrimas na camisola e urina nas calças. As suas vidas tinham-se despedaçado muito antes disso, mas foi nesse momento que ela viu pela primeira vez os cacos. O pai recusou-se a ajudá-la enquanto ela puxava e arrastava o rapaz sobre a neve. Tinham passado dois meses. Kevin não voltara a sair de casa desde então, e os pais praticamente não trocavam uma palavra entre si. A vida ensinou a esta mãe que os homens se definem a si próprios de formas mais concretas do que as mulheres, e o marido e o filho sempre se definiram por uma única palavra: vencedores. Desde que se lembra, o pai incutiu no filho o mesmo pensamento: «Há três tipos de pessoas: os vencedores, os perdedores e aqueles que ficam a assistir.»

E agora? Se não são vencedores, o que são?

A mãe tira o pé do travão, apaga o rádio, conduz pela estrada fora e vira a esquina. O filho está sentado ao seu lado. O pai entra no outro carro, conduz sozinho na direção oposta. Os papéis do divórcio estão no correio, juntamente com a carta para a escola a informar que o pai se mudou para outra cidade e que

a mãe e o filho deixaram o país. O número de telefone da mãe está no final da carta, para o caso de alguém na escola ter dúvidas, mas ninguém ligará. Esta cidade fará todos os possíveis para esquecer que a família Erdahl fez parte dela.

Após quatro horas de silêncio no carro, quando estão tão longe de Björnstad que já não conseguem ver qualquer floresta, Kevin pergunta à mãe, num murmúrio:

– Achas que é possível alguém tornar-se uma pessoa diferente?

Ela abana a cabeça, morde o lábio e pisca os olhos tão depressa que mal consegue ver a estrada à sua frente.

– Não. Mas é possível tornar-se uma pessoa melhor.

Depois, ele estende a mão trémula. Ela aperta-a como se ele tivesse três anos, como se estivesse suspenso da beira de um precipício. E murmura:

– Não posso perdoar-te, Kevin. Mas nunca te abandonarei.

Bang-bang-bang-bang-bang.

É o som desta cidade, por todo o lado. Talvez só quem aqui vive consiga compreender.

Bang-bang-bang.

No cimo da colina estão duas raparigas, a ver o carro desaparecer à distância. Em breve terão dezasseis anos. Uma delas segura uma guitarra, a outra, uma espingarda.

3

Como um homem

A pior coisa que sabemos sobre as outras pessoas é que dependemos delas. Que as suas ações afetam as nossas vidas. Não apenas as pessoas que escolhemos, de quem gostamos, mas todas as outras também: os idiotas. Os que se metem à nossa frente em todas as filas, que não sabem conduzir, que gostam de programas de televisão medíocres, que falam demasiado alto em restaurantes e cujos filhos pegam aos nossos o vírus da gastroenterite no jardim de infância. Os que estacionam às três pancadas e roubam os nossos empregos e votam no partido errado – vocês também influenciam as nossas vidas, a cada segundo.

Meu Deus, como vos odiamos por isso.

*

No bar Urso Pardo, estão alguns velhotes silenciosos sentados em fila. Diz-se que têm setenta e tal anos, mas podiam facilmente ter o dobro disso. São cinco, mas têm pelo menos oito opiniões, e são conhecidos como os «cinco tios» porque estão sempre de pé junto ao rinque, a mentir e a discutir, em todos os treinos do Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad. A seguir vão para o Urso Pardo, onde continuam a mentir e a discutir; de vez em quando, para se divertirem, tentam enganar-se uns aos outros e fingem que a demência senil os apanhou: trocam os números das casas uns dos outros durante a noite e escondem as chaves dos respetivos carros quando um deles bebeu uns copos a mais. Uma vez, quatro deles rebocaram o carro do quinto, da porta da casa dele, e substituíram-no por um carro alugado idêntico, só para ele apanhar um susto de morte na manhã seguinte e crer que talvez estivesse finalmente na altura de ir para um lar quando não conseguiu pôr o carro a trabalhar. Quando vão aos jogos, pagam com dinheiro do Monopólio e, durante quase uma época inteira, fingiram

estar convencidos de estarem a assistir aos Jogos Olímpicos de Inverno de 1980. De cada vez que viam Peter Andersson, o diretor-geral do Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad, dirigiam-se a ele em alemão e chamavam-lhe «Hans Rampf». Levaram lentamente o diretor-geral à loucura, o que os deixou mais felizes do que uma vitória no prolongamento. As pessoas da cidade diziam muitas vezes que era perfeitamente possível que os tios estivessem de facto já senis, os cinco, mas como raio é que alguém conseguiria provar tal coisa?

Ramona, a proprietária do Urso Pardo, alinha cinco uísques em cima do balcão. Aqui, só há uma variedade de uísque, mas há vários tipos de desgosto. Os tios seguiram o Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad pelo caminho todo até ao topo, e novamente para baixo até ao fundo do campeonato. A vida inteira. E este vai ser o seu pior dia.

Kira Andersson está no carro, a caminho do escritório, quando o seu telefone toca. Sente-se stressada por muitas razões diferentes. Deixa cair o aparelho para debaixo do banco e pragueja, com um grau de precisão anatómica tal que, como lhe costuma dizer o marido, «envergonharia um bando de marinheiros bêbados». Quando finalmente consegue apanhá-lo, a mulher do outro lado da linha demora alguns segundos a recuperar da chuva de impropérios.

– Estou? – pergunta Kira, com maus modos.

– Sim… Peço desculpa: estou a ligar da S Express. Enviou-nos um *e-mail* a pedir um orçamento… – diz a mulher em tom hesitante.

– De… de onde é que disse que era? S Express? Não, deve ser engano – responde Kira.

– Tem a certeza? Tenho aqui os papéis à minha frente e… – continua a mulher, mas Kira deixa cair novamente o telemóvel e lança-se numa descrição espontânea do exato tipo de órgão genital a que se assemelha a cabeça do *designer* do telefone, e, quando consegue levá-lo outra vez ao ouvido, a mulher do outro lado da linha fez um favor a si própria e desligou.

Kira não pensa mais no assunto. Está à espera de uma chamada do marido, Peter, que tem hoje uma reunião com as autoridades regionais sobre o futuro do

clube, e está tão ansiosa com as consequências desse encontro que parece ter um elástico à volta do estômago, a apertá-lo cada vez mais. Quando atira o telemóvel para o banco ao seu lado, a fotografia da filha e do filho, Maya e Leo, ilumina-se por um breve instante antes de o ecrã se apagar.

Kira conduz até ao trabalho, mas, se tivesse parado o carro e procurado «S Express» *online*, teria descoberto que se trata de uma empresa de mudanças. Em cidades que não são tão apaixonadas pela sua equipa de hóquei, pedir um orçamento em nome da família Andersson poderia ser visto como uma partida inofensiva, mas Björnstad não é esse tipo de cidade. No silêncio da floresta, não é preciso gritar para ser ameaçador.

Mais cedo ou mais tarde, claro, Kira acabará por perceber. É uma mulher inteligente e já aqui vive há tempo suficiente. Björnstad é conhecida por muitas coisas: florestas de uma beleza deslumbrante, a derradeira área selvagem num país onde os políticos, a nível nacional, só querem que as cidades grandes cresçam. Tem pessoas amistosas, humildes e trabalhadoras, que adoram natureza e desporto, espectadores que enchem as bancadas seja qual for a divisão em que a sua equipa joga, reformados que pintam a cara de verde quando vão aos jogos. Caçadores responsáveis, pescadores competentes, pessoas resistentes como a floresta e rijas como o gelo, vizinhos capazes de ajudar qualquer pessoa em necessidade. A vida pode ser difícil, mas eles sorriem e declaram: «É suposto ser assim.» Björnstad é conhecida por isso. Mas… enfim. A cidade é também conhecida por outras coisas.

Há alguns anos, um antigo árbitro de hóquei falou à imprensa sobre as piores memórias da sua carreira. O segundo, terceiro e quarto lugares desse *ranking* eram ocupados por jogos em cidades grandes, onde apoiantes furiosos tinham atirado latas de tabaco de mascar, moedas e bolas de golfe para o gelo por não gostarem das suas decisões. Mas em primeiro lugar estava um pequeno rinque perdido no meio da floresta, onde o árbitro tomara uma decisão favorável à equipa visitante no último minuto de jogo. Eles marcaram, Björnstad perdeu a partida e o árbitro olhou para a famosa área em pé nas bancadas, reservada para a Matilha, sempre ocupada por homens de blusões pretos, a cantar num volume

ensurdecedor ou a berrar de forma aterrorizadora. Dessa vez, porém, eles não ergueram as vozes. A Matilha simplesmente deixou-se estar ali, num silêncio absoluto.

O marido de Kira, Peter Andersson, o diretor-geral do clube, foi o primeiro a aperceber-se do perigo. Correu para a cabina de controlo e, assim que soou a campainha a assinalar o final do jogo, conseguiu apagar todas as luzes. A coberto da escuridão, os seguranças tiraram os árbitros do pavilhão e levaram-nos rapidamente para fora da cidade. Ninguém precisou de lhes explicar o que teria acontecido se não o fizessem.

É por isso que ameaças em voz velada resultam, por estes lados. Um telefonema para uma empresa de mudanças é suficiente, e Kira em breve compreenderá porquê.

A reunião na câmara municipal ainda não terminou, mas algumas pessoas em Björnstad já sabem o resultado.

*

Há sempre bandeiras a esvoaçar no exterior do edifício da câmara: a bandeira nacional e a que ostenta o brasão da autarquia. Os políticos locais conseguem vê-las da sala de reuniões. Faltam alguns dias para o início das férias de verão, três semanas depois de Kevin e a família terem deixado a cidade. Ao fazê-lo, alteraram a história: não a história que ainda está por acontecer, mas a que já aconteceu. No entanto, ainda nem toda a gente se apercebeu disso.

Um autarcas tosse, nervoso, faz uma corajosa tentativa de abotoar o casaco apesar de, calculando assim por alto, terem passado pelo menos meia dúzia de jantares de Natal desde que isso foi sequer teoricamente possível, e diz:

– Lamento muito, Peter, mas decidimos que é mais vantajoso para a região se concentrarmos os recursos locais numa só equipa de hóquei, em vez de duas. Queremos focar-nos… na equipa de Hed. É do interesse de todos, incluindo o seu, que a decisão seja aceite sem problemas. Tendo em conta a… a situação.

Peter Andersson está sentado do outro lado da mesa. A compreensão de que

foi atraiçoado precipita-o num turbilhão sombrio, e a sua voz mal se ouve quando consegue dizer:

– Mas… mas só precisamos de alguma ajuda, durante uns meses, até arranjarmos mais patrocinadores. A autarquia só tem de dar o seu aval para que possamos obter o empréstimo bancário.

Cala-se, imediatamente embaraçado com a sua própria estupidez. É claro que os autarcas já falaram com os gerentes do banco – são vizinhos, jogam golfe e caçam alces juntos. Esta decisão foi tomada muito antes de Peter entrar na sala. Quando o convidaram para esta reunião, tiveram o cuidado de sublinhar que se tratava de uma «conversa informal». Não haverá atas. As cadeiras desta sala de reuniões são muitíssimo estreitas, permitindo que os homens que detêm todo o poder se sentem em mais do que uma ao mesmo tempo.

O telefone de Peter vibra. Quando o desbloqueia, vê um *e-mail* a informá-lo de que o presidente do Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad se demitiu. Devia saber o que se ia passar aqui e provavelmente recebeu uma oferta de trabalho em Hed. Peter terá de lidar com o golpe sozinho.

Os políticos do outro lado da mesa agitam-se, pouco à vontade. Peter calcula o que estarão a pensar: *Não passe mais vergonhas. Não implore, não suplique. Aceite como um homem.*

*

Björnstad fica junto a um grande lago, com uma estreita faixa de praia de um dos lados. Nesta época do ano, em que o tempo está tão quente que uma pessoa quase se esquece de que o inverno em Björnstad dura nove meses, a praia pertence aos adolescentes da cidade. Entre a abundância de bolas de praia e hormonas está sentado um rapaz de doze anos, com óculos de sol. O seu nome é Leo Andersson. Muitas destas pessoas não o conheciam o ano passado, mas agora todos sabem quem é e não param de olhar para ele, como se fosse uma bomba prestes a explodir. Há cerca de dois meses a irmã mais velha de Leo, Maya, foi violada por Kevin, mas a Polícia não conseguiu provar nada e por isso

Kevin escapou impune. Os habitantes da cidade dividiram-se, a maioria deles ficando do lado de Kevin, e o ódio crescera até ao ponto de tentarem correr com a família de Leo da cidade. Atiraram pedras com a palavra «puta» pela janela do quarto da irmã, perseguiram-na na escola, convocaram uma reunião no rinque e tentaram despedir o pai deles do cargo de diretor-geral do Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad.

Havia uma testemunha, um rapaz da idade de Maya que estava na casa de Kevin quando tudo acontecera. Mas isso não fez qualquer diferença. A Polícia não fez nada, a cidade manteve o silêncio, os adultos não ajudaram Maya. Então, uma noite, não muito depois disso, aconteceu outra coisa. Ninguém sabe exatamente o quê. Mas, de repente, Kevin deixou de sair de casa. Começaram a circular boatos de que ele estava com um problema de saúde mental; e por fim, numa manhã, há cerca de três semanas, ele e a família tinham feito as malas e deixado a cidade.

Leo julgara que as coisas melhorariam depois disso. Mas pioraram. Ele tem doze anos de idade e este verão aprende que as pessoas preferem sempre uma mentira simples a uma verdade complicada, porque a mentira tem uma vantagem imbatível: a verdade tem de se limitar ao que aconteceu mesmo enquanto a mentira só precisa de ser mais credível.

Quando a votação dos sócios do clube decidira, pela margem mais curta possível, deixar Peter Andersson continuar como diretor-geral, na reunião nessa primavera, o pai de Kevin arranjara imediatamente maneira de Kevin mudar de clube, trocando Björnstad por Hed. Persuadira o treinador, quase todos os patrocinadores e quase todos os melhores jogadores da equipa de juniores a mudarem-se com ele. Quando a família de Kevin deixou a cidade de repente, há três semanas, foi uma reviravolta inesperada, mas – curiosamente – nada mudou.

E o que esperara Leo? Que toda a gente de súbito percebesse que Kevin era culpado e pedisse desculpa? Que os patrocinadores e jogadores voltassem para Björnstad de cabeça baixa? Uma ova é que voltariam! Aqui, ninguém baixa a cabeça, pela simples razão de que muitas das nossas piores ações são resultado de nunca querermos admitir que estávamos errados. Quanto maior for o erro,

quanto piores forem as consequências, mais orgulho temos a perder se dermos o braço a torcer. Portanto, ninguém o faz. De um momento para o outro, todas as pessoas com dinheiro e poder em Björnstad optaram por uma estratégia diferente: deixaram de admitir que alguma vez tinham sido amigos da família Erdahl. Começaram a murmurar, primeiro muito baixinho, depois com crescente confiança, que «aquele rapaz sempre foi um bocadinho estranho» e «o pai pressionava-o demasiado; toda a gente via isso». Depois, curiosamente, os comentários passaram para «aquela família toda, nunca foram… sabes… como nós. O pai não era daqui, era um recém-chegado.»

Quando Kevin se transferiu para o Clube de Hóquei no Gelo de Hed, a narrativa era que ele fora «vítima de uma acusação maldosa» e «alvo de uma caça às bruxas», mas agora há uma versão diferente: que os patrocinadores e jogadores não se mudaram para Hed seguindo Kevin mas sim porque se queriam «distanciar» dele. O seu nome foi apagado dos registos do clube de Hed, embora continue nos de Björnstad. Assim, toda a gente pôde afastar-se o suficiente tanto do criminoso como da vítima, e agora os antigos amigos de Kevin chamam-lhe «psicopata», apesar de continuarem a chamar «puta» a Maya.

As mentiras são simples; a verdade é difícil.

O Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad começou a ser mencionado como «o clube de Kevin» por tantas pessoas que o de Hed se tornou, automaticamente, o oposto. Os pais dos jogadores enviaram *e-mails* para os autarcas locais sobre «responsabilidade» e «insegurança», e, quando as pessoas se sentem ameaçadas, a profecia autorrealiza-se, numa sequência de pequenos incidentes: uma noite, alguém escreveu «Violadores!» numa das placas indicativas nos arredores de Björnstad. Alguns dias depois, várias crianças de oito anos, de Björnstad e de Hed, foram expulsas do campo de férias por causa de uma violenta altercação quando os miúdos de Hed chamaram «violadores de Björnstad» aos miúdos de Björnstad.

Hoje, Leo está sentado na praia; a quinze metros dele, estão os antigos amigos de Kevin, rapazes de dezoito anos, grandes e fortes. Usam agora bonés do Clube de Hóquei no Gelo de Hed. Foram eles que escreveram *online* que

Maya «estava a pedi-las» e que Kevin era obviamente inocente, porque «Quem diabo quereria tocar naquela puta, nem que fosse com um pau sujo de merda?» como se Maya alguma vez tivesse pedido a algum deles que lhe tocasse, fosse com o que fosse. Agora, os mesmos rapazes afirmam que Kevin nunca fez parte do grupo, e continuarão a repetir a mesma mentira até ele estar associado apenas a Björnstad, porque, seja lá como for que distorçam a história, estes rapazes vestirão a capa de heróis. Eles vencem sempre.

Leo é seis anos mais novo do que a maioria deles; é muito mais pequeno e fraco, mas alguns dos seus amigos começaram a dizer-lhe que «devia fazer alguma coisa». Que um daqueles filhos da mãe «tem de ser castigado». Que ele «tem de ser um homem». A masculinidade é complicada quando se tem doze anos. E em qualquer outra idade também.

É então que se ouve um ruído. As cabeças olham para as toalhas. Por toda a praia, os telemóveis começam a vibrar. Primeiro um ou dois, depois em simultâneo, até o zumbido das vibrações se fundir numa orquestra invisível em que todos os instrumentos estão a ser afinados ao mesmo tempo.

As notícias estão a chegar.

O Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad já não existe.

«É apenas um clube desportivo, há coisas mais importantes.» É fácil dizer esse tipo de coisa para quem acredita que o desporto não é mais do que uma questão de números. Mas nunca é, e só é possível compreendê-lo se começarmos pela pergunta mais simples: o que sente uma criança que joga hóquei? Não é muito difícil de responder. Já estiveram apaixonados? É isso que se sente.

Um rapaz de dezasseis anos, todo transpirado, corre ao longo da estrada nos arredores de Björnstad. Chama-se Amat. Numa oficina no meio do bosque, um rapaz de dezoito anos, sujo de óleo, ajuda o pai a apanhar ferramentas e a empilhar pneus. Chama-se Bobo. Num jardim, uma menina de quatro anos e

meio dispara discos de hóquei contra a parede de tijolo. Chama-se Alicia.

Amat espera um dia ser suficientemente bom para que o hóquei o leve para longe daqui, a ele e à mãe. Para ele, o desporto é um futuro. Bobo só espera poder ter mais uma época de risos, sem responsabilidades, uma vez que sabe que todos os dias depois disso serão como todos os dias do seu pai. Para Bobo, o desporto é uma última oportunidade de brincar.

Para Alicia, a menina de quatro anos e meio que dispara discos num pátio… Já estiveram apaixonados? É isso que o desporto é para ela.

Os telemóveis vibram. A cidade para. Nada corre mais depressa do que uma boa história.

Amat, de dezasseis anos, imobiliza-se na estrada. Mãos nos joelhos, peito pesado à volta do coração: *bang-bang-bang-bang-bang*. Bobo, de dezoito anos, empurra outro carro para dentro da oficina e começa a desempanar uma amolgadela na carroçaria: *bang-bang-bang.* Alicia, de quatro anos e meio, está num pátio no jardim da casa. As suas luvas são demasiado grandes e o *stick* é demasiado comprido, mas lança o disco contra a parede com toda a sua força: *bang!*

Cresceram numa cidade pequena, numa grande floresta. Há por aqui muitos adultos que dizem que começa a ser difícil encontrar trabalho e que os invernos estão cada vez piores, que as árvores estão mais densas e as casas, mais dispersas, que todos os recursos naturais podem estar na província, mas o dinheiro acaba na mesma todo no raio das cidades grandes. Porque «os ursos cagam na mata, mas o resto do mundo caga em Björnstad». É fácil para as crianças gostarem de hóquei, porque não têm tempo para pensar enquanto jogam. A perda de memória é uma das melhores coisas que o desporto nos pode dar.

Mas agora a mensagem chega. Amat para de correr, Bobo larga o martelo, e em breve alguém terá de tentar explicar a uma menina de quatro anos e meio o que significa quando um clube de hóquei «abre falência». Tentarão fazer com

que pareça que é apenas o tombo de um clube desportivo, apesar de estes, na verdade, não tombarem. Simplesmente deixam de existir. São as pessoas que tombam.

*

No Urso Pardo, é costume avisar que a porta deve estar fechada «para que as moscas não apanhem frio». Também é habitual ouvir-se outras coisas: «Tens uma opinião sobre hóquei? Nem sequer consegues encontrar o rabo com as duas mãos enfiadas nos bolsos de trás!»; «Queres falar sobre táticas? Estás mais confuso do que uma vaca num pasto de relva artificial!»; «Achas que a nossa defesa vai ser melhor para a próxima época? Queres é mijar-me na perna e dizer-me que é chuva!» Mas hoje ninguém discute: hoje está tudo silencioso. É insuportável. Ramona serve uísque em todos os copos, uma última vez. Os cinco tios, com os seus setenta anos, talvez mais, erguem-nos num brinde simbólico. Cinco copos vazios batem no balcão. *Bang. Bang. Bang. Bang. Bang.* Os tios levantam-se e saem, seguem os seus respetivos caminhos. Ligarão uns aos outros amanhã? Para quê? Sobre que raio hão de discutir se não for sobre a equipa de hóquei?

*

Há muita coisa de que não se fala numa cidade pequena, mas não há segredos para quem tem doze anos, porque, com essa idade, já se sabe onde ir à procura na Internet. Leo leu tudo. Agora veste uma camisola de manga comprida, apesar do calor. Diz que é porque apanhou um escaldão, mas, na verdade, é porque não quer que ninguém veja os arranhões. Não consegue parar de se coçar à noite; o ódio infiltrou-se por baixo da sua pele. Nunca se meteu numa luta, nem mesmo por causa do hóquei. Muitas vezes pensou que talvez tenha saído ao pai, que simplesmente não tem violência dentro de si. Mas agora só queria que alguém provocasse uma discussão com ele, lhe desse um

encontrão sem querer, lhe oferecesse uma única razão para pegar no objeto pesado mais à mão e lhe dar com ele na cara.

«Os irmãos e as irmãs têm de olhar uns pelos outros» é o que toda a gente diz às crianças. «Não se zanguem! Parem de discutir! Os irmãos e as irmãs têm de olhar uns pelos outros!» Leo e Maya deviam ter tido um irmão mais velho; talvez ele os tivesse conseguido proteger. Chamava-se Isak e morreu antes de eles nascerem, de uma daquelas doenças que faz com que Leo ache impossível acreditar que existe um Deus. Leo mal compreendia que Isak fora uma pessoa real até que, aos sete anos, encontrou um álbum fotográfico onde havia fotografias dele com os pais. Riam-se tanto nessas fotografias. Abraçavam-se com tanta força, amavam-se tão infinitamente. Isak ensinou a Leo um número insuportável de coisas nesse dia, sem sequer existir. Ensinou-lhe que o amor não é suficiente. É uma coisa terrível de se aprender aos sete anos de idade. E em qualquer outra idade também.

Agora ele tem doze anos e está a tentar ser um homem. O que quer que isso signifique. Tenta parar de se arranhar até fazer ferida durante a noite, tenta chorar em silêncio, enrolado debaixo das mantas, tenta odiar sem que mais ninguém veja nem se aperceba. Tenta matar o pensamento que não deixa de lhe latejar nas têmporas. Os irmãos e as irmãs têm de cuidar uns dos outros, e ele não conseguiu proteger a irmã.

Não conseguiu proteger a irmã não conseguiu proteger a irmã não conseguiu proteger a irmã.

A noite passada, coçou o peito e a barriga até abrir uma ferida comprida na pele que começou a sangrar. Esta manhã, olhou para o seu reflexo no espelho e pensou que a ferida parecia um rastilho, direto ao seu coração. Pergunta-se se estará a arder dentro dele. E quanto tempo lhe restará.

4

As mulheres são sempre o problema

A geração mais antiga chamava a Björnstad e a Hed «o Urso e o Touro», especialmente quando as duas cidades se enfrentavam numa partida de hóquei. Isso foi há muitos anos, e ninguém sabe realmente se Hed já tinha o emblema do touro nas camisolas da equipa nessa altura ou se o adotaram por causa da alcunha. Havia muito gado na região de Hed nesse tempo, mais campo aberto; portanto, quando a indústria chegou, foi mais fácil construir as fábricas lá. As pessoas de Björnstad eram conhecidas por serem trabalhadoras, mas aqui a floresta era mais densa, pelo que o dinheiro acabou na cidade vizinha, a sul. As gerações mais antigas costumavam falar, metaforicamente, da luta entre o Urso e o Touro e de como isso mantinha o equilíbrio, impedindo que um deles ficasse com todo o poder. Talvez fosse diferente, nesse tempo, quando ainda havia empregos e recursos suficientes para as duas cidades. Agora é mais difícil, porque a ideia de que a violência pode ser controlada é sempre uma ilusão.

*

Maya está em casa de Ana. Estes são aqueles minutos de paz e sossego antes de a mensagem chegar, os últimos momentos entre Kevin ter deixado a cidade e o caos explodir uma vez mais. Tiveram três semanas em que as pessoas quase pareceram esquecer-se de que Maya existia. Foi maravilhoso. E em breve terminará.

Ana verifica se o armário das armas está trancado, depois vai buscar a chave e certifica-se de que as armas lá dentro não estão carregadas. Mente a Maya e diz que vai «limpá-las», mas Maya sabe que ela só faz isso quando o pai anda outra vez a beber. O derradeiro sinal de que o alcoolismo de um caçador ultrapassou o limite é quando ele se esquece de trancar o armário das armas ou deixa lá dentro uma arma carregada. Só aconteceu uma vez, quando Ana era pequena e a sua

mãe saíra de casa há pouco tempo, mas ela nunca mais conseguiu deixar de se preocupar.

Maya está deitada no chão, com a guitarra no peito, a fingir que não percebe o que se passa. Ana carrega o fardo de ser filha de um alcoólico, e é uma luta solitária.

– Eh, idiota! – chama-a Ana, por fim.

– O que foi, parva? – Maya sorri.

– Toca qualquer coisa – exige Ana.

Maya ri-se.

– Não me dês ordens, não sou a tua escrava musical.

Ana sorri. Este tipo de amizade não se cultiva, só pode crescer selvagem.

– Por favor?

– Aprende tu a tocar, preguiçosa de um raio.

– Não preciso, estúpida, tenho uma espingarda na mão. Toca ou eu disparo!

Maya está perdida de riso. Tinham-no prometido uma à outra. Que, quando chegasse o verão, os homens desta cidade estúpida não lhes haviam de roubar as gargalhadas.

– Mas não toques nada triste, ouviste! – acrescenta Ana.

– Cala-te! Se queres ouvir a tua musiquinha estúpida cheia de *bips* eletrónicos, podes arranjar um computador – diz Maya, a rir.

Ana revira os olhos.

– Olha que ainda tenho a arma na mão! Se tocares a tua música de drogados e eu der um tiro na cabeça, a culpa será tua!

Ambas soltam gargalhadas estridentes. E Maya toca as canções mais alegres que conhece, embora, na opinião de Ana, não sejam nada alegres. Mas, este verão, ela aceita o que vier.

São interrompidas por dois zumbidos nos telemóveis. Depois mais dois, seguidos de outros dois.

*

Ser o diretor-geral de um clube de hóquei não é um emprego a tempo inteiro. É o equivalente a três. Quando Kira, a mulher de Peter, não está para disfarçar a irritação, costuma dizer: «Tens dois casamentos, um com o hóquei e outro comigo.»

Não acrescenta que metade dos casamentos acaba em divórcio. Não é preciso.

Os políticos locais na sala de reuniões minimizarão a importância desta conversa, declarando que é «apenas sobre desporto». A maior mentira que Peter alguma vez conseguiu forçar-se a acreditar é que o hóquei e a política não estão ligados. Estão sempre; porém, quando a política trabalha a nosso favor, chamamos-lhe «cooperação» e, quando favorece os outros, chamamos-lhe «corrupção». Peter olha pela janela. Há sempre bandeiras içadas em frente do edifício da câmara, para que os filhos de mãe no seu interior consigam ver para que lado sopra o vento.

– O município… nós… Foi decidido que devíamos candidatar-nos a receber o Campeonato Mundial de Esqui. Björnstad e Hed, juntas – anuncia um dos membros.

Tenta parecer autoritário, o que é difícil quando está ao mesmo tempo a tirar migalhas de bolo do bolso do casaco. Toda a gente sabe que ele anda há anos a tentar obter financiamento para um hotel de conferências, e o Campeonato Mundial dar-lhe-ia essa oportunidade. Por coincidência, o cunhado deste autarca em particular trabalha na Federação de Esqui, e a sua mulher gere um negócio que organiza viagens de caça e «cursos de sobrevivência» na floresta para homens de negócios abastados de cidades grandes que, naturalmente, não podem passar sem um minibar e um *spa.* Outro autarca acrescenta:

– Temos de pensar na imagem da região, Peter. Os contribuintes estão preocupados. Toda esta publicidade negativa criou insegurança…

Fala como se a insegurança fosse o problema. Como se o problema não fosse O PROBLEMA. Serve mais café a Peter; outro tipo de homem talvez tivesse atirado o copo contra a parede, mas Peter não tem violência dentro de si. Nem

sequer era agressivo no gelo, nos seus tempos de jogador. Estes homens costumavam troçar dele pelas costas, mas já não estão para se dar ao trabalho de disfarçar o desdém. Sabem que o ponto fraco de Peter é a lealdade, que ele se sente em dívida para com a cidade. O hóquei aqui deu-lhe tudo, e faz questão de o recordar disso. Um *poster* nos balneários do rinque anuncia: «Espera-se sempre muito daqueles a quem muito foi dado.»

Outro dos autarcas, que se orgulha de ser um daqueles homens que «diz as coisas como elas são», exclama:

– Björnstad ficou sem equipa de juniores, e a equipa principal não é grande coisa! Já perderam todos os melhores jogadores e quase todos os patrocinadores, que se mudaram para Hed. Temos de pensar nos contribuintes!

Um ano antes, o jornal local fizera àquele mesmo homem uma pergunta crítica, sobre os planos da autarquia para financiar um novo e dispendioso pavilhão. Ele respondera sem hesitar: «Sabe o que querem os contribuintes de Björnstad? Querem ver hóquei!»

É tão fácil culpá-los, seja qual for a opinião em causa: os contribuintes.

O mesmo dinheiro acabará nos mesmos bolsos: os bolsos estão apenas a mudar-se para Hed. Peter quer protestar, mas não consegue encontrar forças para tal. Há sempre desonestidade envolvida no financiamento público do desporto, não só como «subvenções» simples, mas também disfarçado de «empréstimos» e «subsídios». Como quando o município «arrendou» os parques de estacionamento em torno do rinque, apesar de já ser o proprietário dos terrenos. Ou quando pagou para «arrendar o rinque de gelo para uso do público em geral» – a todos os membros do «público em geral» que estivessem desesperados por ir patinar entre as 2 e as 5 da madrugada todas as quartas-feiras. A dada altura, um dos membros da direção do clube, que fazia simultaneamente parte da direção da companhia de gestão imobiliária da autarquia, adquiriu, através dessa mesma companhia, «pacotes de patrocínio» para jogos de hóquei que nunca foram jogados. Peter sabia de tudo isto. A anterior gerência do clube era sempre corrupta. Peter tentara insurgir-se, ao princípio, mas por fim vira-se forçado a aceitar que eram apenas «as regras do jogo». Numa cidade pequena, o desporto

não sobrevive sem o apoio das autarquias locais. E Peter não pode começar a berrar sobre corrupção agora, porque os políticos sabem exatamente o quanto ele sabe.

*

Vão liquidar o seu clube. Querem apenas certificar-se de que Peter mantém a boca fechada.

*

Os bonés encarnados dos corpulentos rapazes de dezoito anos têm o emblema de um touro a investir. Cada vez ocupam mais espaço na praia, esticando os limites para ver se alguém se atreve a travá-los.

O ódio de Leo por eles é ilimitado.

Quando Kevin deixou a cidade, a narrativa mudou, mas os seus velhos amigos adaptaram-se rapidamente às novas verdades. Tudo o que precisavam era de um novo líder. E William Lyt, um avançado de primeira linha e antigo vizinho de Kevin, chegou-se à frente e deu-lhes a versão da história de que tanto precisavam. Há vários meses que ouve os pais repeti-la, sentados à mesa da cozinha, e agora é a sua vez:

– Nós é que somos as vítimas. Roubaram-nos a vitória na final. Teríamos vencido se o Kevin tivesse jogado! Mas o Peter Andersson teve de meter a política ao barulho! E depois tentou culpar-nos a *NÓS* por aquele psicopata ter violado a rapariga, apesar de nós não termos feito absolutamente nada! E sabem porquê? Porque o Peter Andersson sempre nos odiou. Só porque jogou como profissional na NHL, toda a gente lhe dá ouvidos, como se isso lhe desse superioridade moral. Mas acham que o Kevin teria sido impedido de jogar na final se aquilo não tivesse acontecido à filha do Peter? Se alguma das nossas irmãs tivesse sido violada, acham que o Peter teria chamado a Polícia para prender o Kevin no dia da final? O Peter é um hipócrita! O Kevin foi só uma

desculpa. O Peter nunca quis rapazes dos Montes na equipa de hóquei de Björnstad, e sabem porquê? Porque alguns de nós nascemos em famílias abastadas e isso não dá jeito ao mito de Peter Andersson como o grande salvador!

As palavras dos pais de William ecoam-lhe nos lábios. Todas as épocas, a mãe, Maggan Lyt, se irrita porque o clube promove miúdos das partes pobres da cidade como líderes, mas, quando chega a altura de pagar as contas, são sempre os pais dos Montes que têm de abrir os cordões à bolsa.

«Quando é que as pessoas se vão fartar de pagar as experiências sociais do Peter Andersson?», queixara-se ela na primavera, a quem a quisesse ouvir, quando correu a notícia de que o clube ia criar uma escola de hóquei para meninas de quatro e cinco anos.

– Querem um clube de miúdas! – insurge-se agora William.

As palavras resultam porque são fáceis de compreender. Toda a gente na equipa se sentiu atacado e incompreendido desde a violação. Assim, é um alívio ouvir que Peter Andersson os odeia, porque o motivo mais fácil para o odiar também é a convicção de que ele é que começou.

*

Peter olha em volta da mesa. Espera-se que «aceite como um homem», mas já não tem a certeza de como os políticos o veem: o rapaz que foi criado pelo Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad? Que, há vinte anos, se tornou capitão e conduziu uma equipa patética de trás do sol-posto até ser a segunda melhor do país? Ou o profissional da NHL que veio a ser posteriormente? Antes de se deixar persuadir a voltar para ser diretor-geral do clube, depois de este ter rebolado pelas divisões abaixo, e onde, contra todas as expectativas, construíra uma das melhores equipas de juniores do país e tornara o pequeno clube, uma vez mais, grande. Será que ainda é algum desses homens?

Ou será agora apenas um pai? Porque foi a sua filha que foi violada. Foi ele que a acompanhou à Polícia naquela manhã de março. Foi ele que, no parque de

estacionamento do rinque, viu a Polícia tirar o melhor jogador da equipa de juniores do autocarro antes de eles partirem para o jogo mais importante das suas vidas. Sabe o que todos os homens aqui presentes pensam, o que os homens por todo o lado estão a pensar: *Se fosse a minha filha, teria matado o tipo que lhe fizesse uma coisa dessas.* E não há uma única noite em que Peter não deseje poder ser esse tipo de homem. Possuir essa violência. Mas, em vez disso, aceita o café. Porque a masculinidade é complicada, em qualquer idade.

Um dos políticos começa a explicar, e o seu tom oscila entre o compreensivo e o condescendente:

– Precisamos que seja um jogador de equipa neste momento, Peter. Temos de agir em função daquele que é o interesse de todos. Uma boa reputação é crucial se queremos ter esperança de atrair o Campeonato Mundial de Esqui para o distrito. Vamos construir um novo pavilhão em Hed e instalar lá a escola de hóquei…

Peter não precisa de ouvir o resto. Já conhece esta visão do futuro; estava presente quando ela foi escrita. Primeiro, o rinque e a escola de hóquei, depois, o centro comercial e melhores ligações à autoestrada. Um hotel de conferências e uma competição de esqui com transmissão televisiva. E a seguir, quem sabe? Um aeroporto? O desporto só é desporto até alguém que não quer saber disso para nada ter alguma coisa a ganhar com ele; nessa altura, o desporto torna-se de imediato economia. O clube de hóquei ia ser a salvação de todo o distrito, e continua a ser esse o plano. Simplesmente, já não vai ser o clube de Peter.

Outro dos homens, cujo cérebro esteve obviamente de férias nas últimas duas horas, pelo menos, levanta os braços.

– Sim, claro que lamentamos muito a… a situação. Com a sua filha.

É como a chamam: «A sua filha.» Nunca «Maya», o nome dela. Porque isso permite-lhes insinuar aquilo que querem recordar-lhe: se fosse a filha de outra pessoa qualquer, teria Peter deixado que Kevin jogasse na final? Os políticos chamam-lhe «a situação», mas os consultores de relações públicas que a autarquia contratou denominaram-no «o escândalo». Como se o problema não fosse o facto de uma rapariga ter sido violada, mas sim que isso se tivesse

tornado do conhecimento público. Esses consultores explicaram aos políticos que outras comunidades foram «afetadas por escândalos semelhantes, com um impacto negativo na imagem da cidade». Isso não vai acontecer aqui. E a forma mais fácil de enterrar o escândalo é enterrar o Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad. Assim, toda a gente pode apontar para a «multiplicidade de medidas» e mostrar que estão a construir um clube maior em Hed, com «mais moral e maior responsabilidade», sem terem de responder pelo facto de serem os mesmos homens de sempre que estão por detrás dele.

– Todos os malditos jornalistas sempre a ligar, Peter… As pessoas estão a ficar nervosas. O município precisa de virar a página!

Como se os jornalistas não estivessem a ligar também para a família de Peter. Nem ele nem Maya falaram com nenhum deles. Fizeram tudo bem, ficaram de boca fechada, mas não fez qualquer diferença. Não se calaram tanto como deviam.

*

Enquanto o jovem William, de dezoito anos, passou o verão a reunir a sua equipa de hóquei de Hed à sombra do estandarte do ódio partilhado por Peter Andersson, outras conversas tiveram lugar noutras partes do distrito. O pai de William Lyt faz parte da direção do clube de golfe; joga com bancários e políticos, e é popular não só porque conhece pessoas com dinheiro mas também porque é o tipo de homem que «diz o que pensa». A autarquia precisa que a comunidade empresarial apoie a candidatura ao Campeonato Mundial de Esqui, por isso, essa mesma comunidade apresentou uma condição rígida: um clube de hóquei, não dois. Dizem que é uma questão de «economia responsável», sublinhando a última palavra.

Assim, agora na praia, poucos dias antes do feriado do solstício de verão, todos os telemóveis de todos os jovens começam a vibrar em simultâneo. Primeiro, o silêncio abate-se sobre a praia; depois, um grupo de rapazes musculados de dezoito anos irrompe em gargalhadas estrondosas e maldosas. E

nenhum se ri mais alto do que William Lyt. Sobe a uma árvore e pendura duas bandeiras encarnadas do Clube de Hóquei no Gelo de Hed, que ficam a ondular, como feridas sanguinolentas, sobre as folhas verdes, a cor de Björnstad.

A equipa reúne-se num semicírculo por baixo das árvores, à espera de sarilhos. Mas são demasiado grandes e fortes; todos os jovens naquela praia frequentam a mesma escola, e por isso ninguém se atreve. A partir daí, a praia pertence a Lyt. Divide-se, como se dividem todos os mundos das pessoas: entre aqueles que são escutados e os que não são.

E os adolescentes na praia que veem aqueles rapazes e os odeiam sem poderem fazer nada, os que amam o Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad, mas não têm forças suficientes para enfrentar o gangue de William Lyt, têm agora de direcionar a sua fúria para outra pessoa qualquer. Alguém que seja mais fraco.

*

Maya e Ana leem as primeiras mensagens anónimas e desligam os telefones. «A culpa é tua.» «Se o clube morrer, tu morres também, puta!» «Vamos apanhar o teu pai!» Ana e Maya sabem o que está a acontecer; sabem quem suportará a maior parte do ódio e das ameaças.

Maya vai à casa de banho e vomita. Ana senta-se no chão, no corredor. Leu que, nos grupos de apoio a vítimas de violação, estas são chamadas «sobreviventes». Porque é isso que fazem todos os dias: sobrevivem àquilo a que foram sujeitas, uma e outra vez. Ana pergunta-se se haverá uma palavra para as outras pessoas todas, aquelas que permitiram que isso acontecesse. Já estamos dispostos a destruir os mundos uns dos outros só para não termos de admitir que muitos de nós arcam com pequenas doses de uma culpa coletiva pelas ações de um rapaz. É mais fácil negar, dizermos a nós próprios que foi um «incidente isolado». Ana sonha em matar Kevin por aquilo que fez à sua melhor amiga, mas, principalmente, sonha em esmagar a cidade inteira por aquilo que ainda estão a fazer a Maya.

Os idiotas não dirão que foi Kevin que matou o Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad e sim o «escândalo». Porque o verdadeiro problema não é Kevin ter violado alguém, mas sim Maya ter sido violada. Se ela não existisse, nada disto teria acontecido. As mulheres são sempre o problema num mundo de homens.

Maya e Ana arrumam as mochilas, saem de casa e embrenham-se na floresta, sem sequer saber para onde vão. Porque qualquer lugar é melhor do que Björnstad. Ana não leva a espingarda. É uma decisão da qual se virá a arrepender.

*

Leo espera até começar a escurecer. Esconde-se, sozinho, na orla da floresta, até a praia estar deserta. Depois, desce silenciosamente até ao lago, trepa à árvore e pega fogo às bandeiras vermelhas. Filma as chamas a consumirem as palavras e o logótipo do Clube de Hóquei no Gelo de Hed a arder. Publica o vídeo anonimamente *online*, onde sabe que toda a gente na escola o verá.

As pessoas dirão que a violência chegou a Björnstad este verão, mas não será verdade, porque já aqui estava. Porque as pessoas dependem sempre de outras pessoas, e nunca conseguimos perdoar-nos mutuamente por isso.

5

Todos somos cem coisas diferentes

Um jovem de tronco nu e mochila às costas caminha sozinho pela floresta. Tem um urso tatuado no braço. Uma advogada bem vestida está sentada num escritório. Tem fotografias da família em cima da secretária e está a atender outra chamada de uma companhia de mudanças sem perceber porquê. Ao mesmo tempo, uma pessoa de fora conduz um *Jeep* por uma estrada principal com uma lista de nomes no porta-luvas.

Os seus telemóveis vibram. Peter Andersson ainda nem sequer saiu da reunião na câmara municipal, mas os políticos já espalharam a notícia de que o Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad vai entrar em liquidação. Os políticos aprendem estas coisas com os seus dispendiosos consultores de RP: é preciso «controlar a narrativa».

O jovem na floresta, a advogada no seu escritório e a pessoa de fora no *Jeep* pegam nos respetivos telefones. Todos estão envolvidos.

*

Todos somos cem coisas diferentes, mas, aos olhos dos outros, geralmente só temos oportunidade de ser uma delas. Kira Andersson é advogada, com estudos superiores em dois países diferentes e dois cursos universitários, mas, em Björnstad, será sempre «a mulher de Peter Andersson». Há dias em que ela se odeia a si própria por odiar tanto que assim seja. Por não ser suficiente, para ela, o facto de pertencer a alguém.

Almoça sentada à secretária, rodeada de *Post-its* cor-de-rosa relacionados com o trabalho e *Post-its* amarelos para se lembrar de coisas que tem de comprar e recados relacionados com os vários membros da família. Ao lado do computador, tem fotografias de Leo e Maya. A culpa que sente no olhar deles poderia destruí-la se não tivesse sido interrompida pelo som de passos pesados

no corredor.

Kira quase sorri então, apesar deste verão infernal, porque sabe qual das colegas está prestes a irromper pelo seu gabinete. Em parte porque é a única outra viciada em trabalho que ainda está no escritório antes do feriado do solstício, e em parte porque as portas não se abrem quando ela entra em algum lado: é como se lhe fugissem da frente. A colega tem mais de um metro e oitenta e, pelo barulho que faz, bem podia medir o mesmo em largura. Kira não conhece ninguém que seja tão má perdedora como ela, e a sua resposta habitual sempre que alguém se queixa de trabalho é: «Cala-te e manda a fatura!» Como de costume, começa a conversa a meio de uma frase, como se a culpa fosse de Kira por ter tido a ousadia de não estar presente quando ela começou a falar:

– … e agora a pizaria está fechada, Kira! «Fechada para férias.» Mas que raio? Que tipo de pessoa fecha uma pizaria para férias? Devia ser classificado como serviço público essencial, como… médicos e… bombeiros e… sapatarias! E ali estava eu, a pensar que era capaz de tentar fazer sexo com o empregado do balcão, que tem sempre um ar tão triste… Os tristes são os melhores na cama! O que é que estás a comer? Ainda tens muito?

Kira solta um profundo suspiro, como se estivesse a apagar as velas do seu último bolo de aniversário. Levanta a caixa de plástico com o almoço. A colega finge vomitar.

– Muito adulta – observa Kira.

– O que é *isso?* – geme a colega.

Kira desata a rir. É uma gargalhada inesperada, uns segundos de normalidade maravilhosos. A colega tem os hábitos alimentares de uma adolescente; nunca pergunta: «O que é melhor?», apenas: «O que é que vem numa dose maior?» Lê as ementas como se fossem declarações de guerra. Kira agita o garfo de forma encorajadora.

– Chama-se «salada». É mais ou menos como carne, mas não implica matar animais. Prova!

A colega encolhe-se.

– Nem pensar! Cheira a qualquer coisa que saiu do rabo de um cadáver.

– Vá lá, a sério? – protesta Kira, enojada.

– O que foi? – pergunta a colega, surpreendida.

– Pareces uma criança! – diz Kira.

– *Tu* é que pareces uma criança! Cala-te e manda a fatura! – resmunga a colega, e deixa-se cair numa cadeira com tanta força que mais parece que foi atirada do telhado.

Kira abre a boca para dizer qualquer coisa, mas o telefone em cima da secretária toca. Espera que seja Peter, mas a voz do outro lado anuncia alegremente:

– Estou a falar com Kira Andersson? Aqui é das Mudanças Johansson. Temos uma encomenda para si de cinquenta caixas de arrumação. Há problema se as deixarmos no seu jardim?

Kira nem sequer ouve o fim da frase. A colega abriu o computador, leu qualquer coisa e empalideceu. Imediatamente a seguir, o telemóvel de Kira vibra.

*

Peter levanta-se da cadeira. A maior parte dos políticos do outro lado da mesa não o humilha ainda mais querendo apertar-lhe a mão – limitam-se a sair da sala. Mas um deles detém-se e diz com falsa benevolência:

– Foi impressionante, Peter, o que conseguiu fazer com os juniores na primavera. Um feito excecional, diga-se, os rapazes da nossa cidadezinha a darem luta às equipas grandes. Se pelo menos tivessem… vencido. Talvez assim… enfim, você sabe.

Peter sabe. Demasiado bem. Num desporto onde os contos de fadas estão em vias de extinção, onde as escolas de hóquei dos grandes clubes sugam todos os talentos aos clubes mais pequenos, Björnstad conseguiu convencer os seus melhores rapazes, os mais talentosos, a ficarem e a lutarem pela equipa da casa. Chegaram até à final, mas tiveram de disputar essa última partida sem a sua maior estrela. Por isso, quase venceram. E *quase* não chega.

Björnstad é uma cidade de hóquei e os miúdos são criados com a filosofia: «As estatísticas nunca mentem.» Ou são os melhores ou são os outros, e os melhores não arranjam desculpas, arranjam maneira de ganhar. Por todos os meios disponíveis, a todo o custo. As pessoas falam sobre «mentalidade vencedora» porque os vencedores têm algo que falta aos outros: um cérebro especial, que aceita como garantido que nasceu para ser heroico. Quando um jogo chega aos últimos segundos decisivos, o vencedor bate com o *stick* no gelo e grita aos companheiros de equipa para lhe passarem o disco, porque um vencedor não pede o disco, exige-o. Quando milhares de espectadores saltam dos bancos, num rugido ensurdecedor, a maioria das pessoas tem receio e recua, mas o vencedor chega-se à frente. É dessa mentalidade que estamos aqui a falar. Toda a gente sonha ser o melhor, ser um dos que desferem o último ataque nos momentos cruciais da época, mas muito poucos, pouquíssimos, têm a ousadia de aproveitar a oportunidade quando está absolutamente tudo em jogo. É essa a diferença entre nós.

Há pouco mais de vinte anos, a equipa principal de Björnstad podia ter sido a melhor do país. Ao longo dessa época, toda a gente na cidade repetia a mesma coisa: «Björnstad contra os outros!» Os jornalistas das cidades grandes achavam que Björnstad não tinha qualquer hipótese e os seus adversários, mais bem pagos, subestimavam a equipa. No entanto, quando vinham jogar a Björnstad acontecia algo: depois de o autocarro da equipa percorrer quilómetros e quilómetros através da floresta, quando entravam num pavilhão velho e degradado e se viam rodeados por todos os lados de bancadas transformadas em muralhas ribombantes de verde, os gigantes tremiam. O rinque, nessa época, era uma fortaleza; toda a cidade comparecia, a equipa jogava com o apoio direto de uma comunidade inteira. Ninguém queria saber se os clubes grandes tinham mais dinheiro, porque esta era a terra do hóquei.

«Björnstad contra os outros.»

Mas o último jogo realizou-se fora, na capital. E, nos últimos segundos, Peter Andersson apanhou o disco.

Nas profundezas da floresta havia uma comunidade que viveria ou morreria

pelas ações do seu *stick*, e como são ínfimas as margens de manobra para um clube desportivo numa ocasião dessas! No hóquei, a distância que separa a elite dos restantes é imensa: as equipas no topo da liga recebem todo o dinheiro das transmissões televisivas e os milhões dos patrocínios enquanto os que estão mais abaixo têm de aprender que «a melhor equipa ganha sempre». Assim, quando Peter teve a sua oportunidade com o disco, era mais do que uma jogada, mais do que um jogo; era uma oportunidade para que a pequena cidade se sentisse gigante. Que história fantástica teria sido. Por uma única noite, depois de toda a porcaria que as pessoas nesta floresta tinham passado, Björnstad tinha finalmente uma oportunidade de sentir que chegara a sua vez. Teria sido uma daquelas histórias que fazem com que toda a gente adore o desporto: os maiores e os mais ricos nem sempre ganham.

Assim, Peter rematou. E falhou. Uma cidade susteve a respiração e depois ficou sem ar. O apito do final do jogo soou, os adversários venceram; na época seguinte, Björnstad caiu da divisão principal e nunca mais conseguiu lá voltar, por mais que lutasse.

Peter transferiu-se para a NHL e tornou-se jogador profissional, mas depois lesionou-se. A sua carreira passou tão depressa como um sonho. Então, voltou para casa e, contra todas as probabilidades, construiu uma equipa de juniores que se tornou a melhor do país. Quase.

O político à porta da sala de reuniões encolhe os ombros.

– A vitória cura tudo, Peter.

Mais valia ter dito aquilo que realmente queria dizer: «Não és um vencedor, Peter. Porque os vencedores vencem. É assim que os reconhecemos.» Os vencedores acertam sempre aquele último remate. Os vencedores não misturam o que acontece no gelo com o que acontece fora dele. Os vencedores não pedem à Polícia que arraste para fora do autocarro a maior estrela da equipa antes do jogo mais importante. Os vencedores sabem que a vitória cura tudo nesta comunidade, mas o segundo lugar não cura nada.

O político dá-lhe uma palmadinha pouco convicta no ombro.

– Oiça, Peter, talvez possa ver isto como uma oportunidade? Uma hipótese

de experimentar outro tipo de trabalho? Ou de passar mais tempo com a família!

Peter tem vontade de o mandar para o raio que o parta, mas sai da sala em silêncio. Contorna o edifício, para debaixo de uma escada e inclina-se sobre um canteiro. Depois de se certificar que nenhum daqueles cabrões o consegue ver ali sozinho, vomita.

O telefone toca. É Kira. Peter percebe que o boato já está em circulação, mas não consegue atender. Não quer ouvir a desilusão na voz da mulher e receia que ela oiça as lágrimas na dele. Ela insiste e liga, uma e outra vez, e por fim ele desliga o telefone. O problema de dedicar a vida inteira a um clube de hóquei é que agora Peter não faz a mais pequena ideia de quem é sem esse clube. Entra no carro e arranca, com os dedos a apertarem o volante com tanta força que começa a sangrar das cutículas roídas.

*

Há uma pessoa de fora sentada num *Jeep*, a observar a estrada em silêncio, atentamente, detrás dos óculos de sol, a inalar profundamente o fumo de um charuto e a deixar o fumo sair pela janela aberta. O *Jeep* está estacionado à sombra de umas árvores, e é enferrujado e discreto o suficiente para que ninguém lhe preste atenção. A lista de nomes está no porta-luvas. No topo lê-se: «Peter Andersson.» Quando Peter entra no carro e arranca, o *Jeep* segue-o.

6

Se não houver guerra, eles arranjam guerra

O homem de dezoito anos na floresta tira a mochila das costas, pousa-a nas ervas e trepa a uma árvore. O verão começou a clarear-lhe o cabelo comprido e a escurecer-lhe a pele à volta da tatuagem do urso. Chama-se Benjamin, mas só a mãe e as irmãs o tratam assim; todos os outros o conhecem por Benji. O seu nome raramente é associado com memórias de uma infância positiva – desde o jardim de infância que as pessoas dizem que aquele rapaz acabará na prisão ou no cemitério. O hóquei foi, simultaneamente, a sua salvação e a sua desgraça, porque todas as suas piores características fora do gelo fazem com que seja admirado no rinque. Kevin era a estrela, Benji, o seu protetor. Irmãos. A cidade adorava as mãos de Kevin, mas todos veneravam os punhos de Benji. Quando alguém em Björnstad diz a velha piada: «Fui assistir a um combate e de repente desataram a jogar hóquei», é sempre dele que estão a falar.

Assim, a cidade ficou chocada quando Kevin foi acusado de violação, mas o choque foi quase tão grande quando Benji ficou do lado de Maya Andersson, contra o próprio irmão. E, depois, quando ele ficou a jogar em Björnstad em vez de se mudar para o clube de Hed. Benji Ovich fez a coisa certa. E para quê? Recebe mensagens trocistas anónimas, umas atrás das outras, a lembrar que o clube dele morreu. Que fez a escolha errada. Que não tem nada. Há alguns meses, estava a jogar ao lado do melhor amigo, numa das melhores equipas do país. Agora está sentado numa árvore, sozinho, a fumar e a apanhar uma pedra, e no bom caminho para provar que todos os que duvidavam dele tinham razão: «Mais cedo ou mais tarde, aquele rapaz vai causar algum dano sério a si próprio ou a outra pessoa qualquer.»

*

Ao longo deste verão, de cada vez que Kira Andersson olha para as

fotografias de Peter, Maya e Leo em cima da secretária, sente uma vergonha sem fim porque, quando está aqui, no trabalho, é fácil imaginar que são uma família normal. Que eles os quatro não estão a ser consumidos por dentro, que a casa que partilham não mergulhou no silêncio há muito tempo porque nenhum deles tem mais palavras.

Maya pediu à família para deixarem de falar da violação. Estavam sentados à mesa do pequeno-almoço, no início do verão, e disse-o sem drama: «Preciso de seguir em frente.»

Peter e Kira tentaram sorrir e acenar com a cabeça, mas os seus olhos fuzilaram o chão de parquê. Têm de apoiar a filha; não podem agarrar nela e gritar que *nós* precisamos de falar disso, que são os pais que se sentem assustados e abandonados e… egoístas. Porque é isso que estão a ser, não é? Egoístas.

Kira sabe que as pessoas não compreendem como ela consegue continuar a trabalhar, ou como Peter continua a preocupar-se com o hóquei, mas a verdade é que, às vezes, são as únicas coisas para as quais ainda têm forças. Quando tudo o resto se desmorona, agarram-se à única coisa que sabem que conseguem controlar, ao único lugar onde sentem saber o que estão a fazer. Tudo o resto magoa de mais. Assim, vão trabalhar. Escondem-se no trabalho, tal como os alpinistas escavam buracos na neve para se resguardarem quando há uma tempestade.

Kira não é ingénua, mas é mãe – está à procura de uma forma de continuarem a viver. Kevin partiu; a psicóloga disse que Maya estava a fazer progressos no tratamento do trauma, portanto é possível que ainda fique tudo bem. É o que Kira tem dito a si própria. Peter vai reunir-se com os representantes do município, o clube conseguirá o dinheiro de que precisa, tudo se vai resolver.

Agora, porém, desliga o telefone à empresa de mudanças que recebeu uma encomenda de caixas de arrumação em nome dela. Lê a mensagem que acabou de chegar. É de um jornalista: «Estamos a tentar entrar em contacto com o seu marido para obter um comentário sobre a notícia de que o Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad vai entrar em liquidação.» A mensagem seguinte é de uma vizinha: «Não sabia que se iam mudar???», e inclui a captura de ecrã do *site* de

uma agência imobiliária, onde alguém colocou a casa dos Andersson à venda. As fotografias são muito recentes. Alguém esteve no jardim deles nessa manhã.

Kira liga a Peter, mas ele não atende. Sabe o que vai acontecer agora; se o clube cair por terra, não interessa de quem é realmente a culpa, porque algumas pessoas nesta cidade já começaram a procurar bodes expiatórios. Será culpa de Peter. Culpa de Maya. Do diretor-geral. Da puta.

Kira liga de novo para Peter. E outra vez. E outra. Na última tentativa, o telefone nem sequer toca. A colega recua quando Kira dá um murro na secretária com todas as suas forças; ouve os dedos a estalar, mas continua a dar murros, com toda a força reunida das cem mulheres que há dentro de si.

BANG. BANG. BANG-BANG-BANG.

*

Benji enrola-se sobre si próprio, com o fumo a sair-lhe pelas narinas. Já ouviu outras pessoas dizerem que as drogas as elevam até ao céu, mas, para Benji, é o mar: ele não voa, flutua. As drogas mantêm-no à tona de água sem que tenha de fazer qualquer esforço, enquanto no resto do tempo sente constantemente que tem de nadar sem parar para salvar a vida.

Quando era pequeno, sempre adorou o verão, essa altura em que a folhagem permite que os rapazes se escondam nas árvores sem serem vistos do chão. E ele sempre teve muito de que se esconder, por ser alguém que é diferente num balneário onde todos aprendem que têm de ser uma unidade, um clã, uma equipa, para poderem vencer juntos. Assim, Benji tornou-se aquilo de que eles precisavam: o elemento selvagem. Tão temido que, uma ocasião, quando estava lesionado, o treinador o colocou no banco, ainda assim. Não jogou um único minuto, mas ninguém da equipa adversária se atreveu a tocar em Kevin com um dedo que fosse.

Benji ensinou-se a si próprio alguma dessa dureza: trepava às árvores de uma forma que fazia o treinador, a rir, comentar que ele era «metade tanque de

guerra, metade macaco», rachava lenha no canil da irmã e endireitava as pilhas de lenha ao soco para endurecer os nós dos dedos. Mas parte dessa rudeza sempre esteve dentro dele, não podia ser injetada nem retirada, e tornava-o imprevisível. Um inverno, quando era pequeno, alguns dos rapazes da equipa começaram a chamar-lhe «Trenó», porque não eram os pais que o levavam aos treinos de hóquei; Benji ia sozinho, de bicicleta, com o saco do hóquei num trenó puxado atrás de si. A alcunha durou alguns meses, até que um dos rapazes foi longe de mais e Benji entrou no balneário com o trenó nas mãos e lhe partiu dois dentes. Depois disso não houve mais alcunhas.

Agora, está sentado na árvore, muito imóvel, mas dentro de si grassa um turbilhão de caos. Quando uma criança tem um melhor amigo, é como a primeira paixoneta; queremos estar sempre com ele e, se essa pessoa nos deixa, é como uma amputação. Kevin e Benji vinham de zonas tão diferentes da cidade que quase podiam pertencer a espécies distintas, mas o gelo tornou-se a sua pista de dança. Kevin tinha o génio e Benji, a violência. Foi preciso uma década para que as pessoas percebessem que também havia algum génio em Benji, e muito mais violência em Kevin.

Quanto podemos perdoar a um melhor amigo? Como sabê-lo de antemão? Uma noite, na primavera passada, Kevin esteve diante de Benji na floresta, não muito longe daqui e, a tremer, pediu-lhe que o perdoasse. Benji virou-lhe costas e deixou-o. Nunca mais falaram.

Naquela manhã há três semanas, quando Kevin deixou a cidade, Benji estava sentado nesta mesma árvore. A bater com a parte de trás da cabeça contra o tronco, com cada vez mais força. *Bang. Bang. Bang.* Está pedrado e sente o peso do ódio; ouve vozes e, ao princípio, não percebe se está a imaginá-las. Depois vê-as, a aproximarem-se, por entre as árvores. Os seus músculos ficam tensos.

Vai magoar alguém.

*

Se querem saber porque é que as pessoas sacrificam tudo por amor, é preciso

começar por perguntar como é que se apaixonaram. Às vezes não é preciso nada de especial para começarmos a amar alguém. Apenas tempo. Todos os adultos sabem, no fundo, que o hóquei é um faz de conta, um jogo inventado, mas quando temos cinco anos o nosso coração é bastante pequeno. Portanto temos de amar com ele todo, sempre.

A mãe de Peter Andersson era uma mulher doente, e o pai costumava embebedar-se tanto que gritava como se o filho não tivesse ouvidos, e batia-lhe como se fossem perfeitos desconhecidos. Peter cresceu com a cabeça cheia de vozes que lhe sussurravam que não prestava para nada, e a primeira vez que essas vozes se silenciaram foi quando calçou um par de patins. Não se pode dar a um rapaz o que ele encontrava nas aulas de hóquei e depois tirar-lho sem que haja consequências. O verão chegou, o rinque fechou, mas Peter, com cinco anos, dirigiu-se a casa do treinador da equipa principal e bateu à porta.

«Quando é que começa o hóquei?», inquiriu.

Sune, o treinador da equipa principal, sorriu. «No outono.» Já era um homem de idade avançada nessa altura, com uma barriga tão redonda que só conseguia falar em argumentos circulares.

«Quanto tempo falta?», perguntou o menino de cinco anos. «Para o outono?», resmungou o treinador entre dentes. «É que não sei ver as horas», explicou o menino. «Faltam alguns meses», resmungou o treinador. «Posso esperar aqui?», perguntou o menino de cinco anos. «Até ao outono?», admirou-se o treinador. «É muito tempo?», quis saber o menino.

Foi o princípio de uma amizade para a vida toda.

Sune nunca lhe fazia perguntas sobre as nódoas negras e o menino de cinco anos não falava delas, mas cada pancada sofrida em casa era visível nos seus olhos da primeira vez que aprendeu a lançar um disco, no pequeno jardim da casa do treinador. O treinador tinha consciência de que o hóquei não pode mudar a vida de uma criança, mas pode oferecer-lhe uma vida diferente. Uma saída, uma melhoria.

Sune ensinou a Peter o que é um clube. Não é algo em que se possa pôr as

culpas, nem algo a que se possa exigir seja o que for.

«Porque somos nós, Peter; o Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad és tu, sou eu. As coisas que o clube alcança, as melhores e as piores, demonstram os nossos melhores e piores lados.»

Ensinou também outras coisas a Peter. Por exemplo, a ter sempre a cabeça erguida, quer ganhasse, quer perdesse, e que os jogadores mais talentosos têm o dever de elevar os jogadores mais fracos porque «espera-se sempre muito daqueles a quem muito foi dado».

Nesse primeiro dia, Sune levou o menino de cinco anos a casa. Pararam a alguns metros da casa dele e o treinador disse-lhe que, se quisesse aparecer no dia seguinte, podia continuar a treinar os remates.

«Promete?», perguntou o rapaz. Sune estendeu a mão e respondeu: «Prometo. E temos de cumprir as nossas promessas, não é?» O menino apertou-lhe a mão e fez que sim com a cabeça. Depois, o velho sentou-se num banco com ele e ensinou-o a ver as horas, para poder contar os minutos até ao dia seguinte.

Às vezes, não é preciso nada de especial para começarmos a amar algo, apenas tempo.

O jovem Peter Andersson sonhou com a mesma coisa todas as noites, durante anos: o som de um disco a ser projetado por um *stick* e a voar contra a parede de uma casa.

Bang.

*

A mãe de Benji Ovich quase nunca fala do pai dele, mas, nas raras ocasiões em que isso acontece, fecha sempre os olhos e murmura: «Há pessoas assim. Se não houver guerra, eles arranjam-na.»

Benji já ouviu dizer que é parecido com o pai, mas não sabe em que aspeto. Talvez mais por dentro do que por fora. Sabe que o pai estava em sofrimento, tanto que um dia não conseguiu aguentar mais. Por estes lados, os caçadores nunca usam a palavra «suicídio»; dizem apenas: «O Alain pegou na espingarda e meteu-se pela floresta.»

Benji sempre teve curiosidade em saber se ele o estaria a planear há muito tempo ou se terá simplesmente decidido na altura. Pergunta a mesma coisa a si próprio quando vê nas notícias imagens de homens solitários que fizeram coisas terríveis. Porquê aquele dia específico? Porque não outro dia qualquer? Fizeram uma escolha, ou simplesmente aconteceu?

Benji sabe que o sofrimento e a raiva podem reprogramar um cérebro, tal como os químicos e as drogas fazem. Talvez exista sempre uma bomba-relógio dentro da cabeça de algumas pessoas, à espera de que alguém ligue um interruptor. Talvez a mãe tenha razão: há pessoas que têm de arranjar guerra, seja lá como for.

Da árvore, vê Maya e Ana aparecerem na floresta. Nunca conseguirá explicar o que lhe aconteceu naquele momento; foi simplesmente um instinto a despertar. Algo que se desligou, outra coisa qualquer a ligar-se. Desce e pega na mochila, tira algo de dentro dela e, com o objeto na mão, começa a deslocar-se entre as árvores.

A segui-las.

*

Maya e Ana caminham pela floresta, sem destino, cada vez mais devagar à medida que se afastam de casa. Não falam; já sabem tudo o que a outra poderia querer dizer, de qualquer maneira. Sempre souberam que Björnstad não é um sítio fácil onde crescer para quem é diferente, e uma das piores coisas de nos tornarmos adultos é começar a compreender que, se calhar, não há sítio nenhum que o seja. Há filhos da mãe em todo o lado.

Na verdade, as duas jovens nunca tiveram muito em comum: a princesa e a

filha da natureza, a música e a caçadora. Conheceram-se quando Ana tirou Maya de um buraco no gelo, eram ainda pequenas. Maya tinha-se mudado para ali há pouco tempo e Ana nunca tivera uma amiga, por isso salvaram a vida uma da outra. Ana costumava meter-se com Maya por nunca conseguir caminhar silenciosamente pela floresta, comentando que ela parecia um alce de saltos altos. Maya costumava observar, na brincadeira, que Ana era como era porque a sua mãe tivera um esquilo como amante.

Deixou de o dizer quando a mãe de Ana se foi embora.

Em troca, Ana parou de a provocar pela sua dependência de um *wi-fi* decente. Durante alguns anos foram iguais, mas a adolescência altera sempre o equilíbrio do poder nas amizades entre raparigas. Quando foram para o décimo ano, os conhecimentos de sobrevivência na floresta de Ana não serviam de nada, enquanto Maya sabia como sobreviver nos corredores da escola. Mas depois deste verão? Não estão seguras em lado nenhum.

Ana vai à frente e Maya segue-a, olhando para o cabelo da amiga. Pensa muitas vezes que Ana é, ao mesmo tempo, a pessoa mais forte e mais fraca que conhece. O pai de Ana recomeçou a beber; não é culpa de ninguém, é como as coisas são. Maya gostava de poder livrar Ana do sofrimento, mas não pode, tal como Ana não a pode livrar da violação. Estão a cair em abismos diferentes. Maya tem os seus pesadelos, e Ana tem as suas razões para não conseguir dormir. Dorme com os cães nas noites em que o pai chega a casa tarde e se enfurece na cozinha como um monstro feito de desgostos e palavras por dizer. Os cães formam um círculo protetor em torno de Ana sem que seja preciso ela pedir. Queridas criaturas. O pai nunca, nem por uma vez, lhe levantou a mão; mesmo assim, ela tem medo dele quando bebe. Os homens não têm noção do seu próprio peso, não compreendem o terror físico que podem causar a outra pessoa só por entrarem em casa a cambalear. São como furacões a correr por uma floresta de plantas jovens quando se levantam da mesa da cozinha com passos embriagados e tropeçam de divisão em divisão sem se aperceberem do que pisam. Na manhã seguinte, não se lembram de nada: as garrafas vazias foram apanhadas, os copos, lavados em segredo, a casa está silenciosa. Ninguém diz

nada. Eles nunca podem ver nos filhos a destruição que deixaram para trás.

Ana detém-se e vira-se. Maya olha para ela, com um sorriso fraco. *Meu Deus, gosto tanto de ti*, pensa; e Ana sabe. Assim, pergunta:

– Preferias fazer uma operação para ficares com focinho de porco ou uma operação para ficares com rabo de porco?

Maya ri-se alto. É o jogo delas, desde que eram pequenas: «Preferias isto ou aquilo?»

– Focinho. Aquele rabo encaracolado não daria jeito nenhum quando me sentasse a tocar guitarra.

– És tão estúpida!

– Eu é que sou estúpida? Já ouviste bem as coisas que saem da tua boca?

Ana ri-se também. Olha por entre as árvores.

– Está bem; então e esta: preferias ser infeliz e viver cem anos, ou ser feliz durante um ano e depois morrer?

Maya pensa, em silêncio. Não chega a responder. Quando ela consegue reagir, Ana já girou sobre si própria e está a fitar as árvores. Teria reparado mais cedo, mas está habituada a perseguir e a caçar, não a ser perseguida.

Um estalido breve, ramos secos a partirem-se sob um peso sólido. Estão muito longe da cidade; é um sítio perigoso para encontrar um animal.

E aqueles ramos não foram pisados por um animal.

*

O rinque em Björnstad está fechado e às escuras quando Peter chega. Não acende as luzes; há folhas de papel amarelecido nas paredes e sabe o que elas dizem sem precisar de luz. Pequenas palavras escritas numa voz forte: «A equipa à frente do indivíduo.» Mais à frente: «Só não estamos a avançar quando estamos a fazer pontaria à baliza.» Por cima desse: «Sonha – Luta – Vence!» E mais perto da porta, na caligrafia do próprio Peter: «Cabeça erguida quando ganhamos, cabeça erguida quando perdemos. Sempre de cabeça erguida.»

Pessoas com mentes lógicas podem achar que essas frases motivadoras são

uma parvoíce, mas ninguém se torna o melhor num desporto pela lógica. É preciso ser-se um sonhador. Quando Peter estava na escola primária, um professor perguntou aos alunos o que queriam ser quando crescessem. Peter respondera: «Jogador profissional de hóquei na NHL.» Ainda se lembra de como todos os colegas se riram, e passou a vida inteira a provar-lhes que estavam errados. As pessoas com mentes lógicas têm a noção de que é impossível um rapazinho da pequena Björnstad jogar hóquei com os melhores do mundo, mas os sonhadores funcionam de maneira diferente.

O único problema é que nunca se vê o fim, nunca se consegue provar o suficiente, e as pessoas que se riem de nós vão arranjando outros motivos para o fazer. Há um relógio na parede dos balneários; está parado e ninguém se dará ao trabalho de mudar a pilha. Demora tempo, aprender a amar uma coisa, mas muito menos tempo a acabar com ela: basta um instante. O desporto é implacável: uma grande estrela torna-se um jogador acabado nos dez segundos que demora a caminhar do gelo ao balneário, um clube que sobreviveu mais de meio século é condenado em poucos minutos numa sala de reuniões municipal. Peter pergunta a si próprio se irão demolir o rinque, construir o tal hotel para conferências ou outra porcaria qualquer com que sonham as pessoas com dinheiro e poder. Esses nunca amam nada, só possuem coisas. Para eles, o rinque não passa de tijolos e argamassa.

Sobe até às bancadas, para no corredor estreito dos gabinetes no piso superior. Quantas das vidas dele estarão dentro deste recinto? O que valerão agora? Há, na parede, fotografias emolduradas dos momentos mais importantes do clube: a fundação em 1951; a época mágica, vinte anos antes, em que a equipa principal foi a segunda melhor do país; e depois a equipa de juniores que conquistou a prata na primavera. Peter aparece em muitas dessas fotografias.

Num momento de fúria, varre-as todas da parede. Começa numa ponta do corredor e arranca todas as molduras dos suportes. Vidros estilhaçam-se pelo chão, mas Peter já se afastou. O rinque continua às escuras quando bate com a porta exterior.

*

A pessoa de fora está na bancada, às escuras, e vê Peter sair. Quando o ouve ligar o carro no parque de estacionamento, sobe até ao corredor dos escritórios e observa a destruição. Vê as velhas fotografias de Peter entre os vidros estilhaçados, ao lado de fotografias mais recentes da equipa de juniores. Há dois jogadores que estão em quase todas. A pessoa de fora afasta um dos cacos de vidro com a bota grossa e inclina-se sobre uma fotografia mais antiga desses mesmos rapazes, muito antes de se tornarem as grandes estrelas da cidade. Uma cerimónia de entrega de prémios quando tinham uns dez ou onze anos, com os braços à volta um do outro, como irmãos, os números e apelidos nas costas: «9 ERDAHL» e «16 OVICH».

Melhores amigos, um desporto que amavam e uma equipa à qual dedicaram a vida; de que será capaz um jovem se lhe tirarem tudo isso ao mesmo tempo? A pessoa de fora desenha cuidadosamente um círculo no seu bloco em torno do nome «Benjamin Ovich», depois desce as bancadas e sai do rinque. Acende outro charuto. O tempo está ameno, sem vento, mas protege a chama com a mão, como se estivesse a preparar-se para uma tempestade.

*

Ana e Maya sentem o coração aos saltos quando se viram e veem Benji a caminhar entre as árvores. Há pouco tempo, era um rapaz que amava a equipa de hóquei e o seu melhor amigo, agora é um homem feito, em cujos olhos as pupilas se afogaram. Um punho fechado, o outro apertado sobre o cabo de um martelo.

*

Se perguntarem a qualquer pessoa em Björnstad, todos dirão que aquele rapaz sempre foi uma bomba-relógio.

7

Começar pelo almoço

Há um velho ditado em Hed: «Diz a um forasteiro que odeias Björnstad e terás um amigo para toda a vida.» Ali, as crianças aprendem desde muito cedo que é importante o clube de Hed ter sucesso, mas é ainda mais importante que as coisas corram mesmo mal ao de Björnstad. Em parte, é uma piada, obviamente. As bancadas enchem-se de ameaças gritadas, de «ódio» e «morte» de um lado para o outro, mas é claro que não é a sério. Até que, de repente, passa a ser.

Quando descrevermos como começou a violência entre as duas cidades, a maior parte de nós já não se lembrará do que aconteceu primeiro: as bandeiras a arder que o jovem Leo filmou e publicou *online* ou outro vídeo que alguém em Hed publicou quase simultaneamente. Porque nada viaja mais depressa do que uma boa história, e claro que ninguém que tenha crescido em Hed, a adorar uma equipa vermelha e a odiar uma equipa verde, consegue disfarçar a *Schadenfreude*[2] quando os políticos, o dinheiro e o poder escolhem um dos lados.

Assim, um membro da claque de Hed detém uma das autarcas quando esta sai do trabalho e filma-se a si próprio a perguntar:

– Então, o que hão de fazer agora todas as pessoas de Björnstad que gostam de hóquei?

A autarca, uma mulher de meia-idade e ar nervoso, parece ficar sem saber o que dizer. A não ser que o saiba exatamente. Porque a resposta dela é:

– Bom, podem começar a apoiar a equipa de Hed, não podem?

Nessa noite, ela acorda com um grande estrondo. Quando sai de casa, na manhã seguinte, vê um machado cravado no capô do seu carro.

A caminho da paragem de autocarro, cruza-se com um carro ocupado por dois homens de blusão preto. Não precisam de olhar para ela. A autarca sabe que está a ser observada.

*

O Urso Pardo está onde sempre esteve, no meio de Björnstad. É o tipo de bar que costumava cheirar melhor quando ainda se podia fumar em espaços fechados. A proprietária, Ramona, tem um rosto que faz lembrar as tábuas do soalho: a vida deixou marcas nela, tal como as cadeiras a serem arrastadas para trás e para a frente ao longo dos anos, tal como os cigarros que lhe conquistaram a alcunha de «Mamã *Marlboro*», dada pelos jovens que fizeram do Urso Pardo a sua segunda casa e, às vezes, a primeira. Ramona já está para além da idade da reforma, mas ninguém que goste do feitio do próprio nariz menciona esse facto em voz alta. Ela está a servir-se de um pequeno-almoço tardio num copo alto quando uma pessoa de fora entra no bar. Ramona ergue uma sobrancelha, surpreendida.

– Sim?

A pessoa de fora olha em volta, para o bar vazio, sem compreender.

– Desculpe?

– Posso ajudar? – pergunta Ramona, desconfiada.

A pessoa de fora tem cabelo revolto, calças de ganga, um casaco de fato de treino e meias grossas, por dentro daquele tipo de botas robustas que se usam quando achamos qualquer temperatura acima de zero uma coisa pouco natural.

– Isto é um bar, certo?

Os lábios de Ramona curvam-se numa expressão de suspeita.

– Sim.

– É de admirar que entre um cliente num bar?

– Depende do cliente.

A pessoa de fora parece concordar que esta é uma observação válida.

– Tenho algumas perguntas.

– Nesse caso, está na cidade errada.

A porta da rua abre-se. Entram dois homens ainda jovens.

Vestem blusões pretos.

*

Ana e Maya sentem a pulsação a palpitar-lhes na garganta. Não consideravam Benji um inimigo; fora um dos poucos que ficara em Björnstad depois de Kevin e todos os outros partirem para jogar hóquei em Hed. Porém, se Ana e Maya aprenderam alguma coisa, é que a lealdade por estes lados muda num instante, e que nunca podem ter a certeza de que um homem não lhes tentará fazer mal.

Benji detém-se a alguns metros, com o martelo a baloiçar lentamente na mão. Parece estar à espera de que elas reajam. Sempre foi musculado, mas este verão trouxe ao seu corpo algo mais, uma aura de crueldade. Ana não trouxe a espingarda; agora, arrepende-se. Já viu Benji jogar hóquei; sabe que aquilo que o torna melhor e mais perigoso do que os outros é o facto de ser imprevisível. Nas ocasiões em que as coisas correram mal e ele magoou alguém, nunca ninguém o tinha antecipado.

A parte superior do corpo dele está praticamente imóvel. Quando por fim abre a boca, as palavras saem em voz baixa, entrecortadas, de uma laringe que parece não ser usada há várias semanas. Larga o martelo no chão em frente dos pés de Ana com um baque surdo e diz:

– Vão precisar disto. Tenho uma coisa. Para vocês.

As duas raparigas demorarão muito tempo a perceber que Benji tinha o martelo consigo porque sabia que Ana e Maya precisariam de estar armadas antes de se atreverem a acompanhá-lo. Pode ser um desgosto insuportável uma pessoa saber que, aos olhos dos outros, é considerado um animal assim tão selvagem.

*

Os homens de blusões negros param à entrada, acostumados a que a sua mera presença seja suficiente para recordar a uma pessoa de fora que deixou a roupa a secar na lavandaria, ou que tem de ir dar sangue num centro médico a

quatrocentos ou quinhentos quilómetros dali. Ao longo dos próximos meses, esta pessoa de fora virá a saber que há muitas histórias sobre quem costuma beber no Urso Pardo, mas poucos dispostos a contá-las. Eles não têm símbolos, nem *website;* quando é dia de jogo em Björnstad, não há forma de os distinguir dos outros homens a caminho do rinque. Mas a pessoa de fora descobrirá que a Matilha se certifica de que ninguém manda no seu clube sem que eles aprovem ou desaprovem, e que alguém só se apercebe de quantos eles são quando se tornam seus inimigos. No entanto, esta pessoa de fora parece ser demasiado esperta ou demasiado estúpida para querer saber.

– Vem de algum jornal? – pergunta Ramona.

Não sabe se a pessoa de fora simplesmente optou por ignorar o tom agressivo da questão, ou se sofre de algum problema que a impeça de se aperceber dele. Assim, acrescenta:

– Já tivemos alguns jornalistas por aqui antes, com «perguntas», e todos voltaram para casa sem respostas. Mas geralmente decidem sempre fazer um seguro melhor para a sua propriedade.

A ameaça direta parece passar por cima do cabelo desgrenhado da pessoa de fora, que se vira calmamente no banco alto e observa a decoração, as paredes cobertas de fotografias e galhardetes e camisolas.

– Por acaso não serve almoços?

Os homens à porta não sabem se isto é um insulto velado ou uma questão educada. Porém, de súbito, Ramona desata a rir. Faz um gesto discreto e os homens desaparecem porta fora.

– Já vi que não é de nenhum jornal – declara, com a cabeça ligeiramente inclinada. Depois a sua voz adquire de novo um tom de desagrado. – Então que raio está a fazer em Björnstad?

A pessoa de fora pousa as mãos em cima do balcão.

– Pensei que podia começar pelo almoço.

*

Kira liga outra vez a Peter, sem que ele a atenda. A sério? Tinha um pressentimento de que ia acontecer alguma coisa deste género, que o município encontraria maneira de se virar contra o marido. Peter é um romântico, mas Kira é advogada, e há já algum tempo que percebeu que a maneira mais fácil de os políticos enterrarem o escândalo seria enterrando o clube.

Toda a família Andersson – Peter e Maya e Leo e ela própria – concordou, no princípio do verão, que permaneceriam em Björnstad. Ficariam na cidade e lutariam. Mas agora Kira já não tem tanta certeza. Quanto tempo podem continuar a viver num sítio que tenta rejeitá-los como se fossem um vírus hostil? E se Peter já nem sequer tem o clube, o que lhes resta aqui?

A colega dela voltou e está sentada, em silêncio, do outro lado da secretária; no entanto Kira lembra-se bem de todas as coisas que ela sempre lhe disse sobre Peter. «Ele tem uma dependência, Kira. Há quem pense que só se pode ser viciado em álcool, ou drogas, ou jogo, ou cavalos, mas o teu marido não tem esse género de problemas. É viciado na competição. Não consegue parar de tentar ganhar. Não consegue viver sem essa adrenalina.»

Quantas vezes ficou Kira acordada na cama a pensar se isso seria verdade? Liga-lhe outra vez, e outra, e outra. Por fim, Peter atende. Zangado, apesar de não se notar no tom de voz. Mas ela apercebe-se. É uma ínfima diferença na forma como profere o nome dela.

– Tenho estado a tentar ligar-te, querido – sussurra Kira. – Eu… soube o que aconteceu…

Peter não lhe responde. Ela pergunta:

– Onde estás?

E depois:

– No escritório, Kira. Estou numa reunião. Falamos mais logo.

Ela percebe, pelos sons de fundo, que ele está no carro. Era o que fazia sempre quando perdia um jogo, no seu tempo de jogador: metia-se no carro e conduzia horas. Nunca usava violência contra ninguém, a não ser contra ele próprio. Assim, conduzia pela noite fora, sem se lembrar de que havia alguém em casa à sua espera, alguém a morrer de medo de que aquela fosse a noite em

que o telefone tocaria e não seria a voz dele do outro lado. A noite em que um polícia lhe perguntaria: «Fala a mulher do Peter Andersson?», e ela ouviria essa voz dar um profundo suspiro compadecido quando ela murmurasse: «Sim.»

– Não sei o que dizer, meu querido. Lamento muito – diz Kira agora.

– Não há nada a dizer – responde ele bruscamente.

Kira ouve os sons de fundo, e pergunta a si própria a que velocidade irá ele.

– Temos de falar sobre o assunto…

– Não há nada a dizer. Eles venceram. Queriam matar o clube e arranjaram maneira de o conseguir.

Kira respira fundo, devagar, como sempre, como se tivesse feito alguma coisa errada.

– Eu… talvez… Sei que parece o fim do mundo neste momento, mas…

– Não comeces, Kira.

– Como assim, «não comeces»?

– Sabes muito bem o que quero dizer!

– Estou só a sugerir que pode ser uma oportunidade para finalmente falarmos em fazer… outra coisa qualquer.

Quantas vezes lhe fez essa pergunta – «Quando é que acaba o hóquei?» – e ele respondeu: «Para o ano.»? Que para o ano vai reduzir as horas, para o ano vai trabalhar menos, para o ano será a vez de ela se dedicar a sério à sua carreira – Kira está à espera do ano que vem há duas décadas. Mas acontece sempre alguma coisa que torna Peter indispensável, uma crise que faz com que ele seja essencial e ela, egoísta por exigir algo tão extravagante como um horário de trabalho normal, como ter o marido em casa.

Peter irrita-se, provavelmente sem intenção.

– O que queres que faça, Kira? Que seja dono de casa ou quê?

Por isso, ela reage de forma defensiva. Provavelmente, também sem intenção.

– Não descarregues a tua frustração em cima de mim! Estou só a dizer que, se calhar…

– Se calhar o quê, Kira? Este clube é a minha vida!

Peter não ouve nada exceto o som da respiração dela. Kira morde o interior da bochecha para não gritar. Ele tenta acalmar-se e pedir desculpa, mas está sufocado por tudo o que sente, e a única coisa que lhe sai é:

– Sabes o que quero dizer…

Quantos anos lhe deu ela? Mudaram-se para o Canadá por causa da carreira dele no hóquei, depois mudaram-se para Björnstad por causa da carreira dele no hóquei – e quantas vezes pensou Kira que Peter, mais do que qualquer outra pessoa, devia compreendê-la? Todos os jogadores de hóquei são movidos pela necessidade de descobrir até onde conseguem chegar, mas o mesmo se aplica aos advogados. Depois de se mudarem para Björnstad, uma noite, ela bebeu vinho a mais e a verdade fugiu-lhe:

«Viver aqui basicamente significa aceitar que nunca alcançaremos o nosso potencial pleno.»

Peter pensou que ela estava a falar dele e ficou magoado. *Ele* ficou magoado.

– Sabes muito bem o que quero dizer! – repete agora, e sim, ela sabe exatamente

E o problema é esse.

O hóquei é a vida dele, por isso Kira desliga.

A colega só tem tempo para baixar a cabeça antes de o telefone atingir a parede.

*

A pessoa de fora põe um papel amarrotado em cima do balcão. Uma lista de nomes.

– Conhece estas pessoas?

A velha proprietária do bar olha para a lista sem lhe tocar.

– O almoço de hoje é carne e batatas, com molho. Quando acabar, esteja à vontade para partir em qualquer direção à sua escolha.

A pessoa de fora torce o nariz.

– Não tem uma opção vegetariana?

Ramona solta uma imprecação e desaparece na cozinha. Ouve-se o micro-ondas apitar; ela volta e pousa um prato no balcão sem grande delicadeza. Carne, batatas e molho.

– Sou vegana – explica a pessoa de fora, como se isso fosse perfeitamente natural, e não algo de que uma pessoa normal teria alguma vez de pedir desculpa.

– É o quê? – resmunga Ramona.

– Vegana.

– Nesse caso, temos batatas com molho – diz Ramona. Pega numa faca e começa a tirar os pedaços de carne do prato, diretamente para cima do balcão, como uma mãe irritada.

A pessoa de fora observa este processo e inquire:

– O molho tem natas?

Ramona acaba de beber a sua cerveja, pragueja de novo, pega no prato e desaparece uma vez mais na cozinha. Volta com outro prato, este apenas com batatas.

A pessoa de fora acena com ar imperturbável e começa a comer. Ramona observa, irritada, durante algum tempo, antes de colocar um copo de cerveja ao lado do prato.

– Por conta da casa. Tem de meter qualquer coisa de sustento dentro do corpo.

– Não bebo álcool.

– Nem eu. Deixei de beber! – exclama Ramona, servindo-se de outra cerveja e acrescentando em tom defensivo: – Isto? Nem sequer tem cinco por cento de álcool! É basicamente leite!

A pessoa de fora parece ponderar a possibilidade de perguntar a Ramona a que espécie de vacas vai buscar aquele leite, mas decide não o fazer. Ramona serve dois *shots* de uísque e emborca um deles de um trago. A pessoa de fora não toca no outro copo.

– Não é pelo álcool. Faz bem à digestão – declara Ramona.

Quando, ainda assim, o copo permanece intocado, Ramona esvazia-o também, o que é duplamente bom para a digestão. A pessoa de fora olha para os galhardetes e camisolas nas paredes.

– Sempre foram tão apreciadores de hóquei nesta cidade?

Ramona solta uma fungadela desdenhosa.

– Nós aqui não somos «apreciadores» de hóquei. As pessoas nas cidades grandes, com as suas malditas pipocas e camarins VIP, esses é que são «apreciadores» de hóquei. Depois, no dia seguinte, vão apreciar outra coisa qualquer. Mas esta não é uma cidade grande.

A pessoa de fora não reage. Isto deixa Ramona frustrada porque normalmente tem muito jeito para avaliar as pessoas. A pessoa de fora acaba de comer e levanta-se, põe algum dinheiro em cima do balcão, guarda a lista de nomes no bolso e está já a meio caminho da porta quando Ramona berra:

– Porque é que só há homens nessa lista?

A pessoa de fora vira-se.

– Desculpe?

– Se veio a Björnstad para fazer perguntas sobre hóquei, porque é que só tem homens nessa sua lista?

– Não é verdade. Você também lá está.

A porta abre-se e fecha-se. A pessoa de fora passa pelos homens de blusões pretos lá fora. Ramona fica onde está, confusa. Não está habituada a sentir-se assim e, decididamente, não lhe agrada nada.

---

[2] Do alemão: alegria maliciosa, ficar alegre com o mal alheio. (*N. do E.*)

8

Quando é que uma relação se desfaz?

Quando era mais novo, Benji costumava fugir de casa assim que as folhas ficavam verdes, e caminhava durante horas antes de trepar a uma árvore. Se o vento soprava da cidade, podia gritar tão alto quanto conseguisse, expelindo tudo o que o magoava. Se o vento soprasse da direção oposta, ficava sentado, quieto e calado, até o frio lhe entorpecer as faces ao ponto de já não sentir as lágrimas.

Foram as três irmãs mais velhas que o ensinaram a caçar. Não porque quisessem, mas tornou-se óbvio que não podiam deixar o rapaz sozinho em casa enquanto a mãe trabalhava sem ele arranjar problemas de alguma espécie. A única coisa previsível em Benji sempre fora o facto de ele ser imprevisível. Porém, para surpresa de todos, a natureza conseguia tocá-lo de uma forma que pessoa alguma conseguira. Quando se aprende a andar pela floresta em criança, é como saber uma outra língua. Aqui, o ar fala, e Benji compreende-o. É melancólico e selvagem.

As irmãs tinham aprendido a caçar com o pai e Benji odiava-as por isso, por se lembrarem dele. Assim, quando conheceu Kevin, foi a primeira vez na vida em que teve algo que era seu e apenas seu. No verão, os dois desapareciam para o seu lugar secreto, uma pequena ilhota coberta de vegetação no meio de um lago, onde nem sequer os caçadores iam. Aí, os rapazes podiam ser eles próprios. Nadavam nus e secavam-se ao sol, deitados nas rochas, pescavam o jantar e dormiam sob as estrelas, às vezes sem trocarem uma palavra que fosse durante dias. No primeiro verão, passaram lá vinte e quatro horas, mas, quando chegaram à adolescência, eram já semanas, cada momento que podiam até os treinos de hóquei recomeçarem.

Durante os primeiros anos desta amizade, Benji ainda urinava na cama quando sonhava com o pai. Mas nunca na ilha. Assim que entrava no bote, remava até à ilha e cravava uma estaca entre as rochas para prender o barco, os sonhos não conseguiam alcançá-lo.

Kevin era tudo para Benji. Os melhores amigos da infância são os amores da nossa vida, e partem-nos o coração da pior maneira.

Benji conduz Ana e Maya até à margem coberta de vegetação selvagem. Não há nenhum ancoradouro no lago, mas ele puxa um bote a remos escondido entre os arbustos e atira a mochila lá para dentro. Depois, lança-se à água e nada.

Ao princípio, as raparigas não percebem para onde estão a remar; há apenas uns rochedos no meio do lago, cobertos de ervas, com umas arvorezinhas baixas, e da água nem parece ser possível desembarcar lá. Mas Benji aparece por trás de uns pedregulhos e puxa o barco para a ilha, com a água a escorrer-lhe dos braços e os pés descalços bem assentes no chão.

Ana encontra umas estacas de ferro na mochila e usa o martelo que Benji lhe deu para as cravar numa fenda nas rochas e prender o bote. Maya desembarca atrás dela, e só então as raparigas percebem o que estão a ver. No meio da pequena ilhota há um retângulo de terreno limpo e relvado, impossível de ver de qualquer ponto do lago, grande o suficiente apenas para montar uma tenda para duas pessoas.

– É um bom esconderijo – murmura Benji baixinho, de olhos postos no chão.

– Porque é que nos estás a mostrar isto? – pergunta Maya.

– Já não preciso dele – diz o rapaz.

Está a mentir e ela apercebe-se disso. Por um breve instante, quase parece que ele o vai admitir. Mas, em vez disso, aponta, quase timidamente, e acrescenta:

– Se nadarem daquele lado, ninguém vos verá da floresta.

Maya e Ana não perguntam com quem é que ele costumava partilhar a ilha. Agora é delas. A melhor coisa da natureza é que não é nostálgica; rochas e árvores estão-se a borrifar para quem foi o seu proprietário antes. Benji dirige-se para a água, mas, antes de saltar das rochas, Maya chama-o:

– Eh!

Ele vira-se. Ela tem a voz embargada quando fala:

– Espero que sejas uma daquelas pessoas que têm um final feliz, Benji.

O jovem acena rapidamente com a cabeça e vira-se antes que ela possa

perceber o quanto isso significa para ele. As raparigas ficam na ilha enquanto ele mergulha no lago e nada para terra.

Ana segue os braços que cortam a água, admirando o corpo firme quando ele sai do lago do lado da floresta. Melancólico e selvagem. Morde o lábio inferior com um sorriso. Quando Maya lhe lança um olhar acusador, Ana defende-se:

– Que foi? Estava só a pensar que ele não precisava de se ir embora a correr, pois não? Por mim, podia ficar aqui à vontade e ver-me nadar…

Maya toca com o dedo na testa.

– Tu tens graves problemas mentais.

– Porquê? Viste os braços dele? Só estou a dizer que não me importo que ele fique a ver…

– Obrigada! Já chega! Se continuares com isso, não podes ficar na minha ilha!

– Desculpa? Agora a ilha é tua?

Maya desata a rir. A sua melhor amiga é a pessoa mais doida e inteligente que ela conhece e, à sua maneira bizarra, Ana está a fazer um esforço para que tudo volte ao normal: rapazes, sexo, vida, o mundo. E começa como começa sempre quando é a sobrevivência que está em jogo: com humor.

Ficam na ilha quase o verão todo. Ana faz incursões esporádicas a casa para ir buscar provisões, mas sobretudo para tirar as garrafas vazias do pai da cozinha. Volta sempre antes de anoitecer e certifica-se de que deixa comida suficiente a Maya. Uma manhã, Maya acorda e vê a amiga toda nua, agachada à beira de água, a praguejar enquanto tenta apanhar peixe com as mãos, porque viu um idiota qualquer num programa de sobrevivência na televisão a fazê-lo; daí para a frente, Maya recusa-se a chamar-lhe outra coisa que não «Gollum». Em troca, Ana olha para Maya da primeira vez que ela se despe e, ao notar a marca da *T-shirt* e dos calções na pele bronzeada, comenta:

– Um dia serás um paizinho fantástico. Já tens o bronzeado à camionista típico de todos os pais em férias.

Passam um último verão a cantar a plenos pulmões e a dançar mal, a dormir sem pesadelos sob o céu estrelado. Maya toca guitarra, calma e livre. Ainda não

sabe, mas daí a dez anos uma das canções que compôs aqui será a primeira que tocará em todos os concertos nas suas digressões. Nessa altura, terá tatuagens em ambos os braços, uma guitarra de um lado e uma espingarda do outro, e dedicará a canção à sua melhor amiga. Chama-se «A Ilha».

*

Benji está a correr sozinho noutra parte da floresta. Encontra novos esconderijos; teve muita prática ao longo dos anos. Tornou-se um homem que não toma nada por garantido. Só as crianças acham que certas coisas são evidentes em si mesmas: ter sempre um melhor amigo, por exemplo. Podermos ser quem somos. Podermos amar quem queremos. Já nada é evidente para Benji; continua a correr e embrenha-se mais e mais na floresta, até o seu cérebro suplicar por oxigénio e ele já não conseguir sentir nada. Então, trepa a uma árvore. E espera pelo vento.

*

Tens de cumprir as tuas promessas. É uma das primeiras coisas que as crianças aprendem mal começam a falar. Quando Maya era pequena, obrigou o pai a prometer-lhe que ela podia ser astronauta, e Peter prometeu, porque é isso que os pais fazem. Prometeu-lhe também tudo o resto: que nunca ninguém lhe faria mal. Que correria tudo bem.

Apesar de não ser verdade.

Depois de tudo o que aconteceu na primavera, Kira perguntou à filha se se queria mudar, sair de Björnstad. Maya respondeu: «Não. Porque esta também é a minha cidade.»

Peter quis então saber o que podia fazer por ela, e Maya disse: «Constrói um clube melhor. Para toda a gente.»

E ele prometeu.

Nunca teve jeito com palavras. Nunca foi o tipo de pai capaz de dizer à

mulher e aos filhos o quanto os ama. Sempre esperou que demonstrá-lo fosse suficiente. Mas como pode demonstrar-lhes seja o que fora agora? Sem contar com o facto de ser um falhado?

Trava o carro antes de uma passadeira. Um jovem pai atravessa a estrada com a filha, de uns oito ou nove anos. O pai segura-lhe na mão e a menina não disfarça o facto de achar que já é demasiado crescida para isso. Peter tem de fazer um esforço para não sair do carro e gritar ao pai que nunca a largue. *Nunca a largues! Nunca!*

Quando Peter e Kira tiveram o primeiro filho, Isak, Kira declarou: «Isto é o que somos a partir de agora. Tudo o resto vem depois. Primeiro e acima de tudo, somos pais!»

Peter já sabia, claro. Todos os pais o sabem. Não é um processo voluntário, é um ataque emocional; tornamo-nos propriedade de outra pessoa da primeira vez em que ouvimos um filho chorar. Passamos a pertencer a essa pequena criatura. Acima de tudo o resto. Assim, quando acontece algo a um filho, nunca deixa de ser culpa nossa.

Peter tem vontade de saltar do carro e gritar àquele pai: *Nunca a percas de vista, nunca confies em ninguém e não a deixes ir àquela festa!*

Quando Isak morreu, as pessoas perguntavam: «Como é que alguém ultrapassa uma coisa dessas?»

A única resposta de Peter é que não se ultrapassa. Simplesmente continua-se a viver. Parte do nosso equipamento emocional aciona o piloto automático. Mas nesta situação? Não sabe. Só sabe que, quando acontece alguma coisa a um filho, não importa de quem é a culpa, porque, seja como for, nunca deixa de ser culpa nossa. *Porque não estava eu lá? Porque não o matei? Porque não fui suficiente?*

Peter quer gritar ao pai que está a atravessar a passadeira: *NUNCA A LARGUES PORQUE AQUELES FILHOS DA MÃE PODEM ACABAR COM A VOSSA VIDA!*

Em vez disso, chora em silêncio, com as unhas cravadas no volante.

*

A Ilha

Era verão
E a ilha era nossa
Depois de um inverno
De mil anos

Tu estavas partida
E eu destruída
Penduraste a corda
Eu dei o nó

Quantas vezes tivemos tempo para morrer
Antes de fazermos dezasseis
Quantas canções sobre despedidas
Que só tu sabes o que significam

Mas agora era verão
E a ilha era nossa
E tu foste minha
Por mil anos

*

Kira costumava adormecer no sofá quando Peter chegava tarde a casa. Uma garrafa de vinho por abrir e dois copos em cima da mesa, um pequeno dardo silencioso de culpa para lhe recordar que estivera à espera dele. Que havia alguém que sofria pelo facto de ele não estar em casa. Peter costumava pegar-lhe ao colo, cuidadosamente, e levá-la para a cama. Depois adormecia, a sua

respiração nas costas dela.

Um casamento longo consiste de coisas tão pequenas que, quando estas se perdem, nem sequer sabemos por onde começar a procurá-las. A forma como ela costuma tocar-lhe, como se fosse sem querer, quando ele está a lavar a loiça e ela a fazer café, e o dedo mindinho dela pousa sobre o dele quando ambos têm as mãos na bancada da cozinha. Os lábios dele roçam-lhe ao de leve no cabelo quando passa por ela junto à mesa da cozinha, cada um a olhar para o seu lado. Duas pessoas que se amam há bastante tempo parecem acabar por deixar de se tocar de forma consciente, o toque torna-se algo instintivo; quando se cruzam entre o corredor e a cozinha, os seus corpos, de alguma maneira, encontram-se sempre. Quando passam por uma porta, a mão dela acaba na dele como que por acaso. Colisões ínfimas, todos os dias, a toda a hora. Impossíveis de construir. Assim, quando desaparecem, ninguém sabe porquê; porém, de repente, duas pessoas vivem vidas paralelas em vez de convergentes. Certa manhã, não fazem contacto visual e os seus dedos pousam na bancada a alguns centímetros um do outro. Passam um pelo outro no corredor sem se tocar. Os seus corpos já não colidem.

Passa da meia-noite quando Peter abre a porta da rua. Kira sabe que ele espera que ela esteja a dormir, por isso finge estar. A garrafa de vinho em cima da mesa está vazia; tem apenas um copo ao lado. Ele não a leva ao colo para a cama; limita-se a tapá-la descuidadamente com uma manta ali mesmo, no sofá. Fica parado ao lado dela um momento, talvez à espera que ela pare de fingir. Mas, quando Kira abre os olhos, ele já está na casa de banho. Peter tranca a porta, olha para o chão; deitada no sofá, Kira olha para o teto. Já não sabem se ainda têm alguma coisa a dizer um ao outro. Tudo tem um ponto de rotura e, embora as pessoas costumem observar que «alegria partilhada é alegria dobrada», parece que fazemos questão de acreditar que, quando se trata de tristeza, o oposto é verdade. Talvez não seja assim. Duas pessoas que estão a afogar-se com pesos de chumbo à volta dos tornozelos não serão porventura a salvação uma da outra; se derem as mãos, afundar-se-ão duas vezes mais depressa. No fim, o peso de ter de carregar o coração partido do outro torna-se

insuportável.

*

Dormem fora do alcance dos dedos um do outro. Sem lábios a roçar em cabelo, sem respiração nas costas. E, noite após noite, uma única pergunta vai ganhando lentamente raízes dentro da cabeça de ambos: é assim que começa?

Quando é que uma relação se desfaz?

9

Precisa de lutar com alguém esta noite

Todas as pessoas que amam um desporto sabem que uma partida não é decidida apenas pelo que acontece, mas igualmente por aquilo que *não* acontece. O remate à trave, a decisão errada do árbitro, o passe que não saiu bem. Todas as discussões sobre desporto se dissolvem, mais cedo ou mais tarde, em mil «se» e dez mil «se pelo menos não». Para algumas pessoas, a vida encalha de forma semelhante; passam-se anos e anos, com a mesma história a ser repetida a desconhecidos ao balcão de um bar cada vez mais deserto: uma relação condenada, um sócio desonesto, um despedimento injusto, filhos ingratos, um acidente, um divórcio. Uma única razão que fez com que tudo fosse por água abaixo.

A bem da verdade, toda a gente tem algo a dizer sobre a vida que devia ter tido em vez daquela que tem. Cidades grandes e pequenas funcionam da mesma maneira. Assim, se queremos compreender as maiores histórias, primeiro temos de conhecer as mais pequenas.

*

A câmara municipal fica quase vazia depois do solstício, altura em que os políticos tiram férias ou passam mais tempo nos seus empregos normais. Se queremos compreender como é gerido o poder local, é por aqui que temos de começar: a política, por estes lados, é uma ocupação em *part-time,* e o salário de uns poucos milhares de coroas por mês faz com que seja quase um ato de caridade, em proporção ao número de horas de trabalho. Assim, a maior parte dos autarcas tem outros empregos ou os seus próprios negócios, o que significa que têm clientes e fornecedores e patrões e colegas. Naturalmente, isto dificulta quaisquer reivindicações de genuína independência; porém, nenhum homem é uma ilha, muito menos aqui, no meio da floresta.

Um único vereador continua a trabalhar dezoito horas por dia na câmara municipal ao longo do verão; por aqui, é também o único que não deve nada a ninguém. Chama-se Richard Theo e senta-se no seu gabinete, de fato preto, a fazer telefonemas. É odiado por alguns e temido por muitos, e, em breve, vai alterar o rumo de um clube de hóquei e de duas cidades.

*

Seguem-se vários dias de chuva e Björnstad torna-se um sítio diferente: a cidade está menos habituada a este tipo de precipitação do que à neve. As pessoas ficam em casa, e estão muito mais caladas e irritáveis do que é habitual.

O *Jeep* conduz pela lama na estrada que entra na floresta, e a pessoa de fora trava-o em frente de uma pequena oficina ao lado de uma casa de ar modesto. Há vários carros estacionados na relva, à espera de serem arranjados. Um deles não passa facilmente despercebido: tem um machado cravado no capô.

A pessoa de fora vê um rapaz de dezoito anos, com punhos do tamanho de leitões, saltar para cima da carroçaria e arrancar o machado, com os ombros tão tensos que o pescoço parece recolher dentro do tronco.

Um homem de ar rude, na casa dos quarenta, tão parecido com o rapaz que ninguém pediria ao carteiro que fizesse um teste de paternidade, aproxima-se do *Jeep* e bate no vidro da janela com os nós dos dedos.

– Pneus? – resmunga.

Atrás do volante, a pessoa de fora abre a janela e repete, confusa:

– Pneus?

O homem dá um pontapé na roda da frente.

– Estão carecas. Este aqui tem tanto relevo como um LP antigo, portanto presumo que é por isso que aqui está?

– Está bem.

– «Está bem»? Quer pneus novos ou não? – questiona o homem.

– Está bem – concorda a pessoa de fora, e encolhe os ombros como se lhe estivessem a perguntar se quer *ketchup* no hambúrguer.

O homem resmunga qualquer coisa inaudível e grita:

– Bobo! Temos cá pneus para este?

Obviamente que a pessoa de fora não está aqui para mudar os pneus, mas sim para avaliar a qualidade de um jogador defensivo. Se isso implica uma troca de pneus, muito bem. Assim, observa o rapaz de dezoito anos, Bobo, cujos esforços para tirar o machado do capô do carro lhe trazem à ideia um Rei Artur em saldos. Depois o rapaz desaparece dentro da oficina, onde não há fotografias de mulheres seminuas nas paredes, pelo que a pessoa de fora depreende que vive nesta casa uma mulher que pai e filho não querem aborrecer. Há, contudo, fotografias de equipas de hóquei no gelo, tanto recentes como antigas.

A pessoa de fora acena com a cabeça na direção das fotografias, depois na direção de Bobo quando ele sai da oficina com um pneu debaixo de cada braço e pergunta ao pai deste:

– Esse seu rapaz é um jogador de jeito?

De súbito, o pai ilumina-se com o tipo de orgulho que só quem também jogou à defesa poderia ter:

– O Bobo? Sim! O defesa mais duro da cidade!

A escolha da palavra «duro» não surpreende, porque tanto pai como filho dão a nítida impressão de serem o tipo de homens que só sabem patinar numa direção. O pai estende a mão suja de óleo e a pessoa de fora aperta-a com o entusiasmo de alguém que foi convidado a segurar numa cobra.

– Chamam-me Javali – apresenta-se o pai de Bobo com um sorriso.

– Zackell.

Quando sai da oficina, a pessoa de fora leva um conjunto de pneus recauchutados adquiridos por pouco mais do que o preço de mercado e um papel onde escreveu:

«Bobo. Se conseguir aprender a patinar.»

*

A folha de papel não é apenas uma lista. É o alinhamento de uma equipa.

*

Amat corre ao longo da estrada com a camisola preta de suor, até ter os olhos a arder e o cérebro vazio de qualquer pensamento.

É um dos jogadores de hóquei mais talentosos que esta cidade já viu, mas ninguém se apercebera disso antes da última primavera. Vive com a mãe num dos prédios de apartamentos mais baratos no extremo do Covão, na zona norte de Björnstad; sempre jogou com equipamento em segunda mão e já lhe disseram muitas vezes que é demasiado pequeno, mas não há ninguém mais rápido em cima dos patins. «Dá cabo deles!», costumam os melhores amigos dizer-lhe, em vez de: «Boa sorte!» A velocidade é a sua arma.

Por aqui, o hóquei é um desporto de ursos, mas Amat aprendeu sozinho a jogar como um leão. O desporto tornou-se a sua forma de entrar na comunidade, e julgou que poderia também ser o seu bilhete para sair dela. A mãe é empregada de limpeza no rinque, no inverno, e no hospital durante o verão, mas Amat tem esperança de se tornar profissional um dia e poder tirá-la de Björnstad. Na primavera, surgiu uma oportunidade de Amat jogar com a equipa de juniores. E o rapaz agarrou-a. Mostrou a todos na cidade que é um vencedor, e o caminho dos seus sonhos abriu-se.

Foi o melhor dia e a pior noite da sua vida.

Depois do jogo, foi convidado para uma festa a que Maya Andersson também ia, e a única coisa que fazia sonhar Amat mais do que o hóquei era a possibilidade de a beijar.

Estava bêbado, mas, mesmo assim, nunca esquecerá todos os pormenores: como passou por várias divisões de adolescentes embriagados e pedrados, entre cantorias e risos, subiu as escadas e ouviu Maya a gritar por socorro. Amat abriu uma porta e assistiu à violação.

Quando Kevin se apercebeu de que Amat o vira, ele e William Lyt e alguns dos outros rapazes da equipa de juniores ofereceram a Amat tudo aquilo com que ele sonhara – um lugar na equipa, estatuto de estrela, uma carreira – em troca de manter a boca fechada. O pai de Kevin deu-lhe dinheiro e prometeu

arranjar um emprego melhor à mãe dele. Se alguém condenar Amat por ter ponderado seriamente esta oferta, essa pessoa deve ter tido uma vida onde a moralidade é fácil. Mas nunca é. A moralidade é um luxo.

O pai de Kevin e os patrocinadores do clube convocaram uma reunião e tentaram expulsar o pai de Maya do clube. No entanto, Amat acabou por comparecer nessa reunião, levantou-se à frente de todos e contou-lhes o que vira Kevin fazer. Peter Andersson venceu a moção de confiança e ficou com o emprego.

E depois? Amat corre agora mais depressa, com os pés a doer mais, porque o que raio aconteceu a seguir? Kevin nunca chegou a ser castigado. Maya não obteve justiça e Amat saiu da reunião com centenas de inimigos. Lyt e os amigos encontraram-no e deram-lhe uma tareia, e se Bobo não tivesse mudado de lado no último instante e defendido Amat, tê-lo-iam matado.

Nem Amat nem Bobo são agora bem-vindos no Clube de Hóquei no Gelo de Hed. Amat é um chibo e Bobo é um traidor. E o clube de Björnstad? Em breve já não existirá. Amat irá tornar-se uma daquelas pessoas que se sentam ao balcão de um bar, daqui a trinta anos, com uma história cheia de «se» e «se pelo menos não». Via-os no pavilhão a assistir aos treinos: homens desmazelados, com barba de três dias e uma ressaca de quatro, cujas vidas atingiram o auge na adolescência.

Amat podia ter sido profissional, a sua vida podia ter mudado, mas, em vez disso, está a caminho de se tornar um tipo acabado aos dezasseis anos de idade.

Tem o olhar virado para dentro. Nem sequer repara no *Jeep* atrás de si. Quando a viatura passa, Amat não sabe que esteve vários minutos a ser seguido, para que a pessoa de fora, a uns cinquenta metros dele, pudesse observar a distância a que estão de Björnstad e a velocidade a que ele corre. A pessoa de fora escreve na sua folha de papel:

«Amat. Se tiver um coração tão grande como os pulmões.»

*

Benji está sentado no chão, encostado à lápide da campa do pai. Tem o corpo cheio de álcool barato e erva, e a combinação funciona como um interruptor. Está a desligar-se. Não aguentaria, de outra forma.

Tem três irmãs mais velhas, e basta dizer-lhes o nome dele para ver as diferenças entre elas. Gaby tem filhos pequenos; lê-lhes histórias antes de dormir, deita-se cedo às sextas-feiras e ainda vê programas de televisão num televisor e não num computador. Katia é empregada de bar no Celeiro, em Hed; passa as noites de sexta-feira a servir imperiais e a enxotar bêbados de cento e cinquenta quilos quando estes decidem partir os dentes a outros bêbados de cento e cinquenta quilos. Adri é a mais velha; vive sozinha no seu canil, nos arredores de Björnstad, gosta de caça e de pesca e de pessoas que não falam muito.

Assim, se alguém disser: «Benji», Gaby exclamará, ansiosa: «Aconteceu-lhe alguma coisa?»

Katia suspirará e dirá: «O que é que ele fez agora?»

Mas Adri empurrará a pessoa contra a parede e perguntará com maus modos: «Que raio é que quer com o meu irmão?»

Gaby preocupa-se, Katia resolve problemas, Adri protege: essa foi a divisão de responsabilidades desde que o pai pegou na espingarda e se meteu pela floresta. Sabem que não conseguem ensinar um coração como o de Benji, mas talvez consigam domá-lo. Assim, quando ele vive como um nómada, umas vezes em casa da mãe, outras vezes na floresta, ou com uma das irmãs, elas retomam os seus papéis tradicionais. Se Benji estiver em casa de Gaby, ela ainda se levanta de noite para ver se ele está a respirar, apesar de o irmão ter dezoito anos. Quando vê Katia, ela ainda o estraga com mimos e deixa-o escapar impune a demasiadas asneiras, porque não quer que ele deixe de a procurar quando tem problemas. E quando fica no canil com Adri, ela dorme com a chave do armário das armas debaixo da almofada. Para ter a certeza de que o irmão mais novo não faz a mesma coisa que o pai.

Sempre houve adultos nesta cidade que achavam Benji um rebelde. As irmãs sabem que é precisamente o oposto. Ele tornou-se a pessoa que toda a gente queria que ele fosse, porque um rapazinho com um grande segredo sobre os ombros depressa aprende que, às vezes, o melhor sítio para o esconder é à vista de todos.

Em criança, Benji foi o primeiro a reconhecer que Kevin podia vir a ser uma estrela. Em Björnstad, jogadores como ele são chamados de «cerejeiras». Assim, Benji certificou-se de que Kevin tinha espaço suficiente no gelo para florescer. Benji era capaz de dar e receber tanta pancada que os homens nas bancadas costumavam comentar: «Aquilo é que é um jogador de hóquei! Isto não é desporto para maricas e fracotes, é para tipos como o Benji!»

Quanto mais ele lutava, mais as pessoas julgavam conhecê-lo. Até que acabou por se tornar quem queriam que ele fosse.

Agora, tem dezoito anos. Levanta-se, apoia-se na lápide, beija o nome do pai. Depois recua um passo, fecha a mão e dá um soco com toda a força no mesmo sítio que beijou. O sangue pinga-lhe dos nós dos dedos enquanto atravessa a floresta a caminho de Hed. Amanhã seria o aniversário de Alain Ovich, e esta é a primeira vez que Benji vai assinalar o dia sem Kevin. Precisa de lutar com alguém esta noite.

Não vê o *Jeep*, que está estacionado debaixo de uma árvore. A pessoa de fora caminha debaixo da chuva até à sepultura, olha para o nome gravado na pedra. Depois de voltar para o carro, escreve na sua folha de papel:

«Ovich. Se ainda quiser jogar.»

Benji. Amat. Bobo. Dentro de cada história grande há sempre muitas histórias pequenas. Enquanto três jovens em Björnstad acreditavam estar a perder o seu clube, uma pessoa de fora de Björnstad estava a construir uma equipa com eles.

*

Richard Theo, o político, está sozinho na câmara municipal quando a noite cai. Parece mais jovem do que os seus quarenta anos, uma característica genética que costumava odiar quando inspecionava os testículos pelados e esperava pela puberdade, mas da qual está agora a colher os benefícios, enquanto os seus contemporâneos arrancam os pelos grisalhos da barba e amaldiçoam a lei da gravidade de cada vez que urinam. Theo veste fatos. No máximo, os colegas vestem calças de ganga e um casaco, por isso está acostumado a que trocem dele por «parecer um ministro do governo central apesar de ser um zé-ninguém da província». Isso não o incomoda. Não se veste para o emprego que tem mas sim para aquele que quer ter.

Cresceu em Björnstad, mas nunca foi um dos miúdos populares; nunca jogou hóquei. Foi estudar para o estrangeiro e ninguém deu pela falta dele. Trabalhou num banco em Londres e esteve fora durante anos, antes de regressar subitamente a casa, com fatos caros e ambições políticas. Juntou-se ao partido político mais pequeno da área. Que já não é o mais pequeno.

Ainda há pouco tempo, Theo tinha o tipo de rosto que antigos colegas viam nas fotografias do tempo da escola e não se lembravam do nome, mas isso mudou quando o jornal local lançou uma luz negativa sobre as suas políticas. No entanto a forma como aprenderam o seu nome é indiferente para Theo. Desde que o saibam. As opiniões alteram-se.

Não estava na reunião em que Peter foi informado do destino do Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad, porque Richard Theo não faz parte do poder instituído. Todas as autarquias têm uma elite política à qual ou se pertence ou não se pertence, e aqui o sistema optou por deixar Theo de fora. Naturalmente, alegam que é por causa das suas ideias políticas, mas ele está convencido de que o verdadeiro motivo é por terem medo dele. Ele é capaz de pôr as pessoas do seu lado. Chamam-lhe populista, mas a única diferença entre ele e os outros partidos é que Theo não precisa de bandeiras: eles têm os seus gabinetes no piso superior da câmara e jogam golfe com os líderes empresariais, enquanto Richard Theo tem o gabinete no rés do chão. Obtém as suas informações de pessoas que perderam os empregos, e não daquelas que os despediram, das pessoas que estão

revoltadas e não das que estão contentes, portanto não precisa de bandeiras para saber de que lado o vento sopra. Enquanto todos os outros políticos correm na mesma direção, homens como Richard Theo vão no sentido oposto. E, às vezes, é assim que ganham.

Alguém bate à porta do seu gabinete. É tarde; ninguém viu a pessoa de fora chegar.

– Aí está você, até que enfim! E então? Já pensou? Vai aceitar o emprego? – pergunta Richard Theo sem preâmbulos.

A pessoa de fora detém-se à porta, com uma folha de papel no bolso da qual constam os nomes dos jogadores da equipa, mas a sua resposta é tão apática que é difícil perceber se isso se deve a uma falta de entusiasmo em relação à proposta ou à vida em geral.

– Quando me ligou, ofereceu-me a hipótese de treinar a equipa principal do Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad. Mas o clube vai entrar em liquidação. E mesmo que assim não fosse, já tem um treinador. E mesmo que não tivesse, você continua a ser apenas um político, não o diretor-geral, portanto, a menos que haja aqui algum sério equívoco da minha parte quanto ao funcionamento do processo democrático, é a mesma coisa oferecer-me essa posição ou um unicórnio.

– E, no entanto, vejo que ainda aqui está – responde Richard Theo, simplesmente.

– Por acaso, gosto muito de unicórnios – confessa Zackell de uma forma que não deixa adivinhar se pretende ter graça ou não.

Theo inclina a cabeça para o lado.

– Café?

– Não bebo café. Não gosto de bebidas quentes.

Theo dá um salto na cadeira, como se estivesse a tentar fugir de uma faca.

– Não bebe café? Vai ter problemas em integrar-se nesta cidade!

– Esta cidade não é única nesse aspeto – responde Zackell.

Theo ri-se.

– Você é uma criatura estranha, Zackell.

– Já me tinham dito.

Theo dá uma palmada na secretária e levanta-se com ar animado.

– Gosto disso! A comunicação social também vai gostar! O cargo é seu; deixe o diretor-geral comigo. Estou empolgado para trabalharmos juntos.

Parece estar a ponderar levantar a mão num «dá cá mais cinco!». Zackell fita-o com ar de quem deseja ardentemente que isso não aconteça.

– A minha principal ambição é que nós os dois nunca tenhamos de «trabalhar juntos». Estou aqui pelo hóquei, não pela política.

Theo levanta os braços para o céu.

– Detesto hóquei; pode ficar com essa parte toda só para si!

Zackell tem as mãos enfiadas nos bolsos do casaco de fato de treino.

– Para alguém que detesta hóquei, parece muito envolvido no assunto.

Theo semicerra os olhos com ar satisfeito.

– É porque, quando toda a gente corre para o mesmo lado, eu corro no sentido contrário, Zackell. É assim que ganho.

10

Como contará aos filhos?

As luzes no escritório de advocacia estão apagadas, exceto num gabinete. Kira Andersson trabalha enquanto a colega, refastelada em duas poltronas, pesquisa pacotes de férias no computador.

– Um pacote de férias? Nem sequer gostas de tirar um dia – comenta Kira.

A colega espreguiça-se como um gato repreendido.

– Pois não. Mas com este corpo, Kira, seria um crime contra a humanidade se não o exibisse num biquíni pelo menos uma vez por ano!

Kira ri-se. É maravilhoso que a colega ainda a consiga fazer rir com tanta facilidade. É maravilhoso ter uma amiga como ela.

– Diz-me quando marcares alguma coisa, para eu poder ligar e avisar o país em questão para fechar os maridos todos em casa.

A colega acena com ar sério.

– E os filhos. E os avôs, se eu beber *Fernet* suficiente.

Kira sorri. Depois pestaneja lentamente e murmura:

– Obrigada por estares aqui…

A colega encolhe os ombros.

– A rede em minha casa não presta.

O que é uma treta, claro. Ela ainda está no escritório porque sabe que hoje Kira não quer regressar cedo e ficar à espera de Peter pela noite dentro numa casa vazia. Não a critica, não tenta falar sobre isso; simplesmente deixa-se ficar no único gabinete que ainda tem a luz acesa.

É maravilhoso ter uma amiga assim.

*

«Nunca ames um clube de hóquei. O clube nunca retribui esse amor.» Foi a mãe de Peter quem lho disse. Ela era mais compassiva do que o pai, embora às

vezes Peter pense que se calhar o pai não era tão duro antes de ela adoecer. «Nunca acredites que és especial», dizia o pai. Evidentemente, Peter não deu ouvidos a nenhum deles.

Ligou a todas as pessoas que conhece. A todos aqueles com quem jogou. Pediu conselhos, pediu dinheiro, pediu jogadores para salvar o clube. Toda a gente compreende, toda a gente está solidária, mas o hóquei assenta em estatísticas e números. Ninguém dá nada em troca de nada.

O telefone toca: é o seu amigo de infância, o Janota, proprietário do supermercado e o último patrocinador real do Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad. Com a voz a tremer, o Janota diz:

– Mas que merda, Peter. Isto é uma merda do… Eles publicaram uma coisa…

– O quê? – pergunta Peter.

– Liguei-te para não deixares os miúdos verem. Eles… Aqueles cabrões publicaram um anúncio de falecimento no jornal local de hoje. Com o teu nome.

Peter não diz nada. Compreende a mensagem. Pode dizer a si próprio que as críticas fazem parte do trabalho e que não devia deixar que o afetassem as vezes que quiser. Mas somos todos humanos. Se aparece um anúncio com o nosso nome na secção de necrologia, incomoda.

– Ignora-os – aconselha o Janota, apesar de saber que é impossível.

Talvez houvesse uma hipótese de salvar um clube de hóquei em Björnstad mesmo sem ter ninguém do seu lado. Mas não se toda a gente estiver contra ele.

Peter desliga. Devia ir para casa, mas Maya está a acampar com Ana e Leo vai ficar a dormir em casa de um amigo. Peter e Kira estarão sozinhos e já sabe o que ela vai fazer. Vai tentar persuadi-lo a desistir.

Assim, Peter dá a volta ao *Volvo* e arranca. Sai de Björnstad e acelera pela estrada fora, cada vez mais depressa.

*

Na parede do gabinete, Richard Theo tem uma fotografia de uma cegonha.

Theo estudou estatística e sabe que a maneira mais simples de influenciar as opiniões das pessoas é demonstrar uma ligação de causa-efeito: uma má alimentação provoca doenças, o álcool causa acidentes rodoviários, a pobreza gera crime. Sabe também que os números podem ser manipulados para servir as conveniências de um político.

Num livro escrito por um britânico especialista em estatística, Theo aprendeu, por exemplo, que há estatísticas que mostram que o número de crianças nascidas por ano é muito superior em cidades onde há mais cegonhas. «O que é que isto prova? Que são as cegonhas que trazem os bebés!», escreveu o autor, em tom sarcástico. Claro que não é por isso; há mais cegonhas em cidades com muitas chaminés, porque é nas chaminés que essas aves constroem os ninhos. E muitas chaminés significa muitas casas, o que se traduz em mais pessoas, logo, mais bebés.

Assim, Richard Theo tem uma fotografia de uma cegonha na parede do gabinete para se recordar todos os dias de que aquilo que está a acontecer não importa. O que importa é a forma como o explicamos às pessoas.

*

Richard Theo interessa-se também por outros animais, como ursos e touros. Tal como todas as outras crianças da região, sabe desde pequeno que estes são os nomes informais dos dois clubes de hóquei, mas, quando começou a estudar economia no estrangeiro, aprendeu outra coisa. Em Wall Street, os corretores chamam a um mercado otimista, com os preços das ações a subir, um mercado «touro», e ao lento e implacável movimento descendente do mercado, numa recessão, mercado «urso». A ideia é que ambos são necessários, que é o conflito entre eles que mantém a economia equilibrada.

Richard Theo tem a mesma ideia sobre os clubes de hóquei, mas o seu objetivo é alterar o equilíbrio. Porque as eleições políticas são simples: quando está tudo a correr bem, quando as pessoas estão contentes, o sistema instituído vence. Mas quando as pessoas estão zangadas e em protesto, ganham os políticos

como Richard Theo. Porque é preciso conflito para que um estranho conquiste o poder. E se não houver conflito? Há que o criar.

Marca o número de um velho amigo de Londres.

– Tudo combinado? – pergunta.

– Sim, toda a gente alinha. Mas tens a noção de que os novos proprietários requerem certas… garantias políticas? – responde o seu amigo de Londres.

– Terão aquilo que querem. Certifica-te apenas de que eles aparecem aqui e fazem cara alegre para as fotografias do jornal local – pede Theo.

– E o que é que tu queres?

– Eu só quero ser amigo deles – insiste Theo.

O amigo de Londres ri-se.

– Sim, claro, o costume.

– É um bom negócio para os novos proprietários – promete Richard.

O amigo de Londres concorda.

– Muito bom negócio, não há dúvida; e não poderia ter acontecido sem o teu conhecimento especializado e os teus contactos políticos. Os novos proprietários estão reconhecidos pela ajuda. Mas, a sério: porque é que *tu* estás tão interessado na fábrica?

A voz de Theo é suave.

– Porque a fábrica fica em Björnstad. Preciso dela porque me vai dar um clube de hóquei.

O amigo de Londres ri-se outra vez. Quando ele e Theo se conheceram na universidade, em Inglaterra, Theo tinha apenas uma pequena bolsa de estudos e os bolsos vazios. A mãe era professora e o pai operário fabril e um ativo sindicalista que conquistara uma reputação de ser tão duro nas negociações que, reza a lenda, os administradores da fábrica lhe deram um cargo de subgerente só para não terem de lidar com ele. O pai de Theo engordou, acomodou-se e depressa deixou de ser perigoso. Isso ensinou a Richard Theo aquilo que era possível fazer com o poder. Assim, quando chegou à universidade, procurou conscientemente um determinado tipo de homem: os que vinham de famílias abastadas e que eram também fracos, influenciáveis e com pouca autoconfiança.

Theo era espirituoso e engraçado, um bom amigo e excelente companhia em festas, além de ter jeito para falar com as raparigas. Eram qualidades valiosas onde quer que fosse. Em troca, arranjou amigos leais que em breve herdariam dos pais dinheiro e poder. Isso ensinou a Theo o valor de ter contactos.

Quando voltou para Björnstad, podia ter-se juntado a qualquer partido político, mas escolheu o mais pequeno pela mesma razão que escolhera começar a sua carreira política em Björnstad e não numa cidade maior: às vezes, é mais eficaz ser um peixe grande num lago pequeno do que um peixe pequeno num lago grande. As afiliações e cores partidárias eram indiferentes para ele; tanto lhe fazia pertencer à extrema-esquerda como à extrema-direita. Há pessoas que são movidas por ideais, mas Richard Theo era movido por resultados. Os outros políticos acham-no um «oportunista» com «respostas simples para perguntas complexas», o tipo de pessoa que tão depressa está no meio dos desempregados no Urso Pardo a prometer-lhes investimento municipal como a dar palmadinhas nas costas dos patrões nos Montes e a prometer-lhes impostos mais baixos. Procura bodes expiatórios simples de cada vez que é cometido um crime nos Covões, de modo a poder pedir «mais Polícia» no jornal local enquanto em simultâneo critica o sistema por «não respeitar o orçamento municipal». Senta-se com ambientalistas e promete travar a influência do *lobby* da caça na política local, mas, quando lhe convém, senta-se noutras salas e atiça a frustração dos caçadores contra os amiguinhos dos lobos das cidades grandes e os ativistas antiarmas das agências governamentais.

Theo é, claro, extremamente ambivalente em relação às críticas, o que é apenas outra maneira de dizer que ele não precisa de bandeiras. A política é uma questão de estratégia, não de sonhos. Então que situação pode ele explorar a seu favor este verão?

Há muito que correm boatos de que o hospital em Hed vai ser encerrado. A fábrica em Björnstad há anos que tem vindo a reduzir pessoal. E agora o Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad é ameaçado com a bancarrota. É preciso perceber muito de vento para compreender como ganhar alguma coisa a partir destas três situações.

– Hóquei? Pensava que não gostavas de desporto – comenta o amigo de Londres, surpreendido.

– Gosto de tudo o que me possa ser útil – responde Richard Theo.

*

Duas mulheres, Fatima e Ann-Katrin, estão sentadas num pequeno carro, a atravessar a floresta. Os seus filhos, Amat e Bobo, tornaram-se companheiros de equipa na primavera, e o urso nas camisolas dos filhos aproximou também as mães. Ann-Katrin é enfermeira no mesmo hospital que Fatima limpa no verão, por isso começaram a beber café juntas e aperceberam-se de que, embora o local de nascimento nos seus passaportes possa ser muito distante, elas partilham a mesma mentalidade: trabalhar arduamente, rir bem alto e amar os filhos com todas as suas forças.

Ao princípio, claro, grande parte das conversas girava à volta dos boatos sobre o encerramento do hospital. Fatima contou a Ann-Katrin que uma das primeiras coisas que aprendera a dizer em dialeto de Björnstad, quando lá chegara com um menino pequeno nos braços, fora: «Vai ser difícil.» Fatima gostava das pessoas daqui porque não tentavam fingir que o mundo era agradável. A vida é dura e magoa, e as pessoas admitiam-no. Mas depois sorriam e consideravam: «Que importa? É suposto ser assim. Caso contrário, todos os palermas das cidades grandes conseguiriam fazê-lo!»

Ann-Katrin partilhou também as suas histórias com ela. Sobre os pais, que tinham morrido jovens, e sobre crescer no meio da floresta enquanto a economia piorava, e como se apaixonara por um homem grande e desastrado a quem chamavam Javali porque jogava hóquei como um porco selvagem ferido e só sabia patinar a direito e a toda a velocidade. Ann-Katrin nunca viajara, nunca vira o mundo, nunca sentira essa necessidade.

«As árvores mais bonitas estão aqui», garantiu a Fatima, acrescentando: «E os homens também não são maus de todo. É preciso é ter paciência.»

O Javali e os seus três filhos – Bobo é o mais velho – têm mantido Ann-

Katrin ocupada. Levanta-se cedo, alimenta-os e veste-os, ajuda o Javali com a papelada da oficina, vai para o hospital e trabalha longos turnos preenchidos com os piores dias das vidas das outras pessoas. E depois regressa, «há trabalhos de casa para fazer, e a casa para organizar, e lágrimas para limpar de vez em quando».

Mas, à noite, conta ela a Fatima, o Javali entra pela cozinha com passos mais leves do que seria de esperar de um homem daquele tamanho. E, quando a abraça, quando ela se vira, se encosta a ele e dançam, com os pés dela sobre os do marido, para que ele suporte todo o seu peso a cada pequeno passo – nessas alturas, tudo vale a pena. O mundo é aquilo.

«Lembras-te de quando as crianças eram pequeninas, Fatima? Quando os íamos buscar ao jardim de infância e eles corriam para nós e nos saltavam para cima, literalmente? Faziam-no com total abandono, porque confiavam que os apanharíamos. Esse é o meu momento preferido no mundo.»

Fatima sorri e acrescenta: «Sabes que mais? Quando o Amat joga hóquei, quando ele está feliz, ainda me sinto assim. Sabes o que quero dizer?»

Ann-Katrin sabe exatamente o que ela quer dizer. Foi assim que se tornaram amigas.

Quando Ann-Katrin perdeu as forças no refeitório do hospital, uma tarde há algumas semanas, foi Fatima que a segurou. Foi uma das primeiras pessoas a quem Ann-Katrin falou da sua doença. Fatima foi com ela às consultas, levou-a a especialistas noutro hospital para que o Javali pudesse ficar em casa e ter a oficina a funcionar. Agora, estão sentadas no carro, quase a chegar a casa, e Ann-Katrin sorri, cansada.

– Fazes demasiado por mim.

Fatima responde com firmeza:

– Sabes o que aprendi quando vim para Björnstad? Que se não olharmos uns pelos outros, ninguém o fará.

– «Os ursos cagam na mata, mas o resto do mundo caga em Björnstad!» – enuncia Ann-Katrin, a imitar um dos velhos tios bêbados do Urso Pardo, e as

duas mulheres riem-se.

Quando param na relva em frente da oficina, Fatima murmura:

– Tens de contar ao Bobo que estás doente.

– Eu sei. – Ann-Katrin funga com o rosto escondido nas mãos.

Queria esperar até a época de hóquei começar, para que Bobo tivesse para onde levar os seus sentimentos. Mas não há tempo. Então como há de fazê-lo? Como contará aos filhos que vai morrer?

*

O Celeiro é um bar nos arredores de Hed; tem música ao vivo e cerveja barata e, como todos os sítios do género, tornou-se um ponto de encontro natural para as pessoas que querem esquecer os seus problemas e para aquelas que andam à procura de problemas. Katia Ovich está sentada no escritório, debruçada sobre as contas, quando um dos seguranças bate com os nós dos dedos na ombreira da porta.

– Sei que não querias ser interrompida, mas o teu irmãozinho está sentado ao balcão. De *T-shirt.*

Katia baixa a cabeça e suspira. Depois levanta-se, dá uma palmadinha no ombro do segurança e promete tratar do assunto.

E, de facto, Benji está sentado ao balcão, o que por si só não é um problema. Ele praticamente cresceu no Celeiro e, em noites de falta de pessoal, foi para trás do balcão servir cerveja muito antes de ter idade para a poder comprar. Mas agora as coisas são diferentes. Os clientes habituais do Celeiro são apoiantes do clube de Hed; todavia, deixaram Benji continuar a frequentá-lo por três razões: primeira, os clientes habituais gostam de Katia; segunda, Benji era apenas um jogador da equipa de juniores de Björnstad; e terceira, o rapaz teve sempre o bom senso de usar camisolas de manga comprida.

Mas atualmente tem dezoito anos, e se jogar hóquei este outono fá-lo-á pela equipa principal, e está sentado ao balcão de *T-shirt,* deixando toda a gente ver a tatuagem do urso no seu braço. Na mesma semana em que alguém publicou um

vídeo *online* das bandeiras do Clube de Hóquei no Gelo de Hed a arder e uma autarca de Hed, que falou em público sobre a possível falência do Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad, acabou com um machado no capô do carro.

– Vais vestir uma camisola por cima disso? – pergunta Katia quando sai para trás do balcão.

Benji sorri.

– Olá, irmã preferida.

Sempre foi o seu truque, quando era pequeno, e a fraqueza dela era nunca conseguir zangar-se porque queria que ele gostasse mais dela do que das outras irmãs. Solta um suspiro pesaroso.

– Por favor, Benji, não podes ir fazer isto noutro lado qualquer?

Aponta para a cerveja dele. Katia sabe que não consegue impedir ninguém da família de fazer seja o que for; aprendeu-o bem cedo. Amanhã seria o aniversário do pai.

– Não te preocupes, irmã preferida – diz Benji.

Como se ela tivesse escolha. Fita-o com ar suplicante.

– Acaba a cerveja e vai para casa, está bem? Eu só preciso de acabar as contas, estarei despachada dentro de quinze minutos.

Benji debruça-se por cima do balcão e dá-lhe um beijo na face. Ela tem vontade de o abraçar e de lhe bater, como de costume. Olha em volta; o bar não está nem um quarto cheio, e a maioria dos clientes é demasiado velho ou está demasiado embriagado para se preocupar com a tatuagem de Benji. Katia reza para o conseguir tirar dali antes que a situação mude.

*

Quando Amat perde a força nas pernas, dá meia-volta e volta para trás, a correr agora mais devagar. A meio caminho, cruza-se com um *Volvo*. É o carro de Peter Andersson. Talvez Amat devesse ter-se contido, talvez devesse ter mais dignidade, mas põe-se aos saltos e abana os braços freneticamente. O carro abranda, embora quase como se a contragosto. Amat inclina-se para a janela

aberta e as palavras brotam-lhe dos lábios, entrecortadas pela respiração ofegante.

– Olá, Pe… Peter, queria só perguntar… esta conversa toda sobre o clube… vai haver… quer dizer, teremos equipa de juniores no outono? Eu quero jogar, tenho…

Peter não devia ter parado o carro; devia conhecer-se a si próprio o suficiente para não descarregar os seus sentimentos num rapaz de dezasseis anos. Por um momento esquece-se do que Amat fez na primavera, de que a razão para que este jogador dos juniores não possa ir para Hed agora é porque testemunhou em defesa de Maya. Porque salvou o emprego de Peter. Mas, às vezes, o desgosto e a raiva consomem tão completamente um homem que ele não consegue levar em consideração que os outros também têm sentimentos.

– Amat, tenho muito em que pensar. Falamos noutra altura.

– Quando? Não tenho onde *jogar!* – exclama Amat, sem fôlego.

Talvez não quisesse soar zangado, mas sente-se assustado. A consciência culpada de Peter ameaça sufocá-lo e, em alturas dessas, por vezes o oxigénio não chega aos sítios certos do nosso coração, o que o leva a retorquir:

– Estás com dificuldades de audição, Amat? ESTOU-ME BORRIFANDO PARA A EQUIPA DE JUNIORES! Nem sequer sei se ainda tenho CLUBE!!!

Só nessa altura Amat percebe que Peter esteve a chorar. O rapaz recua lentamente. Peter segue caminho, absolutamente destroçado. À chuva, não viu que havia também lágrimas no rosto do rapaz.

*

Um homem de vinte e cinco, talvez vinte e sete anos, está sentado ao balcão no Celeiro. Calças de ganga, polo de manga curta. Bebe cerveja e tem um livro aberto à sua frente. Quando Katia volta a desaparecer no escritório, ele olha para Benji, levanta uma sobrancelha e pergunta:

– Será melhor mudar de lugar?

Benji vira-se para ele com aquele ligeiro sorriso descontraído nos cantos dos lábios que as pessoas acham tão contagiante.

– Porquê?

O outro homem sorri.

– A tua irmã parece estar convencida de que vais arranjar problemas. Portanto estou a pensar se deveria mudar de lugar.

– Isso depende se gostas ou não de problemas – responde Benji, e bebe mais um trago de cerveja.

O homem de polo acena com a cabeça. Olha de relance para a mão de Benji e vê o sangue seco nos nós dos dedos.

– Já vivo aqui há quatro horas. Qual é o período de espera razoável antes de me meter em problemas?

– Depende de quanto tempo tencionas ficar. Que livro é esse?

A pergunta é tão inesperada que, por um momento, o homem não sabe o que dizer; depois apercebe-se de que talvez fosse esse o objetivo. Benji tem muitas maneiras de deixar os outros inseguros.

– Era… ou seja, *é* uma… é uma biografia de Friedrich Nietzsche – responde, pigarreando.

– O tipo do abismo? – pergunta Benji.

O homem de polo parece surpreendido.

– «Se olharmos longamente para o abismo, o abismo também olha para nós.» Sim, é esse Nietzsche.

– Pareces surpreendido – comenta Benji.

– Não… – mente o outro homem.

Benji bebe a sua cerveja. Durante muitos anos, o castigo da mãe, quando ele se metia em lutas na escola, era obrigá-lo a ler o jornal. Não podia voltar aos treinos de hóquei enquanto ela não o pusesse à prova em todas as áreas: o editorial, as notícias internacionais, a cultura, a política. Ao fim de alguns anos, isso tornou-se demasiado fácil para ele e a mãe começou a usar clássicos da literatura. Ela própria mal os conseguia ler, mas sabia que o filho era mais inteligente do que dava a entender. Assim, o castigo por se portar mal era

também um lembrete: tu és melhor do que isso.

Benji olha para o homem de polo com um riso irónico.

– Estavas à espera de que eu papagueasse: «Aquilo que não nos mata, torna-nos mais fortes», ao ouvir falar em Nietzsche? Ou talvez: «No Céu, todas as pessoas interessantes estão ausentes.» Ou… como é que é? «Aqueles que eram vistos a dançar foram considerados loucos pelos que não conseguiam ouvir a música.»

– Acho que essa última não foi Nietzsche – responde o homem cautelosamente.

Benji bebe a cerveja de uma forma que torna impossível perceber se se enganou na citação ou se era um teste. Depois diz:

– Ainda pareces surpreendido.

– Eu… não… Bem, para ser franco, não pareces o tipo de pessoa que costuma citar Nietzsche – confessa, a rir.

– Há muitas coisas que eu não pareço – diz Benji.

Os cantos da sua boca estão outra vez a dançar.

*

Bobo e a mãe vão dar uma longa caminhada pela floresta nessa noite. Ela quer explicar-lhe que é difícil ser adulto, que o mundo é complexo, mas não sabe como. Enquanto Bobo crescia, tentou ensinar-lhe que a violência é errada, mas esta primavera ele esteve envolvido na pior luta da sua vida, por pouco não ficou seriamente magoado, e ela raramente teve tanto orgulho dele como nesse dia. Porque ele defendeu Amat. Levou uma tareia por causa disso. Assumiu uma posição até ao fim.

Durante muitos anos, sempre gostou que Bobo fosse tão meiguinho. Os outros rapazes ficavam envergonhados quando as mães os beijavam na testa em frente dos amigos, mas o dela não. Era o tipo de rapaz que dizia: «O teu cabelo hoje está muito bonito, mãe.» Agora deseja que ele fosse mais duro. Mais frio. Talvez conseguisse lidar melhor com isto.

– Não estou bem, Bobo… – murmura.

Bobo chora quando ela lhe conta, mas ela chora mais. Bobo já não é o menino que costumava saltar-lhe para o colo; hoje é grande o suficiente para ter espaço no peito para a maior tristeza, e alto e forte o suficiente para pegar na mãe ao colo e a levar para casa depois de ela lhe dizer que vai morrer. Ela murmura, com a cara encostada ao pescoço dele:

– Sempre foste o melhor irmão mais velho do mundo. Agora terás de ser ainda melhor.

Nessa noite, ouve-o a ler Harry Potter ao irmão e à irmã mais novos. Nessa noite, o Javali faz um chá fraco e Bobo entra na casa de banho e segura no cabelo da mãe enquanto ela vomita. Quando ela está deitada na cama, o filho limpa-lhe as faces e diz:

– Queres saber uma coisa? Sabes como estás sempre a lamentar-te de que nunca hei de arranjar namorada porque os meus padrões são demasiado elevados? A culpa é tua. Porque quero alguém que olhe para mim como tu e o pai olham um para o outro.

Ann-Katrin aperta a cabeçorra pateta do filho contra a sua. Como gostaria de o poder ver casar. Ser pai. A vida, às vezes, é tão, tão difícil que se torna quase insuportável. Mesmo que seja assim que é suposto ser.

*

Katia está quase despachada da papelada quando o segurança entra a correr. Sabe que é tarde de mais. Nenhum dos clientes que estavam no Celeiro se teria dado ao trabalho de discutir com Benji por causa da tatuagem, mas alguém ligou a uns tipos que não são tão tolerantes com a liberdade artística. Um deles tem um touro tatuado no antebraço. Quando eles entram, Benji vira-se para o tipo do polo e sugere:

– Agora é que é capaz de ser boa altura para mudares de lugar!

Sorri ao dizê-lo, como uma criança marota que deixou uma almofada de peidos escondida numa cadeira. Nenhum dos homens à porta está em tão boa

forma como Benji, nem de longe, mas são quatro e ele está sozinho. Salta com entusiasmo do banco de bar, como se estivesse satisfeito por serem tantos, como se isso equilibrasse as coisas. Os outros não correm para ele; é Benji que se dirige para eles sem hesitar, o que os deixa nervosos por um instante, o suficiente para lhe dar uma vantagem. O homem da tatuagem do touro apanha uma garrafa de cerveja vazia de uma das mesas, por isso Benji decide atacá-lo primeiro.

Mas não tem hipótese.

O homem de polo vê Katia sair a correr do escritório e atirar-se para o meio do grupo de homens. Empurra o tipo que tem a garrafa de cerveja contra a parede e grita-lhe:

– Um soco que seja, aqui dentro, e ficas a beber em casa durante um ano!

Depois vira-se para Benji e vê uma expressão muito familiar nos olhos do irmão. A mesma que a irmã mais velha, Adri, costuma ter, a mesma do pai: se não houver guerra, eles arranjam-na.

– Benji… Aqui não, hoje não… por favor… – murmura.

Apoia as mãos no peito dele, sente-lhe o bater do coração. Benji tem o pulso tranquilo, a respiração calma. Quatro homens adultos querem dar-lhe uma tareia e ele nem sequer tem medo.

Nada assusta Katia mais do que isso.

Benji fita-a nos olhos. A irmã tem os olhos da mãe, e não são muitas as vezes que lhe pede alguma coisa. Assim, beija-a na face e ri-se com ar trocista para os quatro homens à porta.

– Vão entrar ou sair? Quero ir para casa. Por isso se não estiverem muito ocupados a apalpar a pila uns aos outros, importam-se de me sair da frente?

Os homens olham para Katia e para os seguranças e, por fim, afastam-se. O que queriam mostrar ficou bem claro: já não é aceitável aparecer em Hed com uma tatuagem de um urso. Björnstad pode ter uma Matilha, mas aqui também há homens preparados para marcar a sua posição.

Ao sair, Benji solta uma gargalhada sonora. Os homens que ele deixou para trás tremem de fúria. Um deles murmura a Katia:

– O teu irmão tem muita sorte por te ter. Salvaste-lhe a vida.

Katia lança-lhe um olhar fulminante.

– Achas? A sério? Achas mesmo que eu salvei a vida *dele*?

O homem tenta sorrir com ar confiante, mas tem a boca seca. Katia solta uma fungadela desdenhosa. Vai buscar as suas coisas ao escritório, mete-se no carro e arranca, mas Benji já desapareceu na noite, onde ela não o encontrará.

*

Todos os desportos são parvos. Todos os jogos são ridículos. Duas equipas, uma bola, suor e grunhidos, e para quê? Para que, durante alguns momentos desconcertantes, possamos fingir que é a única coisa que importa.

Nessa noite, o Javali e Bobo esvaziam a oficina. Nunca tiveram muitas conversas de pai e filho e talvez estejam preocupados, com receio de optar agora pela alternativa mais fácil. Há garrafas de bebida naquela casa, como nas outras todas. Assim, escolhem uma opção diferente: tiram os carros e afastam as ferramentas e máquinas até a oficina estar vazia.

Depois vão buscar *sticks* de hóquei e uma bola de ténis. Jogam um contra o outro a noite toda, a suar e a grunhir, como se fosse a única coisa que importa.

*

Quando a porta se fecha atrás de Benji, ele caminha sozinho durante alguns metros e embrenha-se pela floresta. Depois para, de mãos nos bolsos, e olha em volta. Como se estivesse a debater se há de ou não de tentar arranjar outra maneira de complicar esta noite, ou se o melhor é escolher uma árvore, trepar-lhe e fumar erva até adormecer. A voz atrás de si é, ao mesmo tempo, esperada e inesperada.

– Nunca estive metido numa luta, nem por uma vez, portanto não servirei de grande coisa se é disso que andas à procura. Mas não me importava de ir beber uma cerveja a outro lado qualquer – sugere o homem de polo.

Benji olha para trás por cima do ombro.

– Conheces algum sítio de jeito por estes lados?

O homem ri-se.

– Como te disse, só estou a viver aqui há quatro horas. Mas… tenho casa. E um frigorífico.

Nunca fez isto antes, convidar alguém para a sua casa tão depressa; as coisas com ele nunca funcionaram assim. Mas Benji tem algo que encoraja as pessoas a serem espontâneas. E também imprudentes.

Seguem pelo caminho da floresta. O homem arrendou uma cabina num parque de campismo nos arredores de Hed, já a caminho de Björnstad, longe o suficiente para não se ver de nenhuma das cidades. Beijam-se durante muito tempo no corredor.

Quando o homem acorda na sua cama, na manhã seguinte, Benji já lá não está.

O homem vê o livro onde o largou, entre a porta e o quarto. Folheia-o até encontrar a citação que procura: «É preciso termos o caos dentro de nós para gerar uma estrela dançante.»

*

A alguma distância dali, um rapaz está num cemitério, a disparar discos de hóquei contra uma lápide. Tem os nós dos dedos esfolados e, dentro dele, há tormentos ainda piores. Alain Ovich está morto e Kevin Erdahl é como se estivesse. Benji é um homem que gosta de homens e perde todos aqueles que ama.

É difícil alguém ter maior caos dentro de si.

11

Uma última oportunidade de ser um vencedor

É impossível medir o amor, mas isso não nos impede de arranjar novas maneiras de tentar. Uma das mais simples é espaço: quanto espaço estou disposto a dar à pessoa que és, para que possas tornar-te a pessoa que queres ser?

Kira fez uma vez uma corajosa tentativa de discutir isto com Peter em termos de hóquei no gelo.

«Um casamento é como uma época de hóquei, querido, está bem? Nem mesmo a melhor equipa pode estar sempre no seu máximo em todos os jogos, mas são bons o suficiente para ganhar mesmo quando jogam mal. Um casamento é igual: não se mede pelas férias em que bebemos de mais antes de almoço, e o sexo fantástico, e o maior problema ser a areia estar muito quente e o sol fazer reflexo no ecrã do telemóvel quando queremos jogar. Mede-se pela vida quotidiana, em casa, no seu nível mais baixo, pela maneira como os dois falam um com o outro e resolvem os problemas.»

Peter ficou aborrecido, como se ela estivesse a tentar provocar uma discussão, e perguntou-lhe o que é que queria. Ela respondeu que queria «ter uma conversa adulta sobre os nossos problemas». Ele pensou nisso durante um excessivo bocado de tempo e por fim disse: «Para mim é um problema que tu deixes sempre um restinho de nada no pacote de leite e o voltes a colocar no frigorífico só porque não estás para te dar ao trabalho de o passar por água e meter no caixote da reciclagem.»

Ela olhou para ele e questionou: «Achas que *esse* é o maior problema do nosso casamento?»

Insultado, ele resmungou: «Para que é que te dás ao trabalho de *perguntar* se depois vais criticar-me a resposta?»

Ela massajou as têmporas. Ele saiu, bateu com a porta e foi para o jogo de hóquei.

Uma relação assim é complicada.

Esta noite, Kira está sentada à mesa da cozinha. Viu o anúncio da morte do marido no jornal. A garrafa de vinho à sua frente está por abrir; tem dois copos ao lado. Gira a aliança no dedo, à volta, à volta, como se fosse uma porca que está a tentar apertar. Às vezes experimenta tirá-la, só para ver qual seria a sensação. Frio, sente frio, como se a pele nesse sítio estivesse mais fina.

É já tarde quando ouve o *Volvo* chegar. É ridículo, e ela sabe que é, mas vai-se pôr atrás da porta. Porque, quando ouvir os passos de Peter lá fora, quer saber se ele enfia logo a chave na fechadura ou se faz uma pausa primeiro. Se hesita. Se fica parado ao relento e respira fundo algumas vezes antes de reunir coragem para entrar.

*

Peter para com a mão na maçaneta da porta. Encosta suavemente a testa à madeira, como se estivesse a tentar ouvir a respiração da casa, perceber se há alguém acordado no interior. Não faz assim tanto tempo que ouviu Kira, quando pensava que ele estava a dormir, a falar ao telefone com alguém, na cozinha: «Há vinte anos que ele diz que para o ano será a minha vez de me dedicar à carreira. Para o ano. Achará mesmo que é a única pessoa que tem de saber até onde pode chegar naquilo em que é bom?»

Há vinte anos que Peter diz a si mesmo que não é por si que está a fazer isto, mas pelos outros. Tornou-se jogador profissional de hóquei no Canadá para poder ajudar a família. Aceitou o cargo de diretor-geral em Björnstad porque a família precisava de um lugar seguro depois de terem perdido Isak. Lutou pelo clube porque estava a lutar pela cidade, visto o Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad ser o orgulho da comunidade e a única forma de este pedaço do país recordar às pessoas das cidades grandes que ainda havia gente a viver ali. Que ainda podiam levar a melhor.

Mas agora já não tem a certeza. Talvez esteja apenas a ser egoísta? Tenta não pensar no anúncio da sua morte no jornal. Sempre teve tendência para se preocupar, para ficar ansioso com tudo – as contas por pagar, se a máquina de

café ficou desligada –, mas esta noite é diferente. Esta noite está assustado.

Está a enfiar a chave na fechadura quando um estalido metálico atrás de si o sobressalta. A porta de um carro abre-se na rua.

Um homem vestido de preto sai e dirige-se para ele.

*

Dois carros atravessam a floresta. Um deles trava mesmo em frente ao canil e dele sai um homem de blusão preto que nunca conseguiria fechar sobre o peito musculado. Aperta a mão a Adri. Foram colegas no secundário, há meia vida, e Adri não tem nada contra ele exceto o facto de ser menos brilhante do que uma lâmpada fundida. Uma vez, teve de lhe explicar que o sul num mapa não significava que houvesse mesmo uma encosta a descer, e, de outra vez, que as ilhas não boiavam no mar mas estavam na realidade fixas ao leito do oceano. A árvore genealógica dele não tem muitos ramos. Fez uma tatuagem nova na mão, repara Adri, uma teia de aranha tão torta que se vê obrigada a perguntar:

– Mas que raio? Perdeste alguma aposta?

– O quê? – pergunta ele, sem perceber, e olha para a mão, obviamente sem lhe ocorrer que parece que o tatuador daquilo estava a trabalhar às escuras.

Uma vez, na escola, alguém lhe chamou «Aranha» porque tinha pernas compridas, finas e peludas. Ele era o tipo de rapaz que não se importava com o que lhe chamassem, desde que soubessem quem ele era, e portanto apoderou-se do insulto. Desde então fez pelo menos uma dúzia de tatuagens relacionadas com aranhas, todas elas, pelos vistos, executadas por bêbados sentados em cima de um martelo pneumático.

Adri abana a cabeça e abre o porta-bagagens do carro do Aranha, que está cheio de caixas de garrafas de álcool. Adri repara que o outro carro ficou à espera ao fundo da estrada, como de costume, na orla da floresta. O condutor está sentado atrás do volante, para poder avisá-los se houver sinal de visitas indesejadas, mas o passageiro sai do carro. Adri também o conhece há muitos

anos, e – ao contrário do Aranha – este não é decididamente idiota.

É isso que o torna perigoso.

Chama-se Teemu Rinnius. Não é particularmente corpulento, nem particularmente alto, e tem o cabelo sempre tão bem penteado que os amigos lhe chamam «o Contabilista», mas Adri já o viu lutar e sabe que, por baixo daquele cabelo, a cabeça dele é feita de betão. Dá pontapés tão fortes que, nesta cidade, os cavalos é que têm medo de ficar atrás dele. Quando era mais novo, ele e o irmão eram tão conhecidos que os caçadores costumavam comentar, na brincadeira: «Sabes porque é que nunca deves deitar os irmãos Rinnius abaixo quando eles passam de bicicleta? Porque o mais certo é que seja a *tua* bicicleta!»

Agora, que é mais velho, já ninguém faz piadas sobre ele; e se um forasteiro chega à cidade e pergunta por Teemu Rinnius, até a criancinha mais pequena tem o bom senso de responder: «Quem?»

Teemu não veste blusão preto; não precisa. Abre a porta de trás do carro e deixa sair dois cães. Comprou-os a Adri quando eram cachorrinhos, portanto se alguém quiser saber o que está a fazer aqui esta noite, pode responder que anda a pensar em comprar outro. Não tem horário certo para as entregas, não segue uma rotina fixa; Adri recebe um telefonema algumas horas antes e ele aparece depois de escurecer. Ela chama-lhe «o Grossista», meio a sério, meio a brincar; Teemu trata-a por «a Retalhista». Dois carros não podem ir de porta em porta em Björnstad a entregar garrafas de bebida sem levantar suspeitas, mas toda a gente sabe que os caçadores da área costumam passar pelo canil de vez em quando para ver os cachorros e beber um café. Talvez apareçam um pouco mais do que os outros, estes caçadores, especialmente antes das alturas mais festivas. Mas se perguntarem a alguém por Adri, aqui todos dirão o mesmo – que ela faz um café espetacular.

Os homens de blusões pretos andam sempre em dois carros e Teemu nunca se senta naquele que leva a bebida. Há investigações policiais que afirmam que ele é o líder de «um violento bando de *hooligans* conhecido como a Matilha, apoiantes do Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad». Há muitas histórias sobre a influência dele nos assuntos do clube – por exemplo que os jogadores mais

bem pagos da equipa principal que não jogam tanto como deviam rasgaram eles próprios os seus contratos –, mas nunca houve provas. E naturalmente que não há provas de que a Matilha esteja envolvida no contrabando organizado de álcool, ou que negoceie em carros ou motas de neve roubados. Nunca existiu qualquer prova de que a Matilha tenha ameaçado alguém, tal como as redes criminosas costumam fazer para consolidar as suas credenciais violentas. As investigações policiais afirmam que a Matilha não precisa disso porque usam os jogos de hóquei para autopromoção. A teoria é que qualquer pessoa que tenha visto os blusões pretos reunidos nas bancadas do rinque, ou ouvido o que eles fizeram aos apoiantes de outras equipas que os desafiaram, compreenderia a gravidade da situação se eles lhe aparecessem à porta.

Mas claro que isso não passa de disparates. Boatos e exageros por parte de tipos da cidade grande que viram demasiados filmes. Se perguntarem pela Matilha a qualquer pessoa que viva em Björnstad, a resposta será apenas: «Qual matilha?»

Quando Adri tira a última caixa de garrafas do porta-bagagens do carro, repara num grande machado por baixo e revira os olhos.

– A sério, Teemu, não achas que é um bocadinho suspeito ter um machado na bagageira quando todos os polícias da região viram as fotografias do carro da vereadora em Hed?

Não há muitas pessoas que ousem falar daquela maneira com Teemu, mas ele parece apenas divertido.

– Adri, pensa lá: depois do que aconteceu ao carro daquela pobre mulher em Hed, não seria mais suspeito se *não* andássemos com machados nos carros?

Adri desata a rir.

– És tão parvo. Só que não és nada… *parvo*.

Teemu sorri.

– Muito obrigado.

*

Depois de Ana adormecer, na ilha, Maya fica acordada e escreve letras de músicas sobre ódio. Às vezes alonga-se durante tanto tempo que acaba por escrever sobre amor. Não aquela paixão assolapada que faz estremecer céu e terra, mas o amor enfadonho, que é toda a vida de uma pessoa. Não sabe porquê mas, este verão, tem pensado muito nos pais.

Quando somos adolescentes, queremos que os nossos pais sejam criaturas assexuadas, mas ao longo do tempo as pequenas memórias de manifestações de afeto entre os pais ficam-nos gravadas no ADN. Os pais que se divorciam, como os de Ana, não conseguem impedir uma criança de acreditar no amor eterno. Os pais que ficam juntos a vida toda podem, por outro lado, fazer com que uma criança ache que isso é garantido.

Maya lembra-se de coisas insignificantes da infância. A maneira como a mãe se ria ao descrever o estilo de vestir do marido como um «polícia à paisana numa discoteca de liceu». Ou como o pai abanava a cabeça ao pegar no pacote de leite quase vazio todas as manhãs e resmungava: «Bem-vindos à tentativa de hoje do Recorde Mundial do Guinness, em que tentaremos fazer o galão mais pequeno do mundo.» Como a mãe perdia a cabeça se encontrasse peúgas espalhadas pelo chão, e o pai afirmava que quem se esquecesse de limpar o escorredor dos pratos devia ser levado a tribunal por crimes de guerra. Como a mãe se mudou para o outro lado do mundo duas vezes por causa do hóquei do marido, e os olhares de admiração que ele lhe lançava enquanto ela atendia telefonemas de trabalho na cozinha, como se a mãe fosse a pessoa mais inteligente, mais engraçada, mais teimosa e mais contestatária que ele jamais conheceu e ainda lhe custasse a acreditar que eram casados.

Maya lembra-se de que ela e o irmão Leo não souberam os nomes verdadeiros dos pais durante anos porque eles se tratavam sempre por «querido» e «querida». Que eles nunca mencionam a palavra «divórcio», nem mesmo quando discutem, porque sabem que essa é a opção nuclear e que, se usarem essa ameaça uma vez, todas as discussões daí para a frente acabarão da mesma maneira. E pensa na forma como de repente eles pareceram deixar de se irritar

com as pequenas coisas, como a casa está silenciosa, como mal conseguem olhar um para o outro depois do que aconteceu a Maya. Como nenhum deles consegue mostrar ao outro o quanto foi afetado pelo sucedido.

Os filhos reparam quando os pais se perdem um ao outro nas coisas mais ínfimas, em algo tão insignificante como uma palavra, por exemplo «tua» ou «teu». Maya manda-lhes uma mensagem todos os dias de manhã e finge que é para não ficarem preocupados com ela, mas na realidade é o oposto. Está habituada a que eles se refiram um ao outro por «a mãe» e «o pai»: «A mãe não queria mesmo pôr-te de castigo em casa durante mil anos, querida» ou «O pai não destruiu o teu boneco de neve de propósito, ele tropeçou sem querer, querida.» Mas de súbito, de um dia para o outro, quase com naturalidade, um deles escreve: «Não podes ligar à tua mãe? Ela fica tão preocupada quando não estás em casa.» E o outro digita: «Lembra-te, o teu pai e eu amamos-te muito.» Três letras que podem revelar o fim de um casamento. «Teu.» «Tua.» Como se já não pertencessem um ao outro.

Maya senta-se numa ilha, num lago, no meio da floresta, e escreve canções sobre isso, porque não suporta estar em casa a assistir.

*

Campo Minado

É um campo minado que percorres agora
Cada palavra uma bomba, mas continuas a andar
Até ouvires um estalido abafado debaixo do pé
e ser tarde de mais para voltar atrás.

O pior de ser uma vítima é ter-vos tornado vítimas
Não consigo consertar-vos agora, por mais que queira
Posso estar morta, mas vocês é que foram enterrados
Eu fui atacada, mas vocês foram destruídos.

*

Os homens dos blusões pretos apertam a mão de Adri e dirigem-se para os carros, mas Teemu fica onde está e acende um cigarro. Adri enfia na boca um pedaço de tabaco de mascar do tamanho de um punho de bebé. Ela também não é parva; sabe quem são os membros da Matilha e do que são capazes, mas é uma pessoa pragmática.

Certo verão, há alguns anos, Björnstad sofreu uma vaga de assaltos. Um gangue aparecia a meio da noite, em carrinhas, e, numa dessas ocasiões, um velho foi espancado quando os tentou travar. De outra vez, um vizinho dele chamou a Polícia enquanto o assalto estava em curso. Três horas depois, apareceu um único carro-patrulha. Adri lembra-se de que, meses antes, houvera relatos de caça ilegal ao lobo na floresta, não muito longe dali, e que a Polícia aparecera com helicópteros, a Unidade de Crime Nacional e uma equipa de intervenção. Sejam quais forem as opiniões de uma pessoa quanto ao assunto, quando se vê os lobos serem mais bem protegidos do que os velhotes, uma pessoa passa a depositar mais confiança no transgressor que tem ao seu lado do que nos criminosos do governo e da autarquia. Não tem nada a ver com moral. A maior parte das pessoas é como ela: pragmática.

Quando o gangue de ladrões voltou, os homens de blusões pretos estavam à espera deles. Nessa noite, toda a gente em Björnstad trancou a porta, aumentou o volume da televisão; depois, ninguém fez perguntas.

Não houve mais assaltos.

Teemu é louco, Adri não discutiria isso com ninguém, mas ama esta cidade da mesma maneira que ela. E ama o hóquei. Assim, agora tem no rosto um sorriso arreganhado.

– Este ano, o Benji vai jogar pela equipa principal, não é? Deves estar tão orgulhosa! Já viram a lista de jogos? Ele está entusiasmado?

Adri acena afirmativamente. Sabe que, no gelo, Benji é tudo o que Teemu quer de um jogador de Björnstad: duro, destemido, feroz. E é aqui da terra, um

rapaz que se saiu bem, um vizinho. Homens como Teemu adoram isso. E sim, Adri viu o calendário de jogos; fora publicado *online* nessa manhã. Björnstad jogará contra Hed na primeira partida da época.

– Vai jogar, sim… se houver um clube em Björnstad – responde ela com uma risada seca.

Teemu sorri, mas a sua expressão é cada vez mais difícil de interpretar.

– Estamos a contar com o Peter Andersson para resolver isso.

Adri observa-o. Foi a Matilha que garantiu que Peter vencia a moção de confiança na primavera passada e mantinha o seu cargo de diretor-geral; ninguém o pode provar, mas toda a gente sabe. Sem os votos deles, Peter estaria na rua. Agora o clube perdeu quase todos os seus patrocinadores para Hed, por isso a Matilha correu um grande risco.

Ramona, a proprietária do Urso Pardo, costuma dizer: «O Teemu pode não saber a diferença entre o certo e o errado, mas podem ter a certeza de que sabe a diferença entre o bem e o mal.» Talvez ela tenha razão. A Matilha apoiou o diretor-geral e a filha deste contra a estrela da equipa, Kevin. Mas esse pode revelar-se um fardo perigoso para o diretor-geral se levar o clube da Matilha à falência.

– Estão mesmo? É que vi o anúncio da morte dele no jornal – comenta Adri.

Teemu ergueu uma sobrancelha.

– Talvez fosse alguma brincadeira.

– Ou alguém do teu lado das bancadas estivesse a mandar uma mensagem?

Teemu esfrega a cabeça com um ar de preocupação falso.

– A bancada é grande. Não consigo controlar tudo.

– Se o Benji for apanhado nesta porcaria de alguma maneira, mato-te.

Teemu solta uma gargalhada e o som ecoa por entre as árvores.

– Não há muita gente que fale assim comigo, Adri.

– Eu não sou *muita gente* – recorda-lhe ela.

Teemu acende um novo cigarro com a beata do anterior.

– Foste tu que ensinaste o teu irmão a jogar hóquei, não foste?

– Ensinei-o a lutar.

O riso de Teemu ecoa de novo entre as árvores.

– E quem é que vence se lutares com ele agora?

Adri baixa os olhos. A sua voz fica embargada.

– Eu. Porque tenho uma vantagem desleal. O Benji não é capaz de magoar as pessoas que ama.

Teemu acena, aprovador. Depois dá-lhe uma palmadinha no braço e diz:

– Só lhe pedimos uma coisa no rinque. O mesmo que pedimos a todos.

– Que o Benji dê o seu melhor e se divirta? – sugere ela com sarcasmo.

Teemu sorri. Ela sorri também. Porque sabe ao que ele se refere. Vencer. É tudo o que se pede por aqui. Teemu dá-lhe um envelope e diz:

– A Ramona ouviu dizer que tu e o Sune começaram uma equipa feminina para miúdas de cinco anos. Isto é do fundo comum.

Adri ergue os olhos, surpreendida. O «fundo comum» é uma pequena caixa de dinheiro que Ramona tem no Urso Pardo para ajudar os clientes habituais que ficaram sem emprego e não conseguem pagar as contas. Todas as gorjetas vão lá parar, e as pessoas deixam gorjetas maiores no Urso Pardo do que seria expectável. Teemu paga sempre o dobro pela sua cerveja, porque uma vez, quando era mais novo, depois de pôr na rua um dos namorados mais desagradáveis da mãe, alguém passara por sua casa e dera à família um envelope como este. Teemu nunca mais deixou ninguém bater na mãe, e, quando teve idade para criar a Matilha, nunca esqueceu a generosidade dos clientes regulares do Urso Pardo. Agora, esclarece:

– Para *sticks* e patins. Ou o que as miúdas precisarem.

Adri acena com a cabeça, grata. Quando Teemu se vira para regressar ao carro, ela chama-o:

– Eh! Dá uma oportunidade ao Peter Andersson! Ele é bem capaz de ainda arranjar maneira de salvar o clube!

Teemu fecha o porta-bagagens com o machado ainda lá dentro.

– Eu *estou* a dar uma oportunidade ao Peter. Caso contrário, ele já não estaria na cidade.

*

Peter, à porta de sua casa, larga a maçaneta, tira a chave da fechadura e vira-se, ansiosamente, de novo para a estrada. Richard Theo dirige-se para ele, de fato preto, apesar de estarem a meio do verão. Nunca falaram um com o outro, que Peter se lembre, mas claro que sabe muito bem quem é Richard Theo. Sabe o tipo de política que Theo representa e não lhe agrada. É agressiva, vira umas pessoas contra as outras e, acima de tudo, Richard Theo deu por várias vezes a impressão a Peter de realmente detestar hóquei.

– Boa noite, Peter. Espero não estar a incomodar – diz Theo.

Há algo de sinistro nos seus modos afáveis.

– Posso ajudar? – pergunta Peter, algo confuso.

– Não, mas eu posso ajudá-lo a si – responde Theo.

– Em quê?

O político sorri-lhe.

– Posso salvar o seu clube, Peter. Posso dar-lhe uma última oportunidade de ser um vencedor.

12

Estou disposta a arder aqui

Qualquer pessoa que dedique a sua vida a ser a melhor em determinada coisa, ouvirá, mais cedo ou mais tarde, a mesma pergunta: «Porquê?» Porque quem quer ser o melhor em algo tem de sacrificar tudo o resto.

Assim, quando Kira conheceu Peter, naquela noite, na capital, depois de Peter ter acabado de perder o jogo de hóquei mais importante da sua vida e ter entrado, abatido, no restaurante dos pais dela, foi isso que Kira lhe perguntou: «Porquê?»

Ele nunca conseguiu responder-lhe de forma satisfatória, o que dava com ela em doida, mas, muitos anos mais tarde, depois de já serem casados e de terem filhos e uma vida juntos, Kira leu uma citação com cem anos, proferida por um alpinista. Alguém lhe perguntara: «Porque é que quer subir ao Monte Evereste?», e o alpinista respondera, com alguma perplexidade, como se a questão fosse ridícula e o motivo fosse óbvio: «Porque está lá.»

Kira compreendeu então: porque quisera ela própria ir para a universidade quando mais ninguém na sua família o fizera? Porque escolhera Direito quando todos lhe tinham assegurado que seria demasiado difícil? Porquê? Para descobrir se era capaz. Porque queria escalar aquela maldita montanha. Porque ela estava ali.

Assim, sabe o que está a acontecer agora, possivelmente antes mesmo de o próprio Peter compreender. Atrás da porta, ouve o suficiente da conversa entre o marido e Richard Theo. Peter vai encontrar uma maneira de salvar o clube e de se tornar novamente indispensável. Como sempre.

Kira senta-se no chão do corredor até ouvir o motor do *Volvo* começar a trabalhar, e vê pela janela Peter a afastar-se. A garrafa de vinho fica por abrir. Guarda de novo os copos no armário e a pele do seu dedo por baixo da aliança está fria quando se vai deitar. Passará mais uma noite, e amanhã ela acordará e tentará fingir que está tudo bem, apesar de saber que cada dia que passa de agora

em diante significa que «para o ano» vai ficando cada vez mais longe.

*

Peter conduz sem destino durante horas, sozinho, constantemente a fazer a si mesmo as mesmas perguntas: «Quanto vale um clube de hóquei? Para quem é esse clube? Quanto podemos permitir que custe?» E, por detrás dessas, há outras perguntas: «O que posso eu fazer além do hóquei? Que homem seria sem o hóquei?»

Nunca amou mais ninguém a não ser Kira e sabe que ela ficaria encantada se ele deixasse o hóquei, mas, no fundo… ficaria mesmo? Apaixonou-se por um homem com sonhos e ambições; como olhará para o marido se os anos continuarem a passar e ele nunca chegar a lado nenhum?

Quando o dia começa a romper, a luz derrama-se sobre Björnstad como a mãe de Peter dizia que acontecia sempre no verão: «Como se Deus Nosso Senhor estivesse a entornar sumo de laranja nas copas das árvores.» Peter está sentado em frente ao supermercado, de olhos fechados, a fazer as mesmas perguntas a si próprio, uma e outra vez.

A primeira coisa que Richard Theo lhe disse na noite anterior foi:

– Não gosta das minhas ideias políticas, pois não?

Peter respondera, com toda a consideração:

– Com o devido respeito, não concordo com aquilo que você representa. É um oportunista.

Theo acenou com a cabeça, sem parecer ofendido.

– Uma pessoa só é oportunista até vencer; depois passa a ser o sistema. – Quando viu a expressão de desagrado de Peter, acrescentou: – Com o devido respeito, Peter, a política é perceber que o mundo é complicado, apesar de pessoas como você preferirem que fosse simples.

Peter abanou a cabeça.

– Você prospera com a discórdia. O seu tipo de política cria conflito.

Exclusão.

O político sorriu de forma compreensiva.

– E o hóquei? O que acha que faz a todos os que não fazem parte desse círculo? Lembra-se sequer de mim, da escola secundária?

Peter pigarreou, atrapalhado, e murmurou:

– Era uns anos mais novo do que eu, não era?

Theo abanou a cabeça, não com ar zangado ou acusador, mas quase triste.

– Éramos da mesma turma, Peter.

Peter não sabe se Theo fez de propósito para o deixar abalado, mas resultou. Quando baixou os olhos para o chão, envergonhado, o autarca sorriu alegremente e explicou-lhe em termos muito simples porque viera falar com ele.

– Tenho certos contactos em Londres. Sei que companhia vai comprar a fábrica de Björnstad.

– Nem sequer sabia que ia ser vendida! – exclamou Peter, mas o político limitou-se a encolher os ombros com modéstia.

– O meu trabalho é saber o que mais ninguém sabe, Peter. Também sei muito sobre si. É por isso que aqui estou.

*

Na manhã seguinte Leo acorda numa casa vazia. A mãe deixou um recado na mesa da cozinha: «Estou no trabalho, o teu pai está no rinque, liga se precisares de alguma coisa. Deixei dinheiro na bancada. Gostamos muito de ti! Beijinhos, Mãe.» Leo já não é uma criança. Também repara na palavra «teu». O *teu* pai.

O pai já não é a outra metade da mãe.

O rapaz entra no quarto da irmã mais velha, fecha a porta e enrosca-se no meio do chão. Os cadernos de Maya estão debaixo da cama, cheios de poemas e letras de canções, e ele lê-os por entre diferentes tipos de lágrimas. Às vezes as lágrimas da irmã, às vezes as suas. Maya nunca foi como outras irmãs mais velhas, que gritam com os irmãos e os expulsam dos seus quartos. Quando Leo era mais pequeno, sempre pôde entrar aqui. Maya deixava-o dormir com ela

quando ele estava assustado, quando ouviam os pais na cozinha a falar sobre Isak e a sucumbir ao desgosto. O chão do quarto de Maya, ao lado da cama dela, sempre foi o lugar seguro de Leo. Mas agora é mais velho e a irmã foi passar o verão inteiro na floresta com Ana. Leo costumava pedir conselhos a Maya sobre tudo, por isso não sabe a quem os há de pedir agora, a quem há de perguntar o que deve um irmão mais novo fazer pela irmã mais velha quando esta é violada. Ou o que deve fazer pelos pais quando estes se afastam um do outro. Ou o que há de fazer com todo o ódio que sente.

No fim de um dos cadernos de Maya, encontra uma página com o título «O Fósforo». Com muito cuidado, arranca a folha, dobra-a e guarda-a no bolso. Depois sai e dirige-se para a praia.

*

Não consegue parar de se coçar, o tempo todo, com força. Puxa as mangas mais para baixo.

*

Aqueles dias chuvosos podiam ter sido uma oportunidade para as emoções em Björnstad e Hed arrefecerem, mas William Lyt não parou de transpirar em nenhum deles. O treinador comentou certa vez que nunca tinha visto ninguém jogar «com uma necessidade tão imensa de validação». Talvez o tivesse dito numa tentativa de fazer com que William falasse sobre os seus complexos, mas o rapaz entendeu-o como um elogio.

Ao longo da infância, William lutara para recuperar o lugar de melhor amigo de Kevin. Tinham-no sido em pequeninos, quando andavam de triciclo em frente da casa de Kevin e jogavam hóquei na cave de William. Depois começaram a jogar hóquei a sério e de repente apareceu Benji. Desde então, Kevin nunca mais ficou ao lado de William nas fotografias da equipa.

William fez o que pôde para destruir Benji: gozava com ele por causa das

roupas baratas e chamou-lhe «Trenó» até Benji lhe dar com o trenó na cara, deixando William sem dois dentes da frente e sem o respeito do balneário. A mãe de William exigira que Benji fosse punido pela «agressão», mas o clube não fez nada.

Quando cresceram, William tentou superiorizar-se a Benji, vangloriando-se sobre as raparigas com quem dizia ter ido para a cama, o que o tornava um amigo melhor para ter em festas do que aquele ganzado que preferia trepar às árvores. Era mentira, claro: William foi dos últimos da equipa a perder a virgindade. Um dia, Kevin entrou no balneário e gritou: «William! As tuas namoradas estão todas à tua espera lá fora!» Confuso, William levantou-se e saiu. O corredor estava vazio, mas havia um pacote de dez peúgas brancas grossas no chão. Perdido de riso, Kevin disse: «Assim a tua mãe não precisa de lavar a roupa *sempre* que "fores para a cama" com uma das tuas "namoradas"!»

William nunca se esqueceu de como a equipa se rira dele nesse dia. Em particular Benji. Passara anos a jogar com uma necessidade desesperada de validação, e agora? O clube de Hed é um novo princípio para ele, uma oportunidade de finalmente se tornar um líder. Nunca mais permitirá que o tratem como o tipo das meias.

Este verão, mesmo enquanto chovia, ele tem treinado com pesos ininterruptamente, enquanto assiste *online* ao vídeo das bandeiras vermelhas do Clube de Hóquei no Gelo de Hed a arder. Uma e outra vez. Tinha esperança de encontrar alguma pequena pista sobre a identidade do cabrão cobarde que o publicara, e por fim achou que conseguira: a mão que segurava o isqueiro no vídeo era pequena, uma mão de miúdo, e quando a manga subiu um bocadinho no pulso, parecia que o antebraço estava coberto de arranhões.

*

William liga aos tipos mais corpulentos da equipa. Compram cigarros e dirigem-se para a praia.

*

O Fósforo

Se há uma sala escura e se fecha nela uma criança
que tem medo do escuro
Se lá fica fechada com os seus medos mais sombrios
porque a vida é canalha
Se fosses tu nessa sala e encontrasses um fósforo no bolso
Acenderias o fósforo, mesmo que a sala cheirasse a gás?

Apenas alguns graus separam a chuva da neve
Todas as casas são construídas para cima,
mas ardem de cima para baixo
Mostraste-me coisas que temo mais do que a morte
Por isso estou disposta a arder aqui se puder arder contigo

*

Quando o sol regressa a Björnstad, a praia enche-se uma vez mais de adolescentes que fingem não olhar para os corpos uns dos outros. Ao princípio estão todos animados e barulhentos, mas depressa um silêncio assustado se espalha pela faixa de areia. Dois rapazes trepam a uma árvore e penduram novas bandeiras do Clube de Hóquei no Gelo de Hed. William Lyt anda por entre as toalhas e para junto de cada um dos adolescentes mais novos, de cigarro na mão.

– Tens lume?

Ninguém o olha nos olhos. Ele pega no braço de todos os miúdos à procura de arranhões. É possível que o próprio Lyt não saiba realmente o que espera encontrar, porque tem a certeza de que ninguém se atreveria a denunciar-se aqui, à frente dele. Mas quer, pelo menos, que o culpado sinta medo. Para não voltar a desafiar a sua equipa. A cada adolescente que abana a cabeça e olha para o chão,

William sente o coração um pouco mais leve, sente-se um pouco maior.

Depois ouve um som áspero atrás de si. Uma vez, depois outra, imediatamente seguido do leve sibilar quando a chama se acende. Uma voz fina atrás de William declara:

– Eu tenho lume.

Os dedos de Leo não estão a tremer. A manga sobe-lhe no braço. As cicatrizes destacam-se vivamente contra a pele.

*

– O que… o que quer dizer com isso? Que sabe muito sobre mim? – conseguiu Peter perguntar na noite anterior.

Richard Theo respondeu em tom descontraído, quase alegre:

– Sei que o Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad está, no máximo, a três meses de abrir falência, mesmo que o seu amigo Janota venda outro supermercado. E sei que o treinador da equipa principal, o Sune, está doente.

Peter fitou-o de boca aberta. No princípio do verão, Sune começara a ter problemas com o coração: Adri Ovich encontrara-o caído no chão da sua casa depois de ele não aparecer para a aula de patinagem da nova equipa feminina. Adri ligara a Peter do hospital, mas Sune pedira-lhes que não dissessem a mais ninguém. Era só «um pequeno murmúrio» e não queria ser visto como «um raio de um mártir».

Naturalmente, eles não comentaram nada com ninguém, mas, a bem da verdade, Peter tinha de admitir que o fizera tanto pelas suas próprias razões egoístas como por Sune: não podia recrutar um novo treinador sem patrocinadores nem dinheiro, não conseguia persuadir os jogadores da equipa a assinarem novos contratos se não tivesse treinador, e sem jogadores nunca conseguiria atrair patrocinadores ou um novo treinador.

– Tal como eu disse – continuou Richard Theo calmamente –, o meu trabalho é saber coisas. Tenho amigos no hospital. Gostaria de ser também seu amigo.

Depois, com tranquilidade e de forma metódica, explicou a sua oferta a Peter: os novos proprietários da fábrica precisavam de um investimento público para poderem reconstruir a fábrica. Theo podia tratar disso. Mas os proprietários reconheciam que precisariam também «do apoio dos residentes locais», e por isso ele persuadira-os de que «a forma mais rápida de conquistar o coração destas pessoas é pelo hóquei».

Peter agitou-se e fez os possíveis por responder com voz firme:

– Por aquilo que ouvi, os outros partidos não querem trabalhar consigo. Porque hei de acreditar que consegue realmente fazer tudo o que promete?

Theo respondeu com serenidade:

– Ontem, o rinque tinha uma grande conta de eletricidade para pagar, Peter. Se quiser dar-se ao trabalho de fazer um telefonema, verá que foi saldada. Será prova suficiente?

Peter sentiu-se muito desconfortável.

– Porquê o nosso clube? Porque não foi antes falar com o Clube de Hóquei no Gelo de Hed?

O político voltou a sorrir.

– Björnstad é famosa por ter pessoas trabalhadoras. E aquilo que conseguiram há vinte anos, quando a cidade inteira apoiou o clube, encerra um grande poder simbólico. Como é que vocês gritavam? «Björnstad contra os outros»?

Peter resmungou, em tom defensivo:

– Pensei que não gostava de hóquei.

Theo ajeitou os botões de punho e respondeu:

– A minha posição política será sempre a de que o dinheiro dos contribuintes deve ser aplicado na saúde e na criação de emprego, Peter, não em desporto.

Peter coçou a cabeça e fez os possíveis por não se mostrar impressionado quando considerou:

– Então, em vez disso, aplicará o dinheiro dos contribuintes na fábrica, em troca do patrocínio dos novos proprietários ao clube? E assim será o político que salvou os empregos e o hóquei em Björnstad. E ainda parecerá estar a poupar o

dinheiro dos contribuintes… para o gastar antes em serviços de saúde… Raios me partam. Não é preciso muito mais para lhe garantir a vitória nas próximas eleições.

Theo enfiou as mãos nos bolsos, embora não dando qualquer aparência de presunção.

– Sabe, nós os dois temos muito em comum, Peter. Simplesmente jogamos jogos diferentes. Para que eu possa jogar o meu, preciso de vencer as próximas eleições. E para jogar o seu, você precisa de um clube.

*

William tem dezoito anos e pesa provavelmente o dobro do que o rapaz de doze à sua frente. Mas Leo não recua. Fita William nos olhos como quem parece achar que não tem mais nada a perder.

Toda a praia está a olhar; mesmo que William não quisesse bater num miúdo com menos seis anos do que ele, agora não pode de maneira nenhuma dar parte de fraco. Agarra no pescoço de Leo para segurar a cabeça do cabrão do fedelho, mas nesse momento acontece algo ao rapazinho: a sensação de estrangulamento espoleta o pânico e ele abre instintivamente a boca assim que as unhas de William se cravam na pele debaixo do seu queixo. Leo começa aos vómitos e os seus olhos enchem-se de lágrimas. Há apenas duas reações naturais: agarrar-se desesperadamente à mão do seu atacante ou atacar furiosamente com todas as suas forças contra o que tem pela frente.

O primeiro golpe desferido por Leo encontra apenas ar, mas no seu segundo movimento desvairado o braço acerta na orelha de William. Ninguém nos avisa disso antes da primeira luta, mas levar um soco na orelha dói que se farta. William abranda por um segundo a força com que agarra em Leo e este aproveita a oportunidade. Dá outro soco, com todas as suas forças, e atinge William por baixo do queixo. Ouve os dentes do rapaz mais velho fecharem-se com um forte estalido. William deve ter mordido a língua, porque quando se atira a Leo está a escorrer sangue da boca, e depois acaba-se tudo.

William é demasiado grande para que o rapaz de doze anos tenha alguma hipótese.

*

Peter olhou para Richard Theo e abanou a cabeça, mas desta vez de forma menos desafiadora.

– Nós os dois não temos nada em comum. Você está interessado apenas em poder.

O político riu-se alto, pela primeira vez durante a conversa.

– Acha mesmo que é menos político do que eu, Peter? Esta primavera, quando a sua filha acusou o Kevin Erdahl de violação e os patrocinadores tentaram correr consigo do cargo de diretor-geral, venceu a moção de confiança apenas porque essa tal de… Matilha… ficou do seu lado. É verdade, não é?

Pequenas gotas de suor frio libertaram-se dos cabelos na nuca de Peter e escorreram-lhe pela coluna.

– Isso não foi… não tive qualquer influência… nunca pedi… – gaguejou, mas Theo ignorou as suas objeções.

– Tudo é política – declarou. – Toda a gente precisa de aliados.

Com o coração a bater nos ouvidos, Peter perguntou-lhe:

– O que quer de mim, afinal?

O político respondeu-lhe com franqueza:

– Quando for tudo oficial, quero que esteja presente na conferência de imprensa. Sorria para as câmaras e aperte a mão aos novos proprietários. Em troca, receberá uma injeção de capital e o controlo total do clube. Ninguém interferirá no seu trabalho. Terá oportunidade de construir uma equipa vencedora. Tudo o que eu quero é a sua… amizade. Não é pedir demasiado, pois não?

Sorriu de novo e, antes que Peter conseguisse responder, passou ao ponto mais importante.

– Uma última coisa: os novos proprietários, naturalmente, não querem ser

associados a qualquer espécie de violência. Assim, quando estiver na conferência de imprensa, tem de se distanciar da Matilha. E dizer que vai acabar com as zonas de espectadores em pé no rinque.

Peter não conseguiu responder. Theo parecia estar à espera disso. Esclareceu prestavelmente mais alguns pormenores e, depois de ele se ir embora, Peter ficou ali parado, não sabe quanto tempo.

Quando finalmente voltou para o carro e arrancou pela noite fora, um pensamento não lhe saía da cabeça: controlo do clube? Com um orçamento decente? Fora várias vezes acusado de se considerar «moralmente superior», e talvez de forma algo justificada. Considera que um clube de hóquei representa mais do que apenas o desporto: devia ser uma força incorruptível que nunca é governada por dinheiro ou política.

Mas quantos dos seus ideais estará disposto a sacrificar? Que inimigos está preparado para fazer? Em troca do poder. Para poder vencer.

Está prestes a descobrir as respostas.

*

Richard Theo meteu-se também no carro e conduziu a noite toda até um pequeno aeroporto onde um amigo acabara de pousar. Theo apertou a mão ao amigo, que observou, em tom irritado:

– Espero bem que isto valha o meu tempo.

Theo pediu-lhe desculpas.

– Há coisas que é melhor não discutir por telefone.

– Muito bem – acedeu o amigo.

Theo continuou:

– Posso garantir aos nossos companheiros em Londres todo o investimento público de que necessitam nos terrenos e na fábrica. Mas preciso de algumas ajudas em troca. Há um gangue de *hooligans* violento que está a dar cabo do clube. Um autarca por si só não pode fazer muito para os deter, mas um novo

patrocinador de peso podia… bem, compreendes… *exercer* um certo nível de influência.

O amigo assentiu com um aceno.

– O clube de hóquei, outra vez? Porque é que isto é tão importante para ti?

Theo sorriu.

– É simbólico.

– Então o que é que queres? – indagou o amigo.

– Os novos proprietários têm de estabelecer um pré-requisito para o seu patrocínio: que o diretor-geral do Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad se distancie publicamente das claques violentas e que se livre das bancadas em pé no rinque.

– Não me parece nada de mais.

– E não é. Mas é importante que o pedido venha diretamente dos proprietários e não de mim.

O amigo deu-lhe a sua palavra. Apertaram a mão. O amigo subiu para o avião.

Richard Theo entrou no carro e, durante a viagem de regresso, pensou que só alguém que nunca tivesse posto os pés em Björnstad poderia achar que aquilo que tinham discutido não era «nada de mais». Por isso é que Theo estava sempre um passo à frente de toda a gente. Já ninguém se dava ao trabalho de fazer pesquisa.

*

– William! William! – chama um dos tipos da equipa, algures. Leo está demasiado tonto para perceber de onde vem a voz; está deitado de costas no chão e não consegue ver nada por entre a chuva de socos que se abate sobre si.

William levanta o punho uma última vez, mas outro colega pega-lhe no braço e repete:

– William!

Pelo canto do olho, William vê o amigo indicar com um aceno a estrada por trás da praia, onde um carro acabou de parar. Dois homens de blusão preto saíram. Não vêm a caminho da praia; não precisam de o fazer. A Matilha nunca se envolveu nas atividades dos adolescentes da cidade; sempre houve uma linha divisória entre a seriedade da equipa principal de hóquei e a equipa de juniores. Mas William já não é um júnior e isto já não é apenas hóquei.

William larga Leo. Endireita-se, hesitante. Os homens de blusões pretos não se mexem. William cospe sangue e a saliva tingida de vermelho pinga-lhe para a *T-shirt.*

– Chega – murmura baixinho, para que ninguém oiça a sua voz a tremer.

Vira-se e afasta-se. Os colegas de equipa seguem-no. Os homens de blusão preto ficam parados na estrada até que um dos amigos de William percebe a indireta, sobe à árvore e tira as bandeiras do Clube de Hóquei no Gelo de Hed. Os homens de blusão preto desaparecem sem uma palavra, mas a mensagem é clara: nada do clube de Hed em território de Björnstad.

Leo senta-se na toalha, sem se incomodar em limpar o sangue de William da cara. Dói-lhe tanto a garganta que tem a certeza de ter alguma coisa partida. Um dos amigos dá-lhe uma palmada no ombro; outro oferece-lhe um cigarro. Leo nunca fumou em toda a sua vida, mas não pode deixar de aceitar. Dói muito, mas sabe inacreditavelmente bem.

Não se encolheu perante William Lyt e não voltarão a aparecer bandeiras vermelhas nas árvores este verão. Talvez Leo pudesse ter-se contentado com isso, mas aquele coração de rapaz de doze anos bate agora numa frequência diferente, porque descobriu algo. Adrenalina. Violência. É como uma paixão.

Assim, no dia seguinte de manhã, quando a mãe de William Lyt abrir a caixa de correio em frente à sua casa, encontrá-la-á cheia até ao cimo de isqueiros.

Pessoas como William Lyt não podem ignorar esse tipo de provocação. E pessoas como Leo Andersson contam com isso.

13

Então deram-lhe um exército

«Tudo tem um preço, toda a gente pagará alguma coisa!» Estas eram as palavras que mais frequentemente saíam da boca do marido de Ramona quando era vivo. A primeira coisa que Holger perguntava a alguém que comprara alguma coisa, quer fosse um carro novo ou uma torradeira em segunda mão, era: «Quanto é que pagaste?» E, fosse qual fosse a resposta, ele respondia sempre: «Foste enganado! Eu tinha arranjado isso por metade!»

Na altura, Ramona já não o podia ouvir, mas o que daria agora para o ouvir uma vez mais. Ele amava-a, e amava o hóquei, e costumava dizer que o círculo central do rinque de Björnstad era a aliança de casamento deles, por isso não precisava de uma no dedo. Quando a vida era dura, ele nunca dizia: «Vai correr tudo bem», mas apenas: «Falta pouco para o hóquei.» Se alguém observava: «É verão», ele corrigia: «É a pré-época.» Alterava a ordem das folhas de todos os calendários para que o ano começasse em setembro, porque era em setembro, quando Björnstad jogava a primeira partida, que o ano dele se iniciava.

Tinham passado onze épocas desde que Holger deixara Ramona. Hoje, um operador de *telemarketing*, sentado algures, marca um número de telefone sem querer saber realmente de quem é.

– Fala o Holger? Como está hoje, Holger? – pergunta em tom animado quando atendem do outro lado.

– O Holger morreu há onze anos. E, mesmo antes disso, já não se sentia lá muito bem. O que é que quer, rapaz? – responde Ramona, de pé junto ao balcão, com o segundo pequeno-almoço na mão.

O interlocutor pressiona ansiosamente as teclas do seu teclado.

– Fala do Urso Pardo?

– Sim – diz Ramona.

– Compreendo… Desculpe, mas o senhor Holger ainda consta como um dos proprietários nos nossos ficheiros…

– O bar ainda é nosso. Simplesmente agora sou eu que faço o trabalho todo.

– Ah, o que é que diz aqui?… Será… Ramona?

– Isso mesmo.

O vendedor respira fundo e recomeça.

– Ótimo! Como está hoje, Ramona?

– Rapaz, atualmente existe tecnologia capaz de ajudar pessoas como eu a descobrir onde pessoas como você vivem.

– Eu… Desculpe?

– Ouviu muito bem.

Segue-se um breve silêncio. Por fim, o vendedor pigarreia e, por razões que não se percebem bem, encontra coragem para recitar, um pouco depressa de mais:

– Estou a vender assinaturas dos nossos produtos de cuidados de pele! Todos os meses receberá oito produtos diferentes por correio, mas fica apenas com aqueles que desejar e devolve os restantes, sem quaisquer custos…

– Oito? – pergunta Ramona, depois de dois grandes goles do pequeno-almoço.

– Sim!

– E espera que eu tenha uma opinião sobre isso? Diga-me lá uma coisa, rapaz: acredita mesmo que alguém tem assim tanta pele?

O vendedor não tem no seu guião uma réplica para isso, portanto tenta avançar:

– Neste momento temos uma oferta muito interessante de…

A voz de Ramona é, ao mesmo tempo, apologética e irritada, como se estivesse prestes a dizer-lhe que o gato dele foi atropelado, mas que na verdade isso lhe causara um grande inconveniente porque o raio do bicho conseguira fugir-lhe da frente as duas primeiras vezes.

– Rapaz, as pessoas para quem vocês ligam devem estar muito ocupadas a tentar que a vida não se desmorone. Oito produtos diferentes de cuidados de pele? As pessoas só querem chegar ao fim do dia.

O vendedor responde, numa voz rouca de rebuçados para a tosse e desespero:

– Eu também.

– Já tomou o pequeno-almoço, rapaz? É a cerveja mais importante do dia. E de certeza que faz bem à pele, com tanta vitamina.

– Vou experimentar – promete-lhe o vendedor.

– Sabe que mais, rapaz? Se alguma vez passar por Björnstad, ofereço-lhe uma por conta da casa.

– «Björnstad»? Nem sequer sabia que havia um lugar com esse nome.

Ramona desliga.

«Tudo tem um preço», disse Holger antes de a deixar; e, quando foi enterrado, o padre disse-lhe a mesma coisa: «O sofrimento é o preço que pagamos pelo amor, Ramona. Um coração partido em troca de um coração inteiro.»

Estava um pouco embriagado na altura, claro, o raio do padre. Mas isso não significa que não tivesse razão. Toda a gente paga alguma coisa, pessoas ou comunidades.

Houvera uma altura em que todos os operadores de *telemarketing* tinham ouvido falar de Björnstad.

«Björnstad? São os da equipa de hóquei, não é?»

*

No pátio por baixo dos prédios de apartamentos do Covão, algumas crianças estão a jogar hóquei, usando uma parede como baliza e garrafas de refrigerante como postes. Amat está de pé à janela do quarto, a olhar para eles. Também costumava jogar com os seus melhores amigos, Zacharias e Lifa. Naquele tempo, era um jogo fácil: um *stick* para cada um, uma bola de ténis, duas equipas. Mas agora têm dezasseis anos, são quase homens. O Covão piorou, ou se calhar são eles que cresceram o suficiente para ver a verdade daquilo que os rodeia.

Para compreender o Covão, é preciso saber que todas as pessoas que aqui

vivem olham para o resto de Björnstad tal como o resto de Björnstad olha para as cidades grandes: «Para eles, existimos apenas na forma de cabeçalhos negativos no jornal.»

Lifa disse uma vez a Amat: «Gostam de ti se jogares bem hóquei, mas só dizem que és de Björnstad quando ganhas. Quando perdes, és do Covão.»

Lifa não joga hóquei há anos; mudou, endureceu. Agora anda com o gangue do irmão, faz entregas de motorizada, com uma mochila cujo conteúdo Amat desconhece. Cada vez se veem menos.

Zacharias passa as noites em casa, a jogar jogos de vídeo, e dorme o dia inteiro. Os pais dele foram passar o verão com uns familiares e é como se Zach vivesse noutro país, pois agora passa a vida inteira *online*. No princípio do verão, Amat costumava passar pelo apartamento dele todos os dias, convidando-o para irem dar uma corrida, mas Zacharias tentava sempre atraí-lo para jogar computador e comer tostas mistas; por isso Amat deixou de lá ir, para evitar a tentação de passar o resto do verão sem fazer nada. Nada não leva a nada, isso sabe ele.

Assim, tem treinado sozinho: levanta pesos na cama como se fosse um banco de ginásio, faz flexões até gritar e corre à beira das estradas até vomitar. À noite, desce à lavandaria comunitária do prédio e treina com o *stick*, manobrando discos e bolas entre garrafas de vidro, mais depressa, cada vez mais depressa. Dia sim, dia não, a mãe dele, Fatima, chega mais tarde porque está a ajudar uma amiga doente; Amat não sabe quem. Não diz à mãe que sente a falta dela, porque não quer que ela se sinta culpada. Fatima é o tipo de pessoa que cuida de quem precisar dela, e o filho já é crescido o suficiente para ocupar o seu lugar na fila.

Porém, esta noite, não está a treinar. Nem a dormir. Os outros miúdos da sua idade que vivem no Covão costumam juntar-se à noite na Colina, no limiar da floresta, com vista para a velha pedreira. Amat vê-os da varanda, a grelhar salsichas no churrasco e a fumar erva, a falar de tudo e de nada, a rir. Apenas a serem… adolescentes.

Tudo tem o seu preço.

Dizem que é preciso treinar durante dez mil horas para se ser realmente bom

em alguma coisa; quantas mais terá Amat de pagar para poder sair daqui para fora? Agora nem sequer tem equipa. Depois de tudo aquilo de que prescindiu na primavera, por contar a verdade sobre o que Kevin fez a Maya, agora não tem nada. Nem o pai de Maya quer saber dele.

Amat veste uma camisola, sai de casa e dirige-se para a Colina. Quase todos os adolescentes em torno das fogueiras o conhecem desde que ele era pequeno e ainda olham para ele como se fosse um animal exótico que tivesse fugido da jaula. Ele para, embaraçado, e olha para o chão até que alguém solta uma gargalhada e lhe passa um cigarro cujo conteúdo ele não se preocupa em questionar.

– Toma, superestrela, é hora de festejar! – diz a rapariga que lhe estende o cigarro, com um sorriso.

Ela é doce; o fumo também. Amat fecha os olhos e deixa-se pairar; quando ela lhe pega na mão pensa que afinal talvez fique por aqui. Tudo o resto pode ir para o diabo: o hóquei, o clube, as exigências, a pressão. Vai ser normal, apenas por uma noite. Fumar até se sabotar a si próprio e se dissipar no ar noturno.

Dá por si com uma cerveja na mão, sem saber de onde é que ela apareceu. Depois, quando outra mão, do nada, lhe dá uma pancada no braço com tanta força que ele deixa cair a cerveja e o charro, Amat grita:

– Olha aí, caraças!

Vira-se instintivamente para dar um empurrão ao outro idiota.

Lifa, o seu amigo de infância, agora é grande. O seu peito não se move nem um centímetro. Em vez disso, pega em Amat pela camisola e atira-o pela encosta abaixo.

*

O Janota, o corpulento proprietário de supermercados que está sempre mais alegre do que um labrador debaixo de um aspersor de jardim, fica sentado, em choque, enquanto Peter lhe conta toda a história. Estão ao fundo da loja no

escritório do Janota, uma divisão repleta de pastas com a contabilidade do Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad. O Janota é o último grande patrocinador do clube e tem passado os seus dias a tentar calcular durante quanto mais tempo consegue manter o clube vivo sem ajudas públicas.

– Não percebo… porque é que o Richard Theo havia de querer que tomasses uma posição pública contra…

Levanta-se e fecha a porta antes de terminar a frase com um murmúrio:

– … a Matilha?

Peter esfrega os olhos sublinhados por olheiras fundas.

– Os novos proprietários da fábrica querem patrocinar um «desporto familiar». Dá melhor aspeto, na comunicação social. Disseram ao Theo que se querem ver livres do hooliganismo. E depois daquela história do machado no carro da vereadora, bom…

– Mas como é que isso vai funcionar? – pergunta o Janota.

Peter fecha os olhos, exausto.

– Numa conferência de imprensa, tenho de anunciar que o clube vai acabar com a bancada em pé.

– Não é só a Matilha que usa essa zona…

– Eu sei. Mas é a única zona que a Matilha usa. O Richard Theo não quer saber o que acontece; a única preocupação dele são as aparências.

O Janota arregala os olhos.

– É um filho da mãe muito esperto, esse Theo. Toda a gente sabe que a Matilha votou a favor da tua permanência, na reunião na primavera. Assim, se *tu* te distanciares deles publicamente será… mais eficaz.

– E o Richard Theo consegue tudo o que quer: a fábrica, empregos, o clube de hóquei. Pode reivindicar o crédito por tudo e ninguém lhe deitará as culpas por nada. Nem sequer a Matilha o odiará: eu serei o alvo deles. E estaremos a dar-lhe de mão beijada tudo aquilo de que precisa para vencer as próximas eleições.

– Não podes fazer isso, Peter. A Matilha… sabes como eles são… há uns filhos da mãe malucos naquele gangue, e o hóquei é a única coisa que alguns

deles têm! – exclama o Janota.

Sabe disso porque alguns membros da Matilha trabalham no seu armazém. Trabalham arduamente, certificam-se de que todos os seus colegas de turno fazem o mesmo, e se há um assalto na loja, o Janota nunca precisa de chamar uma empresa de segurança porque eles tratam do assunto. Em troca, o Janota organiza os seus turnos de modo que nunca precisem de tirar dias de férias para irem assistir aos jogos fora do Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad, mas, se a Polícia aparecer com perguntas na semana seguinte, os nomes deles estarão na escala de serviço exatamente no período em que as autoridades estão a tentar provar que eles estiveram envolvidos em «violência perpetrada por *hooligans*».

«*Hooligans?* Aqui não trabalham *hooligans!*», exclamará o patrão deles, confuso. «Matilha? Qual matilha?»

Peter retorce as mãos.

– Qual é a alternativa, Janota? O Richard Theo só se interessa por poder, e colocar o destino do clube nas mãos dele e de uma data de investidores que não sabemos quem são é uma loucura. Mas, para ser realista, se não o fizermos, o clube estará morto de qualquer maneira daqui a três meses.

– Posso vender outra loja, ou fazer uma hipoteca sobre esta – sugere o Janota.

Peter pousa a mão no ombro do amigo.

– Não posso pedir-te uma coisa dessas, Janota. Já fizeste muito pelo clube.

O Janota parece ofendido.

– O clube? O clube és tu e eu.

O rosto severo de Peter suaviza-se com um sorriso.

– Pareces o Sune, o que ele dizia sempre quando éramos pequenos: «Nós somos o clube» – diz, imitando o velho treinador.

O Janota e Peter detestavam o verão quando eram crianças, porque o rinque de hóquei estava fechado. Tornaram-se melhores amigos num parque de estacionamento vazio, com o Javali e mais alguns rapazes, crianças que não queriam nadar no lago nem brincar às guerras na floresta. Costumavam jogar hóquei no alcatrão até escurecer, com *sticks* velhos e uma bola de ténis, e depois

arrastavam-se para casa com joelhos esfolados e dez vitórias no Campeonato do Mundo nos corações. Estão agora sentados nesse mesmo parque de estacionamento, porque foi aí que o Janota construiu o seu primeiro supermercado. Ele aponta para uma antiga fotografia da equipa na parede e diz a Peter:

– Não o faria pelo clube, seu idiota, mas sim por ti. Quando conquistámos o segundo lugar da taça, há vinte anos, e tu recebeste o disco mesmo no final do jogo para a última jogada, lembras-te de quem fez o passe?

Se se lembra? Toda a gente se lembra. O Janota fez o passe e Peter falhou a baliza. O Janota pode achar que conquistaram o segundo lugar, mas Peter pensa apenas que perderam o primeiro. E a culpa foi dele. Mas o Janota limpa os olhos com as costas da mão e diz baixinho:

– Se eu tivesse cem oportunidades de o voltar a fazer, Peter, passar-te-ia sempre o disco a ti. Venderia todas as minhas lojas por ti. É isso que fazemos quando temos uma estrela na equipa: confiamos nela. Entregamos-lhe o disco.

Peter olha para o chão.

– Onde é que uma pessoa pode encontrar um amigo tão leal como tu?

O Janota cora, orgulhoso.

– No gelo. Só no gelo.

*

Um homem idoso entra no Urso Pardo sozinho, com passo arrastado. Ramona nunca o viu sem os outros quatro ou cinco tios. Parece ter envelhecido meia vida, como se todos os seus anos lhe tivessem caído em cima de uma vez.

– Estiveram aqui? – pergunta, referindo-se aos amigos com quem passou todos os dias desde que alguém tem memória.

Ramona abana a cabeça e sugere:

– Já tentou telefonar-lhes?

O velho parece infelicíssimo.

– Não tenho os números deles.

Ano após ano, dia após dia, os cinco tios estiveram sempre nas bancadas a assistir ao hóquei, ou aqui, no Urso Pardo, a falar sobre hóquei. Todos usavam o mesmo calendário, no qual o ano começava em setembro. Para que precisariam dos números de telefone uns dos outros?

O velho fica uns momentos de pé no bar, perdido. Depois volta para casa. Ele e os amigos: cinco homens que se sentavam todos os dias num bar para falar sobre desporto. Não vão tornar-se cinco homens que se sentam todos os dias num bar só a beber.

*

Os jovens em torno das fogueiras silenciaram-se. Num curto espaço de tempo, Lifa passou de ser um zé-ninguém a ser o tipo de pessoa com quem ninguém se quer meter. Nem precisa de levantar a voz.

– Quem voltar a dar uma cerveja ou um cigarro ao Amat, nunca mais participará num churrasco aqui. Entendido?

Mais abaixo, a meio da encosta, Amat põe-se de joelhos e tosse. Zacharias também ali está, com a camisola suja de queijo derretido. Quando Lifa apareceu à porta do seu apartamento a dizer que lhe tinha chegado aos ouvidos que Amat estava na colina, Zacharias tentara persuadir Lifa a entrar e a comer uma tosta, mas Lifa limitou-se a olhar para ele até que Zacharias vestiu um par de calças e decidiu manter a boca fechada.

– Estava a divertir-me, Lifa! Mete-te na tua vida! – consegue Amat articular.

Lifa levanta o punho, mas não o usa. Limita-se a caminhar, com ar desapontado, na direção dos prédios. Zacharias ajuda Amat a levantar-se e murmura:

– Nem pareces tu, Amat…

– Não pareço eu? Qual «eu»? «Eu» não sou ninguém! Nem sequer tenho equipa para jogar!

Amat sabe como soa patético. Lifa volta a subir a colina, com um grupo de miúdos mais pequenos de *sticks* na mão. Dá um toque no ombro de um dos

miúdos.

– Diz-lhe lá quem é que tu és quando jogas!

O rapaz pigarreia timidamente e olha para Amat por entre a franja.

– Sou… tu.

Grãos de areia caem do cabelo de Amat. Lifa espeta-lhe o dedo no peito.

– Estás cheio de pena de ti próprio, é?

– Não estou… – começa Amat a dizer, mas Lifa interrompe-o e aponta para o prédio de apartamentos onde vivem.

– O Zach e eu jogámos hóquei contigo naquele pátio todos os dias, e achas mesmo que era o que nós queríamos fazer a toda a hora? Não achas que o Zach preferia estar a jogar computador?

– Sem dúvida nenhuma – confirma Zach, sacudindo o queijo da camisola.

Os olhos de Lifa chispam.

– Jogávamos hóquei contigo todos os dias porque víamos como tu eras bom, Amat. Víamos o que poderias vir a ser.

– Nem sequer tenho *equipa*… – lamenta-se Amat, mas Lifa corta-lhe a palavra.

– Cala-te! Vais conseguir sair daqui, e sabes porquê? Porque quer tu desistas quer não, estes miúdos vão seguir o teu exemplo. Portanto tens é de ir treinar! E quando estiveres a jogar na NHL e a ser entrevistado na televisão, podes dizer que vieste daqui do Covão, e conseguiste fazer alguma coisa com a tua vida. E todos os miúdos destes prédios saberão isso. E vão querer ser como tu e não como eu.

As lágrimas deslizam pelas faces de Lifa, mas não faz qualquer tentativa de as esconder.

– Seu filho da mãe egoísta! Não vês o que toda a gente aqui daria para ter o teu talento?

Amat tem as mãos a tremer. Lifa aproxima-se e abraça-o, como se tivessem outra vez oito anos. Beija-lhe o cabelo e murmura:

– Nós vamos correr contigo. Todos estes cabrões vão correr contigo o verão inteiro, se for preciso.

Não está a brincar. Nessa noite, Lifa corre ao longo da estrada com o amigo, para trás e para a frente, até cair para o lado, e depois de Amat o levar para casa às cavalitas, Zacharias começa a correr em lugar dele. Quando já não aguenta mais, aparecem outros miúdos. Duas dúzias de loucos varridos que prometem a Amat não fumar nem beber enquanto ele precisar de companhia para treinar.

Daí a dez anos, quando Amat estiver a jogar hóquei profissional, não se terá esquecido disto. Alguns destes miúdos, nessa altura, terão morrido com *overdoses,* outros de forma violenta, alguns estarão na prisão e outros simplesmente terão dado cabo da vida. Mas alguns terão outras vidas – vidas importantes e orgulhosas. E todos saberão que aqui, durante um verão, correram por alguma coisa. Amat será entrevistado na televisão, em inglês, e o repórter perguntar-lhe-á de onde vem e ele responderá: «Sou do Covão.»

E todos estes filhos da mãe saberão que ele se lembra deles.

Amat não tinha equipa. Então deram-lhe um exército.

14

Uma pessoa de fora

Peter caminha, sozinho, por Björnstad. Passa pela casa onde perdeu a mãe e fugiu ao desgosto do pai, passa pelo rinque onde encontrou um novo lar, pelo lago e pelo parque de estacionamento onde conheceu os seus melhores amigos, Janota e Javali. Quando Peter assinou o primeiro contrato profissional, jogou hóquei com eles, nessa última noite antes de partir para o Canadá, com uma bola de ténis no alcatrão, como quando eram pequenos. Estava quase paralisado pelos nervos, mas os amigos disseram-lhe: «Vá lá, o hóquei é um jogo simples. Se tirarmos todas as porcarias que o rodeiam, as bancadas e o público e as classificações e o dinheiro, é simples. Toda a gente tem um *stick*, há duas balizas e duas equipas.»

Naturalmente fora Sune, o seu treinador, que lhes incutira essa atitude. Era sempre Sune que procuravam quando precisavam de bons conselhos, tanto sobre hóquei como sobre a vida: o treinador era mais um pai para eles do que os seus verdadeiros pais. Portanto é para aí que Peter se dirige agora. Atravessa a cidade até à casa do seu antigo treinador, para lhe contar que lhe foi oferecida uma última oportunidade de salvar o clube.

O velho treinador perdeu muito peso, em resultado dos problemas cardíacos; tem os ombros abatidos, a *T-shirt* com o logótipo do urso larga sobre a barriga. Nunca casou nem teve filhos, como um velho general que viveu toda a vida ao serviço do hóquei. *Quando é que ele envelheceu tanto?*, pensa Peter, e Sune parece ler-lhe os pensamentos, porque sorri, com um ar cansado, e responde:

– Não sei se sabes, mas também não estás propriamente fresco como um botão de rosa.

Um cãozinho late alegremente à volta dos pés do homem mais velho, que lhe ralha:

– Pelo menos tenta fingir que foste bem treinado!

– Como está? – pergunta Peter.

Sune dá-lhe uma palmadinha paternal no ombro e indica com um aceno as olheiras fundas sob os olhos de Peter.

– Tão mal como tu pareces. O que posso fazer por ti?

Então Peter conta-lhe tudo: que pode salvar o urso da *T-shirt* de Sune, mas só com a ajuda de um patrocinador poderoso, sobre o qual nada sabe, e de um político em quem ninguém confia. E só se acabar com a bancada em pé e banir a Matilha do rinque, os mesmos homens que lhe salvaram o emprego na primavera.

Sune ouve-o. Depois, pergunta:

– Queres um café?

– Vim pedir um conselho – responde Peter, impaciente.

Sune abana a cabeça e solta uma fungadela desdenhosa.

– Não digas disparates. Quando era teu treinador e ias marcar um penálti, vinhas sempre ao banco para que toda a gente pensasse que estavas a pedir o meu conselho. Era uma amabilidade, uma maneira de mostrar respeito ao teu velho treinador, mas nós os dois sabemos muito bem que já tinhas decidido o que fazer. E agora também já decidiste. Entra lá, vamos beber um café. Sabe mal, mas é forte.

Peter, obstinadamente, não arreda pé do vestíbulo.

– Mas mesmo que eu *possa* salvar o clube… se não puder treinar a equipa, não tenho ninguém que o faça!

Sune responde com uma risada profunda. Só quando Peter entra atrás dele para a cozinha é que percebe porquê. Os dois homens não estão sozinhos. Há uma pessoa de fora sentada à mesa da cozinha. Sune pisca os olhos, divertido.

– Esta é a Elisabeth Zackell. Calculo que a reconheças. Passou por cá para me dizer que vai ocupar o meu lugar.

*

Kira Andersson está sentada nos degraus em frente da pequena casa. À espera de um homem que nunca mais chega. Sabe o que a colega diria:

«Homens! Sabes porque é que nunca podemos contar com os homens? Porque adoram *homens!* Ninguém gosta mais de homens do que os *homens,* Kira! Nem sequer conseguem ver desporto se não for praticado por *homens!* Homens suados e sem fôlego a lutar contra outros homens, com dez mil homens a assistir nas bancadas, é isso que os homens querem. Aposto que não tardarão a inventar um tipo de pornografia só com homens, destinado a homens heterossexuais que não se excitam sexualmente com homens mas acham que as mulheres não são capazes de dar uma queca como deve ser!»

A colega de Kira fá-la rir, muito. Como daquela vez em que um homem de fato espirrou a meio de uma reunião, um espirro ensurdecedor e indiferente, sem sequer se dar ao trabalho de pôr a mão à frente da boca, e a colega exclamara: «Homens! Imaginem se tivessem o período! São incapazes de não espalhar todos os vossos fluidos corporais em público.»

Hoje, porém, a colega de Kira não conseguiu fazê-la rir, apenas sentir-se envergonhada. Desde que são amigas que a colega se farta de repetir que deviam abrir um escritório juntas, o seu próprio negócio. Kira nunca teve de dar desculpas a sério porque tem sido apenas uma fantasia agradável, algo de que falam de vez em quando, enquanto bebem uns copos de vinho, cada vez com mais confiança. Mas, hoje, a colega entrara pelo escritório de Kira com um papel na mão erguida.

– As instalações estão vagas!

As instalações com que tinham sonhado durante anos, num sítio onde Kira e a colega não teriam qualquer dificuldade em atrair os maiores clientes da firma para a qual trabalham agora. Seria perfeito.

Mas Kira respondeu como faz sempre:

– Neste momento, com o trabalho do Peter e os miúdos, não posso. Tenho de estar presente para dar apoio à Maya.

A colega debruçou-se sobre a secretária dela.

– Sabes que os nossos clientes nos seguiriam. Tenho dinheiro de lado, o suficiente para arrancar. Se não for agora, *quando?*

Kira tentou arranjar desculpas, mas a única que tinha era a falta de tempo.

Montar um negócio novo exigiria dezasseis horas de trabalho por dia, sete dias por semana; como é que ficariam as suas obrigações: ir buscar e levar os miúdos aos treinos de hóquei e às aulas de guitarra, e as vendas de rifas, e o trabalho de voluntária no bar do rinque, que rodava entre os pais?

A colega fitou-a nos olhos com um ar sério.

– Tu és quatro mulheres diferentes, Kira. Estás a tentar ser tudo para toda a gente, a toda a hora. Boa esposa, boa mãe, boa funcionária. Quanto tempo tencionas continuar assim?

Kira fingiu olhar para um documento importante no computador, mas por fim desistiu e murmurou:

– Disseste quatro. Esposa, mãe, funcionária… quem é a quarta mulher?

A colega inclinou-se, desligou o monitor do computador, apontou para o ecrã escuro com um ar triste e disse:

– Ela, Kira. Quando é que será a vez desta mulher?

Kira ficou calada, a olhar para os olhos do seu próprio reflexo no monitor escuro.

Agora está sentada nos degraus à porta de casa. A beber vinho. À espera de um homem que nunca mais chega.

*

Peter estende a mão e Elisabeth Zackell aperta-a como se não tivesse muita vontade disso. A linguagem corporal dela é estranha, como se houvesse dentro de si uma Elisabeth Zackell muito mais pequena a tentar manobrar esta com um *joystick.*

– Vi-a jogar nos Jogos Olímpicos… – admite Peter.

Zackell não sabe o que fazer com essa informação e Sune tem de intervir.

– Por amor de Deus, Peter, tens duzentas e quarenta internacionalizações à tua frente! Medalhas olímpicas e nos Campeonatos do Mundo! E ela tem formação como treinadora! Se fosse um homem, estarias de joelhos a implorar-

lhe que ficasse com o meu lugar!

Peter aceita o café, senta-se à mesa da cozinha e olha para Elisabeth Zackell com um ar constrangido.

– Mas, se fosse um homem, já teria trabalho num dos clubes de primeira linha, não era?

Zackell concorda com um aceno seco.

– Nunca me deram a oportunidade de treinar uma equipa boa, por isso, decidi pegar numa equipa que não presta e torná-la boa.

Peter ergue as sobrancelhas, indignado, Sune desata a rir e Zackell não parece compreender o que terá dito para justificar aquelas reações.

– A vossa equipa não presta, certo?

Peter sorri com relutância.

– Como soube que precisávamos de um novo treinador? O Sune não falou a ninguém da doença…

Interrompe-se quando percebe a resposta. Zackell não precisa de dizer: «Richard Theo.» Peter bebe um gole de café e depois exclama, quase como se falasse consigo próprio:

– É esperto, o Theo! Uma treinadora mulher…

– Foi a sua filha que foi violada? – interrompe Zackell.

Peter e Sune agitam-se, pouco à vontade. Zackell parece confusa.

– Não foi? Violada? Por um jogador que vocês os dois tinham protegido?

Peter responde em voz baixa:

– É por isso que aqui está? Um golpe de relações públicas do Richard Theo? Uma treinadora de hóquei do sexo feminino num clube com historial de violência? A comunicação social vai adorar.

Zackell levanta-se, impaciente.

– Não vou falar com a comunicação social. Pode tratar você disso. E estou-me borrifando para o golpe de relações públicas do Richard Theo. Não estou aqui para ser a mulher que veio treinar uma equipa de hóquei.

Peter e Sune entreolham-se.

– O que é que quer fazer, então? – pergunta Sune.

– Treinar uma equipa de hóquei, ponto final – responde Zackell.

Sune coça a barriga. Tal como ele costuma dizer, as pessoas só fingem que o hóquei é complicado, quando na verdade não é. Se tirarmos todas as porcarias que o rodeiam, o jogo é simples: toda a gente tem um *stick*, há duas balizas e duas equipas. Nós contra os outros.

Ouve-se um barulho no jardim e Sune levanta a cabeça e sorri, mas Peter está demasiado distraído pelos seus próprios pensamentos para reconhecer logo o barulho.

– Eu… – começa, tentando parecer um adulto, um diretor-geral, um líder.

Mas o som volta a interrompê-lo. *Bang!* O rapaz que Peter fora em tempos, o sonhador, teria reconhecido de imediato o som. Olha para Sune com um ar interrogativo. *Bang-bang-bang!*, ouve-se no jardim.

– O que é isto? – pergunta Peter.

– Oh, é verdade! Esqueci-me de te dizer? – Sune sorri, um sorriso que deixa bem claro que não se tratou de maneira nenhuma de um esquecimento.

Peter levanta-se e segue o som pela porta que dá para o terraço. Nas traseiras da casa de Sune está uma menina de quatro anos e meio, a atirar discos contra a parede com todas as suas forças.

– Lembras-te de quando costumavas vir para cá fazer a mesma coisa, Peter? Ela é melhor do que tu eras. Até já sabia ver as horas quando cá chegou! – informa Sune alegremente.

Peter segue os movimentos dos discos contra a parede e recua no tempo, uma vida inteira. É um jogo simples, na verdade. A menina falha uma das tacadas e fica tão furiosa que dá com o *stick* na parede com toda a força. Este parte-se e só então é que ela se vira e dá pela presença de Peter. Ele vê a criança encolher-se instintivamente. Toda a infância de Peter se estilhaça dentro do seu peito.

– Como te chamas? – sussurra.

– Alicia – responde ela.

Peter vê as nódoas negras. Ele costumava tê-las parecidas. Sabe que ela

mentirá se lhe perguntar como as arranjou; as crianças são tão incrivelmente leais aos pais. Por isso Peter agacha-se e promete-lhe, com todo o desespero da sua própria infância a tremer-lhe na voz:

– Vejo que estás habituada a sofrer quando fazes alguma coisa mal. Mas o hóquei nunca te tratará assim. Compreendes o que estou a dizer? O hóquei nunca te fará sofrer.

A menina acena com a cabeça. Peter vai buscar outro *stick*. Ela continua a atirar discos contra a parede. Atrás deles, Sune diz:

– Sei que já decidiste salvar o clube, Peter. Mas talvez te ajude veres para *quem* o estás a salvar.

Peter olha para o outro homem e pisca os olhos.

– É o treinador da equipa principal de Björnstad desde que me lembro. De repente está disposto a entregar o cargo a uma… a uma pessoa de fora?

Faz os possíveis para disfarçar que «pessoa de fora» não era o que lhe ia sair da boca. Sune respira fundo e responde:

– Sempre soube que o Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad é mais do que um clube desportivo. Não acredito em alvos e tabelas, acredito em sinais e símbolos. Acho que é mais importante apoiar seres humanos do que alimentar estrelas. E tu também pensas assim.

– E acha que essa Elisabeth Zackell que tem ali sentada na cozinha pensa o mesmo?

Sune sorri e abana lentamente a cabeça.

– Não, a Elisabeth Zackell não é como nós. Mas, neste momento, talvez seja disso que o clube precisa.

– Tem a certeza? – pergunta Peter.

Sune puxa o cinto; por causa do coração doente, tem as calças demasiado largas. Claro que não quer deixar o seu trabalho; ninguém gosta de fazer isso. Mas dedicou a vida ao clube – que líder seria ele se não estivesse disposto a engolir o orgulho quando o clube corre risco de vida?

– Quando é que podemos ter a certeza seja do que for, Peter? Tudo o que sei é que o urso deve simbolizar o melhor desta cidade, mas há por aí pessoas que

querem enterrá-lo, como um símbolo das nossas piores qualidades. E se deixarmos esses filhos da mãe levarem a melhor, se os deixamos transferir o dinheiro todo para Hed assim que é mais conveniente para eles, que sinal estaremos a dar aos miúdos desta cidade? Que éramos *apenas* um clube? Que isto é o que acontece quando temos a coragem de levantar a voz e dizer a verdade?

– De que forma é que a Zackell é diferente de si? – pergunta Peter.

– Ela é uma vencedora – responde Sune.

Os homens não encontram mais nada para dizer. Ficam a observar Alicia atirar discos contra a parede. *Bang-bang-bang-bang-bang.* Peter vai à casa de banho, abre a torneira e fica parado em frente do espelho sem olhar para ele. Quando sai, Zackell já está a calçar as botas.

– Onde vai? – pergunta Peter.

– Já está tudo tratado, não está? – deduz Zackell, como se se tivesse contratado a si própria.

– Com certeza precisamos de falar sobre a equipa? – sugere Peter.

– Vou fazer mais café – diz Sune, dirigindo-se para a cozinha.

– Eu não bebo café – declara Zackell.

– Não bebe *café?* – espanta-se Sune.

– Já lhe tinha dito, assim que cheguei.

– Pensei que estava a brincar!

Peter, entre eles, esfrega os olhos com as palmas das mãos.

– Ah… a equipa? Quando é que vamos falar sobre a equipa?

Elisabeth Zackell parece que tem uma Elisabeth Zackell muito pequenina às voltas dentro da cabeça da Elisabeth Zackell grande, à procura do interruptor certo.

– Qual equipa? – pergunta.

O jogo pode ser simples, mas as pessoas nunca são.

Bang, bang, bang.

15

Vidar Rinnius

Não falta muito tempo para que o pessoal da escola de Björnstad tenha a primeira reunião de planeamento antes do início das aulas no outono. Discutirão orçamentos e planos curriculares e a reconstrução do ginásio, como sempre. Mas, depois, um dos professores perguntará por um aluno chamado Vidar, que apareceu subitamente numa das turmas. O diretor da escola ficará algo atrapalhado.

– Sim, já foi nosso aluno e este ano juntar-se-á de novo a nós. Soubemos há pouco tempo…

O professor pergunta onde esteve o aluno em questão, se frequentou outra escola.

– Bom, o Vidar esteve num… num sistema educativo alternativo – explicará o diretor.

– Refere-se a um reformatório? – insistirá o professor.

– Penso que é mais uma… uma clínica – responderá o diretor.

O professor não dará indícios de saber qual é a diferença nem de estar muito interessado nela.

Outro professor ao fundo da sala comentará, em voz baixa:

– Acusações de agressão e posse de drogas. Tentou matar um polícia à pancada!

Um terceiro exclamará:

– Não quero esse psicopata nas minhas aulas!

Alguém perguntará, em voz mais alta:

– Mas o Vidar não tinha recebido uma pena maior? – sem obter resposta.

Outro, nervoso, questionará:

– Vidar? Qual é o apelido?

O diretor, a piscar os olhos tão depressa que as suas pálpebras parecem as asas de um colibri, responde:

– Rinnius. Vidar Rinnius. É o irmão mais novo do Teemu Rinnius.

*

Elisabeth coça a cabeça. É difícil precisar se o seu penteado é obra de um cabeleireiro ou do acaso. Sai de casa de Sune, com calçado para temperaturas abaixo de zero e para pés dois tamanhos acima, e acende um charuto. Peter segue-a, agora claramente preocupado.

– O que está a fazer? – pergunta.

Zackell, que obviamente não é muito boa a interpretar as intenções das pessoas, presume que ele está a falar do charuto.

– Isto? Oh… não sei. Sou vegana, não bebo álcool nem café. Se não fumasse, nenhuma pessoa normal confiaria em mim – afirma, não em tom de piada, mas como se tivesse refletido seriamente no assunto.

Peter suspira profundamente e tosse.

– Não pode aparecer aqui e assumir que vai ficar com o cargo de treinadora sem sequer me explicar o que pretende fazer com a nossa *equipa!*

Zackell enche a boca de fumo e inclina a cabeça para o lado.

– A equipa que têm agora?

– Sim! A equipa que irá treinar!

– O quê, a vossa equipa principal? Sem remédio. Uma data de jogadores acabados, demasiado velhos e inúteis para que alguém os queira.

– Mas consegue pô-los a jogar bem? É isso que está a dizer?

Zackell ri-se. Não de forma afável ou simpática, apenas condescendente.

– Não. Valha-me Deus, não. Não há maneira de tornar uma equipa má numa equipa boa. Não sou o Harry Potter.

O fumo entra nos olhos de Peter e este perde a paciência.

– O que está a *fazer* aqui? O que é que *quer?*

Zackell tira uma folha de papel amachucada do bolso. Sopra o fumo para longe de Peter, com alguma hesitação, como se não quisesse estar a pedir desculpa por fumar e achasse que ele devia fumar também.

– Está zangado?

– Não estou… zangado – responde Peter, controlando-se.

– Parece um bocadinho zangado.

– Bom, não *estou.*.. Esqueça, está bem?

– Já me disseram que não tenho jeito para lidar com… pessoas. Sentimentos, esse tipo de coisas – admite Zackell, mas o seu rosto permanece totalmente impassível.

– A sério! Nem imagino porquê! – observa Peter, sarcástico.

Zackell estende-lhe a folha de papel.

– Mas sou uma boa treinadora. E ouvi dizer que você é um bom diretor-geral. Se conseguir que os nomes nesta folha me deem tudo o que têm no gelo, consigo fazer deles uma equipa vencedora.

Peter lê os nomes: Bobo. Amat. Benji.

– São adolescentes. Um deles tem só dezasseis anos. Vai construir a equipa principal com eles?

– Não vão formar toda a equipa principal. Vão ser a base. Este é o novo capitão de equipa – indica Zackell, cortando-lhe a palavra.

Peter olha para ela, depois para o nome que ela aponta.

– Vai nomeá-lo *capitão?* Da equipa principal?

Ela responde, como se fosse a coisa mais natural do mundo:

– Eu não, você. Porque é melhor do que eu com pessoas.

Depois dá-lhe outro papel. Neste, um só nome: «Vidar». Peter olha para ele e exclama:

– NEM PENSAR!

– Então conhece o Vidar?

– Se o conheço?! Ele… ele…

Peter começa a tremer e literalmente às voltas, como um temporizador de cozinha avariado. Sune está parado à porta, com o café na mão. Zackell recusa a caneca que lhe é oferecida, mas vê-se forçada a pegar-lhe. Sune sorri ao ver o nome no papel.

– Vidar? Esse rapaz, sim. Provavelmente não pode jogar na equipa. Por…

razões geográficas.

O tom de voz de Zackell quando responde é prático, mas não presumido.

– Foi-me garantido que ele será libertado em breve.

– Da clínica? Como é que isso aconteceu? – balbucia Sune, estupefacto.

Zackell não diz: «Richard Theo.» Diz apenas:

– Não é problema meu. O meu problema é que preciso de um guarda-redes e ele parece ser o melhor de Björnstad.

Peter aperta os braços à volta do próprio corpo, furioso.

– O Vidar é um criminoso e… e um *psicopata!* Não vai jogar na *minha* equipa!

Zackell encolhe os ombros.

– A equipa não é sua. É minha. Perguntou-me o que queria, não foi? O que quero é ganhar. E não posso fazê-lo com meia dúzia de jogadores velhos que mais ninguém quer. Tem de me dar mais do que isso.

– O quê? – pergunta Peter, encostando-se, desconsolado, à parede da casa.

Zackell sopra uma nuvem de fumo de charuto.

– Um gangue de bandidos.

*

Teemu Rinnius entra no Urso Pardo. Ramona debruça-se sobre o balcão e dá-lhe uma palmadinha carinhosa na face. Ele traz-lhe dois sacos de compras, um deles quase cheio até ao cimo de maços de cigarros. Quando Holger morreu, Ramona deixou de sair. Teemu nunca a criticou por isso; certificou-se apenas de que nunca lhe faltava nada. Portanto ela raramente critica as opções de vida dele. A moralidade é sempre discutível, mas eles os dois sabem que a maior parte das pessoas só quer chegar ao fim do dia. Como Ramona costuma dizer: «Toda a gente chafurda na própria merda.»

Teemu parece quase inofensivo, com o cabelo bem penteado e o queixo barbeado. E Ramona parece quase sóbria, se uma pessoa lá chegar logo de manhã cedo.

– Como está a tua mãe? – pergunta ela.

– Bem, está bem – responde Teemu.

Ramona sabe que a mãe dele está sempre cansada. Gosta demasiado de comprimidos para dormir e de homens complicados. Quando cresceu, Teemu conseguiu começar a livrar-se dos homens, mas nunca foi capaz de fazer nada quanto aos comprimidos. Nos olhos azuis, ele traz todas as vidas que gostaria que a mãe tivesse vivido, e talvez seja por isso que Ramona se preocupa mais com Teemu do que com todos os outros homens que entraram e saíram do Urso Pardo ao longo dos anos. Hoje, porém, aqueles olhos azuis estão iluminados por algo mais: esperança.

– O Vidar ligou-me! Sabe o que ele disse? – pergunta.

Há investigações policiais que alegam que Teemu Rinnius é mortalmente perigoso. Há muitas pessoas que garantem que ele é um criminoso. Mas existe um bar em Björnstad onde ele será sempre apenas um rapazinho, inseguro e ansioso.

– O que é isto? Algum concurso? Diz-me de uma vez! – responde Ramona com impaciência.

Teemu ri-se.

– Vão deixá-lo sair! O meu irmãozinho vai voltar para casa!

Ramona não sabe o que fazer com os pés e acaba por dançar em círculo, duas vezes, antes de exclamar:

– Vamos precisar de uísque melhor!

Teemu já pôs uma garrafa em cima do balcão. Ramona sai a correr de trás do bar para lhe dar um abraço.

– Desta vez vamos cuidar melhor do teu irmão. Desta vez não o vamos largar!

A velha proprietária do bar e o jovem lutador riem-se. Hoje, os dois estão demasiado felizes para perguntarem a si próprios: porque é que Vidar vai ser libertado tão cedo? De quem é a mão que está a girar a chave?

A política é uma série de negociações e cedências, e, mesmo que os

processos sejam muitas vezes complicados, as bases são sempre simples: toda a gente quer receber o seu pagamento, de uma maneira ou de outra, e por isso a maior parte de todos os sistemas burocráticos funciona da mesma forma: dás-me algo, e eu dou-te algo em troca. É assim que se constroem civilizações.

Richard Theo gosta muito do seu carro; conduz vários milhares de quilómetros todos os anos. A tecnologia pode ser boa para muitas coisas, mas deixa rasto. *E-mails*, mensagens de texto, mensagens de voz, todas estas coisas são os piores inimigos de um político. Por isso ele conduz longas distâncias para ter discretamente conversas que ninguém conseguirá provar que aconteceram.

Peter Andersson está certo. Theo ligou a Elisabeth Zackell porque reconheceu o valor que ela tem em termos de relações públicas, como uma treinadora do sexo feminino num clube conhecido pela masculinidade violenta. Theo compreende também o valor da vitória; por isso, quando Zackell estudou a lista de jogadores da equipa principal de Björnstad, perguntou-lhe do que precisava. Ela respondeu: «Acima de tudo? Um guarda-redes. Havia aqui um rapaz nos juniores, há uns anos, com boas estatísticas. Vidar Rinnius. Parece ter desaparecido. O que lhe aconteceu?»

Theo não percebe nada de hóquei, mas percebe de pessoas.

Foi fácil descobrir em que centro de tratamento Vidar estava: ao longo dos anos, Theo fizera amizade com pessoas em várias agências da autoridade e organismos públicos. Assim, ligou a Zackell e perguntou-lhe: «Está mesmo interessada no Vidar?»

Zackell respondeu: «Se conseguir prometer-me que o traz para a equipa, e se eu conseguir encontrar mais três bons jogadores em Björnstad, consigo levar a equipa à vitória.»

Richard Theo teve de cobrar alguns favores pessoais. Custou-lhe mais algumas promessas e muitas horas atrás do volante. Mas Vidar Rinnius será libertado em breve, bastante mais cedo do que era esperado. Não se violaram quaisquer leis, nem sequer se dobraram regras. A única coisa que aconteceu foi que Richard Theo é amigo do presidente do comité certo e o caso foi entregue a um novo assistente social, que considerou que «as necessidades de tratamento de

Vidar devem ser reavaliadas».

Vidar tinha apenas dezassete anos quando foi detido por agressão e posse de narcóticos, tendo sido então condenado a tratamento numa clínica segura. As burocracias podem ser coisas complicadas, às vezes há erros e, sejamos sinceros, as necessidades de tratamento não deviam mesmo ser reavaliadas de tempos a tempos? Tendo em conta a escassez de vagas nos centros de tratamento, não seria na verdade uma irresponsabilidade política deixar um jovem lá dentro mais tempo do que o estritamente necessário?

No seu relatório, o novo assistente social responsável pelo caso declarou que Vidar Rinnius fora um jogador de hóquei prometedor antes de ser enviado para a clínica, e que a sua reabilitação para «uma vida pró-social» teria mais hipóteses de sucesso se «o jovem em questão tivesse oportunidade de retomar uma ocupação de seu interesse num ambiente menos restrito». Normalmente a libertação seria feita de modo mais gradual, através de outras instituições e lares, mas esse processo podia ser abreviado se ele tivesse acesso a «um lar estável e seguro». Assim, um apartamento no Covão, propriedade da associação de habitação social de Björnstad, ficou subitamente vago. Claro que Richard Theo não tivera nada a ver com o caso, porque isso seria corrupção. E claro que o assistente social no caso de Vidar Rinnius não era de Björnstad, porque isso pareceria suspeito. Mas a sogra do assistente social, que falecera recentemente, era de lá. A esposa do assistente social herdara uma pequena propriedade junto ao lago, e dentro de alguns meses era bem possível que, por pura coincidência, desse entrada na autarquia um pedido de licença para construção de algumas cabinas de férias nesses terrenos. Habitualmente, esse tipo de pedido é rejeitado de imediato, pois não é permitido construir tão perto da água, mas, desta vez, o assistente social terá a sorte de ver a sua candidatura ser aceite.

Uma assinatura numa folha de papel em troca de uma assinatura noutra folha de papel. Burocracia em ação. Elisabeth Zackell consegue o seu guarda-redes, Teemu Rinnius tem o seu irmão mais novo de volta e Peter Andersson ganhará uns quantos inimigos perigosos. E, por último, Richard Theo terá tudo aquilo

que pretende. Toda a gente quer receber o seu pagamento; a única diferença é o tipo de moeda preferido.

*

Quando Peter deixa a casa de Sune, este e Zackell acompanham a pequena Alicia a casa.

– Posso voltar amanhã e treinar mais? – pergunta a pequena.

Sune promete-lhe que sim. Zackell continua inexpressiva. Sune teve de lhe pedir para não fumar em frente da criança. Zackell pareceu ter alguma dificuldade em compreender se era por ser uma coisa má por si mesma ou se a criança estava a tentar deixar de fumar e não precisava de tentações.

Depois de Alicia entrar em casa a correr, Sune vira-se para Zackell de testa franzida.

– Está a falar a sério quando diz que quer trazer o Vidar para a equipa?

– É um bom guarda-redes, não é? Vi os números da última época que ele jogou. Estavam errados?

– O Vidar pode muito bem ser o melhor guarda-redes que esta cidade já viu. Mas também tem… problemas.

– Está disponível para jogar ou não?

– Estar disponível não é o mesmo que ser indicado – comenta Sune.

A incompreensão de Zackell é quase comovente.

– Hóquei é hóquei. Se ele for bom, é indicado. Porque é que o Peter está tão zangado com ele?

Sune tenta conter o riso.

– O Peter não está… zangado.

– Parece.

– O Vidar tem problemas de… controlo de impulsos. Tem dificuldade em refrear-se. E o Peter não gosta de… confusões.

– Confusões?

– O Vidar… Bem, por onde começar? O irmão dele é…

– Um *hooligan.* O líder da Matilha. Já ouvi falar disso – interrompe Zackell.

Sune pigarreia.

– Sim… bom… aqui não há necessariamente uma Matilha… foi tudo um bocado exagero da comunicação social. Mas… enfim, uma vez houve de facto uma luta fora do rinque, entre claques, depois de um jogo da equipa principal. O Teemu esteve envolvido. Os juniores iam jogar a seguir, mas, à hora de começar, os juniores não tinham guarda-redes porque o Vidar estava dentro de um carro da polícia. Tinha saído a correr do rinque para se envolver na luta, sem sequer tirar os patins. De outra vez, arrombou a porta do rinque e andou de mota pelas bancadas. Estava… bom, um bocado bêbado. Noutra ocasião, ouviu dizer que o Peter se tinha pronunciado contra os *hooligans* numa reunião da direção e passou a noite a recolher todos os discos de hóquei. E foram mesmo *todos* os discos. Do rinque, da loja de desporto, das garagens das pessoas… no dia seguinte, tivemos de pedir aos espectadores num jogo da taça de infantis para irem a casa ver se tinham algum disco que pudéssemos usar. E, de outra vez, o Vidar atingiu um árbitro nos… numa parte sensível do corpo. A meio do jogo. O Peter baniu-o do clube, e por isso o Vidar entrou, quando o rinque estava fechado, e cagou na secretária do Peter.

Zackell acena com a cabeça, sem parecer muito preocupada.

– E o Peter não gosta de confusões?

Sune ri-se.

– O Peter perde a cabeça se alguém lhe entornar café na secretária. Está a ter dificuldade em perdoar esta história. Não a deixará pôr o Vidar na equipa.

Zackell transmite a nítida impressão de que não percebe o que tem uma coisa a ver com a outra.

– Têm algum guarda-redes em Björnstad melhor do que o Vidar?

– Não.

– Eu treino equipas de hóquei. A única coisa que sei fazer é tratar toda a gente com justiça, o que não significa tratar toda a gente da mesma maneira. Um bom jogador é um bom jogador.

Sune concorda com um aceno.

– Raios me partam. O Peter vai ter um ataque.

– Isso é mau?

Sune sorri.

– Não. Um clube vibrante precisa de estar cheio de pessoas que ardem de paixão, e o que resulta da fricção é fogo.

– E incêndios florestais – observa Zackell.

Sune suspira.

– Não me dê cabo da metáfora.

– Era uma metáfora? Desculpe. Não sou muito boa com…

– Pessoas? Sentimentos? – avança Sune.

– Pezinhos de lã. Preciso de jogadores que… deem tudo.

– É por isso que precisa do Peter. Ele motiva-os, você treina-os.

– Sim.

– Ele vai recusar-se sequer a falar com o Vidar. Mas eu posso falar com o irmão do Vidar.

– O irmão?

– Sim.

– E os outros três? O Benji, o Bobo e o Amat? O Peter falará com eles?

– Não.

– Não?

– Se quer que ele motive o Benji, o Bobo e o Amat, não precisa que ele fale com os rapazes. Tem de falar é com as mães e as irmãs deles.

– Que cidade tão estranha – declara Zackell.

– Já nos têm dito – confirma Sune.

16

Björnstad contra os outros

As notícias no *website* do jornal local correm depressa. Possivelmente porque não há muito mais de que falar. Ou talvez porque o hóquei, aqui, é mais importante do que em muitos outros locais. Ou se calhar porque o vento está a mudar, sem que a maior parte das pessoas se aperceba.

«Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad salvo por novo patrocinador: diretor-geral, Peter Andersson, envolvido em conversações secretas», anuncia o jornal. Algumas linhas mais abaixo, a revelação seguinte: «As nossas fontes indicam que a antiga jogadora da seleção nacional feminina, Elisabeth Zackell, será a nova treinadora da equipa principal, e a primeira treinadora do sexo feminino na história do Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad.»

O jornal não diz onde foi buscar essa informação, apenas que se trata de «uma pessoa próxima do clube».

*

Os políticos precisam de conflito para vencerem eleições, mas também precisam de aliados. Richard Theo só conhece duas formas de conseguir que alguém que não gosta dele lute, ainda assim, do seu lado: um inimigo comum ou um amigo comum.

No dia em que Peter conhece Elisabeth Zackell, uma repórter do jornal local liga para outro político nos escritórios municipais. No entanto, é Richard Theo que atende.

– Lamento muito, mas a pessoa que está a tentar contactar encontra-se de férias. Eu ia a passar no corredor e ouvi o telefone a tocar – explica,

amavelmente.

– Oh… Recebi um *e-mail* do assistente dele a pedir-me para entrar em contacto… Mencionava «uma dica sobre o Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad»?

Theo tem uma extraordinária capacidade para se fazer de estúpido. O facto de o assistente do outro político ter uma *password* que consiste num palavrão seguido de «12345» é apenas uma feliz coincidência.

– Uma dica sobre o clube de Björnstad? Talvez alguma coisa sobre o novo patrocinador ou a mudança de treinador? – sugere Theo em tom prestável.

– O quê? – exclama a repórter.

Theo finge-se hesitante.

– Desculpe… pensei que já fosse do conhecimento geral… que estúpido… se calhar já disse mais do que devia. Não sou a pessoa indicada para estar a falar sobre…

A repórter pigarreia.

– Não pode… adiantar mais qualquer coisa?

– Não vai colocar o meu nome em nada, pois não? – pede Theo.

A repórter promete e, muito magnânimo, Theo explica que «não quer tirar o crédito a Peter Andersson, porque ele é que tem feito o trabalho todo!».

Quando a notícia aparece no *website,* Theo dirige-se para o supermercado, pede para falar com o dono e é conduzido ao armazém.

O Janota está a organizar o *stock*; um antigo gigante do hóquei a conduzir uma empilhadora, mas de fato, como sempre. Quando era mais novo, tinha alguma dificuldade em atrair a atenção das raparigas, por isso começara cedo a vestir-se de forma mais elegante do que os outros. Quando os colegas usavam *T-shirts*, ele vestia um casaco aprumado e, quando eles vestiam fato para ir a funerais, ele aparecia de fraque. Foi assim que ganhou a sua alcunha.

– O meu nome é Richard Theo – apresenta-se o político, desnecessariamente.

– Sei muito bem quem você é. Andámos juntos na escola – resmunga o Janota, saltando da empilhadora.

O político estende-lhe uma grande caixa. O proprietário do supermercado aceita, desconfiado.

– Quero ajudar o Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad – anuncia Theo.

– As pessoas por aqui não querem dar o controlo do clube a um político – responde o Janota.

– A um político… ou a *este* político? – questiona Theo, com ironia.

O tom de voz do Janota é cauteloso, mas não antipático.

– Imagino que conheça a sua própria reputação. O que pretende de mim?

– Quero que nos ajudemos mutuamente. Porque nós os dois temos um amigo comum, Janota, e acho que isso é mais importante do que ter inimigos em comum.

O Janota abre a caixa, olha para o conteúdo, tenta não parecer chocado, mas não consegue.

– O que… o que quer que eu faça com isto?

– Toda a gente diz que você é o melhor vendedor de Björnstad. Venda-as – sugere Theo.

Enfia as mãos nos bolsos das calças caras. Veste uma camisa branca imaculada por baixo de um colete cinzento, gravata de seda vermelha, sapatos engraxados e reluzentes. Ninguém se veste assim em Björnstad, além dele e do Janota. O proprietário do supermercado olha de novo para a caixa. Só há duas coisas que ele ama, além da família: a sua cidade e o seu clube de hóquei. Assim, quando Richard Theo se vira para sair, ainda vê o Janota sorrir.

A caixa está cheia de *T-shirts*. Nelas, as palavras BJÖRNSTAD CONTRA OS OUTROS.

O Janota vende-as todas em menos de uma hora.

*

Em todas as relações, há uma pessoa que fica a perder. Podemos não gostar de o admitir, mas um de nós consegue sempre um bocadinho mais e o outro está

sempre um bocadinho mais disposto a ceder.

Kira está sentada nos degraus em frente de casa, a inspirar pelo nariz mas sem nunca sentir os pulmões cheios. Estas florestas conseguem sufocar uma pessoa se ela desejar algo mais, mas como se mantém uma família unida se pensarmos apenas na nossa respiração? Já lhe ofereceram empregos melhores, longe de Björnstad. Até já lhe ofereceram um cargo de gerência na firma em que trabalha atualmente, mas implicaria trabalhar mais horas por dia e estar disponível aos fins de semana. E isso é impossível, porque os fins de semana estão repletos de aulas de guitarra e treinos e jogos de hóquei. E ela tem de vender programas e servir café e ser mãe de dois miúdos e mulher de alguém.

Naturalmente, a colega, que é uma fanática antimonogâmica, farta-se de a aconselhar a «não aturar essa merda». Mas o que é um casamento se pusermos de lado a paixão? Uma negociação. Meu Deus, já é difícil que baste duas pessoas concordarem num programa de televisão, quanto mais criar uma vida inteira juntas. Alguém tem de se sacrificar.

Peter sai do *Volvo* com um ramo de flores na mão. Kira tem um segundo copo de vinho no degrau ao seu lado. Bandeiras brancas. Por fim, ela sorri, principalmente por causa das flores.

– Onde é que arranjaste flores a esta hora?

Peter cora.

– Apanhei-as num jardim. Em Hed.

Peter estende a mão e os dedos de ambos tocam-se, a medo.

*

É apenas um clube desportivo. Apenas um desporto. Apenas a fingir. Haverá sempre pessoas que tentarão dizer isso a Alicia, e claro que ela nunca lhes dará ouvidos, o raio da garota. Tem quatro anos e meio e amanhã baterá de novo à porta de Sune. O velho treinador ensinar-lhe-á a disparar discos de hóquei cada vez com mais força contra a parede da sua casa. As marcas na parede serão como os desenhos dos netos que outros homens da idade dele põem no

frigorífico: pequenos sulcos no tempo que provam que alguém que amamos cresceu ali.

– Como estão as coisas no jardim de infância? – pergunta Sune.

– Os rapazes são estúpidos – responde a menina.

– Bate-lhes na cara – aconselha Sune.

A pequena de quatro anos e meio garante que assim fará. Temos de cumprir as nossas promessas. Porém, quando a acompanha a casa, mais tarde, Sune acrescenta:

– Mas tens de ser amiga dos meninos que não têm amigos. E tens de defender os que são mais fracos. Mesmo quando é difícil, mesmo quando é aborrecido, mesmo quando tens medo. Tens de ser sempre uma boa amiga.

– Porquê? – pergunta-lhe ela.

– Porque um dia vais ser a melhor. E depois o treinador faz-te capitã de equipa. E, nessa altura, tens de te lembrar que se espera sempre muito daqueles a quem muito foi dado.

A menina ainda nem percebe o que isso significa, mas lembrar-se-á de cada palavra. Todas as noites sonha com o mesmo som: *bang. Bang. Bang-bang-bang.* O seu clube vive. Tem a sorte de não se chegar a aperceber exatamente do que aconteceu naquele verão, de como esse clube esteve perto de morrer e de como acabou por sobreviver. E a que preço.

*

Quando vivemos tempo suficiente com a mesma pessoa, descobrimos muitas vezes que, embora possa haver uma centena de conflitos no princípio da relação, no fim há apenas um. Acabamos por cair sempre na mesma discussão, embora com diferentes disfarces.

– Há um novo patrocinador… – começa Peter.

– O jornal já escreveu sobre isso *online,* está toda a gente a falar no assunto – interrompe Kira.

– Eu sei o que queres dizer – afirma Peter, de pé ao fundo dos degraus em

frente de casa.

– Não. Porque ainda não me perguntaste – responde Kira, e bebe um gole de vinho.

E ele não pergunta, ainda. Diz apenas:

– Posso salvar o clube. Prometi à Maya que…

Kira aperta-lhe suavemente os dedos, mas a sua voz é implacável.

– Não metas a nossa filha nisto. Vais salvar o clube por ti próprio. Queres provar a todas as pessoas nesta cidade que não acreditam em ti que estão erradas. Outra vez. Nunca deixarás de o tentar provar.

Peter range os dentes.

– O que queres que faça? Que deixe morrer o clube quando as pessoas…

– Não interessa o que as *pessoas* pensam – interrompe ela, mas ele corta-lhe também a palavra:

– A minha morte foi anunciada no jornal! Alguém ameaçou a minha vida!

– Alguém ameaçou as *nossas* vidas, Peter! Por que raio é que tu é que decides quando esta família é uma equipa e quando é que não é?

As lágrimas dele caem sobre o cabelo dela. Peter agacha-se à frente da mulher.

– Desculpa. Sei que não tenho o direito de te pedir mais nada. Amo-te. A ti e aos miúdos. Mais do que tudo…

Ela fecha os olhos.

– Nós sabemos, querido.

– Sei os sacrifícios que fizeste pelo meu hóquei. Eu sei.

Kira esconde o desespero atrás das pálpebras. Todos os outonos, invernos e primaveras, a família inteira vive de acordo com os ditames do hóquei: sobe aos céus quando a equipa vence e cai por terra quando a equipa perde. Kira não sabe se aguenta passar por mais uma época. No entanto, levanta-se e declara:

– O que é o amor, se não é estarmos dispostos a fazer sacrifícios?

– Querida, eu… – começa Peter, mas não termina a frase.

Kira veste uma *T-shirt* verde com as palavras BJÖRNSTAD CONTRA OS OUTROS.

Morde o interior das bochechas, arrasada por aquilo de que está a desistir, mas orgulhosa da sua escolha.

– O Janota ligou. Está a vendê-las na loja. Os nossos vizinhos traziam uma vestida quando chegaram a casa. Por amor de Deus, Peter, têm os dois mais de noventa anos. Que velhotes de noventa anos é que usam *T-shirt?*

Sorri. Peter desvia os olhos, embaraçado.

– Não sabia que o Janota…

Kira toca-lhe na face.

– O Janota adora-te. Oh, adora-te mesmo, querido. Pode haver pessoas nesta cidade que te odeiam, e não há nada que possas fazer quanto a isso. Mas são muitas mais as que te veneram, e também não podes fazer nada quanto a isso. Às vezes, gostava que não fosses indispensável para eles, que eu não tivesse de te partilhar, mas, quando casei contigo, sabia que metade do teu coração pertence ao hóquei.

– Não é verdade… por favor… se me pedires, eu demito-me!

Ela não lhe pede. Salva-o de ter de revelar que está a mentir. É o que fazemos quando amamos alguém. Diz:

– Eu sou uma das pessoas que te venera. E estou na tua equipa, aconteça o que acontecer. Vai lá salvar o teu clube.

A resposta dele é quase inaudível.

– Para o ano, querida, dá-me só mais uma época… Para o ano…

Kira dá-lhe o copo de vinho. Está meio cheio ou meio vazio. Beija o marido nos lábios e ele murmura: «Amo-te», o seu hálito a misturar-se com o dela. Ela responde:

– Vence, querido. Já que vais mesmo fazer isto… vence!

Depois Kira entra em casa. Manda um *e-mail* à colega: «Não posso ficar com o escritório. Este ano ainda não. Desculpa.» E a seguir vai deitar-se.

Há três mulheres na cama naquela noite. Apenas três.

*

A repórter do jornal local liga a Peter nessa noite, já tarde, e pergunta-lhe diretamente:

– Pode confirmar os boatos? Há mesmo um novo patrocinador? Consegue salvar o clube? Nomeou uma treinadora do sexo feminino? Björnstad sempre vai jogar contra Hed na primeira partida da época?

Peter responde a todas as perguntas da mesma maneira; depois desliga.

– Sim.

17

Cheira a sangue e pega fogo

Na parede do gabinete, ao lado da imagem da cegonha, Richard Theo tem uma página que imprimiu do *website* da Federação de Hóquei no Gelo. É o calendário de jogos do Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad na próxima época. Primeiro adversário: o clube de Hed.

Uma mosca entra pela janela aberta. Theo não a mata. Deixa-a zumbir pelo ar, cada vez mais perdida. Leu há pouco tempo um livro sobre terrorismo, no qual um historiador fazia uma analogia com uma loja de porcelanas: uma mosca solitária não consegue derrubar uma única chávena, mas uma mosca a zumbir aos ouvidos de um touro, até este entrar em pânico e investir, furioso, contra a loja de porcelanas, pode causar uma devastação assombrosa.

Richard Theo não precisa de devastação; dá-se por satisfeito com o conflito. Assim, passou muito tempo a ouvir toda a gente. As pessoas no supermercado, na loja de *bricolage*, no Urso Pardo, no Covão, nos Montes; fitou toda a gente diretamente nos olhos e, em vez de dar opiniões, fez perguntas: «O que deviam os políticos estar a fazer por si?»; «Onde é que vê Björnstad daqui a dez anos?»; «Quanto pagou de impostos o ano passado? E acha que beneficiou desse dinheiro?» Com isto, percebeu que as pessoas por aqui estão preocupadas com três coisas: empregos, cuidados de saúde e hóquei.

Então, sentou-se ao computador e começou a escrever. Ao longo de todo o verão, o jornal local tem publicado artigos sobre os boatos de que o hospital em Hed vai fechar, e Theo comentou repetida e anonimamente essas notícias, recorrendo a uma dúzia de contas falsas. Ele nunca espalha o ódio, nunca chama as atenções sobre si; discretamente, limita-se a deitar mais gasolina numa fogueira que já está acesa. Quando uma grávida, preocupada, perguntou o que aconteceria à maternidade desse hospital, um dos pseudónimos anónimos de Theo inquiriu: «Ouviu dizer alguma coisa?» E a mulher respondeu: «Conheço uma pessoa que trabalha lá e diz que vai fechar!!» O pseudónimo de Theo

respondeu: «Esperemos que o Governo não suba os impostos da gasolina, senão nem poderemos dar à luz nos nossos carros.» Quando um homem desempregado, despedido há pouco tempo da fábrica de Björnstad, acrescentou: «Exato! Somos sempre nós, aqui na província, que sofremos!», outra das identidades de Theo escreveu: «Porque é que o dinheiro dos nossos impostos há de ir para o hospital de Hed em vez de se abrir uma clínica nova em Björnstad?»

Mais vozes iradas juntaram-se ao homem e à mulher, o tom depressa se tornou mais inflamado e Theo limitou-se a empurrar delicadamente a frustração geral na direção certa quando escreveu: «Então as mulheres aqui vão ter de parir nos carros, mas a autarquia parece ter sempre dinheiro suficiente para o Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad, não é?»

Os hospitais e o hóquei não são financiados pelo mesmo orçamento, as decisões nem sequer são tomadas pelos mesmos políticos, mas, quando se faz uma pergunta complicada, haverá sempre um público recetivo à resposta mais simples. Assim, dia após dia, em diferentes caixas de comentários, Richard Theo tem vindo a fazer aquilo que faz melhor: criar conflito, virar uns contra os outros. A província contra as cidades grandes. Hospital contra hóquei. Hed contra nós.

Nós contra os outros.

E agora cada vez mais pessoas, de todas as idades e de todas as partes da cidade, usam as *T-shirts* verdes com as palavras BJÖRNSTAD CONTRA OS OUTROS.

A política nunca é estritamente linear, as grandes mudanças não aparecem do nada, há sempre uma série de causas mais pequenas. Às vezes, a política é arranjar um treinador para um clube de hóquei, outras vezes é apenas atender o telefone quando outro político está de férias. A repórter que liga a Richard Theo da segunda vez é a mesma que ligou antes. Desta vez, está a tentar preencher a seca de notícias do verão com questionários simples – por exemplo: «Como é que as nossas celebridades locais festejaram o solstício?» –, e claro que Richard

Theo é, ao mesmo tempo, «um político e uma celebridade, de certa forma», e foi tão prestável da última vez que falaram. Naturalmente, Theo não perde a oportunidade:

– Na verdade, estive em Hed, a assistir aos festejos do solstício… Sabe que é a autarquia que paga sempre os festejos deles? Claro que preferia muito mais ter celebrado o feriado aqui em Björnstad!

– Isso significa que você que acha que as entidades do distrito deviam organizar os festejos do solstício aqui, em Björnstad? – questiona a repórter.

– Acho que, em épocas como esta, os contribuintes em Björnstad podem ficar um pouco preocupados porque todos os recursos regionais parecem estar a ir para Hed – observa Theo.

– Como assim?

– Basta olhar para as caixas de comentários do vosso próprio *website*. Porque não o faz? – sugere Theo.

A repórter desliga e depressa encontra a secção de comentários nos artigos sobre o hospital. Entretanto, Richard Theo apagou todos os seus comentários, mas muitas outras pessoas já repetiram coisas como: «Então Björnstad tem de encontrar os seus próprios patrocinadores enquanto a AUTARQUIA paga as contas em Hed?»; «Porque é que há dinheiro para o Clube de Hóquei no Gelo de Hed, mas não para o HOSPITAL?»

A repórter liga de novo a Theo. Ele afirma, com modéstia, que «não esteve envolvido nas discussões sobre o hospital» e que a repórter faria melhor se perguntasse ao líder do partido maioritário. E é o que a repórter faz. O líder do partido maioritário, de férias em Espanha, atende o telemóvel. A repórter vai direta ao assunto:

– Porque é que está a transferir todos os apoios financeiros públicos do Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad diretamente para o de Hed? O Clube de Hóquei no Gelo de Hed não pode arranjar os seus próprios patrocinadores, para que a autarquia em vez disso invista o dinheiro no hospital?

Talvez o político esteja demasiado relaxado; talvez tenha até bebido um copo de vinho, porque responde:

– Oiça, minha querida, não é o mesmo dinheiro! Com certeza compreende que são orçamentos completamente distintos! No que diz respeito ao hóquei, estamos a concentrar os recursos públicos onde acreditamos que serão mais benéficos, e neste momento é no clube de Hed, não no de Björnstad.

A repórter cita a resposta dele *online*, mas omite a referência ao hóquei. Assim, o que é publicado é apenas «neste momento é em Hed e não em Björnstad». A caixa de comentários depressa se enche de observações: «Ah, como de costume, Hed é que fica com tudo! Acham que nós, em Björnstad, não pagamos também impostos?» Depois: «Como alguém disse antes, porque é que há dinheiro para o Clube de Hóquei no Gelo de Hed, mas não para centros de saúde em Björnstad???» E a seguir: «O que é que os políticos acham mais importante? O hóquei ou os cuidados de saúde?»

A repórter liga de novo ao político em Espanha e pergunta:

– O que é que o *senhor* acha mais importante? O hóquei ou o hospital?

O político pigarreia e tenta explicar:

– Não podemos fazer comparações assim…

Mas a repórter continua a insistir até que, por fim, o político riposta com maus modos:

– Com certeza que percebe que eu acho que os hospitais são mais importantes do que o hóquei!

A repórter cita-o diretamente e acrescenta algumas palavras extra para fornecer contexto: «… disse ele, quando o contactámos na sua residência de férias em Espanha». O artigo menciona também, por alto, o facto de o político proprietário de uma casa de férias em Espanha residir em Hed, não em Björnstad.

Quando a repórter contacta novamente Richard Theo para pedir outra entrevista, Theo pergunta-lhe se se importa de o vir entrevistar no edifício da autarquia, porque estará a trabalhar durante o verão todo.

– Ser um vereador local não é um trabalho, é um privilégio – acrescenta.

O artigo seguinte no jornal inclui uma fotografia dele, sozinho, no refeitório da câmara municipal, a trabalhar. Em resposta à pergunta «Hóquei ou cuidados

de saúde?», Richard Theo responde:

– Acredito que os contribuintes merecem uma sociedade onde não são obrigados a escolher entre cuidados de saúde e a possibilidade de exercício e entretenimento.

*

Em breve surgirá outro artigo no *website* do jornal local. Ninguém sabe realmente como é que uma repórter temporária de verão desencantou uma notícia destas, mas, de súbito, há documentos que provam que vereadores importantes passaram a primavera em discussões secretas sobre o hospital de Hed. Alega-se que é possível salvar os empregos de um dos departamentos do hospital com o encerramento imediato de outro departamento, «que tem um peso mais elevado em termos de custos». De alguma forma, o jornal conseguiu descobrir, por uma «fonte fiável», que o departamento que «a elite de políticos no poder» prefere salvar tem mais funcionários residentes em Hed enquanto o departamento ameaçado com o encerramento tem mais funcionários residentes em Björnstad.

Saber-se-á mais tarde que não é verdade, mas nessa altura já não importa, porque durante o verão todo as manchetes proclamam: «Mais desemprego para Björnstad.»

Na caixa de comentários, acontece o que acontece sempre nas caixas de comentários: cheira a sangue e pega fogo.

*

A dada altura, durante o verão, uma vereadora chega à oficina do Javali para ir buscar o seu carro, que teve de ser reparado quando a visibilidade através do para-brisas ficou ligeiramente obstruída pelo aparecimento inconveniente de um machado no capô. Bobo reparou-o e pintou-o, mas, quando a mulher abre a mala

para tirar a carteira, o rapaz abana a cabeça e informa:

– Já está pago.

Não diz por quem, mas a mulher compreende. Conduz até casa, ainda aterrorizada com o mero pensamento de se cruzar com alguns homens de blusão preto, mas não há nada assustador à sua espera em casa. Apenas um magnífico ramo de flores. O cartão diz: «Não tenha medo! Ainda tem amigos, não deixaremos que as forças das trevas levem a melhor! *Richard Theo*.»

A mulher liga-lhe para agradecer. Theo, humilde, afirma não querer nada em troca, e ela respeita-o por isso. Ele sorri ao desligar. Tem frequentemente um plano, mas nem sempre; às vezes é só como um bom jogador de hóquei: possui reflexos rápidos. Naquela tarde pouco antes do feriado do solstício, depois de os políticos do sistema terem tido a reunião com Peter relativamente ao Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad, a insegura vereadora estava parada no corredor, sem coragem de sair. Richard Theo passou por ela junto da máquina de café e perguntou:

«Parece preocupada… O que se passa?»

A vereadora representava um partido que se distanciara publicamente «e de forma categórica» de Richard Theo, mas algumas palavras amáveis podem chegar muito longe. Ela admitiu: «Oh, não sei. Toda a gente diz que o Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad vai entrar em falência, mas eu não tenho interesse nenhum por desporto! O que hei de fazer se alguém me fizer perguntas?»

Theo pousou-lhe a mão no ombro e disse: «Não é assim tão grave. Afinal de contas, a região ainda fica com outro clube de hóquei. Diga só que as pessoas deviam passar a apoiar o Clube de Hóquei no Gelo de Hed!»

E a mulher saiu do edifício e, enquanto um apoiante de Hed a filmava, foi precisamente isso que disse. Logo de seguida encontrou um machado cravado no capô do carro. Os seus colegas de partido, no dia seguinte, não foram nada compreensivos.

«Como é que pôde ser estúpida ao ponto de dizer que toda a gente devia começar a apoiar Hed? *Neste* município?»

O que havia ela de responder? Que fora Richard Theo que lho sugerira?

Manteve a boca fechada, os colegas de partido gritaram com ela e, assim que a deixaram, ela desatou a chorar.

Nessa noite, Theo passou pelo gabinete dela: ouviu as suas queixas, mostrou-se solidário e até lhe pediu desculpa. Ela tinha novos inimigos, por isso precisava de um amigo. Theo ofereceu-se para levar o carro dela a uma oficina, prometeu pagar os estragos, disse-lhe que não se preocupasse. Levou-a a casa e pediu-lhe que ligasse para ele caso se sentisse ameaçada, por pouco que fosse, a qualquer hora.

«Não precisa de ter medo, tem bons amigos», recordou-lhe. Depois acrescentou: «Faço questão de me certificar de que o clube castiga os *hooligans* que a atacaram. Vou garantir que acabam com a bancada em pé no rinque!»

Nenhum dos colegas de partido dela lhe perguntou como estava, nenhum lhe estendeu a mão, portanto ela aceitou a única mão que lhe era oferecida. E que pertencia a alguém com reflexos rápidos.

*

O político com a casa de férias em Espanha apercebe-se do seu erro assim que põe os olhos no jornal. Interrompe à pressa as suas férias e regressa a casa. É recebido no aeroporto por Richard Theo.

– O que está a fazer aqui? – pergunta o político da casa de férias em Espanha.

– Quero ajudá-lo – oferece-se Theo.

O político da casa de férias em Espanha ri-se.

– A sério? É que nunca estivemos propriamente do mesmo lado…

Mas fica curioso, e os artigos no jornal sobre o hospital deixaram-no entre a espada e a parede. Assim, Theo oferece-se para lhe pagar um café e explica afavelmente que «nós os dois sabemos o que é melhor para a região» e que «ninguém tem nada a ganhar com ansiedade e discórdia». Falam um pouco sobre os artigos relativos ao hospital, e Theo lamenta o facto de ter sido tudo transmitido «de forma infeliz». O político da casa de férias em Espanha passa algum tempo a amaldiçoar «os filhos da mãe dos jornalistas», e por fim Theo

exclama, subitamente:

– Já ouviu falar do novo patrocinador do Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad?

O político da casa de férias em Espanha acena com a cabeça e resmunga:

– Sim! Toda a gente fala disso, mas parece que ninguém sabe realmente quem é esse «patrocinador» misterioso!

Theo inclina-se para ele e revela:

– É a empresa que vai comprar a fábrica em Björnstad. Eles contactaram-me. Posso deixar que seja o senhor a conduzir a conferência de imprensa quando o negócio for oficializado. Haverá muita criação de emprego na região.

O político da casa de férias em Espanha gagueja:

– Como é que?… Eu nem sequer tinha ouvido…

Sem entrar em pormenores, Theo explica que foi informado por uns velhos amigos dos seus tempos de trabalho na banca, em Londres. Explica também o que os novos proprietários da fábrica esperam obter da autarquia:

– Obviamente, vão precisar de alguma boa vontade política. Investimentos em… infraestruturas.

O político da casa de férias em Espanha compreende o que isso significa: terrenos subvencionados, rendas reduzidas, subsídios mais ou menos públicos para a reestruturação da fábrica. Mas também tem a noção do valor de ser o político que pode prometer novos empregos numa conferência de imprensa.

– Porque é que está a contar-me isto? – questiona, desconfiado.

– Porque não quero ser seu inimigo – admite Theo, amavelmente.

O político da casa de férias em Espanha solta uma gargalhada ao ouvi-lo.

– Você é um negociante de cavalos, Richard. Diga lá o que pretende.

Richard Theo responde, em tom calmo:

– Um lugar à mesa nas futuras negociações. Só precisa de me mencionar, a mim e ao meu partido, durante a conferência de imprensa, abrir a porta a uma futura cooperação, e os outros partidos segui-lo-ão.

– Quer que eu limpe a sua reputação política?

– Estou a oferecer-lhe a oportunidade de ser o político que promoveu o

emprego em Björnstad.

O político da casa de férias em Espanha faz-se difícil, mas já está convencido. Assim, tem apenas um pedido a Theo:

– Todos os empregos novos da fábrica têm de ir para pessoas de Björnstad! O meu partido não pode ser visto a favorecer Hed, neste momento, em circunstância alguma!

E Richard Theo faz-lhe uma promessa solene. Que não vale grande coisa. Ele não tem nada contra o político da casa de férias em Espanha; na verdade, são bastante semelhantes. Porém, o problema é mesmo esse. O político da casa de férias em Espanha conhece todas as pessoas com dinheiro na região, mas é também um notório amante de desporto que sempre fez os possíveis para apoiar os clubes de hóquei, e essa é uma combinação perigosa. Richard Theo precisa de um adversário mais fácil de vencer. Assim, quando o político da casa de férias em Espanha vai a caminho de casa, Theo liga para o seu amigo em Londres.

– Está feito. Os novos proprietários terão tudo aquilo de que precisam. Surgiu apenas um pormenor…

Naturalmente, os novos proprietários da fábrica compreendem quando Theo explica que, tendo em conta o aceso debate local relativamente ao encerramento do hospital, seria muito apreciado «entre os políticos locais» se os novos proprietários pudessem comprometer-se a recrutar uma boa parte dos novos funcionários em Hed.

Para que ninguém pense que há algum favoritismo em relação a Björnstad.

*

Certa noite, perto do final do verão, Richard Theo bate a uma porta. A vereadora parece surpreendida quando a abre. Convida Theo a entrar, mas ele sorri de forma apologética e afirma que «não quer incomodar». Vê o marido e os filhos dela no interior da casa.

– Os novos proprietários da fábrica vão tornar o negócio público em breve.

Anunciarão novos empregos e o seu patrocínio ao Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad. Darão uma conferência de imprensa, em conjunto com os políticos que tornaram tudo possível – informa-a Theo.

A mulher não é hábil o suficiente neste jogo para compreender como é que isto a afeta, por isso diz:

– Parabéns. Será um ponto a seu favor nas próximas eleições.

Theo sorri com modéstia.

– Não estarei presente na conferência. Mas o seu partido estará, claro, uma vez que é o partido com maior representação autárquica.

– A minha posição hierárquica não é elevada o suficiente para que eu esteja na conferência de imprensa. Principalmente depois de… enfim, do machado no meu carro – diz ela.

Theo fica satisfeito ao perceber uma nota de raiva, além do medo, na voz dela.

– E se eu conseguisse colocá-la lá, ao lado do líder do seu partido?

– Não consegue fazer isso… pois não?

Fica à espera, mas Theo calou-se; portanto ela pergunta:

– O que quer de mim?

– Quero ser seu amigo – diz ele.

– O que é que eu tenho de dizer na conferência de imprensa? – pergunta ela, um pouco depressa de mais.

– A verdade: que não é só Björnstad que precisa de empregos, mas Hed também. Um político responsável tem de pensar sempre em todo o distrito.

A mulher abana a cabeça e pisca os olhos.

– Não posso… Com certeza percebe que nunca poderia…

Theo toca-lhe na mão, de forma calma e tranquilizadora.

– Está assustada. Não esteja. Ninguém lhe vai fazer nada.

Ela vê nos olhos dele que está a falar a sério.

– Então quer que eu exija que alguns dos empregos na fábrica vão para pessoas de Hed? – sussurra.

Richard Theo assente.

– Metade.

– Tem alguma ideia de como isso me tornará odiada em Björnstad?

Richard Theo encolhe os ombros, pragmático.

– Sim, mas vão adorá-la em Hed. E Hed tem mais gente. Se já for odiada num lado, nem precisa de se esforçar para ser amada no outro. Quem ganha eleições não é quem tem poucos inimigos, é quem tem mais amigos.

– Isto é sequer legal? Pode estar a… O que acontece se o meu partido me exonerar?

– Não está a compreender. Depois disto, não se limitará a manter o lugar no seu partido; tornar-se-á a líder.

E Richard Theo também está a falar a sério quando diz isto.

18

Uma mulher

O verão em Björnstad é capaz de encantar qualquer pessoa: o perfume das rosas, que se intensifica em salas sombrias, a forma como a luz, num lugar tão habituado à escuridão, tem um peso emocional. De súbito, tudo é verde à nossa volta, está de dia durante quase toda a noite, brisas cálidas perseguem-se umas às outras em torno das esquinas, como bezerros à solta no pasto. Mas aprendemos a nunca confiar no calor; é fugaz e inconstante e desilude-nos sempre. As árvores despem-se rapidamente nesta parte do país, de uma só vez, como quem tira uma camisa de dormir; os dias depressa se tornam mais curtos, o horizonte mais próximo. Quando damos por isso, cai o inverno, alvo, e apaga toda a cor das outras estações; ao olhar pela janela, certa manhã, vemos que o mundo é novamente uma folha em branco, um lençol gelado, acabado de passar a ferro. Tiramos os barcos do lago, deixando partes de nós no fundo dos mesmos. As pessoas que éramos em junho, essas pessoas do verão, repousarão numa cama de madeira, bem funda debaixo da neve, durante tantos meses que quase as teremos esquecido na primavera seguinte.

Setembro está a caminho. Uma época que pertence àqueles que gostam de hóquei. O nosso ano começa agora.

*

Fatima e Ann-Katrin estão a terminar os seus turnos no hospital. Todos os médicos por quem passam só querem falar sobre hóquei; a revelação no jornal local, de que há um «novo patrocinador misterioso» que vai salvar o Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad, é o maior tema de conversa, tanto em Björnstad como em Hed.

– Vai ser uma época fantástica! – exclama uma enfermeira na sala de pessoal,

e aborrece-se imediatamente com outra enfermeira apoiante da equipa adversária.

– Hed é que devia ter ficado com esse novo patrocinador!

– O distrito não tem dimensões para ter duas equipas de hóquei – papagueia uma delas.

– Ah é?! Porque não encerram o clube de Hed, se não conseguem sobreviver sem dinheiros públicos? – sugere prontamente a outra.

Começa por picardias amistosas, mas Fatima e Ann-Katrin seguem o hóquei nestas cidades há tempo suficiente para saber que, em breve, isto levará a conflitos a sério, não só no hospital mas em todo o lado. Os melhores e piores sentimentos que as pessoas nutrem umas pelas outras explodirão quando Björnstad e Hed se defrontarem no rinque. O desporto, por aqui, é muito mais do que entretenimento. Principalmente esta época.

Quando Fatima e Ann-Katrin saem do hospital, no final dos respetivos turnos, um homem de casaco de fato de treino está à espera delas no parque de estacionamento.

– Peter? O que fazes aqui? – pergunta Ann-Katrin, surpreendida, ao reconhecer o diretor-geral do Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad à distância.

– Preciso de vos pedir uma coisa, a ambas – diz Peter.

– O quê? – pergunta Ann-Katrin.

– Os vossos filhos.

Fatima e Ann-Katrin desatam a rir; depois percebem que ele não está a brincar.

– Sente-se bem, Peter? – pergunta Fatima, ansiosa.

Ele faz que sim com um ar solene.

– Temos uma nova treinadora, como talvez já tenham ouvido. E ela quer construir o clube… à volta dos vossos rapazes.

Ann-Katrin tenta decifrar o tom de voz de Peter. Pergunta:

– E não achas que seja boa ideia?

Os cantos da boca de Peter estremecem, mas ele baixa o olhar.

– Sempre tentei construir um lugar que fosse… mais do que apenas um clube desportivo. Queria que criasse homens, além de jogadores e que a vitória não fosse o mais importante. Mas… agora temos um novo patrocinador. E se não ganharmos esta época… se não conseguirmos passar à frente de Hed e subir ao escalão superior… não sei se ainda aqui estaremos no próximo ano.

– Diz de uma vez o que vieste pedir – interrompe Ann-Katrin, impaciente.

Peter respira fundo.

– Receio que o clube vá exigir mais dos vossos filhos do que lhes pode pagar.

– Como? – pergunta Fatima.

Peter vira-se para ela.

– No outro dia, o Amat abordou-me quando passei por ele. Perguntou-me se poderia jogar nos juniores e eu… não fui muito simpático com ele…

– Toda a gente tem momentos maus. O Peter não é pior do que ninguém – responde Fatima com um sorriso, mas Peter corta-lhe a palavra.

– Ele perguntou-me pela equipa de juniores, Fatima, mas… meu Deus… não queremos o Amat nos juniores. Queremo-lo na equipa principal!

Fatima engole em seco.

– Com… os homens adultos todos?

Peter não tenta esconder-lhe a verdade.

– Exigirá imenso dele. E todos os jogadores mais velhos serão especialmente duros. Já houve muitos que, na mesma situação, quebraram. Ser o mais novo da equipa, rodeado de adultos… não será fácil.

A expressão nos olhos de Fatima é implacável.

– Nunca ninguém prometeu ao meu filho que as coisas seriam fáceis.

Peter puxa a barba, atrapalhado.

– Eu devia ter respondido ao Amat que a minha filha tem uma enorme dívida de gratidão para com ele, por se ter levantado naquela reunião, na primavera passada, para dizer a verdade…

Fatima abana a cabeça.

– Pode *agradecer-lhe*, mas a Maya não lhe deve nada. Nós é que devíamos estar a pedir-lhe perdão a ela, a cidade toda. Quanto ao meu filho, ele só quer

jogar hóquei. Portanto jogará, desde que o Peter lhe arranje um sítio para o fazer.

Peter acena, grato. Depois, vira-se para Ann-Katrin.

– Não te vou mentir…

Ann-Katrin sorri.

– Nem te atreverias.

Ela é casada com o Javali, o amigo de infância de Peter, e viu-os crescer lado a lado. Assim, Peter diz a verdade:

– Precisamos do Bobo esta época. Temos falta de defesas. Mas, para ser completamente franco, ele não é bom o suficiente para jogar no escalão superior… por isso, se ganharmos, se ele nos ajudar a subir de divisão… não terá qualquer hipótese de ficar na equipa no próximo ano. Esta será a sua última época. Vou exigir dele sangue, suor e lágrimas; terá de pôr o hóquei à frente de tudo: escola, namoradas… tudo. Mas, em troca, não posso oferecer-lhe mais do que um ano.

Ann-Katrin solta a respiração pelo nariz. Dói-lhe o corpo; mais tarde, Peter pensará que ela lhe pareceu magra e exausta, mas calculou que fosse por ter tido um dia de trabalho duro. Tal como quase toda a gente, não sabe da doença dela. E é assim que tem de ser; ela não quer compaixão. Mas quer ver o filho jogar hóquei uma última vez. Por isso, sorri.

– Um ano? Um ano é uma eternidade.

O marido, o Javali, teve de parar de jogar depois de sofrer demasiados traumatismos. Os médicos obrigaram-no a abandonar o desporto e, durante semanas, ele andou calado, a fazer o luto, como se tivesse estado presente no seu próprio funeral. Durante meses não conseguiu sequer aproximar-se do rinque porque sentia ter desiludido a equipa. Desiludido a equipa! Por não ser imortal!

Bobo herdara os ombros largos e a força bruta do pai, mas também a mesma necessidade de fazer parte de um grupo. Ambos detestavam estar sozinhos. Precisavam de um contexto onde se sentissem amados e aceites; e assim, quando o Javali deixou de ter o balneário, foi como se parte de si tivesse sido amputada. O que não teria ele dado por mais um ano? Por uma última partida? Um último momento em que pudesse sentir a vida toda nas entranhas e ouvir os

espectadores aos gritos, um momento em que está tudo em jogo?

Ann-Katrin mal conseguirá ter-se de pé quando chegar a casa esta noite, e o Javali terá de a ir buscar ao carro. Aquele homenzarrão desastrado levá-la-á para dentro ao colo e, como ela está demasiado cansada para dançar, rodopiará lentamente pela cozinha com ela nos braços. Ela adormecerá com os lábios do marido encostados ao seu pescoço, as mãos ainda apaixonadas dele dentro da camisola dela. Bobo lerá Harry Potter ao irmão e à irmã no outro quarto. Amanhã de manhã, bem cedo, Ann-Katrin irá de novo falar com o seu médico.

*

Um ano? O que não daríamos por mais um ano? Um ano é uma eternidade.

*

Cinco velhos tios estão novamente sentados ao balcão no Urso Pardo. Têm novidades para discutir.

– Uma mulher? Como treinadora de hóquei? Será mesmo boa ideia? – pergunta um deles.

– Não posso deixar de pensar que esta história da igualdade está a ir longe de mais – considera outro.

– Oh, cala-te! Aquela mulher provavelmente sabe mais de hóquei do que vocês todos juntos, seus velhos jarretas! – protesta um terceiro.

– Achas? Tu nem consegues distinguir gelo de um gelado. A época passada eu parecia um cão-guia, sempre a dizer-te onde é que estava o disco! – ri-se o quarto.

– Ah, já se arranjam cães-guia que falam, é? Como se não bastasse ter de aturar as tuas tretas de teres assistido ao Campeonato Mundial de 1987 na Suíça – observa o quinto.

– É *verdade!* – insiste o quarto.

– Ah, sim? Impressionante, tendo em conta que o Campeonato Mundial de

1987 foi na Áustria! – riposta o quinto.

Riem-se, os cinco. Depois o primeiro, ou talvez o segundo, questiona:

– Mas… Uma mulher treinadora? Será mesmo boa ideia?

– E dizem que ela gosta de ir para a cama com mulheres. Vamos mesmo ter uma dessas nesta cidade? – questiona o segundo, a menos que seja o primeiro.

O quarto ou quinto responde:

– O mais certo é que já haja mais. Presentemente, estão por todo o lado.

O primeiro acrescenta, com um ar desdenhoso:

– Tudo muito bem se forem discretas, mas porque é que têm de fazer tanto alarido destas coisas? Tem mesmo de ser tudo uma questão política, agora?

O terceiro inclina-se para a frente no banco e é difícil perceber se é a cadeira ou o corpo dele que range quando pede outra cerveja a Ramona.

Enquanto ela tira a cerveja, ele declara:

– Uma coisa vos digo eu: se esta nova treinadora conseguir ganhar a Hed no primeiro jogo, pode ir para a cama com a *minha* mulher. Verão se eu me importo!

Riem-se de novo, os cinco, uns dos outros e uns com os outros.

Ramona dá-lhes também uns aperitivos, raio dos velhos. Amendoins para aqueles cabeças de amendoim.

*

Peter toca à campainha da casa da família Ovich. A mãe de Benji abre.

– Peter! Entre e coma! – ordena de imediato, como se ele estivesse atrasado, apesar de Peter não a ver nem sabe há quanto tempo.

Benji não está em casa, o que deixa Peter satisfeito: não veio para falar com ele. Adri, Katia e Gaby, as três irmãs, estão sentadas na cozinha. A mãe dá uma palmada na testa de cada uma, à vez, por não se terem despachado a pôr um lugar na mesa para a visita.

– Não me vou demorar, já comi – começa Peter a dizer, mas Adri aperta-lhe

o braço.

– Chiu! Se recusar a comida da minha mãe é um homem mais corajoso do que eu pensava!

Peter sorri, primeiro divertido, depois alarmado. Pode-se brincar sobre a maior parte das coisas com a família Ovich, mas não sobre comida. Assim, Peter come três doses a mais do que conseguiria consumir normalmente, e ainda café e quatro tipos de bolachas diferentes, e leva o resto para casa em caixas de plástico e embrulhos de papel de alumínio. Adri acompanha-o à porta, bem-disposta.

– A culpa é sua, por aparecer à hora de jantar.

Peter leva a mão à barriga.

– Queria falar sobre o Benjamin.

– Nós sabemos. Foi por isso que deixámos a minha mãe falar consigo sobre tudo menos isso – diz Adri, com um sorriso ainda mais rasgado.

Depois vê o ar sério nos olhos de Peter e controla-se.

– Temos uma nova treinadora. A Elisabeth Zackell.

– Já ouvi dizer. Toda a gente ouviu dizer. Até apareceu no jornal.

Peter estende-lhe uma folha de papel amachucada. Adri lê os nomes: vê o do irmão, mas é como se não estivesse a compreender bem o significado do «(C)» à frente do nome. Peter ajuda-a:

– Ela quer nomear o Benji capitão de equipa.

– Da equipa principal? De homens feitos? O Benji é…

– Eu sei. Mas esta Elisabeth Zackell não parece… Como hei de dizer? Não faz as coisas da mesma maneira que as outras pessoas – termina Peter, com um ar abatido.

Adri sorri.

– Pois não, e ainda bem. Mas o *meu* irmão como capitão? Ela faz alguma ideia de onde se está a meter?

– Ela diz que não quer uma equipa, quer um gangue. Ocorre-te alguém que fosse melhor bandido do que o teu irmão?

Adri inclina a cabeça para o lado.

– O que quer de mim?

– Tens de me ajudar a controlá-lo.

– Ninguém consegue fazer isso.

Peter coça o pescoço, nervoso.

– Eu nunca fui muito bom com pessoas, Adri. Mas esta Elisabeth Zackell é…

– Ainda pior? – sugere Adri.

– Sim! Como adivinhaste?

– O Sune ligou-me. Avisou-me de que você ia passar por cá.

– Então deixaste-me passar por uma refeição completa sem necessidade nenhuma? – insurge-se Peter.

– Por acaso está a insinuar que os cozinhados da minha mãe não são bons? – riposta Adri, tão secamente que Peter recua com as mãos no ar, como se estivesse a ser assaltado num velho filme de *cowboys.*

– Por favor, Adri, ajuda-me. Precisamos do Benji se queremos ter alguma hipótese de vencer.

Adri olha para o papel que tem na mão.

– Mas precisam de um Benji que seja um líder. Um bandido, mas não um louco.

– Precisamos de um Benji que seja… um bocadinho menos Benji do que o habitual.

– Farei os possíveis – promete Adri.

Peter acena, grato.

– E precisamos de ti como treinadora da equipa das raparigas, se ainda estiveres disposta a isso. Não posso pagar-te, e sei que é uma tarefa ingrata…

– Não é ingrata – declara Adri.

Peter vê o fogo dentro dela. Só quem ama o hóquei compreende. Separam-se com um aperto de mão firme, o diretor-geral e a irmã, o pai e a treinadora da equipa das raparigas. Mas antes de Peter sair, Adri ainda lhe pergunta:

– De onde é que vem o dinheiro? Quem é esse «patrocinador misterioso» de que falam no jornal, e o que é que quer em troca?

– Quem é que te disse isso?

– Toda a gente que tem dinheiro quer alguma coisa em troca, Peter.

Especialmente se estivermos a falar de dinheiro *e* hóquei.

– Não posso falar desse assunto enquanto não for oficial. Compreendes, não compreendes? – suplica-lhe Peter.

A resposta de Adri parece quase ameaçadora, mas na verdade é muito compreensiva.

– Só não se esqueça de quem sempre defendeu o clube quando as coisas estavam piores.

Adri não precisa de mencionar a Matilha. Peter sabe a quem ela se refere.

– Farei os possíveis – promete.

Embora ambos saibam perfeitamente que isso nunca é suficiente, nesta cidade.

19

O mesmo polo azul

O tempo ainda está ameno quando as aulas recomeçam, no outono, em Björnstad. O sol brilha, as nuvens são etéreas e altas, a temperatura ainda mente, traiçoeiramente, sobre mangas curtas e mobiliário de jardim, mas quem viveu aqui a vida toda consegue sentir o inverno a chegar. Em breve o frio congelará os lagos, cairão flocos de neve, pesados como luvas de cozinha, e a escuridão tombará sobre a cidade como se esta fosse atacada por um gigante furioso que atira um saco preto sobre os edifícios e os leva para usar na maquete que está a construir numa divisão secreta na cave. Em Björnstad, tem-se a sensação de que todos os anos terminam em agosto, e talvez seja por isso que é tão fácil amar um desporto que começa em setembro.

Em frente à escola, alguém pendurou bandeiras verdes nas árvores. Parece um gesto inocente para muitas pessoas, mas para outras tantas é uma provocação.

Não começa aqui. Mas piora a partir daqui.

*

Ana e Maya estão paradas a sessenta metros da entrada, a respirar fundo, de mãos dadas. Foram livres o verão inteiro, mas uma escola é uma espécie diferente de ilha. Não o tipo de local isolado onde uma jovem se possa esconder com a melhor amiga, mas o tipo de ínsula onde se dá à costa involuntariamente depois de algum acidente terrível. Aqui todos os alunos são náufragos; nenhum deles escolheu a companhia dos restantes e estão todos apenas a tentar sobreviver até às férias, até poderem sair daqui.

– De certeza que não queres que eu vá buscar a minha espingarda? – pergunta Ana.

Maya ri-se.

– Absoluta.

– Eu não disparava contra ninguém. Pelo menos para matar – promete Ana.

– Podes pôr laxantes no dispensador do leite, no refeitório, se alguém se armar em estúpido – sugere Maya.

– E tirar as lâmpadas todas das casas de banho e tapar as sanitas com película aderente – concorda Ana, com um aceno.

Maya ri-se.

– És mesmo perversa.

– Não deixes que os cabrões te vejam chorar – murmura Ana.

– Nunca – responde Maya.

Entram na escola, lado a lado. Os olhares trespassam-lhes a pele, o silêncio ameaça explodir-lhes nos ouvidos, mas caminham de cabeça bem erguida. As duas contra o mundo. Não são mais de trinta metros até ao cacifo de Maya, mas nada, em toda a sua vida, lhes meterá tanto medo. Duas jovens a andar a direito por uma escola cheia de murmúrios, sem baixarem os olhos nem por uma vez. Depois do que já viram, nada surpreenderá estas mulheres.

*

William Lyt marcha pelo corredor rodeado de quatro companheiros de equipa. Talvez não andem ativamente à procura de inimigos; talvez tenham virado a esquina e colidido com Bobo por acaso. Mas a luta é instantânea, quase instintiva na sua atrapalhação, e no corredor estreito, os rapazes debatem-se como se tivessem encontrado um enxame de abelhas. Na primavera, quando Amat se ergueu, naquela reunião no rinque, e declarou que vira Kevin violar Maya, alguns destes tipos dirigiram-se para o Covão, de noite, com o intuito de o punir por isso. Bobo estava com eles, mas mudou de lado no último instante. Se não tivesse estado disposto a levar uma tareia tão grande pelo seu novo amigo, era bem possível que tivessem matado Amat. E essa luta ainda não acabou.

Alguém empurra Bobo, que cai para trás no corredor. Está toda a gente aos

gritos, mas Lyt e os seus aliados depressa se silenciam. Bobo está caído no chão e, logo atrás dele, aparece Benji. Não diz nada; fica simplesmente ali parado, de olhos semicerrados e o cabelo desgrenhado, como se tivessem começado a luta ao lado do banco de jardim debaixo do qual ele passou a noite. Mãos nos bolsos, olhar arrogante, tão seguro do seu efeito que nem sequer tenta ser ameaçador.

– Vamos fazer isto agora, Lyt, ou queres ir buscar primeiro mais alguns amigos? – pergunta-lhe Benji, como se quisesse saber se William quer uma bebida grande ou média com o hambúrguer.

Os amigos de Lyt olham para ele, à espera de uma orientação. Lyt fita Benji nos olhos, mas não durante muito tempo. Consegue proferir um insulto, mas não soa muito convincente quando resmunga:

– Que se lixe, tratamos do assunto no gelo. Boa sorte com a vossa treinadora lésbica! É mesmo boa para vocês, já que sempre jogaram como meninas!

Benji está em bicos de pés, Lyt apoiado nos calcanhares. Quando os professores aparecem a correr, levanta as mãos muito depressa para fingir que a culpa é dos outros e afasta-se na direção oposta. Mas Benji não se mexe, não olha para baixo – e todos os que assistem compreendem o que isso significa para o equilíbrio de poder na escola.

Um dos alunos que presta muita atenção é Leo Andersson.

*

Maya e Ana estão ao pé do cacifo de Maya quando ouvem a agitação e os gritos. É como se os edifícios escolares fossem propositadamente construídos com uma acústica especial, para que os sons cheguem sempre a todo o lado e os alunos nunca consigam fugir uns dos outros. Maya vê os funcionários correrem na direção do barulho e alguns alunos do último ano embrulhados numa luta mais ao fundo do corredor. Apercebe-se de que é uma pergunta ridícula assim que as palavras lhe saem da boca, mas é tarde de mais.

– Porque é que estão a lutar agora?

Uma rapariga da mesma idade do que ela gira sobre si própria e, com a voz a escorrer escárnio, cospe:

– Não te armes em estúpida, sua mentirosa de…

Uma das amigas impede-a de proferir a última palavra. Como se isso fizesse alguma diferença. Maya olha para ela. A outra rapariga tem os olhos muito abertos, as unhas cravadas nas palmas das mãos, e grita:

– Como se não *soubesses* porque é que estão a lutar! Estás a gostar disto, não estás? Do facto de todos os problemas nesta maldita cidade serem por *tua* causa! Maya Andersson, a «princesinha» de Björnstad!

Diz o nome de Maya como se lhe estivesse a cuspir na campa. As amigas puxam-na e levam-na dali. Tem um emblema vermelho do Clube de Hóquei no Gelo de Hed na mochila – tanto o namorado como o irmão jogam lá. Eram amigos de Kevin Erdahl.

Maya e Ana ficam onde estão, encostadas aos cacifos com tanta força que sentem as portas de metal a estremecer ao ritmo dos seus corações. Isto nunca terá fim. Nunca. Maya geme, resignada:

– Por quantas coisas podem odiar-me, a sério? Ou sou uma vítima de violação, ou uma cabra mentirosa, ou uma… uma *princesa?*

Ao seu lado, Ana olha para o chão. Depois pigarreia ruidosamente e sugere:

– Ouve… se te serve de consolo, eu ainda acho que és uma idiota perfeitamente vulgar!

Maya tenta permanecer séria, mas não consegue, e os seus lábios abrem-se num grande sorriso.

– És tão est…

– Diz a idiota! – exclama Ana.

Maya desata a rir.

Nunca se deve deixar que os cabrões nos vejam fazer o contrário.

*

Bobo gatinha pelo chão como um veado obeso. Amat aproxima-se, estende-lhe a mão e, com Benji, ajudam-no a levantar-se.

Amat sorri.

– Como é possível que sejas tão pesado e ao mesmo tempo tão fácil de derrubar?

Bobo, que não é exatamente conhecido pela sua fina inteligência, inesperadamente, consegue dar-lhe uma pronta resposta.

– É a minha pila que me afeta o centro de gravidade.

As gargalhadas de Amat e Benji ecoam pelo corredor. São os únicos três membros da equipa de juniores da época passada que permaneceram no Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad, e naquele momento não parecem precisar de mais ninguém.

– Ouviste dizer que hoje vou treinar com a equipa principal? – pergunta Amat, empolgado.

Bobo faz que sim com a cabeça e depois pergunta, subitamente perplexo:

– O que é que o Lyt queria dizer com «treinadora lésbica»?

Amat e Benji olham para ele, surpreendidos.

– Não soubeste que a equipa principal tem uma treinadora nova?

Bobo tem a incompreensão estampada no rosto. Os boatos podem correr depressa em Björnstad, mas não o suficiente para chegarem a Bobo.

– Sim, mas lésbica? Vou ter uma treinadora *lésbica?*

Benji fica calado. Mas Amat pigarreia e arrisca:

– Bobo… estamos a falar da *equipa principal.*

– Estás a dizer que eu não sou bom o suficiente para a equipa principal? – riposta Bobo.

Amat encolhe os ombros.

– Se precisarmos de mais um obstáculo nos treinos, talvez. Na verdade, acho que os teus patins são mais rápidos quando não os tens calçados…

Benji solta uma gargalhada e Bobo tenta deitar a mão a Amat, mas Amat é demasiado rápido para ele. De longe.

Estão na brincadeira, os três, mas no fundo nenhum deles sabe se será de facto bom o suficiente para a equipa principal. Se têm alguma hipótese de lá chegar. E, nesse caso, o que seria deles? Se já não fossem jogadores de hóquei?

*

A escola enche-se lentamente de funcionários e alunos. Um novo ano letivo, expectativa e ansiedade em igual medida, reencontros agridoces com todos os que amamos e todos os que odiamos, e a consciência de que é impossível não respirar o mesmo ar que uns e outros.

No gabinete do diretor, encontra-se uma jovem professora, Jeanette, a fazer uma última tentativa de tentar persuadir o homem de casaco elegante que massaja as têmporas em frente dela.

– Dê-me uma oportunidade! Pode ser parte da disciplina de Educação Física!

O diretor suspira.

– Por favor, Jeanette. Depois de tudo o que aconteceu na primavera, só quero passar *um* ano letivo nesta escola sem escândalos nem atenção da comunicação social e… você quer ensinar os alunos a lutar?

– Não é… Por amor de Deus!… São artes marciais! – responde Jeanette, com maus modos.

– Como é que disse que se chamavam?

– MMA, de *mixed martial arts*, ou artes marciais mistas – repete Jeanette em tom paciente.

O diretor revira os olhos.

– «Artes»? Parece um pouco estranho chamar-lhe uma «arte», não lhe parece? Não se pode propriamente montar uma exposição de narizes partidos, pois não?

Jeanette aperta as mãos uma na outra no colo, possivelmente para não lhe atirar com qualquer coisa.

– As artes marciais ensinam aos alunos disciplina e respeito pelo seu próprio corpo e pelos corpos dos outros. Já tenho um sítio para as aulas, um espaço no

canil da Adri Ovich; só quero a sua autorização para perguntar aos alunos se estão interessados e…

O diretor limpa os óculos mais minuciosamente do que seria necessário.

– Lamento, Jeanette. Os pais perderiam a cabeça. Na perspetiva deles, seria ensinar os filhos a serem violentos. Não podemos dar-nos ao luxo de arriscar ter mais controvérsias.

Levanta-se para indicar que está na altura de Jeanette deixar o gabinete, mas, assim que abre a porta, quase é atingido no nariz por uma mão. O homem do outro lado estava prestes a bater à porta.

– Tenho a sensação de que este vai ser um longo ano – murmura o diretor.

Jeanette, atrás dele, não consegue esconder a curiosidade.

– Olá! – cumprimenta-o ela.

O homem à porta sorri.

– Ah… Vou começar a trabalhar aqui hoje? – diz.

– Sim! O nosso novo professor de Filosofia e História! – exclama o diretor, tirando algumas folhas de papel de uma prateleira antes de acrescentar: – E Matemática e Ciências e… Francês? Fala francês?

O professor à porta parece estar prestes a protestar, mas Jeanette indica-lhe, com um gesto e um sorriso, para não ligar. O diretor dá-lhe uma pilha de livros e papéis.

– É melhor ir andando! O seu horário está aí na folha de cima!

O professor agradece e afasta-se pelo corredor. O diretor vê-o afastar-se e suspira:

– Acabadinho de formar. Sei que devia estar contente por ele estar aqui por vontade própria, mas valha-me Deus, Jeanette, quantos anos acha que ele tem?

– Vinte e cinco? Vinte e seis? – calcula Jeanette.

– E viu o ar dele.

– Não reparei em nada – responde Jeanette, impassível.

– A escola a fervilhar de hormonas e arranjamos um professor que parece fazer parte de um raio de uma *boys band!* Teremos de trancar metade das alunas a sete chaves! – resmunga o diretor.

Jeanette tosse baixinho.

– E se calhar algumas das professoras também.

– O quê? – pergunta o diretor.

– O quê? – repete Jeanette, inocentemente.

– Disse alguma coisa?

– Não! Tenho uma aula agora!

O diretor murmura, de má vontade:

– Pode pôr um cartaz a anunciar as suas aulas de artes marciais. *Um* cartaz, Jeanette!

Jeanette faz que sim com a cabeça e sai para o corredor. Afixa quatro cartazes e admira os quadris do novo professor enquanto o segue pelo corredor.

*

O novo professor está já na sala, a escrever no quadro, quando os alunos começam a entrar, aos grupinhos. Quando a campainha toca, mal se ouve com o barulho das cadeiras a arrastar e das mochilas a serem atiradas para o chão, além das vozes que discutem, entusiasmadas, todos os acontecimentos do verão e a luta que acabou de ter lugar no corredor.

Benji é o último a entrar e quase ninguém repara nele. Tem o cabelo desgrenhado, a camisa de ganga meio dentro, meio fora das calças, como se se tivesse vestido às escuras. Não muito diferente de como acordou e saiu da cama numa cabina do parque de campismo entre Björnstad e Hed, há pouco tempo, naquela noite cheia de Nietzsche e cerveja fria e mãos quentes.

Todos os outros alunos da sala estão demasiado preocupados uns com os outros e consigo próprios para verem o novo professor virar-se para a porta e ficar sem ar. Não é fácil surpreender Benji, mas o jovem detém-se agora, com o coração aos saltos no peito, chocado.

O professor veste o mesmo polo azul que usara nessa noite.

20

Sapatos cheios de creme de barbear

É difícil gostar de pessoas. Cansativo, até, porque a empatia é uma virtude complicada. Requer que aceitemos que as vidas de todas as outras pessoas também estão a decorrer o tempo todo. Não temos um botão de pausa para quando as coisas se tornam insustentáveis, mas a verdade é que os outros também não.

*

Quando a aula acaba, os estudantes saem a correr da sala como se esta estivesse a arder, como é habitual. Benji parece ficar para último por mero acaso; tem jeito para dar uma impressão de indiferença. O professor está a transpirar de nervos, a gola do polo azul salpicada de suor.

– Eu… não sabia que andavas aqui na escola, Benjamin. Se soubesse… Pensei que fosses mais velho. Foi um… um erro! Podia perder o emprego, não devia ter dormido contigo… não tenho o hábito de… Tu foste… foste…

Benji aproxima-se mais. O professor tem as mãos a tremer.

– Um erro. Fui só um erro – remata Benji, terminando a frase por ele.

O professor acena com a cabeça, consternado, de olhos fechados. Benji olha para os lábios dele durante um momento. Quando o professor volta a abrir os olhos, Benji já desapareceu.

*

Bobo vai diretamente para casa depois das aulas, como sempre. Atira a mochila para o quarto, muda de roupa e vai ajudar o pai, o Javali, na oficina. Como sempre. Mas hoje é o Javali, e não Bobo, que está de olho no relógio.

– Já chega, Bobo! Vai-te embora! – diz-lhe o pai quando chega a hora.

Bobo acena com a cabeça, aliviado, e despe o fato-macaco. O Javali repara que este já lhe começa a ficar apertado. Enquanto Bobo vai buscar o equipamento de hóquei, hesita durante muito tempo antes de dizer alguma coisa, talvez porque não quer que o filho se aperceba da sua expectativa. As esperanças dos pais podem sufocar os filhos. Mas, por fim, não consegue conter-se.

– Nervoso?

É uma pergunta estúpida. Bobo está tão nervoso como um gato de rabo comprido entre duas cadeiras de baloiço. Esta é a sua primeira sessão de treino com a equipa principal, aos dezoito anos de idade, e o hóquei tem uma forma muito clara de mostrar a um miúdo que deixou de o ser. O filho faz que não com a cabeça, mas está a fazer que sim com os olhos. O pai sorri.

– Cabeça baixa e boca fechada. Dá o teu melhor. E calça uns sapatos de que não gostes.

Bobo abre a boca para fazer o mesmo som que faz desde que era pequeno, sempre que não compreende alguma coisa:

– Hã?

– Os jogadores mais velhos da equipa principal vão encher-te os sapatos de creme de barbear enquanto estiveres no duche. Vão fazer-te a vida negra, ao princípio, mas tens de aceitar. Lembra-te, é sinal de que te respeitam. Quando não estiverem a meter-se contigo é que deves ficar preocupado, porque isso significa que sabem que estás de saída da equipa.

Bobo acena. O Javali parece que vai dar-lhe uma palmada no ombro, mas, no último instante, pega numa ferramenta que está na bancada atrás dele. Bobo vira-se para ir mudar de sapatos, mas o Javali pigarreia e acrescenta:

– Obrigado pela tua ajuda hoje.

Bobo não sabe o que dizer. Todos os dias ajuda o pai na oficina, e o pai nunca lhe agradece. Hoje, porém, ele continua:

– Quem me dera que a tua vida pudesse ser menos complicada. Que só tivesses de te preocupar com a escola e o hóquei e raparigas e as coisas com que os teus amigos se preocupam. Sei que tem sido duro, ter de ajudar na oficina, e agora esta situação da mãe…

Não termina a frase. Bobo diz apenas:

– Não há problema, pai.

– Estou tão orgulhoso de ti, raios – comove-se o Javali, enfiando a cabeça debaixo do capô de um *Ford*.

Bobo sai e vai buscar um par de sapatos velhos.

*

Amat é o mais pequeno nos balneários. E está a fazer o que pode para se tornar ainda mais insignificante; sente a forma como os jogadores mais velhos olham para ele e sabe que não o querem ali. Bobo está sentado ao seu lado, o que ainda é pior porque Bobo é grande. Os jogadores mais velhos, os que não encontraram outra equipa quando o clube estava à beira da falência no verão – *e raios os partam se tencionam perder os seus lugares para uma data de miúdos dos juniores!* –, escolhem-no imediatamente como alvo. Pequenas coisas: um dá-lhe um encontrão com o ombro, outro finge tropeçar no equipamento dele. Quando começam com as piadas, Bobo tenta desesperadamente fazer comentários engraçados. É óbvio que está a esforçar-se por ser aceite, e isso só torna a situação mais constrangedora. Amat tenta dar-lhe uma cotovelada para ele se calar, mas Bobo está lançado. Um dos jogadores mais velhos resmunga:

– Então, vamos ter uma treinadora mulher? O diretor-geral não conseguiu arranjar outra maneira de ficar bem visto? Vamos acabar por ser mais um gesto político?

– Nem pensar que ela arranjou o emprego por mérito próprio, isto é para preencher alguma quota! – diz outro.

– Ouviram dizer que ela é lésbica? – pergunta Bobo, um pouco alto de mais.

Os jogadores mais velhos ignoram-no. Mas um deles diz:

– De certeza que é sapatona. Basta olhar para ela.

– Hã? O que é uma sapatona? Oh, esperem… já percebi! Lésbica, certo? Já percebi! – grita Bobo.

Ninguém reage. Os jogadores mais velhos continuam.

– Será que uma equipa de hóquei não pode ser *só* uma equipa de hóquei? Tem mesmo de ser tudo político? Daqui a pouco substituem o urso das nossas camisolas com a merda de um arco-íris!

Como que atingido por um relâmpago, Bobo exclama:

– Ainda nos obrigam a jogar de tutu, como bailarinas!

Levanta-se e faz uma pirueta desastrada, tropeça num banco, desequilibra-se e cai de costas em cima de dois sacos de hóquei. Então acontece algo. Dois dos jogadores mais velhos riem-se. De Bobo, e não com ele, mas, já que estão a reparar nele, Bobo devora as atenções. Levanta-se, faz outra pirueta e um dos tipos mais velhos finge ficar sério e pergunta:

– Chamas-te Bobo, não é?

– Sim! – Bobo acena com a cabeça.

Os outros jogadores sorriem, na expectativa, cientes de que o homem mais velho se está a meter com o rapaz.

– Devias mostrar-lhe a pila – sugere ele.

– Hã? – pergunta Bobo.

O jogador mais velho aponta para ele.

– À treinadora nova. Ela é lésbica. Mostra-lhe a pila! Para ela ver o que está a perder!

– Liberta a anaconda da jaula, Bobo! Não és um cobarde, pois não? – grita outro, e de repente estão todos aos gritos de incentivo, como se ele estivesse a preparar-se para tentar bater o recorde do salto em comprimento.

– Mas ela… não ficará… furiosa? – pergunta Bobo, confuso.

– Não, vai só achar que tens sentido de humor! – responde um dos jogadores mais velhos com um ar convincente.

Visto de fora, é fácil achar que Bobo é idiota, mas quando se tem dezoito anos e se está num balneário cheio de homens feitos que de súbito nos aplaudem, «não» é a palavra mais difícil de dizer.

Assim, quando Elisabeth Zackell passa no corredor, Bobo salta para fora do balneário, nu como veio ao mundo. Esperava que ela ficasse chocada. Ou pelo menos sobressaltada. Mas Zackell nem pestaneja.

– Sim? – pergunta.

Bobo agita-se, atrapalhado.

– Eu… bom… ouvimos dizer que você é lésbica, por isso eu…

– O BOBO QUIS MOSTRAR-LHE A PILA PARA SABER O QUE ESTÁ A PERDER!!! – grita alguém de dentro do balneário, seguido das gargalhadas histéricas de duas dúzias de homens.

Zackell apoia as mãos nos joelhos e inclina-se para a frente, olhando com interesse para as virilhas de Bobo.

– Aquilo? – pergunta, apontando com ar curioso.

– Hã? – diz Bobo.

– Aquilo é que é a pila de que estão para aí a falar? Uau! Já vi mulheres com o clítoris maior do que isso.

Depois dá meia-volta e dirige-se para o rinque sem outra palavra. Bobo está vermelho como um tomate quando volta a entrar no balneário.

– É… bom, ela disse… um clítoris não pode ser deste tamanho, pois não? Quer dizer… de que tamanho costuma ser um clítoris? Mais ou menos?

O balneário estremece com os risos trocistas. Estão a rir-se dele, não com ele. Mas Bobo sorri mesmo assim, timidamente, porque às vezes qualquer atenção que seja pode parecer validação.

Amat contorce-se dentro do equipamento enquanto olha para Bobo, já a adivinhar que aquilo vai acabar mal.

*

Quando o treino começa, os jogadores reúnem-se no círculo central muito calmamente, numa demonstração de arrogância, para indicar a Elisabeth Zackell que não é bem-vinda. Ela não parece estar ciente desta intenção e aparece com seis baldes debaixo do braço.

– Em que é que vocês são bons em Björnstad?

Quando ninguém responde, ela encolhe os ombros.

– Vi todos os vossos jogos da última época, portanto sei que são totalmente inúteis em quase tudo. Ajudava-me muito saber em que é que são bons.

Alguém tenta dizer uma piada entre dentes – «a beber e a foder» –, mas nem mesmo isso causa mais do que um resmungo abafado da parte dos restantes. Depois, de súbito, alguém começa a rir, não do comentário mas de algo que está a acontecer no gelo atrás de Zackell. Bobo aproxima-se a patinar, do alto dos seus cem quilos, vestido com uma saia que roubou do armário de equipamento das patinadoras artísticas. Faz três piruetas seguidas e é recebido por aplausos e vivas dos jogadores mais velhos no círculo central. Elisabeth Zackell deixa-o continuar, embora os homens já não estejam a rir-se de Bobo mas sim dela.

Porém, quando Bobo vai a meio da quarta pirueta, os aplausos silenciam-se subitamente e, sem que Bobo perceba o que aconteceu, de repente vê tudo escuro. Quando abre os olhos, está deitado no gelo e mal consegue respirar. Elisabeth Zackell inclina-se sobre ele, impassível, e pergunta:

– Porque é que ninguém te ensinou a patinar como deve ser?

– Hã?

– Vais abaixo como uma árvore cortada, mas eu vi-te tirar um machado do capô de um carro. Se soubesses patinar como deve ser, nunca te conseguiria deitar ao chão com tanta facilidade. E não serias um jogador de hóquei tão imprestável. Então porque é que ninguém te ensinou?

– Eu… não sei – balbucia Bobo, ainda deitado de costas, com o peito a doer tanto que mais parece ter sido atropelado do que derrubado.

– Em que é que são bons, aqui em Björnstad? – pergunta Zackell, com um ar sério.

Ao princípio, Bobo não lhe responde, por isso Zackell desiste e patina de novo até ao círculo central. O rapaz levanta-se lentamente do gelo, despe a saia e diz, numa voz ao mesmo tempo zangada e humilhada:

– Trabalho árduo! Aqui em Björnstad trabalhamos arduamente. Podem dizer muita coisa sobre esta cidade, mas nunca dirão que não sabemos o que é TRABALHO DURO!

Os jogadores mais velhos agitam-se, constrangidos. Mas ninguém protesta.

Assim, Elisabeth Zackell diz:

– Muito bem! Então é por aí que vamos vencer. Trabalharemos mais do que todos os outros. Se tiverem de vomitar, vomitem aqui nos baldes. Ouvi dizer que o diretor-geral não gosta de porcarias, por isso imagino que não queira vomitado no gelo. Presumo que sabem o que é patinar distâncias?

Os jogadores gemem alto, o que ela interpreta como um «sim». Pousa os baldes que trouxe consigo. O resto do treino consiste de exercícios dilacerantes. Patinar a toda a velocidade entre as tábuas, depois de lado, disputas; trabalho, trabalho, trabalho. Não há um único balde vazio quando terminam. E o único jogador ainda de pé no final é Amat.

Ao princípio, os jogadores mais velhos tentam travá-lo, não de maneira óbvia, mas com pequenos truques que parecem acidentes: uma cotovelada na esquina, puxar-lhe a camisola quando ele está a arrancar, um toque discreto no patim para o fazer perder o equilíbrio. A maioria dos jogadores em cima do gelo pesa mais vinte ou trinta quilos do que Amat, portanto basta encostarem-se a ele. Amat não tem culpa de que estejam a fazer-lhe isto; não está a tentar exibir-se nem a chamar as atenções sobre si próprio, é simplesmente demasiado bom. Faz com que os outros pareçam lentos, e eles não o toleram. Uma e outra vez fazem-no tropeçar, e uma e outra vez ele levanta-se. Patina mais depressa, luta mais duramente, vai buscar mais forças dentro de si.

A expressão do seu olhar torna-se cada vez mais sombria.

Ninguém sabe que horas são; Elisabeth Zackell não mostra sinais de estar despachada. Um após outro, os jogadores mais velhos desistem e caem. Enquanto eles olham para o gelo, Amat continua a patinar. Por mais vezes que Zackell o mande patinar de uma tábua à outra, não consegue esgotá-lo. Tem a camisola encharcada em suor, mas ainda está de pé. Bobo está caído no gelo, quase inconsciente, cheio de orgulho e de inveja enquanto vê o amigo trabalhar, trabalhar, trabalhar.

Amat é o mais jovem da equipa. No duche, depois do treino, os músculos das suas coxas tremem tanto que mal se aguenta em pé. Quando se arrasta para fora

do chuveiro, com a toalha enrolada à cintura, vê que tem os sapatos cheios de creme de barbear.

E, por esse momento, tudo valeu a pena.

*

Quando Elisabeth Zackell atravessa o rinque, muito depois do fim do treino, há um único jogador ainda sentado no balneário. Bobo é tão grande como uma vaca leiteira e, ao mesmo tempo, tão pequeno como um ouriço-cacheiro assustado. Tem os olhos húmidos e está a olhar para um par de sapatos que ninguém encheu de creme de barbear. A única coisa que os jogadores mais velhos berraram quando ele saiu do duche foi: «Obrigadinho pelo treino do caraças, seu merdas! “Somos bons em trabalho árduo!” Como diabo foste capaz de dizer uma estupidez dessas a uma treinadora?»

Amat tentou confortá-lo. Bobo riu-se, como se não fosse nada, e Amat estava demasiado exausto para insistir. Depois de ele e todos os outros terem saído, Bobo continua sentado no mesmo sítio, parecendo o rapaz mais pequeno do mundo.

– Apaga as luzes quando saíres – pede-lhe Zackell, porque não tem jeito para esta coisa das emoções.

Bobo funga.

– Como é que se conquista respeito? – pergunta, e Zackell parece extremamente atrapalhada.

– Tens… tens ranho por todo o lado – diz, fazendo um gesto circular na própria cara.

Bobo limpa o nariz e Zackell parece prestes a enrolar-se em posição fetal.

– Quero que eles me respeitem. Quero que também ponham creme de barbear nos meus sapatos! – brada Bobo.

Zackell geme.

– Não precisas de ser respeitado. Não é tão importante como as pessoas

pensam.

Bobo morde o lábio.

– Desculpe ter-lhe mostrado a pila – murmura.

Zackell endireita-se e sorri.

– Em tua defesa, não era lá uma grande pila – comenta, afastando o indicador e o polegar alguns míseros centímetros.

Bobo desata a rir. Zackell enfia as mãos nos bolsos e dá-lhe um conselho:

– Tens de ser útil à equipa, Bobo. Então eles respeitar-te-ão.

Afasta-se sem esperar que ele faça mais perguntas. Nessa noite, Bobo ficará às voltas na cama a tentar perceber o que ela quis dizer.

No caminho para casa, passa pelo supermercado e compra creme de barbear para que o pai não fique triste. Quando o Javali vê os sapatos estragados no corredor, dá um abraço ao filho. Não é algo que aconteça muitas vezes.

21

Está caído no chão

Sune caminha lentamente pelo rinque, a respirar pelo nariz, ofegante. Sente falta do seu trabalho de treinador a cada segundo do dia, mas já mal consegue sequer subir as bancadas. O hóquei vai ficando mais jovem enquanto todos os que nele estão envolvidos envelhecem, e quando não precisa mais de nós põe-nos de lado sem qualquer sentimentalismo. É assim que se desenvolve e se mantém vivo, pelo bem das novas gerações.

– Zackell! – chama Sune, sem fôlego, quando avista a mulher que ficou com o seu lugar.

– Sim? – responde ela, a caminho do balneário.

– Que tal se sentiu com o treino de hoje?

– Que tal me senti? – repete Zackell, como se fosse uma frase estrangeira.

Sune encosta-se à parede e sorri debilmente.

– Quer dizer… não é fácil ser treinador de hóquei nesta cidade. Principalmente para uma… enfim.

O que queria dizer era «para uma mulher». Zackell responde:

– Não é fácil ser treinador de hóquei em lado nenhum.

Sune concorda com um aceno pesaroso.

– Ouvi dizer que um dos jogadores lhe mostrou os… genitais…

– Quase nem contou.

Sune tosse, atrapalhado.

– Quase nem contou que lhe tenha mostrado os genitais?

– Quase nem contaram como genitais – corrige Zackell.

– Oh, isso é só… Sabe, os homens, às vezes… – balbucia Sune, de olhos fixos nos próprios joelhos.

Zackell parece aborrecida.

– Como é que soube que alguém me tinha mostrado os genitais?

Sune compreende mal; pensa que ela ficou irritada com a situação dos

genitais.

– Posso falar com os rapazes, se quiser. Compreendo que se tenha sentido ofendida, mas…

– Você não fala com os meus jogadores. *Eu* é que falo com os meus jogadores. E ninguém decide se fico ofendida a não ser *eu*.

Sune ergue uma sobrancelha.

– Presumo então que não é uma pessoa fácil de ofender?

– Isso é uma emoção.

Zackell parece estar a falar de ferramentas. Sune enfia as mãos nos bolsos e murmura:

– Não é fácil ser treinador em Björnstad. Especialmente se as coisas começarem a correr mal. Acredite, eu tive esse cargo a vida inteira antes da sua chegada. E há pessoas nesta cidade que não ficarão contentes com um treinador que… que é como você.

O homem velho fita com atenção os olhos da jovem mulher e reconhece uma característica que sempre lhe faltou: ela não está minimamente preocupada. No fundo Sune sempre se inquietou. Queria que os jogadores gostassem dele; e os apoiantes, os velhos e mulheres do Urso Pardo. A cidade toda. Mas Elisabeth Zackell não tem medo de opiniões porque sabe aquilo que todos os treinadores bem-sucedidos sabem: gostarão dela quando vencer.

– Vou comer qualquer coisa – diz ela, num tom que não é amistoso nem antagónico.

Sune acena com a cabeça. Volta a sorrir. Deixa-a com um último pensamento:

– Lembra-se daquela menina, a Alicia, que estava a treinar os remates no meu quintal? Ela veio hoje ao rinque, sete vezes. Fugiu do jardim de infância para vir ver o treino da equipa principal. Eu levei-a de volta à escola, mas ela voltou a fugir. E vai passar o outono a fazer o mesmo.

– Não se pode fechar as crianças à chave? – pergunta Zackell, possivelmente por não ter compreendido bem onde é que Sune queria chegar.

Assim, ele clarifica:

– As crianças tomam como certas todas as coisas com que cresceram. Depois de a ver treinar a equipa principal hoje, a Alicia vai ter a certeza de que é algo que as mulheres fazem. Quando tiver idade para jogar numa equipa principal, talvez já não haja treinadoras e treinadores de hóquei. Apenas… pessoas que treinam equipas de hóquei.

Isso significa algo para Sune. Algo importante. Não sabe que significado pode ou não ter para Elisabeth Zackell porque, francamente, nada aponta nesse sentido: ela parece apenas estar com vontade de o despachar e ir comer. Mas a fome também é uma sensação.

Mesmo antes de Zackell sair, algo lhe passa pelos olhos, um brilho de interesse real, e ela pergunta:

– Como vão as coisas com o meu guarda-redes? O tal Vidar?

– Vou falar com o irmão dele – promete Sune.

– Não me tinha dito que o Peter ia falar com as irmãs do Benjamin Ovich? – pergunta Zackell.

– Sim? – responde Sune, surpreendido.

– Então porque é que o Benjamin não veio ao treino hoje?

– Não veio?! – exclama Sune.

Nem lhe tinha ocorrido que Benji pudesse não ter aparecido no treino. Não são apenas as crianças que tomam as coisas como certas.

*

Numa cabina num parque de campismo, está sentado um homem de polo azul. Tem aulas para preparar, um emprego de professor para o qual passou anos a estudar, mas não consegue fazer nada. Está sentado na pequena cozinha, com um livro de filosofia na mesa à sua frente, a olhar para a janela na esperança de ver um jovem de olhos tristes e alma selvagem. Mas Benji não aparece. Está perdido. Hoje, o professor olhou para os olhos dele e disse-lhe que ele fora um erro, apesar de o erro ter sido cometido pelo professor.

Toda a gente nesta cidade sabe que Benji é perigoso, porque é o que bate com mais força. No entanto, poucas pessoas parecem compreender que tudo nele trabalha sempre com mais força. Incluindo o coração.

*

Dentro da residência Ovich, uma das irmãs, Gaby, entra no quarto de Benji. Os seus dois filhos estão a brincar com legos espalhados pelo chão. Gaby pode dizer muitas coisas duras sobre o irmão mais novo, mas não há no mundo um tio melhor do que ele. Os filhos crescerão a garantir que este quarto na casa da avó, o quarto do tio, era o sítio mais seguro do universo. Nada de mau lhes poderia acontecer lá, ninguém ousaria fazer-lhes mal, porque o tio os protegeria contra tudo e contra todos. Uma vez, um deles disse a Gaby: «Mamã! Há fantasmas no roupeiro do tio Benji; têm de se esconder lá dentro porque têm medo dele!»

Gaby sorri e está a sair do quarto quando lhe ocorre algo. Vira-se e pergunta aos filhos:

– Onde é que arranjaram os legos?

– Estavam nos presentes – respondem as crianças, despreocupadas.

– Quais presentes?

Os filhos entram em modo defensivo, como se tivessem sido acusados de roubo:

– Os presentes na cama do tio Benji! Tinham os nossos nomes, mamã! Eram para nós!

A campainha toca. Gaby não caminha até à porta. Corre.

*

Adri, a irmã mais velha, chega primeiro à porta e abre-a. Do outro lado está Amat, o companheiro de equipa de Benji. O rapaz só fica preocupado quando vê a preocupação estampada no rosto de Adri, mas ela percebe de imediato o que se passa.

– O Benji está? – pergunta Amat, apesar de já saber a resposta.

– Merda! – responde Adri.

Gaby aparece a correr no corredor, aos gritos:

– O Benji deixou presentes para os miúdos!

Amat pigarreia, nervoso.

– Ele não apareceu no treino. Vinha só ver se está tudo bem!

As últimas palavras são já gritadas para as costas de Adri, que passa por ele e corre na direção da floresta.

De vez em quando, Benji falha um treino, mas nunca o primeiro da época. Os seus pés estão demasiado desesperados para regressar ao gelo, as suas mãos sentem falta do *stick*, o seu cérebro de voar sobre o gelo. Nunca teria perdido a oportunidade de jogar hoje, ainda por cima quando Björnstad enfrenta Hed na primeira jornada. Passa-se alguma coisa.

*

Ramona está atrás do balcão, como sempre esteve, com o mínimo de agitação emocional possível. Viu esta cidade florescer, mas, nos últimos anos, também a viu sofrer. As pessoas em Björnstad sabem trabalhar, mas precisam de um sítio para o fazer. Sabem lutar, mas precisam de algo por que lutar.

A única coisa que é sempre garantida em todas as cidades, grandes e pequenas, é que há pessoas derrotadas. Não tem nada a ver com o sítio, é o que é; às vezes, a vida deita uma pessoa abaixo. E, quando isso acontece, é fácil encontrar o caminho para um bar, razão pela qual estes estabelecimentos se podem rapidamente tornar sítios tristes. Uma pessoa que não tem para onde ir aperta o copo com demasiada força; alguém que está cansado de cair pode refugiar-se numa garrafa, uma vez que não se pode cair muito mais fundo do que o fundo de uma garrafa.

Ramona já viu muitas almas frágeis entrar e sair; alguns seguiram em frente, outros afundaram-se de vez. As coisas resolveram-se para alguns, e outros –

como Alain Ovich – meteram-se pela floresta.

Ramona já tem idade suficiente para não dar saltos de alegria quando as coisas correm bem nem para se deitar a chorar quando as coisas correm mal, e sabe como é fácil criar expectativas irreais sobre uma equipa de hóquei num outono como aquele que enfrentam agora. Sabe que o desporto não é a realidade e que, quando a realidade é um inferno, precisamos de histórias, porque nos fazem sentir que, se conseguíssemos ser os melhores numa coisa que fosse, talvez tudo o resto começasse também a correr melhor.

Mas Ramona não sabe, na verdade. Será que as coisas alguma vez dão mesmo a volta? Ou simplesmente habituamo-nos a elas?

*

A última coisa que Alain Ovich fez, antes de pegar na espingarda e se meter pela floresta, foi deixar presentes para os filhos em cima das camas. Ninguém sabe porque passaria pela cabeça de alguém fazer algo assim, mas talvez tivesse esperança de que se lembrassem dele por isso e não pelo resto. Talvez achasse que conseguiria embrenhar-se o suficiente na floresta para que os filhos acreditassem que o pai apenas os abandonara, de modo a poderem fantasiar que ele era um agente secreto numa missão especial ou um astronauta que partira para o espaço. Talvez pensasse que os filhos ainda teriam uma infância, apesar de tudo.

As coisas não correram bem assim. Adri, a mais velha, nunca conseguirá explicar como soube onde ele estava. Teve apenas um pressentimento quanto ao local para onde ele fora. Talvez seja por isso que os cães gostam dela, porque tem uma sensibilidade acrescida, um instinto que falta às pessoas normais. Não gritou: «Pai!», enquanto se deslocava entre as árvores – os filhos de caçadores nunca fazem isso. Aprendem que todos os homens na floresta são provavelmente pais de alguém, portanto, se querem encontrar o seu, têm de gritar o nome dele como se fosse o de outra pessoa qualquer. Adri nunca se tornou uma pessoa

qualquer, na verdade; nasceu com algo de Alain nela. O pai nunca conseguiria embrenhar-se o suficiente pela floresta para que ela não o conseguisse encontrar.

*

Um bar pode ser um sítio sombrio porque, de uma maneira geral, a vida dá-nos sempre mais oportunidades para lamentar do que para celebrar, mais brindes aos mortos do que aos noivos. Mas Ramona sabe que um bar pode também ser outras coisas de vez em quando: pequenas fendas nos blocos de pedra que carregamos no peito. Nem sempre tem de ser o melhor sítio do mundo – basta que não seja sempre o pior.

Nas últimas semanas, têm abundado os boatos. Diz-se que a fábrica vai ser vendida, e Björnstad já passou por reveses suficientes para saber que isso pode facilmente significar a bancarrota. É fácil observar que não passa de uma atitude cínica, mas o cinismo é apenas uma reação química ao excesso de desilusão. Os jovens no Urso Pardo não são os únicos que falam sobre desemprego; toda a gente está agora preocupada. Numa comunidade pequena, a perda de postos de trabalho é sempre uma catástrofe natural; toda a gente conhece alguém que é afetado, até que, por fim, acaba por nos atingir também.

E pode ser fácil chamar aos habitantes paranoicos quando insistem em lembrar que os políticos concentram todos os seus recursos em Hed e não querem saber se Björnstad sobrevive ou não mais uma geração, mas o pior em relação à paranoia é que a única maneira de demonstrar que não somos paranoicos é provar que estamos certos.

*

Algumas crianças nunca conseguem escapar completamente aos pais; são guiadas pela bússola deles, veem através dos seus olhos. Quando acontecem coisas terríveis, a maior parte das pessoas torna-se ondas, mas algumas pessoas tornam-se rochas. As ondas são lançadas de um lado para o outro quando o

vento aparece, mas as rochas são fustigadas e permanecem imóveis, enquanto esperam que a tempestade passe.

Adri era uma criança, mas tirou a espingarda das mãos do pai e sentou-se num toco de árvore, com a mão dele nas suas. Talvez fosse o choque, ou então estava a despedir-se conscientemente, tanto dele como de si própria. Depois disso, tornou-se uma pessoa diferente. Quando se levantou e voltou para Björnstad, através da floresta, não gritou por socorro, em pânico; caminhou calmamente até às casas dos melhores e mais fortes caçadores, para que pudessem ajudá-la a transportar o corpo. Quando a mãe caiu no chão, aos gritos, Adri amparou-a, porque já tinha chorado tudo. Estava pronta para ser a rocha. E é o que tem sido desde então.

Katia e Gaby saíam à mãe, mas Adri e Benji eram bem filhos do seu pai. Causadores de conflito, criadores de guerra. Assim, desde então, de cada vez que Adri se meteu pela floresta à procura do irmão mais novo, sempre soube que o encontraria, como se ele tivesse ímanes debaixo da pele. Não é isso que a assusta. O que a assusta, de todas as vezes, é a possibilidade de o encontrar morto. Os irmãos mais novos nunca sabem o quanto fazem sofrer as irmãs. A ansiedade escondida por detrás dos olhos, as palavras escondidas por detrás de palavras, as chaves do armário das armas escondidas debaixo de almofadas durante a noite.

Benji não está sentado numa árvore. Está deitado no chão.

*

Elisabeth Zackell entra no Urso Pardo. Já passa muito da hora de jantar, mas senta-se a um canto e Ramona leva-lhe um grande prato de batatas sem que ela precise de pedir.

– Obrigada – diz a treinadora.

– Não sei o que é que os *vegetariáveis* como você comem, além de batatas. Mas há cogumelos nas florestas desta região. E está quase na época deles! –

anuncia Ramona.

Zackell ergue os olhos. Ramona assente com um aceno solene. A proprietária do bar também não é muito hábil com emoções, mas esta é a sua maneira de dizer que espera que a treinadora de hóquei fique na cidade durante algum tempo.

*

O corpo de Benji está imóvel, os olhos abertos mas desfocados. Adri ainda se lembra da sensação da mão do pai na sua, enquanto estava sentada naquele toco de árvore, quando era pequena. Uma mão fria, tão imóvel sem a pulsação a percorrê-la.

Cuidadosa e gentilmente, sem fazer barulho nenhum, a irmã mais velha deita-se no chão ao lado do irmão mais novo. Pega-lhe na mão, só para sentir o calor e a pulsação dele.

– Um dia destes acabas comigo. Não te atrevas a deitar-te no chão quando eu ando à tua procura, estúpido! Tens miolos de ervilha, ou quê?

– Desculpa – murmura Benji.

Não está bêbado nem pedrado. Hoje, não está a fugir dos sentimentos. Isso deixa-a ainda mais preocupada.

– O que aconteceu?

A última luz de verão reflete-se nas lágrimas presas nas pestanas de Benji.

– Nada. Foi só um… um erro.

Adri não responde. Não é a irmã que discute corações partidos, é apenas a que vai buscar o irmão à floresta.

Espera até estarem quase no limiar da cidade para lhe contar:

– A nova treinadora está a pensar nomear-te capitão da equipa.

Vê algo nos olhos de Benji que não via há muitos anos.

Ele está com medo.

*

Zackell já quase acabou de comer quando Ramona regressa à mesa e lhe põe uma cerveja à frente.

– Oferta da clientela habitual – indica.

Zackell olha para os cinco velhos sentados ao balcão.

– Aqueles?

Ramona abana a cabeça.

– As mulheres deles.

No canto oposto estão sentadas cinco mulheres de idade. Cabelo grisalho, malas em cima da mesa, copos de cerveja apertados nas mãos enrugadas. Várias têm filhos e netos que trabalham na fábrica; algumas trabalharam lá elas próprias. As mulheres têm corpos velhos, mas *T-shirts* novas. Todas iguais. Verdes, com quatro palavras escritas, como um grito de guerra:

BJÖRNSTAD
CONTRA
OS
OUTROS

22

Capitão de equipa

Não há, na verdade, grande outono em Björnstad, apenas um breve piscar de olhos antes do inverno. A neve nem sequer tem a decência de deixar que as folhas se decomponham em paz. A escuridão chega depressa, mas pelo menos estes meses foram repletos de muita luz: um clube que lutou e sobreviveu. Um homem feito que pousa a mão, num gesto tranquilizador, no ombro de uma menina de quatro anos e meio. Hóquei que é mais do que um jogo. Cerveja na mesa de uma pessoa de fora. *T-shirts* verdes que mostram que lutamos juntos, aconteça o que acontecer. Rapazes com grandes sonhos. Amigos que formaram um exército.

Infelizmente, não é disso que nos lembraremos daqui a alguns anos. Muitos de nós olharão para trás, para esses meses, e recordarão apenas… o ódio. Porque é assim que funcionamos, para o melhor e para o pior: definimos sempre os diferentes períodos pelos seus piores momentos. Assim, recordaremos o ódio de duas cidades uma pela outra. E a violência que ainda agora começou. Claro que não falaremos disso; não é o que fazemos por estes lados. Ao invés, discutiremos os jogos de hóquei que se disputaram, para não termos de falar dos funerais que tiveram lugar entre eles.

*

A escuridão instalou-se confortavelmente sobre Björnstad e Hed quando uma silhueta esguia se desloca pela floresta. Começa já a arrefecer; os dias disfarçam, mas as noites são honestas e não escondem as temperaturas gélidas por detrás de raios de sol. A pessoa estremece e apressa o passo, tanto para aquecer como por causa dos nervos.

O rinque de gelo em Hed não tem alarme, e o edifício é antigo e cheio de portas de serviço que alguém se poderia ter esquecido de trancar. A pessoa não

tem um plano pormenorizado para o assalto, apenas uma vaga ideia de contornar o edifício e experimentar todas as maçanetas. Não tem sorte com as portas, mas as coisas correm melhor com uma das janelas da casa de banho. Consegue forçá-la, embora tenha de recorrer a todas as forças dos seus braços de miúdo de doze anos.

Leo iça-se para o interior e corre na penumbra. Já jogou partidas suficientes em Hed para saber onde ficam os balneários. A equipa principal tem cacifos separados. Nem todos têm os nomes dos jogadores, mas alguns deles são demasiado presunçosos para resistir à oportunidade de escrever os seus nomes nas etiquetas por cima. Leo usa a lanterna do telemóvel para encontrar o de William Lyt. Depois faz o que veio fazer.

*

Adri, Katia e Gaby Ovich dão murros na porta do Urso Pardo, que já está fechado. Ramona grita:

– TENHO A CAÇADEIRA CARREGADA! – É a sua maneira de dizer: «Lamento muito, estamos fechados», mas as irmãs Ovich entram de qualquer maneira e Ramona dá um salto quando vê as três.

– O que é que eu fiz agora? – pergunta, sobressaltada.

– Nada. Só queremos pedir-lhe um favor – diz Katia.

– Nada? Quando vocês as três entram por esta porta juntas, uma velhota pensa logo que vai levar uma tareia, por amor de Deus; com certeza que têm noção disso? – lamenta-se Ramona, levando a mão ao peito com um ar dramático.

As irmãs sorriem. Ramona também. Põe uísque e cerveja em cima do balcão e depois dá uma palmadinha afetuosa no rosto de cada uma delas.

– Há muito tempo que não vos via. Continuam a ser demasiado bonitas para esta cidade.

– A lisonja não a leva a lado nenhum – replica Adri.

Ramona acena com a cabeça.

– Foi por isso que Nosso Senhor nos deu o álcool.

– Como está, Ramona? – pergunta Gaby.

Ramona dá uma risada sarcástica.

– Estou a ficar velha. E é uma merda, acreditem. Dores nas costas, os olhos começam a falhar. A morte não me mete medo, mas esta história da velhice… não percebo o objetivo.

As irmãs sorriem. Ramona bate com o copo vazio no balcão e pergunta:

– Então? O que posso fazer por vocês?

– Precisamos de um emprego – diz Adri.

*

Quando as irmãs Ovich saem do Urso Pardo, o irmão mais novo, Benjamin, está encostado à parede, a fumar. Adri dá-lhe uma palmada na mão que faz voar o cigarro, Katia ajeita-lhe o colarinho com maus modos, e Gaby lambe os dedos e penteia-lhe o cabelo. Ralham com ele e dizem-lhe que o amam na mesma frase, como só elas conseguem fazer. Depois empurram-no para dentro do bar. Ramona está atrás do balcão, à espera.

– As tuas irmãs dizem que precisas de um emprego.

– Pelos vistos – resmunga Benji.

Ramona vê claramente os olhos de Alain Ovich no rosto do filho.

– As tuas irmãs acham que andas inquieto, que precisas de uma ocupação. Não podem impedir-te de acabar encostado ao balcão de um bar, mas podem pelo menos tentar que fiques do lado certo. Eu disse à Adri que dar-te trabalho aqui é capaz de ser como deixar um cão a tomar conta de um bife, mas aquela rapariga não é pessoa com quem se consiga argumentar. E a Katia jurou que tens experiência a servir ao balcão, no bar dela em Hed. É aquele sítio a que os Vermelhos chamam Celeiro, não é?

Benji confirma com um aceno. «Os Vermelhos» é como Ramona chama às pessoas de Hed.

– Deixei de ser bem-vindo por lá, devido a um certo grau de divergência

sobre questões estéticas que surgiu entre mim e a… a população nativa – explica ele.

Ramona não precisa de arregaçar a manga de Benji para saber que ele tem a tatuagem de um urso no braço. E ela tem um fraquinho por rapazes que amam esta cidade mais do que o seu juízo lhes devia permitir.

– Sabes tirar uma imperial sem entornar?

– Sim.

– E o que é que ganhas se me pedires para beber fiado?

– Uma bofetada?

– Estás contratado!

– Obrigado.

Ela ri-se.

– Não me agradeças. Só estou a fazer isto porque tenho medo das tuas irmãs.

Benji sorri.

– Como qualquer pessoa de bom senso.

Ramona aponta para as prateleiras nas paredes.

– Temos dois tipos de cerveja, um tipo de uísque e o resto é basicamente decoração. Lavas os copos e limpas o bar, e se houver aqui alguma luta tu *não* te metes. Entendido?

Benji não discorda, o que já é um bom princípio. Limpa um monte de madeira e latão do quintal, que lá está há meses; é forte como um touro e sabe manter a boca fechada. Os dois traços de caráter preferidos de Ramona.

Quando chega a hora de apagar as luzes e fechar o bar, ele ajuda-a a subir até ao apartamento dela. Ainda há por todo o lado fotografias de Holger, o marido de Ramona. Dele e do Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad, o seu primeiro e segundo amores, bandeiras e galhardetes verdes em todas as paredes.

– Agora podes perguntar o que queres perguntar – diz Ramona com ternura, dando uma palmadinha na face do rapaz.

– Não quero perguntar nada – mente Benji.

– Queres saber se o teu pai costumava vir ao Urso Pardo. Se costumava sentar-se ao balcão lá em baixo antes de… de se meter pela floresta.

Benji enfia as mãos nos bolsos das calças de ganga e os anos dissipam-se da sua voz.

– Como era ele? – pergunta o rapaz.

A velha mulher suspira.

– Não era um dos melhores. Não era um dos piores.

Benji vira-se para as escadas.

– Eu levo o lixo. Vemo-nos amanhã à noite.

Ramona pega-lhe na mão e murmura:

– Não tens de ser como ele, Benjamin. Tens os olhos dele, mas acho que podes ser uma pessoa diferente.

Benji não tem vergonha de chorar em frente dela.

*

Bem cedo, na manhã seguinte, Elisabeth Zackell enfia a cabeça no gabinete de Peter Andersson. Peter está a debater-se com uma máquina de café expresso. Zackell fica a ver. Peter carrega num botão e uma água castanha goteja pela parte inferior da máquina. Ele entra em pânico e carrega em todos os botões ao mesmo tempo enquanto, numa impressionante demonstração acrobática, se estica para pegar num rolo de papel de cozinha e se equilibra só numa perna em frente da máquina.

– E eu é que sou esquisita por não beber café – comenta Zackell.

Peter ergue os olhos, ainda a meio de uma espécie de interpretação em dança moderna de uma rotina de limpeza, e pragueja de uma forma que Zackell crê não ser muito habitual nele.

– Oh, com um c… Estou mesmo f… Mer…

– Será melhor voltar mais tarde? – sugere Zackell.

– Não, não, eu… O raio desta maquineta é um perfeito pesadelo, mas foi um presente da minha filha! – admite Peter, embaraçado.

Zackell não reage.

– Eu volto mais tarde – conclui, por fim.

– Não! Desculpe… O que posso fazer por si? O seu salário foi pago a tempo e horas? – pergunta Peter.

– É por causa de corda – explica Zackell, mas Peter já está lançado na sua defesa.

– O novo patrocinador… O contrato ainda não está finalizado. Mas todos os salários já deviam ter sido pagos.

Limpa o suor da testa. Zackell repete:

– Não estou aqui por causa do salário. É por causa de corda.

– Corda? – repete Peter.

– Preciso de corda. E de uma arma de *paintball.* Há algum sítio para comprar isso por aqui?

– Uma arma de *paintball?* – repete Peter uma vez mais.

Zackell explica em tom inexpressivo mas não impaciente:

– O *paintball* é um jogo de simulação de guerra que se pratica numa pista especialmente concebida para o efeito. Duas equipas disparam uma contra a outra com pequenas bolinhas de tinta projetadas por armas. Preciso de uma dessas armas.

– Eu sei o que é *paintball* – garante Peter.

– Não parecia nada – defende-se Zackell.

Peter coça a cabeça e suja a testa de café. Não repara, e Zackell decide poupar-lhe o pânico que provavelmente causaria se o avisasse.

– Deve haver corda na loja de ferragens em frente ao Urso Pardo.

– Obrigada – diz Zackell, e já está no corredor quando Peter consegue gritar-lhe:

– Para que é que precisa de corda? Não vai enforcar ninguém, pois não?

E depois repete, com genuína preocupação na voz:

– ZACKELL! NÃO VAI ENFORCAR NINGUÉM, POIS NÃO? JÁ TEMOS PROBLEMAS QUE CHEGUEM!!!

*

O antigo treinador de Benji, David, costumava dizer que o rapaz chegaria atrasado ao seu próprio funeral. Se os colegas não verificassem que o número 16 se encontrava no gelo, era bem possível que ele estivesse a dormir no balneário quando o jogo começasse. Às vezes faltava aos treinos, outras vezes aparecia bêbado ou pedrado. Mas hoje aparece no rinque à hora, equipa-se imediatamente e sai logo para o gelo. Elisabeth Zackell vira-se para ele como se estivesse surpreendida por um jogador de hóquei ter aparecido para o treino de hóquei. Benji respira fundo e pede desculpa, como um rapaz que aprendeu a fazê-lo com irmãs mais velhas que batem com força.

– Desculpe ter faltado ao treino ontem.

Zackell encolhe os ombros.

– Não quero saber se vens ou não ao treino.

Benji repara que há cinco cordas esticadas sobre o gelo, com vários metros de comprimento. Zackell tem uma arma de *paintball* na mão: a loja de ferragens em Björnstad não tinha nenhuma, mas em Hed conseguiram desencantar-lhe uma no armazém. As pequenas manchas de tinta dispersas no acrílico num dos cantos do rinque indicam que Zackell já esteve a treinar, a disparar as pequenas e duras munições de tinta.

– O que está a fazer? – pergunta Benji, perplexo.

– O que é que tu estás a fazer aqui tão cedo? – pergunta Zackell, por sua vez.

Benji olha para as horas. Está na hora marcada para o treino, mas os únicos outros jogadores no gelo são Amat e Bobo. Resmunga:

– A minha irmã contou-me que está a pensar nomear-me capitão de equipa. É má ideia.

Zackell acena com a cabeça sem pestanejar.

– Está bem.

Benji espera que ela continue. Ela não diz mais nada. Então ele faz outra pergunta:

– Porquê eu?

– Porque és um cobarde – responde Zackell.

Já chamaram muita coisa a Benji ao longo da vida, mas nunca aquilo.

– Isso é treta.

Ela acena de novo.

– Talvez. Mas vou dar-te aquilo que mais te aterroriza: responsabilidade pelos outros.

Os olhos de Benji ensombram-se. Os dela continuam inexpressivos. Amat está atrás deles, com os patins a tremer de impaciência, e por fim farta-se e lamuria:

– O treino devia estar a começar! Porque é que não vai chamar os outros ao balneário?

Zackell encolhe os ombros, casualmente.

– Eu? Por que raio havia eu de me preocupar com isso?

Benji olha para ela, cada vez mais frustrado. Vê outra vez as horas. Depois sai do gelo.

*

Muitos dos jogadores mais velhos no balneário da equipa principal de Björnstad ainda não estão completamente equipados quando Benji entra.

– O treino vai começar – avisa ele.

Certas pessoas conseguem fazer-se ouvir sem levantar a voz. Mesmo assim, alguns dos jogadores mais velhos, ao princípio, compreendem mal a intenção de Benji e respondem:

– Ela quer lá saber se chegamos a horas ou não!

A resposta de Benji é breve, mas o silêncio que se segue é ensurdecedor.

– Mas eu quero.

O poder é a capacidade de levar os outros a fazer aquilo que queremos. Todos os homens feitos naquele balneário podiam ter retirado o poder a Benji se simplesmente continuassem sentados nos bancos. Mas ele dá-lhes trinta segundos e, quando se vira para regressar ao gelo, os outros levantam-se e seguem-no.

Não é nesse momento que se torna capitão da equipa. É apenas o momento

em que todos – incluindo ele próprio – se apercebem de que já o é.

*

Benji não quer liderar a equipa, mas fá-lo de qualquer maneira. William Lyt está em Hed e não há nada que ele deseje mais do que ser convidado para liderar a equipa, mas não é. Talvez não seja justo, mas é o desporto. O jogador que passa mais horas a treinar nem sempre acaba por ser o melhor, e o jogador que merece ser capitão de equipa nem sempre é o mais adequado.

Diz-se muitas vezes que o hóquei não é um desporto que exija pensar muito: «Só contamos os golos.» Mas isso não é rigorosamente verdade, claro. O hóquei conta tudo, está cheio de estatísticas, e no entanto é impossível de prever. É demasiado governado por coisas que não são visíveis. Uma expressão utilizada muitas vezes para descrever jogadores talentosos, por exemplo, é «qualidades de liderança», apesar de isto ser um conceito absolutamente impossível de medir, já que se baseia em características que não se podem ensinar: carisma, autoridade, amor.

Quando William Lyt era mais novo e Kevin Erdahl foi nomeado capitão de equipa, William ouviu o treinador dizer a Kevin: «Podes obrigar as pessoas a obedecer-te, mas nunca conseguirás obrigá-las a seguirem-te. Se queres que joguem por ti, têm de te amar.»

Talvez ninguém amasse Kevin mais do que William, e fez tudo o que podia para que o sentimento fosse recíproco. Foi-lhe inabalavelmente leal, mesmo após a violação; seguiu Kevin para o clube de Hed enquanto o melhor amigo de Kevin, Benji, ficou em Björnstad. William reuniu os seus amigos e espancaram Amat, que denunciara Kevin, e Bobo, que defendera Amat.

Quando Kevin desapareceu de repente, William ficou em Hed, desapontado mas ainda fiel. Tem o mesmo treinador que tinha em Björnstad, David: foi ele que persuadiu William e quase todos os seus antigos jogadores a trocar de clube. Não por defender Kevin, mas ao usar o argumento mais simples que pode haver no desporto: «Estamos apenas interessados em hóquei. Não em política. O que

acontece fora do gelo, fica fora do gelo.»

William acreditou nele e, no fundo, tinha esperança de que, agora que Kevin e Benji estavam ambos fora da equipa, talvez David reconhecesse finalmente a sua lealdade. Mas não houve qualquer demonstração de gratidão, nem uma palavra de encorajamento. William continua a ser ignorado.

Assim, quando hoje entra no balneário, abre o cacifo e vê o que alguém deixou no fundo deste, acontecem coisas que não podem ser medidas por estatística alguma. Dentro do cacifo, um isqueiro. O mesmo tipo de isqueiro que encheu a caixa de correio de William no verão, o mesmo isqueiro que Leo tinha na praia.

Simultaneamente, um dos colegas entra no balneário e anuncia:

– Eh, Lyt, já soubeste do Benji? A nova treinadora da equipa de Björnstad fê-lo capitão da equipa!

23

Fazer o que é preciso pela única coisa que importa

Dizem que ser líder é tomar decisões difíceis, desagradáveis e impopulares. «Faça o seu trabalho», ouvem os líderes constantemente. A parte impossível desse trabalho, claro, é que um líder só pode continuar a liderar desde que alguém o siga, e as reações das pessoas à liderança são sempre as mesmas: se a decisão as beneficia, é justa, se a mesma decisão as prejudica, é tirânica. A verdade, para a maior parte das pessoas, é tão simples quanto insuportável: raramente queremos aquilo que é melhor para todos; na maior parte das vezes queremos aquilo que é melhor para nós.

Peter está sobrecarregado pelos seus pensamentos enquanto desliga o computador do escritório, arruma as pastas nas estantes e desce os degraus até ao gelo. Senta-se na bancada ao fundo do rinque. Fatima está a limpar, a alguma distância dele. Peter faz-lhe adeus, mas ela responde apenas com um breve aceno de cabeça. Não gosta de atrair as atenções para si própria; tem de terminar as limpezas antes que comece o treino da equipa principal, pois não quer que Amat fique envergonhado em frente dos colegas. Como se aquele rapaz alguma vez tivesse vergonha da mãe, pensa Peter.

Fatima é, em muitos aspetos, uma habitante mais típica de Björnstad do que o próprio Peter: fala pouco, é orgulhosa, é trabalhadora e tem tolerância zero para disparates. No princípio do verão, quando as contas bancárias do clube estavam sem saldo, Peter apercebeu-se de que Fatima não recebera o ordenado, mas quando a abordou, ela disse apenas: «Não se preocupe, o Amat e eu aguentamos.»

Peter sabia que Amat andava a recolher latas no final de cada mês para receber o depósito, e disse-lhe, tolhido pelo embaraço: «Não pode ficar sem receber, o clube tem o dever de…»

Mas Fatima interrompeu-o: «O clube? Também é o meu clube. O clube do

meu filho. E nós conseguimos aguentar.»

É preciso ser uma pessoa especial para falar assim; é preciso pertencer a um clube especial.

Agora é outono e Fatima recebeu o ordenado. Peter também. Esta manhã tentou pagar as contas e, como o computador estava a dar problemas, ligou para o banco. O homem do outro lado da linha ficou confuso:

– Essas contas já foram pagas.

Não apenas uma. Todas. Richard Theo não estava a fazer promessas vazias; o patrocinador adiantou algum dinheiro, embora a conferência de imprensa ainda não acontecido. Peter vai conseguir salvar o clube. Então porque se sente tão dominado pela ansiedade?

O treino da equipa principal começa. Todas as pessoas que se encontram no gelo tomam por garantido que as luzes se acenderão no rinque todos os dias, que os seus salários serão pagos, que os apoiantes acorrerão aos jogos. No hóquei, o dinheiro é sempre algo que se espera que lá esteja. Neste desporto, na verdade, nunca crescemos – no gelo, continuamos a ser os mesmos miúdos que só querem uma coisa: um disco, alguns amigos, acendam as luzes! Vamos jogar!

Mas Peter sabe o preço a pagar. Está sentado nele. É apenas madeira e metal, tabaco de mascar espezinhado pelo chão, corrimões amolgados. Mas quando os homens de blusões pretos saltam, nesta parte das bancadas, o chão estremece, e quando eles cantam, as suas vozes ecoam até ao teto: «Somos os ursos, somos os ursos, somos os ursos, os ursos de Björnstad! SOMOS… OS… URSOS! SOMOS…»

É uma muralha poderosa que os jogadores têm a apoiá-los quando as coisas correm bem, e uma força terrível para ter contra si quando correm mal. Ao longo dos anos, não houve ninguém no clube que tenha criticado a Matilha mais do que Peter. Quando eles provocaram desacatos, Peter tentou introduzir câmaras de vigilância no rinque; quando jogadores muito bem pagos, que não estavam a jogar bem, de repente queriam rasgar os seus contratos, Peter tentou provar que

tinham sido ameaçados pelos rapazes de Teemu. Há anos que homens de fato, na sala de reuniões da direção, discutem com Peter por ser «desnecessariamente antagónico», quando na realidade o que eles têm é também medo. Os homens de fato permitiram que a Matilha recorresse à violência para dominar a cidade desde que isso beneficiasse os objetivos deles. E agora? Agora Peter tem uma oportunidade de se ver livre da Matilha, mas hesita. Porquê? Por sentir que lhes deve algo, já que lhe deram os votos para o manter no clube? Por ser um cobarde? Ou terá a ver com Richard Theo? Receará Peter estar apenas a trocar a influência de *hooligans* pela influência de políticos? Quem será pior? Os tipos com tatuagens no pescoço ou os de fato e gravata?

Durante os seus primeiros anos como diretor-geral, Kira costumava recordar-lhe que «não somos família de fugir à luta». Ela sempre foi mais resistente do que ele; a advogada de pavio curto tinha mais fome de vitória do que o diplomático diretor-geral. Mas agora é Peter que está à procura de uma luta e Kira que hesita. Talvez Richard Theo tenha razão quando considera Peter ingénuo. O mundo é complicado, mas ele gostava que fosse simples.

Quando jogava no Canadá, o seu treinador dizia: «Vencer não é tudo. É a única coisa!» Porém, Peter não tinha instinto de matador. Quando a sua equipa conseguia uma grande vantagem, nos jogos de treino, ele tirava o pé do acelerador porque não queria humilhar o adversário. A filosofia do treinador era: «Nunca tirar o pé da garganta do inimigo», mas Peter não era assim. Vencer bastava; não era preciso esmagar ninguém. Depois houve um jogo de treino em que a outra equipa conseguiu recuperar de uma desvantagem de 5-0. «Põe a cabeça no lugar!», gritava-lhe o treinador. Mas Peter nunca conseguiu mudar essa mentalidade.

Talvez tenha sido por isso que falhou aquele último remate na final, há vinte anos, e talvez seja por isso que está agora com medo de cumprir a promessa que fez a Richard Theo. Há um limite para o número de inimigos a que um homem pode sobreviver. Peter sabe que tem de fazer o seu trabalho – só não tem bem a certeza de que trabalho é esse.

Vê Elisabeth Zackell no gelo. Deseja poder ser mais como ela. Ela não tira o pé da garganta de ninguém.

*

Elisabeth Zackell divide os jogadores em duas equipas e prende os jogadores de cada equipa uns aos outros com as cordas. Se um jogador cair, a equipa toda cai.

– MAS QUE RAIO DE JOGUINHO MERDOSO DE GAJA É ESTE? – berra um dos jogadores mais velhos quando é derrubado pela atrapalhação de um companheiro e bate no gelo com toda a força.

Zackell não lhe liga.

São forçados a trabalhar até aprenderem a cooperar e a mover-se juntos, como um só. São forçados a suar e a vomitar, e não será a última vez. Só quando Amat cai de joelhos é que Zackell os deixa desamarrar as cordas. Depois vai buscar a arma de *paintball.* Um dos jogadores mais velhos murmura:

– O raio da mulher teve algum AVC?

Talvez Zackell lhe tenha lido os lábios – quem sabe? – porque diz:

– Vejo que tem havido muita conversa sobre «mulheres». Calculo que seja porque têm medo de começar a jogar como mulheres se forem treinados por uma.

Os jogadores agitam-se. Alguns ainda estão a vomitar nos baldes. Zackell dispara uma bala de tinta contra a trave de uma das balizas, fazendo o metal cantar e a bolinha dura explodir numa mancha amarela.

– Já treinei uma equipa de raparigas. Não conseguiam lidar com os ressaltos em frente da baliza e não queriam bloquear os remates; tinham medo de se aleijar. Assim, obriguei-as a despirem-se e a patinarem da linha central à baliza e tocarem no poste enquanto eu tentava acertar-lhes com uma arma de *paintball.* De cada vez que conseguissem lá chegar, ganhavam uma cerveja. Sabem o que elas fizeram?

Ninguém diz nada, por isso ela responde a si própria:

– Mandaram-me à merda. Mas, claro, eram mulheres. E vocês, o que é que são?

Os homens no gelo olham para ela, mas Zackell não baixa a cabeça. Passa um minuto. Alguns dos homens soltam risinhos nervosos, mas ela continua imóvel, com a arma de *paintball* nas mãos.

– Está… está a brincar, certo? – pergunta alguém, por fim.

– Não me parece. Já me disseram que não tenho jeito para piadas – informa Zackell.

Depois outro jogador levanta-se. Pousa o capacete no gelo, despe a camisola e tira as proteções até ficar em tronco nu.

– Chega assim, ou tenho de pôr a pila de fora também? – pergunta Benji.

– Deve chegar – responde Zackell, e dispara uma bola de tinta que lhe passa a rasar o pescoço.

Todos os outros jogadores se encolhem, mas Benji não hesita; arranca e patina na direção da baliza. Da primeira vez que ele toca na trave, Zackell conseguiu acertar-lhe duas vezes; da segunda e da terceira vez, dispara o dobro das balas. Segundo o homem da loja que lhe vendeu a arma, as munições são disparadas a uma velocidade de quase cem metros por segundo, portanto aconselhou Zackell a disparar apenas contra pessoas com equipamento de proteção, pelo menos a dez metros de distância. Benji está em tronco nu. Zackell consegue acertar-lhe uma vez nas costas, e ele contorce-se de dor enquanto a tinta escorre pela omoplata.

Os jogadores mais velhos assistem. Ao princípio, mal conseguem crer nos seus olhos, mas depois vão ficando cada vez mais fascinados. A dada altura, alguém grita um número; ninguém se lembra se foi «oito» ou «nove», mas, a partir daí, a equipa em peso vai contando de cada vez que Benji toca na trave. Por fim, estão a rugir a plenos pulmões o número de cervejas que ele ganhou. CATORZE. QUINZE. DEZASSEIS. Zackell recarrega a arma e Benji arranca de novo. Nenhuma pessoa normal faria tal coisa. É precisamente esse o objetivo. Zackell não quer um capitão de equipa normal.

Quando, a certa altura, Zackell acerta na clavícula de Benji, vê nos olhos dele

aquilo de que é capaz. «Consigo ganhar tudo com este», pensa ela com os seus botões. Benji não para de patinar e ela não para de disparar até ele ter conquistado uma grade de cervejas. A treinadora vai buscá-la ao banco. Quando lhe entrega o prémio, diz:

– Uma pessoa que sente responsabilidade nunca é livre, Benjamin. É por isso que estás com medo.

Para alguém que lida mal com sentimentos, esta mulher afinal não lida assim tão mal com sentimentos.

Benji dirige-se para o balneário, magoado, dorido e todo sujo de tinta. Aí, partilha a cerveja com todos os colegas. Até Amat bebe; nunca ousaria recusar.

Benji vai para o duche sozinho. Fica lá muito tempo. Quando volta, a cerveja desapareceu e tem os sapatos cheios de creme de barbear.

*

Peter Andersson aproxima-se das tábuas enquanto Zackell apanha as cordas.

– Os seus métodos de treino são… muito interessantes. Ajudam mesmo a tornar os jogadores melhores? – pergunta Peter o mais diplomaticamente que consegue, enquanto se esforça por não ter um ataque de pânico com as manchas de tinta espalhadas pelo gelo.

– Melhores? Como quer que saiba? – responde Zackell, despreocupada.

– Com certeza tem alguma razão para recorrer a esses métodos – insinua Peter.

Tem uma enxaqueca. Richard Theo prometeu-lhe «controlo absoluto» do clube, mas na verdade não é o que ele sente.

– Os treinadores de hóquei fingem-se mais entendidos no assunto do que são; a maior parte do que fazemos é por palpite. Pensei que soubesse – responde Zackell.

Peter sente os músculos das costas ficarem tensos.

– Tem uma visão de liderança bastante… invulgar.

Zackell encolhe os ombros.

– Se os jogadores acharem que eu sou uma idiota, têm algo de que falar uns com os outros. Às vezes, uma equipa precisa de um inimigo comum para se unir.

Peter fica a olhar para ela enquanto a treinadora se afasta. Seria capaz de jurar que ela sorria levemente quando fez o último comentário. Depois vai buscar materiais de limpeza e passa as horas seguintes a raspar e a limpar a tinta do gelo.

Talvez devesse ter ido para casa, beber vinho com a mulher e adormecer na cama de casal. Mas ele e Kira ainda não fizeram completamente as pazes; apenas pararam de discutir, o que não é a mesma coisa. Não gritam um com o outro, mas também não têm conversado. Toda a família está a ficar cada vez mais silenciosa, como uma sala que fica tão desarrumada que parece mais fácil emparedar a porta com tijolo do que enfrentar o problema. Peter apercebe-se de que está à procura do que fazer, portanto vai para casa e chega depois de toda a gente estar deitada.

Passa metade da noite acordado, a ler o manual de instruções de uma máquina de café, em vez de falar com a filha que lha ofereceu e confessar que não sabe o que está a fazer. Que já não sabe por quem está a lutar.

*

O treinador da equipa principal em Hed chama-se David. Há meses que não corta o cabelo ruivo e o seu rosto é branco como a cal porque, mesmo nos dias mais bonitos de verão, o sol não entra na sala de vídeo no interior do rinque. Está a dar a este trabalho tudo o que tem; não pode fazer outra coisa. A namorada está grávida, e o Clube de Hóquei no Gelo de Hed é o seu trampolim para uma carreira numa divisão superior. Se vencerem.

Nunca quis treinar esta equipa; queria ter ficado com a de Björnstad. Formou um grupo de miúdos, desde pequenos até aos juniores, altura em que estavam preparados para vencer o campeonato nacional e se tornarem o núcleo central da equipa principal: Kevin e Benji no gelo, David no banco. Quase aconteceu. Mas

ficaram-se pelo *quase*.

David não deixou Björnstad por querer defender uma violação. Pelo menos, não é assim que ele vê as coisas. Nem sequer sabe se Kevin é culpado. O rapaz nunca foi condenado por crime nenhum e David não é advogado nem polícia; é treinador de hóquei. Se os clubes de hóquei começassem a castigar os jogadores por coisas de que não foram condenados em tribunal, onde é que iriam parar? O hóquei tem de ser só hóquei. A vida fora do recinto tem de permanecer separada da vida lá dentro.

Assim, David não deixou Björnstad por causa daquilo de que Kevin foi acusado, mas porque Peter arranjou maneira de o rapaz ser detido pela Polícia no dia da final. O que significou que toda a equipa foi castigada, e não apenas Kevin. E, isso, David não conseguia aceitar. Por isso, trocou de clube e levou consigo quase todos os melhores jogadores de Björnstad.

Não se arrepende dessa decisão. A única coisa que lamenta é Benjamin Ovich. O rapaz simbolizava tudo o que David queria de uma equipa, mas, quando foi realmente importante, David não conseguiu alcançá-lo. Benji ficou em Björnstad quando todos os outros se mudaram para Hed; e na primavera passada David vira-o a beijar outro rapaz. Benji não sabe que David sabe; evidentemente, mais ninguém sabe. A bem da verdade, David deseja que mais ninguém venha a descobrir. Não vivem no tipo de lugar onde ele quisesse ver uma revelação dessas vir a público sobre qualquer jogador de hóquei, nem mesmo se vier jogar pela equipa adversária no outono.

Estará David orgulhoso de si próprio? Decididamente, não. Então, porque não vai falar com Benji, porque não lhe diz a verdade – que tem vergonha de ter sido um líder tão mau, que o rapaz não se sentira seguro o suficiente para lhe contar a verdade sobre si próprio? Porque é que David não pede desculpa? Provavelmente, pela mesma razão por que todos cometemos os nossos erros mais estúpidos: é difícil admitir que estávamos errados. E, quanto maior o erro, mais difícil é.

David nunca se vê a si próprio como uma boa pessoa, mas acredita sinceramente que faz tudo o que pode pelo bem do hóquei. Colocou a equipa, o

clube, o desporto em primeiro lugar. Nunca permitirá que isso se torne política. Nem mesmo agora.

Batem-lhe à porta do escritório. É William Lyt.

– Já soube que o Benji foi nomeado capitão de equipa de Björnstad? – brame o corpulento avançado.

O treinador confirma com um aceno.

– Aqui é Hed, não é Björnstad. Não te preocupes com o que eles estão a fazer.

William treme, no limiar da porta, incapaz de virar costas, apesar de a expressão no rosto do treinador indicar que a discussão acabou.

– Alguém da nossa equipa vai usar o número dezasseis este ano? – pergunta William. Não pretende que soe como uma acusação; está apenas a pedir ao treinador que o ame. E o problema é esse: o amor é como a liderança. Não adianta pedir.

– Não é da tua conta – responde David friamente.

Dezasseis era o número de Benji em Björnstad. David recusou-se, até agora, a dá-lo a qualquer um dos jogadores de Hed.

– Quem vai ser o nosso capitão? – pergunta William, com inveja.

David responde à pergunta que ele realmente quer fazer:

– És demasiado jovem, William.

É uma maneira muito especial de partir o coração de alguém, quando um jogador de hóquei vê nos olhos do treinador que ele preferia outro.

– Diria a mesma coisa se eu fosse o Benji?

David é sincero. Faz que não com a cabeça.

William Lyt sai para o gelo com uma necessidade de afirmação violenta, maior do que nunca. David finge não compreender, mas claro que compreende, e muito bem. Não se tornou treinador de hóquei por acaso; sabe o que as suas palavras podem fazer. Enquanto os rapazes cresciam, viu William competir com Benji por tudo sem o vencer uma única vez. David sabe que a inveja é um sentimento horrível, mas pode também ser uma força motivadora. Assim,

distribui-a em pequenas doses, de propósito, porque a liderança é uma questão de manipular emoções para obter resultados. David sabe que o que está a fazer é perigoso; William pode vir odiar Benji ao ponto de o magoar no jogo. Mas todas as melhores equipas de hóquei têm alguém que joga no limite e por vezes o ultrapassa. William joga melhor quando está repleto de ódio.

David ainda gosta de Benji, mais do que de qualquer outro jogador que já treinou, e tem vergonha de não ter merecido a confiança dele. Um dia, talvez consiga redimir-se disso, como ser humano. Mas esses sentimentos pertencem à vida fora do rinque, e esta é a vida dentro do rinque. Aqui dentro, Benji é um adversário. Se William atravessar o limite, paciência. Se Benji ficar lesionado, paciência. David é treinador de hóquei; está a fazer o que lhe compete. Está a fazer o que é preciso pela única coisa que importa.

Vencer.

*

Benji está a levantar pesos, sozinho, no anexo do canil, quando a noite cai. Antes de levantar o haltere, tira o relógio de pulso. É um relógio velho e riscado, pesado e volumoso, e não tem muito a ver com ele. Mas foi-lhe oferecido por David. Não trocam uma palavra desde que o treinador mudou de clube, mas Benji ainda não vai a lado nenhum sem aquele relógio.

*

William Lyt faz flexões até lhe doerem os braços tanto como o resto do corpo. Adormece agarrado ao isqueiro que lhe deixaram no cacifo. Sabe quem o colocou lá. William pode não estar a pensar em magoar Benji, por enquanto, mas isso não significa que não possa magoar outra pessoa.

24

O urso dentro dela acabou de acordar

Ramona desce intempestivamente as escadas do apartamento, numa nuvem de impropérios, para ver quem está aos murros à porta do Urso Pardo depois da hora do fecho. Espera encontrar um bêbado, mas encontra outra coisa.

– O que estás a fazer aqui, seu velho idiota? Há uns bons quarenta anos que não me batias à porta a meio da noite para beber um copo! E se não tiveste sorte na altura, também não é agora que vais ter! – exclama, enquanto fecha o roupão.

Sune ri-se tão alto que assusta o cachorrinho que traz consigo.

– Preciso de um conselho, Ramona. Dois, se calhar.

Ramona manda-o entrar e vai buscar uma tigela com água para o cão. Este esvazia-a e começa a roer os pés das cadeiras.

– Então? – resmunga ela.

– Quero pedir-te que fales com o Teemu Rinnius por mim – diz Sune.

Se fosse outra pessoa qualquer, Ramona teria dito: «Teemu quem?» Mas não a Sune. O velho passara a vida inteira dele a lidar com rapazes difíceis com talento para o hóquei, enquanto Ramona passara a dela a lidar com os que não tinham talento.

– Sobre o quê?

– O clube.

– Pensava que já não eras treinador. O que tens a ver com o clube?

– Deixaram-me ficar para treinar as miúdas. Para elas regalarem os olhinhos.

Ramona solta uma gargalhada rouca, libertando uma década de fumo de cigarro. Depois fica séria.

– Correm boatos, Sune. O jornal fala de um «novo patrocinador» e do diretor-geral em «reuniões secretas». Essas coisas deixam o Teemu e os rapazes nervosos. É o clube deles.

– O clube não é deles – corrige-a Sune.

Não consegue deixar de pensar que é um pesadelo colossal, nesta cidade,

tentar deixar toda a gente contente. Se o clube tivesse ido à falência, Peter teria arcado com as culpas, e mesmo agora que conseguiu salvá-lo financeiramente, continua a levar pancada. Ramona coloca três copos de uísque em cima do balcão. Um para Sune, dois para ela.

– Então o que me dizes da nova treinadora? Volta e meia vem cá comer umas batatas – comenta ela.

– A Zackell? Não sei. É doida. Parece estar a borrifar-se para o que o Peter Andersson pensa…

Ramona sorri.

– É um bom princípio.

– … mas desconfio que o Teemu e os seus rapazes não estarão muito entusiasmados com a ideia de ter uma mulher como treinadora.

Ramona solta uma fungadela desdenhosa.

– Eles amam o clube, sabes muito bem. Estão preocupados é que ela tenha sido contratada por algum golpe de relações públicas. Não querem passar por parvos, e nem ver uma data de interesses políticos arrastados para o hóquei.

Sune revira os olhos.

– «Interesses políticos.» É isso que lhe vamos chamar? Mas as mulheres não podem ir para a cama com quem quiserem?

– Ah! Ninguém tem mais simpatia pelas lésbicas do que eu, porque a meu ver saiu-lhes a lotaria! É impossível argumentar com os homens, valia mais que nos víssemos todas livres deles!

– Então qual é o problema com a Zackell?

– O problema é que os rapazes acham que ela está a ser manobrada pelo Peter Andersson e pelos patrocinadores e pelos políticos, e não querem outro treinador que seja…

Ramona interrompe-se. Sune termina por ela.

– Como eu? Fraco?

Sabe o que as pessoas dizem dele. Que, nos últimos anos, deixou os patrocinadores e os políticos tomarem conta do clube e darem cabo dele sem fazer nada. E têm razão. Sune envelheceu, ficou demasiado cansado para

discutir. Sempre teve esperança de que o hóquei fosse o suficiente para manter o clube na linha, tanto a nível financeiro como moral, mas provou-se que estava errado em ambas as circunstâncias.

– Não queria criticar-te – murmura Ramona.

– Oh, eles têm razão. Quem me dera ter dado mais motivos de alegria a esta cidade. Mas a Zackell não é como eu.

– Em que aspeto?

– Ela é do tipo vencedor.

– Vieste pedir-me um conselho, não foi? Os rapazes precisam de provas.

Sune suspira.

– Então pede ao Teemu que, assim que o irmão mais novo for libertado, o leve diretamente ao rinque.

Ramona fica muda de espanto. Não acontece muitas vezes.

*

Peter chega outra vez tarde a casa. Kira está sentada à mesa da cozinha com o portátil; saiu mais cedo do trabalho, hoje, para cozinhar para os filhos, tratar das limpezas e da roupa. Agora está outra vez a trabalhar, embora os patrões não vejam: trabalha mais horas do que qualquer um dos colegas, mas em breve ficará conhecida no escritório como a mulher que sai sempre mais cedo. Ser mãe é, por vezes, como secar os alicerces de uma casa ou reparar um telhado: requer tempo, suor e dinheiro, e depois de terminado o trabalho, parece que está tudo exatamente na mesma. Não é o tipo de missão que angarie grandes louvores. Mas passar uma hora a mais no escritório é como pôr um bonito quadro na parede, ou um candeeiro vistoso: toda a gente repara.

Peter fala com ela e Kira responde-lhe, mas sem fazerem contacto visual. «Como correu o teu dia?» «Bem, e o teu?» «Bem. Os miúdos já jantaram?» «Sim, tens restos no frigorífico.» «Podes levá-los à escola amanhã? Preciso de chegar cedo ao rinque.» Ela responde: «Claro», embora lhe apeteça gritar: *E o*

meu trabalho? Ele diz: «Obrigado», embora lhe apeteça murmurar: *Sinto que estou a afogar-me*. Ela acrescenta: «Não há problema», quando lhe apetece gritar: *Socorro!* Nenhum dos dois diz mais nada, embora ambos estejam a pensar: *Tenho saudades de nós*. Peter sai da cozinha sem passar os dedos pelo cabelo de Kira. Ela fica ali sentada sem respirar contra a nuca dele.

*

Ramona está a olhar para Sune.

– Isso é alguma piada?

– Não. A Elisabeth Zackell não tem qualquer sentido de humor.

– Ela vai deixar o Vidar voltar a jogar hóquei? O que diz o Peter disso?

– Ela não quer saber do que o Peter acha.

Ramona ri-se. Sempre gostou um bocadinho mais dos irmãos Rinnius do que de todos os outros rapazes que frequentam o Urso Pardo. Teemu traz-lhe as mercearias todas as semanas; Vidar costumava fazer os trabalhos de casa ali no bar. Há muitos anos, logo a seguir à morte de Holger, os rapazes ouviram alguém dizer que Ramona começara a «esquecer-se das coisas; se calhar é Alzheimer». Não era – era apenas um coração partido perfeitamente normal –, mas os dois rapazes leram *online* que era possível adiar o processo de envelhecimento do cérebro, portanto começaram a obrigá-la a fazer palavras cruzadas. Todas as manhãs lhe traziam um passatempo novo. Ela praguejava para quem a quisesse ouvir e amava-os incondicionalmente por o fazerem. Assim, agora diz:

– Então o Vidar caga numa mesa e a Zackell está-se a borrifar para o Peter? Isso não vai acabar bem.

– Pois não – concorda Sune.

Ramona coça debaixo do queixo com um dos copos de uísque.

– Não parece coisa tua, ir contra o Peter.

– Pois não – admite Sune.

– Porquê? É assim tão especial, esta treinadora?

Sune solta um longo suspiro, fazendo estremecer os pelos do nariz.

– Ou vencemos ou afundamo-nos, Ramona. O Vidar era um guarda-redes espetacular e, se ainda for, estou disposto a correr o risco de… a personalidade dele.

Ramona sorri.

– Quando o Diabo envelhece, torna-se religioso.

– Consegues falar com o Teemu para que ele veja se o Vidar aparece nos treinos? – pergunta Sune.

Ramona ergue uma sobrancelha.

– Ouve lá, meu velho idiota, não te lembras de como o Vidar jogava hóquei? Era preciso arrancá-lo do rinque depois do treino! E agora o rapaz esteve preso durante… raios, não conseguirão tirá-lo de cima do gelo nem à força de armas!

Ramona não diz o que está a pensar: que ela própria arrastará Vidal para o rinque se tiver de ser. Não conseguiu salvar Teemu; ele estava demasiado dominado pela raiva para poder mudar. Mas talvez Vidar ainda possa ter uma vida diferente e Ramona não tenciona deixar passar essa oportunidade, nem que se mate a tentar.

Sune acena com a cabeça e bebe um gole de uísque, que lhe traz as lágrimas aos olhos.

– Está bem, então.

O silêncio abate-se sobre eles. Ramona funga.

– Mais alguma coisa?

Sune fica embaraçado por ser tão transparente.

– Sim Queria pedir-te mais um favor. Não é para o clube. É para mim. Há uma menina chamada Alicia. Tem quatro anos e meio, mora em…

– Eu sei quem é a garota – interrompe-o Ramona em tom desolado, não por conhecer a menina, mas porque todos os proprietários de bares na região conhecem os adultos que vivem naquela casa.

– Podes ficar de olho nela?

Ramona serve mais uísque.

– Tens a certeza de que não vieste seduzir-me para me levar para a cama? Estás a sair-te melhor do que antigamente.

Sune sorri.

– Teria um ataque cardíaco antes que tivesses tempo de despir o *soutien*, mas obrigado pela oferta.

Ramona bebe. Depois declara, infeliz:

– Não falo por ninguém nesta cidade, Sune. Mas o Peter também é um dos meus rapazes. Portanto pede-lhe que, para o seu próprio bem, se lembre de quem defendeu Björnstad. Seja o que for que este novo patrocinador exija.

Sune acena. Sabe que ela se está a referir à zona de espectadores em pé no rinque que costuma ser ocupada pela Matilha. Não é fácil guardar segredos nesta cidade.

– Farei os possíveis – assegura-lhe.

Não será o suficiente.

*

Peter detém-se à porta do quarto de Leo. O rapaz tem doze anos, é quase um adolescente. Peter lembra-se de quando ele nasceu, daquele momento dilacerante em que ouviu o filho chorar pela primeira vez. Quando pôde pegar no corpinho nu e frágil, segurar-lhe a cabecinha, ver-lhe os olhos fechados e ouvir-lhe os gritos lancinantes… e quando o choro cessou. A primeira vez que Peter se apercebeu de que aquela pessoa pequenina dormia tranquilamente nos seus braços. O que estamos preparados para fazer pelos nossos filhos naquele momento? O que não estamos preparados para fazer?

Mas os anos passam a correr. Os pais têm de viver no momento; mas os diretores-gerais nunca podem fazê-lo. Os pais precisam de aproveitar cada dia, porque a infância é como bolhas de sabão; dispomos apenas de uns segundos para a apreciar. Mas os diretores-gerais têm de pensar no próximo jogo, na próxima época, para diante, para a frente, para cima.

Peter tem dois *sticks* numa mão e uma bola de ténis na outra. Leo costumava dar com ele em doido, sempre a pedir-lhe para irem jogar lá para fora. «Pai, podes tirar o carro? Pai, podemos jogar? Pai? Só um bocadinho! Ganha o

primeiro a marcar cinco golos!»

Peter estava sentado com o comando da televisão na mão, a ver a gravação de um jogo, ou a debater-se com um monte de papéis e uma calculadora, a trabalhar no orçamento, e respondia: «Primeiro tens de fazer os trabalhos de casa.»

E depois de os trabalhos de casa estarem feitos já era tarde.

«Amanhã», prometia o pai. «Está bem», respondia o filho.

Os homens estão ocupados, mas os rapazes não param de crescer. Os filhos querem a atenção dos pais até ao preciso momento em que os pais passam a querer a atenção dos filhos. Daí para a frente, estamos condenados a desejar ter adormecido ao lado deles mais vezes, enquanto as suas cabeças ainda cabiam nos nossos peitos. Que tivéssemos passado mais tempo sentados no chão enquanto eles brincavam. Que os tivéssemos abraçado mais enquanto ainda nos deixavam.

Peter bate agora à porta do quarto de Leo e o rapaz responde, sem abrir:

– Hã?

– Eu… tirei o carro da entrada – diz o pai, em tom esperançoso.

– Sim?

– Sim… pensei que talvez quisesses… talvez te apetecesse jogar um bocadinho?

Aperta a bola de ténis com tanta força que o suor da sua mão deixa marcas no material verde. A resposta de Leo é implacável:

– Tenho de fazer os trabalhos de casa, pai. Talvez amanhã!

Peter quase abre a porta para insistir com ele. Mas, em vez disso, volta a guardar os *sticks* no armário. Depois senta-se no sofá sozinho, com a bola na mão, e adormece.

*

Kira fecha o computador. Espreita para o quarto de Leo. Este finge estar a dormir; ela finge acreditar. Passa pela sala, tapa Peter com uma manta; hesita,

como se fosse afastar-lhe o cabelo da testa, mas não o faz.

Senta-se lá fora, nos degraus à porta de casa, a olhar para as mesmas estrelas que poderia ter admirado de qualquer lugar do mundo. Hoje, no trabalho, a colega deu-lhe um envelope, enviado por uma mulher mais velha que tanto Kira como a colega admiram há anos, uma diretora e investidora genial que mudou de rumo profissional e criou uma grande fundação de solidariedade representada por artistas e atores e com apoios multimilionários. Kira e a colega conheceram-na numa conferência, há um ano, conseguiram atrair-lhe a atenção e, quando se despediram, a mulher deu a Kira o seu cartão de visita e disse: «Estou sempre à procura de pessoas inteligentes com uma chama dentro de si. Contacte-me se alguma vez precisar de trabalho.»

Kira não levou a oferta muito a sério, talvez por não se atrever a isso, e deixou que ficasse apenas um sonho vago. Mas o envelope de hoje continha um convite para uma conferência importante que a fundação dessa mulher está a organizar e que terá lugar dentro de poucas semanas, no Canadá.

«Porque é que ela nos está a convidar? Quer contratar a firma?», perguntou Kira, sem fôlego.

Só então se apercebeu da inveja nos olhos da colega. Kira olhou de novo para o convite e viu que só mencionava o nome dela. A colega esforçou-se por parecer orgulhosa, mas, mesmo assim, fez-lhe lembrar uma menina que está prestes a perder a sua melhor amiga para o mundo grande e desconhecido.

«Ela só te convidou a ti, Kira. Não quer contratar a firma. Quer oferecer-te uma posição.»

Kira está sentada nos degraus à porta de casa, com o envelope na mão, a olhar para as estrelas. São as mesmas estrelas que se veem no Canadá. Em tempos, ela mudou-se para esse país para que Peter pudesse jogar na NHL, com os melhores do mundo. Sabe o que ele dirá se lhe contar que quer ir à conferência. «Tem mesmo de ser agora? É uma fase tão complicada no clube, querida… Talvez para o ano?»

Kira nunca conseguirá explicar. Peter nunca compreenderá que ela também tem a sua NHL.

*

Ramona liga a Teemu. Têm uma breve conversa porque nenhum deles quer que o outro oiça as suas fraquezas. Ramona não lhe diz que quer que Vidar tenha uma vida melhor do que a do irmão, e Teemu não partilha com ela que quer precisamente o mesmo. Depois Ramona pede um favor a Teemu e espera que ele volte a ligar para lhe dizer que está tudo tratado.

Teemu aguarda, parado em frente de uma pequena casa noutra parte da cidade, até as luzes se apagarem no quarto das crianças. Depois de ter a certeza de que só os adultos estão a pé, não toca à campainha, não bate à porta; eles nunca chegarão a saber como ele entrou. Simplesmente, aparece na cozinha e fica ali, calado, enquanto eles se agarram à bancada e tentam apanhar os copos que derrubaram com as mãos trémulas. Vê-se que sabem quem ele é; portanto tudo o que precisa de fazer é pegar num saco de hóquei, largá-lo em cima da mesa e perguntar:

– A Alicia mora aqui?

Os adultos fazem que sim com a cabeça, aterrorizados.

– A partir de hoje, o fundo comum do Urso Pardo pagará pelo equipamento de hóquei dela, todos os anos, enquanto ela quiser jogar. Não sei se a Alicia tem irmãos nesta casa, mas fora daqui passou agora a ter. E o próximo adulto que a magoar terá de se explicar perante cada um de nós.

Não precisa de esperar por resposta. Quando sai da casa, nenhuma das pessoas que deixou para trás se atreve a mexer-se durante vários minutos, mas por fim alguém pega no saco e leva-o para o quarto de Alicia. A menina de quatro anos e meio dorme a sono solto e sonha com o som de discos a bater numa parede, e, durante muito tempo, a partir desse momento, as suas únicas nódoas negras serão as que fizer no gelo. Jogará hóquei todos os dias e um dia será a melhor.

Esta noite, a menina pode estar a dormir profundamente. Mas o urso dentro dela acabou de acordar.

25

«Canção de Mãe»

William Lyt é como todos os outros adolescentes: permanentemente na fronteira entre a arrogância e o abismo. Há uma rapariga de quem gosta, da mesma turma que ele. Na primavera passada, numa festa, ela beijou-o na cara quando estava bêbada e ele ainda sonha com esse momento. Assim, quando se vê junto do cacifo dela na escola, hoje, a sua fachada cai por terra e pergunta-lhe:

– Olá… Ouve… queres… quer dizer… gostavas de fazer qualquer coisa um destes dias? Depois da escola? Tu e… e eu?

Ela fita-o com desagrado.

– Fazer alguma coisa? Contigo?

Ele pigarreia.

– Sim?

Ela solta uma risada trocista.

– Ah! Eu sou de Björnstad, e isso tem significado para alguns de nós! Espero que o Benji te *destrua* no jogo!

Só quando ela se afasta é que Lyt repara que tem vestida uma *T-shirt* verde com as palavras BJÖRNSTAD CONTRA OS OUTROS. As amigas dela vestem *T-shirts* parecidas. Quando passam por Lyt, uma delas rosna:

– O Kevin Erdahl é um violador e tu não és melhor do que ele!

Lyt fica parado, compreensivelmente enfurecido. Toda a vida tentou fazer a coisa certa. Esteve em todos os treinos, admirou o capitão, obedeceu ao treinador. Seguiu todas as regras, fez o que lhe pediam, engoliu o orgulho. Benji fez precisamente o oposto, sempre. E quem é que toda a gente adora, apesar de tudo?

Como pode William Lyt sentir outra coisa que não ódio em relação a isso?

Quando se vira, vê Leo ao fundo do corredor. O rapaz de doze anos acabou

de identificar o ponto fraco de William Lyt e o sorrisinho do cabrão do fedelho trespassa a pele do rapaz de dezoito anos. William entra na casa de banho e esmurra as próprias coxas até as lágrimas lhe virem aos olhos.

*

Quando o dia de escola acaba, Maya e Ana vestem os fatos de treino e vão correr para a floresta. É ideia de Ana, uma ideia muito estranha porque Maya sempre detestou correr e, embora Ana tenha passado quase a vida toda a fazê-lo ali, nunca correu especificamente como forma de exercício. Nunca correu em círculos. Ainda assim, Ana obriga Maya a fazê-lo neste outono, porque sabe que, embora Kevin já não esteja em Björnstad, ainda têm de reivindicar tudo aquilo que ele roubou. O crepúsculo. A solidão. A coragem de usar auriculares depois de escurecer, a liberdade de não estar sempre a olhar para trás.

Correm apenas onde há iluminação. Não falam sobre isso, mas ambas pensam a mesma coisa: os rapazes nunca têm de se preocupar com as luzes, não é um problema na vida deles. Quando os rapazes têm medo do escuro, é de fantasmas e monstros; porém, quando as raparigas têm medo do escuro, é de rapazes e homens.

Correm durante muito tempo. Mais longe do que alguma delas julgaria ser capaz. Mas detêm-se abruptamente a alguma distância da casa de Ana, ao lado da pista que contorna os Montes. É a extensão de pista mais bem iluminada em toda a Björnstad, mas isso é irrelevante.

Foi aqui que Maya apontou a caçadeira à cabeça de Kevin.

Ela está ofegante. Não consegue dar nem mais um passo. Ana pousa a mão na dela, para a reconfortar.

– Tentamos outra vez amanhã.

Maya assente com um aceno mudo. Caminham de novo até casa de Ana. À porta, Maya mente e garante à amiga que está bem, que consegue ir sozinha para casa, porque Ana se está a esforçar muito para que tudo regresse ao normal e

Maya não suporta desiludi-la.

No entanto, quando está sozinha, senta-se num toco de árvore e chora. Manda uma mensagem à mãe: «Podes vir buscar-me? Por favor?»

*

Num momento destes, não há outra mãe nesta floresta, ou em qualquer outra, que conduza mais depressa por entre as árvores.

*

Ninguém sabe exatamente de onde vem a violência; é por isso que a pessoa que se mete numa luta consegue sempre encontrar uma justificação razoável. «Não me devias ter provocado.» «Já sabes como eu sou.» «A culpa é tua, foi merecido, estavas a pedi-las!»

Leo Andersson tem doze anos de idade e nunca teve uma namorada. Quando uma rapariga dois anos mais velha se aproxima dele junto do seu cacifo, na escola, sente uma vaga de adrenalina tão forte como nunca voltará a sentir.

Ela sorri.

– Vi-te enfrentar o William Lyt, na praia. Foste muito corajoso!

Leo tem de se segurar à porta do cacifo enquanto ela se afasta. Quando vai almoçar, ela senta-se à mesma mesa. Nessa tarde, depois da última aula, ela aparece no corredor e pergunta-lhe se ele a quer acompanhar a casa.

Geralmente, o pai ou a mãe vai buscar Leo à escola para ele conseguir chegar a tempo ao treino de hóquei. Mas ultimamente os pais têm estado metidos no seu mundinho, e Leo não tenciona jogar hóquei esta época. Quer ser outra coisa, ainda não sabe bem o quê; porém, quando aquela rapariga olha para ele, Leo pensa: «Quero ser o tipo de pessoa que ela acha corajosa.» Assim, manda uma mensagem aos pais e diz que vai para casa de um amigo. Eles ficarão aliviados por não terem de o ir buscar.

A rapariga e Leo metem-se pelo caminho que passa pelo túnel, debaixo da estrada principal, entre a escola e a área residencial do outro lado. Ele respira fundo e enche-se de coragem para estender a mão e pegar na dela. O túnel está escuro e ela liberta-se dos dedos dele e desata a correr. Leo fita-a, surpreendido, ouvindo os passos dela a afastarem-se sobre o cimento. Depois ouvem-se outros sons, de outros pés. Aproximam-se na escuridão, vindos de ambas as direções. Um deles é o irmão mais velho da rapariga. Leo não tinha reparado que ela vestia uma camisola vermelha por baixo do blusão.

O município instalou este túnel, há muitos tempo, depois de anos de protestos por parte dos pais, para que as crianças não tivessem de atravessar uma estrada tão movimentada. O objetivo do túnel era zelar pela segurança dos miúdos. Mas agora, em vez disso, é uma armadilha.

*

Quando Kira vai buscar Maya, a filha finge que já está tudo bem outra vez. Começa a tornar-se especialista nisso. Diz que torceu o tornozelo enquanto corria com Ana e Kira fica contente. Contente! Porque um tornozelo torcido é tão… normal. É uma parte normal da vida de uma jovem de dezasseis anos.

– Apetece-te fazer alguma coisa? Podíamos ir a Hed beber um café – sugere Kira, com toda a experiência em rejeição de uma mãe de adolescentes, e o seu coração dá um saltinho quando a filha responde, inesperadamente:

– Está bem.

Bebem café. Conversam. Até se riem, como se tudo isto fosse normal; e claro que é Kira que acaba por estragar tudo. Porque não consegue conter-se e pergunta:

– Como está a correr a… a terapia? E com a psicóloga? Não sei bem qual é a diferença, mas… sei que não queres falar comigo e com o teu pai, mas queria apenas dizer-te que… que podes falar connosco, se quiseres.

Maya mexe o café. No sentido dos ponteiros do relógio, depois em sentido contrário, à vez.

– Está a correr bem, mãe. Sinto-me bem.

Kira deseja ardentemente acreditar naquelas palavras. Tenta manter a voz firme.

– O teu pai e eu temos estado a falar. Vou reduzir as minhas horas de trabalho, para poder estar mais tempo em casa…

– Para quê? – interrompe Maya.

Kira parece confusa.

– Pensei que ficarias contente! Se eu estivesse… mais tempo em casa?

– Porquê? – questiona Maya.

Kira agita-se.

– Não tenho sido boa mãe, querida. Sempre tão focada na carreira. Devia ter passado mais tempo contigo e com o Leo. Agora o teu pai tem de concentrar todos os seus esforços no clube durante algum tempo, por isso…

– O pai sempre concentrou todos os seus esforços no clube! – exclama Maya.

Kira pisca os olhos.

– Não quero que te lembres de mim, um dia, como uma mãe ausente. Principalmente agora. Quero que sintas que tens uma… uma mãe normal.

Maya pousa a colher. Inclina-se sobre a mesa.

– Para com isso, mãe. Sabes, tenho tanto orgulho da tua carreira! Os outros miúdos tiveram mães normais, mas eu tive um exemplo a seguir. Todas as outras mães têm de dizer aos filhos que podem ser aquilo que quiserem quando forem grandes, mas tu não precisas de o dizer porque o demonstras todos os dias.

– Querida, eu… – começa Kira, mas a voz falha-lhe.

Maya limpa-lhe as lágrimas e conclui:

– Mãe, ensinaste-me que não preciso de ter apenas sonhos. Posso ter objetivos.

*

Talvez William Lyt não queira magoar ninguém. Há um tipo particular de pessoa que gosta de fazer mal aos outros, mas não é claro se Lyt é uma dessas

pessoas. Um dia, talvez se questione quanto a isso; talvez tente perceber como acabou por se tornar aquilo que é. A menos que se torne o tipo de pessoa que passa a vida toda rodeado de desculpas para a violência. «Não devias tê-lo provocado.» «Já sabes como ele é.» «Estavas a pedi-las.»

Os amigos estão com ele, mas William não tem o seu apoio incondicional. Não estão com ele por amor ou admiração, como acontecia com Kevin e Benji; acompanham-no apenas porque é forte. Assim, ele tem de esmagar todos os que o desafiam, porque uma falta de respeito é como faíscas numa floresta no verão: se não as espezinharmos de imediato, o fogo espalha-se até darmos por nós cercados pelas chamas.

Os amigos ficam nas extremidades do túnel. William entra. As coisas não precisavam de se ter descontrolado, porque William começa por dizer:

– Agora já não és tão valente, pois não?

Se Leo se tivesse mostrado assustado, podia ter ficado tudo por aí. Se o rapaz de doze anos tivesse tido o bom senso de tremer e cair de joelhos e suplicar misericórdia. Mas não é William que vê o medo nos olhos de Leo – é Leo que vê medo nos de William. Assim, o rapaz de doze anos responde, em tom trocista:

– E tu és muito valente, pequeno Willie? Nem sequer tiveste coragem para enfrentar o Benji! Vais usar fralda quando jogarem contra Björnstad?

Leo talvez nem sequer saiba porque falou. Ou se calhar não se importe. A rapariga enganou-o; doravante terá para sempre dentro de si um nó de uma fúria sombria, para lhe recordar como se sentiu quando ela fugiu e ele se apercebeu de que tinham planeado isto, e como se deviam ter rido enquanto o faziam. E há qualquer coisa em relação à violência, à adrenalina, às diferentes frequências nos corações de algumas pessoas. Tira algo do bolso e atira-o para o chão em frente de William Lyt.

Um isqueiro.

William ataca de imediato. O seu punho atinge o rosto de Leo como um bloco de madeira. Leo cai por terra, rebola e põe-se de gatas para o sangue não lhe ir para os olhos. Sabe que não tem qualquer hipótese de lutar contra William e vencer. Mas há muitas formas de evitar a derrota. Vê que William tem lágrimas

de raiva nos olhos quando se prepara para lhe dar um pontapé. Consegue desviar-se a tempo e, no mesmo movimento, projeta o pé com toda a força que tem e atinge William nas virilhas. Depois levanta-se e bate-lhe com todas as suas forças.

Talvez fosse suficiente, se ele fosse um pouco maior e mais pesado, e William mais pequeno e mais leve. Mas os socos de Leo são fracos, metade deles falha o alvo, e William limita-se a cambalear ligeiramente. Os rapazes nas extremidades do túnel assistem, imóveis. Os dedos de William apanham a gola da camisola de Leo e fecham-se como uma garra. Depois o rapaz de dezoito anos dá uma cabeçada no nariz do rapaz de doze anos. Cego, Leo cai por terra. E depois? Deus nos valha!

Depois William Lyt não para de espezinhar.

*

Canção de Mãe

Perguntaste: «Sou uma boa mãe?», sempre a mesma, a mesma…
resposta que procuras, quando devias saber que
Tu eras a força interior
Eras tudo o que eu poderia ser
Ensinaste-me o valor de «desculpa»,
Mas só recuavas quando estavas a fazer pontaria
Ensinaste-me a humildade das lágrimas
Mas nunca me deixaste pedir desculpa por existir.
Não me vestiste com roupas frágeis, deste-me armadura
Ensinaste-me que as filhas não precisam de ter sonhos –
podemos ter objetivos.

*

Os rapazes de ambos os lados do túnel ficam em silêncio. Talvez alguns pensem que deviam intervir, que já chega, que o miúdo tem apenas doze anos, por amor de Deus! Mas é fácil uma pessoa tornar-se dessensibilizada; vemos algo acontecer à nossa frente sem que nos afete mais do que se estivéssemos a ver um filme. Talvez haja apenas tempo para ficarmos assustados, para pensar: *Ainda bem que não sou eu*, a menos que o choque seja tal que nos deixa paralisados.

Poderia William ter matado Leo naquele túnel? Ninguém sabe. Porque alguém o detém.

*

Jeanette, a professora, tem uns quantos maus hábitos que faz os possíveis por esconder dos alunos e dos outros adultos na escola. Quando está nervosa, estala os nós dos dedos; começou a fazê-lo quando jogava na equipa feminina do Clube de Hóquei no Gelo de Hed. Ao crescer, virou-se para o boxe e posteriormente para as artes marciais; tem bastantes hábitos estranhos que lhe ficaram desses dias. Faz alongamentos quando se sente agitada e aquecimentos antes das aulas, todas as manhãs, como se estivesse a preparar-se para um jogo. Durante algum tempo foi boa, mesmo boa. Talvez pudesse até ter-se tornado a melhor. Durante um único e maravilhoso ano foi lutadora profissional, mas praticamente ninguém na cidade sabe disso porque Jeanette se lesionou e as coisas correram como sempre correm: ou somos os melhores, ou somos os outros. Estudou para professora e perdeu o fogo no coração, o instinto assassino. Teve um treinador que lhe dizia: «Jeanette, tens de querer entrar no ringue e destruir o sonho de outra rapariga, porque senão não andas aqui a fazer nada.» Por mais que ela desejasse que isso não fosse verdade, é bem capaz de ser; talvez o desporto seja mesmo assim tão implacável.

Não sente falta da pressão e do *stress*, apenas da adrenalina. Nada na vida normal pode substituir isso, aquele medo primitivo, quando subia ao ringue e era

apenas ela e a adversária. Tu contra mim. Aqui e agora.

Tenta encontrar outras formas de excitação. Trabalhar como professora é, muitas vezes, ingrato, mas, de vez em quando, há momentos ínfimos e cintilantes que fazem com que as longas horas e o salário humilhante valham a pena, momentos em que consegue tocar verdadeiramente alguém. Talvez até salvar alguém. Não há muitos empregos que deem essa oportunidade.

À tarde, depois do fim do dia de trabalho, sobe uma escada de acesso escondida que leva ao telhado. E lá em cima, atrás de uma caixa de ventilação por cima do refeitório, uma professora consegue ver quase toda a cidade de Björnstad e fumar um cigarro sem que ninguém a veja. De todos, esse é o seu pior hábito.

Lá de cima, Jeanette vê o túnel, o que foi construído por baixo da estrada principal para segurança das crianças. Vê Leo e a rapariga entrarem. Só a rapariga sai, a correr. Jeanette vê William e os amigos aproximarem-se de ambas as direções. Larga o cigarro e corre para a escada. Esta é uma escola pequena, numa cidade pequena, mas o edifício parece imenso quando o atravessa, em pânico.

*

Kira e Maya chegam a casa. Quando Maya entra no quarto, Kira vê os bilhetes de concertos que ela tem na parede. Ainda se lembra do primeiro de todos, se calhar melhor do que a filha, e de como Maya e Ana andaram com os bilhetes nos bolsos durante semanas. Compraram sombra de olhos, às escondidas, e aplicaram-na em excesso, depois cortaram os seus calções de ganga até ficarem demasiado reveladores. Kira deixou-as à porta do recinto do concerto e obrigou-as a prometer que sairiam imediatamente assim que terminasse, e elas prometeram e riram-se; eram apenas crianças, mas Kira soube que naquele momento as tinha perdido, por pouco que fosse. Correram para o palco de mãos dadas, juntamente com centenas de outras miúdas aos gritos, e o primeiro gostinho de liberdade é algo que nunca se pode tirar a uma pessoa. A

música transformou Maya e Ana; e embora mais tarde tivessem escolhido estilos de música completamente diferentes, e passassem a vida a discutir sobre o que era «música de drogados» e o que era «música de computador», ainda tinham isso em comum: a música salvara algo dentro delas que, de outra forma, se poderia ter perdido. Imaginação, poder, uma centelha incandescente nos seus peitos que lhes recordava sempre: «Não deixes os filhos da mãe ditarem o que deves ser: segue o teu caminho, dança mal, canta bem alto e torna-te a melhor!»

Agora Maya tem dezasseis anos e beija a mãe no rosto e entra no quarto. A mãe fica sentada na cozinha a pensar em todas as histórias sobre raparigas espezinhadas e esmagadas em concertos em anos recentes, sobre terroristas que fazem explodir bombas em recintos. E se tivesse sabido de tudo isso naquela altura? Tê-las-ia deixado ir? Nem pensar. Como voltar a fazê-lo, quando sabemos que o mundo inteiro quer fazer mal aos nossos filhos?

*

Jeanette perguntará sempre a si própria o que teria acontecido se lá tivesse chegado mais depressa. Teria sido mais fácil para William parar? Estaria Leo menos repleto de ódio? Os rapazes nas extremidades do túnel teriam conseguido admitir a si próprios que aquilo tinha ido longe de mais?

Puxa o corpo pesado de William para trás. Ele tem sorte; reconhece-a a tempo de não a atacar também. Jeanette tem um brilho tresloucado nos olhos; são olhos de lutadora, não de professora. William, ofegante, nem sequer olha para Leo quando balbucia:

– Ele é que começou! Estava a pedi-las!

Jeanette sentir-se-á para sempre envergonhada do que faz a seguir. Não tem desculpa nenhuma. Mas tudo o que aconteceu na primavera, a violação e o silêncio contra uma das raparigas da sua escola, e o comportamento nojento que a comunidade demonstrou a seguir, encheram-na de raiva e vergonha. Não é a única; toda a cidade está furiosa. Vê o mesmo em William Lyt; simplesmente ele está zangado por razões diferentes.

Raramente descarregamos a nossa raiva naqueles que a merecem, mas sim nos que estão mais à mão.

– O que é que disseste? – pergunta Jeanette entre dentes.

– Ele estava a pedi-las! – repete William Lyt.

O pontapé atinge-o com tanta força no joelho que Lyt parece desaparecer de repente; cai como se tivesse levado um tiro. O equilíbrio de Jeanette é tão perfeito que já tem os dois pés assentes no chão quando ele cai por terra, tão relaxada que quase podia ter começado a assobiar.

Porém, quando se apercebe daquilo que fez, os seus pulmões apertam-se. O seu treinador de artes marciais estava sempre a insistir: «Nunca percas o controlo! Nunca deixes que os sentimentos peguem no leme, Jeanette. Porque é nessa altura que fazemos as coisas mais estúpidas!»

*

Kira soluça convulsivamente na cozinha, com a cara escondida na camisola para a filha não ouvir. Do outro lado da porta, a filha está deitada na cama, por detrás das paredes cobertas de bilhetes de concertos, a chorar desesperadamente dentro dos cobertores para a mãe não a ouvir. Dá graças por ser tão fácil enganar os pais. Por eles estarem tão desesperados por que os filhos sejam felizes, que acreditam neles mesmo quando mentem.

Maya sabe que a mãe e o pai precisam de recuperar o controlo das suas vidas, à maneira deles. E recuperar aquilo que Kevin lhes roubou também. A mãe precisa de sentir que tem valor e o pai de salvar o clube, porque ambos precisam de sentir que conseguem ter sucesso em alguma coisa. Resistir, lutar, vencer. Não podem acabar com medo do escuro, porque nesse caso não conseguirão sobreviver juntos. A filha ouve-os a discutir, mesmo quando não dizem uma palavra. Onde costumava haver dois copos de vinho na mesa, agora vê-se apenas um. Sabe que o pai cada vez chega mais tarde a casa, vê-o demorar-se cada vez mais tempo do outro lado da porta antes de entrar. Repara nos envelopes com convites para conferências às quais a mãe nunca pergunta se

pode ir. Maya sabe que, se os pais se separarem, dirão que a culpa não é dela. E ela saberá que isso é mentira.

Foi a ela que Kevin atacou. Mas os pais é que ficaram destruídos.

*

William Lyt levanta-se, hesitante.

– A sua sorte é que eu não bato em mulheres – cospe, ofegante.

– Aconselho-te a não tentares! – responde Jeanette, embora todas as vozes da razão dentro da sua cabeça lhe gritem: *Está calada, Jeanette!*

– Vou fazer queixa de si, sua… – começa Lyt, mas Jeanette corta-lhe a palavra.

– E dizer o quê?

É uma idiota, sabe isso, mas neste momento é também uma mulher furiosa numa cidade furiosa, e as regras normais parecem já não se aplicar por estes lados. Os jovens nas extremidades do túnel recuaram. Não são lutadores, apenas fanfarrões que só são valentes quando têm a vantagem do seu lado. William é diferente, Jeanette consegue percebê-lo – tem algo dentro de si que o torna pior. Cospe para o chão, mas não diz mais nada. Talvez esteja preocupado com a possibilidade de ter matado Leo quando dá meia-volta e se afasta, a menos que o seu cérebro esteja porventura a reprimir a preocupação, a arranjar desculpas: «Ele não me devia ter provocado. Já sabia o que ia acontecer.»

Depois de o túnel estar vazio, Jeanette inclina-se para Leo. O rapaz tem o rosto ensanguentado, mas a respiração normal e, para surpresa de Jeanette, os olhos bem abertos. Calmos e alerta. William pontapeou-o e espezinhou-o, mas algo dentro de si deve tê-lo travado, porque Leo não tem a cara destruída. Não ficou com nada partido. Tem o corpo coberto de nódoas negras, mas a roupa pode escondê-las, tal como esconde os arranhões, e o inchaço nos olhos e no nariz não é tão mau que não possa explicar à mãe que levou uma bolada na cara na aula de Educação Física.

– Não devia ter feito aquilo – diz o rapaz à professora.

– Pois não – concorda ela.

Interpreta as palavras como um sinal de consideração, mas não é isso que Leo quer dizer.

– Nunca viu documentários sobre a vida selvagem? Os animais selvagens são sempre mais perigosos quando estão feridos – explica Leo, e engasga-se, sentindo o gosto de sangue na boca.

Assim que os golpes deixaram de cair sobre o rapaz de doze anos, este começou a planear a sua vingança. Sentiu William a optar por o espezinhar nas coxas em vez dos joelhos, procurando as partes mais moles do seu corpo em vez de lhe partir os dentes, deixando-lhe o ombro negro em vez de lhe tentar partir o braço. Leo não verá esta atitude misericordiosa de William como bondade, apenas como uma fraqueza. E tenciona fazê-lo pagar bem caro.

Quando o rapaz se levanta do chão, Jeanette diz, como é a sua obrigação:

– Temos de comunicar isto ao…

Leo abana a cabeça.

– Eu caí. O William estava a ajudar-me a levantar. E se disser o contrário, eu conto a todos que a vi agredir um aluno!

A professora devia protestar; em retrospetiva, será fácil criticá-la por não o ter feito. Mas, nesta floresta, as pessoas aprendem a guardar silêncio, para o melhor e para o pior. Ela sabe quem é a irmã mais velha de Leo, conhece todos os motivos que ele tem para estar zangado. Se comunicar o sucedido à direção da escola ou à Polícia, Leo nunca mais confiará nela. Não terá qualquer possibilidade de chegar até ele. Assim, pede-lhe apenas:

– Vamos combinar uma coisa. Eu não digo nada a ninguém, e tu vens ter comigo ao canil da Adri Ovich. Sabes onde é?

O rapaz faz que sim com a cabeça, limpa o sangue do nariz com a manga e pergunta:

– Porquê?

– Estou a dar aulas de artes marciais lá.

– Quer ensinar-me a lutar?

– Quero ensinar-te a *não* lutar.

– Sem ofensa, mas não me parece que você tenha muito jeito para *não* lutar – comenta Leo.

Jeanette abre um sorriso embaraçado. Leo começa a afastar-se, com movimentos lentos e dolorosos, mas, quando ela tenta ajudá-lo, sacode-lhe a mão. Não com agressividade, mas deixando bem claro que não pretende negociar. Leo sabe o que a professora está a tentar fazer. Está a tentar salvá-lo.

Não será bem-sucedida.

26

De quem será a cidade?

Tentamos ser bons pais, em todos os aspetos, mas nunca sabemos como. Não é um trabalho difícil. É impossível.

Peter está em frente à porta do quarto da filha com um par de baquetas na mão. Ela era a sua menina, o trabalho dele era protegê-la, mas agora nem sequer consegue fitá-la nos olhos, tal é a vergonha que sente.

Quando Maya era pequena, deitavam-se os dois numa cama demasiado estreita, naquelas noites em que parecia que eram as duas últimas pessoas à face da Terra. A menina dormia encostada ao pescoço dele e Peter mal se atrevia a respirar. O coração dela batia como o de um coelhinho e o dele acompanhava-o; sentia-se tão feliz que era aterrorizador, tão completo que só conseguia pensar nos fragmentos se a vida se voltasse a estilhaçar. Os filhos tornam-nos vulneráveis. É o problema dos sonhos: podemos chegar ao cume da montanha e descobrir que temos medo de alturas.

Maya tem agora dezasseis anos. O pai fica do lado de fora do quarto, demasiado cobarde para bater à porta. Chamava-lhe sempre «joaninha» quando ela era pequena. Maya nunca gostou de hóquei, por isso, quando ela se apaixonou pela guitarra, Peter aprendeu a tocar bateria, só para poderem tocar juntos na garagem. Foi acontecendo cada vez menos com o passar dos anos, claro está, porque ele estava sempre demasiado ocupado. O emprego, a casa, a vida. Começamos a dizer: «Amanhã», com mais frequência. Quando a filha lhe trazia as baquetas, ele perguntava: «Já fizeste os trabalhos de casa?»

Mas agora é ele que está aqui parado, com as baquetas na mão. Bate ao de leve à porta de Maya. Quase como se não quisesse que ela ouvisse.

– Hã? – resmunga ela.

– Estava a pensar em ver se… Tens a tua guitarra? Apetece-te uma sessão de improviso na garagem?

Ela abre a porta. O seu ar compadecido quase o destrói.

– Estou a estudar, pai. Amanhã, talvez?

Ele acena com a cabeça.

– Claro. Claro que sim, joaninha. Amanhã.

Ela beija-o no rosto e fecha a porta. Peter mal consegue fitá-la nos olhos. Está a tentar encontrar uma forma de voltar a ser o pai dela, mas não sabe como. Nunca sabemos como.

*

Nessa noite, os membros da família Andersson estão tão distantes uns dos outros quanto é possível estarem numa casa tão pequena. Maya deitada na cama, de auscultadores, com o som no máximo. Kira sentada na cozinha, a responder a *e-mails*. Peter sentado na casa de banho, de porta trancada, a olhar para o telefone.

Leo esconde as nódoas negras no corpo por baixo de um fato de treino grosso e explica o rosto inchado com uma bolada acidental na aula de Educação Física. Talvez acreditem nele. Ou talvez apenas queiram acreditar. Esta noite, todos estão presos nas suas próprias ansiedades e por isso ninguém ouve quando Leo abre a janela e sai à socapa.

*

Peter liga a Richard Theo. Este atende ao terceiro toque.

– Sim? – diz o político.

Peter engole, apesar de ter a garganta seca, e a única coisa que parece estar a engolir é o seu orgulho.

– Queria fazer-lhe uma pergunta sobre o nosso… acordo – começa. Está a falar em murmúrios, sentado na casa de banho, porque não quer que a família o oiça.

– Que acordo? – questiona o político, de forma mais inteligente do que

qualquer pessoa que fala destas coisas por telefone.

Peter respira fundo.

– Talvez seja difícil… encontrar um carpinteiro em Björnstad. Nesta altura do ano.

É a sua maneira de pedir ao político que não o obrigue a destruir a bancada em pé no rinque. Que não o obrigue a enfrentar a Matilha. Pelo menos por enquanto. Mas o político responde:

– Não sei a que se refere. Mas… *se* tivéssemos algum acordo, nós os dois, eu esperaria que você cumprisse a sua parte. Sem exceções. Porque é isso que fazem os amigos!

– Está a pedir-me para fazer algo… perigoso. Sabe que houve uma vereadora local que deu com um machado cravado no carro e eu… eu tenho família.

– Não lhe estou a pedir que faça nada. Mas você é um desportista, e nunca pensei que os desportistas defendessem *hooligans* violentos – responde Richard Theo, altivo.

Peter fica com o telefone encostado à orelha muito tempo depois de o político ter desligado. Ainda consegue ver o anúncio da sua morte diante dos olhos, se os fechar. Conseguirá salvar o clube, mas a que perigos está a sujeitar a família? Conseguirá dar uma equipa de hóquei à cidade. Mas de quem será a cidade?

*

Costuma dizer-se que: «Um pequeno rombo afunda um grande navio.» Porém, às vezes, não tão depressa como alguns desejariam. Richard Theo faz um telefonema para Londres. Depois o novo proprietário da fábrica envia um *e-mail* para o diretor-geral do Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad. O conteúdo é simples: na qualidade de novo patrocinador, exige uma garantia de que Peter Andersson «tenciona efetivamente cumprir a sua promessa de criar um recinto mais familiar, apenas com lugares sentados». Ninguém faz qualquer menção à Matilha ou a *hooligans.* O *e-mail* nunca chega a Peter; obviamente houve um

erro inofensivo – o remetente escreve o nome dele no endereço com apenas um «s» em vez de dois.

Se alguém perguntar mais tarde, toda a gente ficará confusa: Peter afirmará que nunca recebeu o *e-mail*, o patrocinador que negociou através de um intermediário; e quanto mais difícil for ter uma ideia clara do que realmente aconteceu, mais convencidas as pessoas ficarão de que todos os envolvidos estão a esconder alguma coisa.

Ninguém precisará de explicar exatamente como é que uma cópia do *e-mail* foi parar às mãos do jornal local. A repórter fará referência a uma «fonte de confiança». Afinal, depois de a notícia se tornar pública, não interessa de onde veio.

No fim, ninguém conseguirá provar de quem foi a ideia de acabar com a bancada em pé no rinque.

*

Os membros da Matilha abraçam-se sempre quando se encontram e quando se despedem, com os punhos fechados encostados às costas uns dos outros. Há quem veja nisto um sinal de violência. Mas, para eles, não é.

Teemu Rinnius ainda vive em casa da mãe. Investigações policiais sugeriram que isso se deve ao facto de ele não poder adquirir casa própria com recurso aos seus rendimentos ilegais e Teemu deixa que toda a gente acredite. A verdade é que não pode deixar a mãe sozinha. Alguém tem de fazer as contas lá em casa.

Há muitas piadas sobre a criminalidade dos irmãos Rinnius, por exemplo: «O que é um triatlo para os irmãos Rinnius? Ir a pé até à piscina e voltar para casa de bicicleta!» e «Os irmãos Rinnius estão sentados num carro; quem é que vai a conduzir? A Polícia!» Quando Vidar se tornou guarda-redes da equipa de hóquei infantil, alguém nas bancadas comentou, a brincar: «Claro que são bons guarda-redes na família; deitam sempre mão a tudo!»

Essa piada só foi dita uma vez. Diga-se o que se disser dos irmãos Rinnius, a

matemática sempre foi o seu ponto forte na escola. Têm feito contas toda a vida: quantos comprimidos ainda há nos frascos na casa de banho, há quantas horas está a mãe a dormir? Quando Vidar foi apanhado e condenado, essa responsabilidade passou a ser apenas de Teemu. E ainda piorou, porque depois de o filho mais novo ser levado para o centro de tratamento, a mãe só queria dormir mais tempo, mais profundamente. Vidar fora sempre o seu bebé, não importava o que fizesse.

Teemu está agora sentado à mesa da cozinha. A mãe bate com tachos e frigideiras e ele não está habituado; ela ri-se alto, e há muito tempo que não a via fazer tal coisa. Quando lhe contou que Vidar ia ser libertado mais cedo, ela limpou a casa de cima a baixo, num frenesim de felicidade. A manhã seguinte foi a primeira, em muitos anos, em que Teemu contou o mesmo número de comprimidos nos frascos dois dias seguidos.

– O meu bebé, o meu bebé – cantarola a mãe alegremente, baixinho, junto do fogão.

Nunca perguntou por que motivo vai Vidar ser libertado, nem quem tratou disso, mas essa ansiedade está a dar cabo de Teemu. Diz a si mesmo que quer apenas o mesmo que todos os homens: ter o irmão mais novo em casa, fazer a mãe feliz, levar uma vida simples. Mas não é verdade: tem também de os proteger; essa sempre foi a sua responsabilidade, a sua obsessão.

– O meu bebé, o meu bebé vai voltar para junto da mamã! – cantarola a mãe.

A mente de Teemu distrai-se. A Matilha nunca foi tão coordenada, nem de organização tão militarizada como as pessoas pensam. Toda a gente questiona «Qual matilha?» ou «Teemu quem?» se alguma pessoa de fora perguntar, e na verdade não é apenas teatro. Ele não é um ditador; os blusões negros são, basicamente, apenas um grupo de amigos que se mantem unido devido a dois amores: pelo hóquei e de uns pelos outros. Os políticos e diretores e jornalistas dizem muitos disparates sobre *hooligans* quando lhes convém, mas esses filhos da mãe gananciosos não amam o clube nem a cidade como os membros da Matilha amam.

Os dois melhores amigos de Teemu, o Aranha e o Martelo, são capazes de

lutar como animais selvagens, mas nunca atacam pessoas inocentes. Quando a pior tempestade do século se abateu sobre a floresta, há alguns anos, andaram ambos de casa em casa a limpar árvores caídas nos quintais e a consertar telhados e janelas sem pedir nada em troca. Onde estavam os jornalistas e os membros da direção nessa altura? As investigações policiais descrevem o Aranha e o Martelo como membros de um gangue, mas, até hoje, eles não conseguem passar por nenhuma das casas que reconstruíram sem serem convidados a entrar para um café. Teemu não é nenhuma criança; sabe que os seus homens não têm um coração de ouro. Mas têm honra. À sua maneira.

O Aranha foi vítima de *bullying* em criança; como nunca queria tomar duche na escola depois das aulas de Educação Física, um grupo de rapazes achou que isso significava que ele era *gay.* Atiraram-no para debaixo do chuveiro e deram-lhe uma tareia com toalhas molhadas torcidas. *«Gay»* era o pior insulto que lhes ocorria, a coisa mais fraca que um rapaz podia ser. Assim, desde então, o Aranha odeia duas coisas: *gays* e *bullies.*

Após um jogo fora, há uns seis ou sete anos, a Matilha foi intercetada pela Polícia. O irmão mais novo de Teemu, Vidar, que na altura tinha apenas doze anos, estava sentado, sozinho, num restaurante McDonald’s, e um gangue de apoiantes da equipa adversária ia a caminho de lá. Quando o Aranha se apercebeu disso, fugiu à Polícia. Nem cães, nem cavalos ou mesmo uma unidade de resposta rápida conseguiram detê-lo. Ele e Vidar defenderam-se contra dez adversários, dentro do McDonald’s, durante vinte minutos. O Aranha mandou quatro tipos para o hospital e Vidar desfez uma cadeira e usou as pernas como armas. Um guerreiro, já então.

O Martelo é diferente. Vem de uma família nuclear, vive no limiar dos Montes, trabalha na empresa do pai. Mas tem dentro de si as mesmas coisas que o Aranha. Quando o Martelo era adolescente, a sua prima foi violada por um marginal qualquer quando ela estava de férias. Assim que Teemu soube, roubou um carro, conduziu a noite inteira sem parar e chegou ao aeroporto mesmo a tempo de impedir o Martelo de entrar num avião, porque este tencionava ir lá e enfrentar o país inteiro. O Martelo soluçou de raiva abraçado a Teemu, com os

punhos fechados encostados às costas do amigo.

O Martelo tem agora uma namorada, com um bom emprego administrativo na associação de habitação social da autarquia. Tiveram uma filha há pouco tempo. Foi o Martelo que persuadiu Teemu de que a Matilha devia ficar do lado de Maya Andersson, na primavera passada, e não de Kevin Erdahl.

«Não me interessa se formos parar à última divisão desportiva do planeta. Estarei sempre no rinque a apoiar a equipa, mas não vou apoiar um violador!», declarou.

A Matilha tomou então uma decisão, e agora estão a lidar com as consequências. Votaram para manter Peter Andersson no clube, mas andam por aí a dizer que o patife trouxe patrocinadores que se querem ver livres das bancadas em pé. O telefone de Teemu não para de tocar. Os seus rapazes querem guerra.

– Mas não compreendo porque é que o meu *bebé* não pode ficar a viver em casa com a sua *mãe!* – repete subitamente a mãe de Teemu, arrancando-o aos seus pensamentos.

– O quê? – murmura Teemu.

A mãe atira um envelope da associação de habitação social municipal para cima da mesa.

– Diz nessa carta que o Vidar vai ter um apartamento só para ele! Mas porquê? Ele tem *mãe!*

Só então é que as peças começam a encaixar para Teemu.

*

Quando o homem de fato sai da câmara municipal e abre a porta do carro, apercebe-se de repente de alguém atrás de si. Richard Theo fica alarmado, mas não surpreendido. Recompõe-se rapidamente e pergunta:

– Quem é você?

Teemu Rinnius dá dois passos em frente. Não lhe toca com um dedo, mas está perto o suficiente para que sintam a respiração um do outro, o que significa que o político sente um medo físico. É algo que nos afeta a todos, àqueles que não são lutadores, não interessa se temos dinheiro ou poder ou se sabemos que um tribunal nos daria razão. Ninguém nos pode proteger, num parque de estacionamento escuro, naqueles poucos segundos que um homem como Teemu demoraria a atacar-nos e deixar-nos por terra. Nós sabemos isso. E ele também sabe. Portanto diz:

– Sabe muito bem quem sou. O meu irmão mais novo, o Vidar, esteve preso, mas foi libertado inesperadamente. Eu não estava a perceber porquê, mas depois ouvi rumores de que a nova treinadora do Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad o quer na equipa. Nenhum dirigente desportivo conseguiria tirar o meu irmão daquela clínica. Mas talvez um político conseguisse?

A pulsação de Richard Theo acelera, mas consegue manter a voz calma.

– Infelizmente, não sei do que está a falar.

Teemu fita-o com ar ameaçador, mas por fim recua e dá algum espaço ao político para respirar. Levanta o dedo num gesto de aviso, para que o outro homem saiba que não é o único em Björnstad capaz de obter informações.

– A minha mãe recebeu uma carta da associação de habitação social municipal. Atribuíram um apartamento ao meu irmão. Consultámos o pedido para ver quem o fez. Foi você.

Theo acena com a cabeça.

– O meu trabalho é ajudar os habitantes da cidade. Todos…

O facto de o nome de Theo constar dos registos da associação de habitação social pode, claro, ter sido um erro. A menos que fosse uma mensagem que ele calculara que acabaria por chegar a Teemu. Afinal de contas, o seu amigo Martelo tem uma namorada que trabalha no escritório da associação de habitação social.

– Aviso-o de que é melhor não fazer joguinhos comigo! – rosna Teemu. – O que quer da minha família?

Richard Theo faz-se de parvo. O que naquela situação requer alguma

coragem.

– Não sou homem de andar a pedir favores a ninguém. Muito menos a pessoas que pertencem à… como é que lhe chamam? À Matilha?

– Qual matilha? – responde Teemu.

O seu rosto nem sequer endurece; teve anos para ensaiar aquela indiferença falsa e o político fica impressionado. Assim, Theo levanta as mãos e diz:

– Está bem, admito. Sei quem você é. E acho que nós podemos ser amigos, Teemu.

– Porquê?

– Porque temos muito em comum. Nem sempre fazemos aquilo que devíamos, mas fazemos o que tem de ser feito. Eu sou retratado na comunicação social como perigoso e perverso, apenas porque não sigo todas as regras que o sistema criou para travar homens como nós. Creio que é capaz de se reconhecer também nisto.

Teemu cospe para o chão.

– O seu fato custa um mês de salário de uma pessoa normal.

Theo reflete nisso.

– Você não é má pessoa, Teemu. Cuida dos seus amigos, da família, e quer uma vida melhor para o seu irmão. Não é assim?

Teemu nem sequer pestaneja.

– Vá direto ao assunto.

– A questão é que nenhum de nós tem ilusões sobre a sociedade. Pertencemos a grupos diferentes, somos pessoas diferentes, mas cuidamos dos nossos interesses da mesma maneira.

– Você não sabe nada sobre mim – rosna Teemu.

O político arrisca um sorriso ao ouvir isto.

– Talvez não. Mas vi muitos filmes de terror quando era novo, por isso sei que o monstro é sempre pior antes de lhe pormos os olhos em cima. A nossa imaginação é sempre muito mais aterrorizadora do que temos noção. E acho que você construiu essa sua Matilha da mesma maneira. Provavelmente não são tantos como as pessoas julgam. Deixou que a imaginação das pessoas os fizesse

mais terríveis do que na realidade são.

Teemu franze o sobrolho. É o único movimento que faz.

– Não há matilha nenhuma.

O político declara, em tom confiante:

– Não, claro que não. Mas toda a gente precisa de amigos, Teemu. Porque os amigos ajudam-se uns aos outros.

– Com quê?

Richard Theo responde, calmamente:

– A vossa bancada em pé no rinque.

*

Leo caminha por Björnstad sem realmente saber para onde vai. O inchaço e as nódoas negras do ataque no túnel não o deixam andar muito depressa, mas precisa de se mexer, sair para o ar da noite e provar a si mesmo que não tem medo.

Primeiro, caminha na direção dos Montes, onde fica a casa de William Lyt, como uma criança que se queimou no fogão e não resiste a lá pôr a mão outra vez. Mas todas as casas estão escuras e silenciosas, por isso Leo dirige-se então para o centro da cidade. Há alguns homens de pé à porta do Urso Pardo, a fumar. Dois deles são o Martelo e o Aranha. Leo esconde-se nas sombras e copia a linguagem corporal deles; acende um cigarro e tenta fumá-lo como eles fazem. Talvez o rapaz de doze anos pense que, se se parecer com eles, pode também vir a ser como eles: o tipo de pessoa com quem ninguém se mete.

*

Richard Theo não mostra sinais de presunção quando diz «bancada em pé», embora isso capte de imediato a plena atenção de Teemu.

– O que tem a bancada em pé? – pergunta ele, como se já não soubesse.

Richard Theo demora algum tempo a responder.

– Consta que os novos patrocinadores a querem demolir.

A fachada de Teemu estala e o ódio transparece.

– Se o Peter Andersson se atrever sequer a *tocar* na nossa bancada…

Interrompe-se abruptamente. O político repete, em tom conciliador:

– Como já expliquei, quero ser seu amigo.

– Porquê?

O político vai, finalmente, direto ao assunto:

– Porque, a primavera passada, os sócios do Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad votaram para decidir a continuação de Peter Andersson como diretor-geral e você certificou-se de que ele vencia. Eu sou político. Compreendo o valor de um homem que consegue levar os outros a votarem no sentido que ele quer.

Teemu fita-o com desconfiança.

– Então vai convencer o Peter a não tocar na bancada?

A mentira sai com naturalidade dos lábios do político.

– Não. O Peter recusa-se a dar ouvidos a políticos. Aliás, recusa-se a ouvir seja quem for. Quer controlar o clube sozinho. Mas posso falar com os novos patrocinadores. São pessoas razoáveis e com certeza compreenderão o valor de um… um grupo de apoiantes ardentes. Não é isso que vocês são?

Teemu morde o interior da bochecha, pensativo.

– O que acontece ao Peter?

– Não percebo nada de hóquei, mas os diretores-gerais de tempos a tempos são despedidos, não é? O vento pode mudar rapidamente de direção.

– Reze para que o vento nunca mude de direção contra o meu irmão – diz Teemu.

Richard Theo inclina a cabeça.

– Posso dar-lhe aquilo que quer. A vossa bancada, o vosso clube e uma equipa de Björnstad com jogadores de Björnstad. O que acha? Podemos ser amigos?

Teemu acena lentamente com a cabeça. O político entra no carro.

– Assim sendo, não o detenho mais, Teemu, porque me parece que tem

assuntos a tratar em Hed esta noite.

As pálpebras de Teemu estremecem. Richard Theo goza o momento. Quando queremos algo de uma pessoa, é preciso compreender aquilo que a move, e Teemu é um protetor. Em criança, lutou contra homens feitos, na cozinha da sua casa, para proteger a mãe; em adolescente, criou a Matilha para proteger o irmão mais novo; mas isso não é tudo. É fácil acreditar que ele nem sequer gosta de desporto, que não passa de uma desculpa para a violência e de um pretexto para o comportamento criminoso. Porém, se olharmos para os olhos dele quando fala sobre o Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad, veremos que esta cidade é a casa dele. Aquela bancada em pé no recinto é o único sítio onde não está preocupado, sobrecarregado com o peso da responsabilidade por todos os que o rodeiam. O hóquei é o seu mundo de fantasia, tal como para os diretores-gerais e treinadores e jogadores. E as pessoas como Teemu protegerão sempre os seus lugares mais felizes com as armas mais perigosas de que dispõe. Assim, responde secamente:

– O que quer dizer com isso? Porque é que eu teria assuntos a tratar em Hed?

Richard Theo sorri.

– Pensei que já tinha visto o vídeo?

Nesse momento, o telemóvel vibra no bolso de Teemu com uma mensagem. Depois outra. E ainda outra.

*

Leo ainda está escondido nas sombras do outro lado da rua quando os homens no Urso Pardo recebem tantas mensagens seguidas que os seus telemóveis parecem máquinas de *flippers* a apitar. Estão todos a ver o mesmo vídeo. Leo não consegue perceber o que é, mas ouve-os a falar:

– Aqueles cabrões de Hed merecem morrer!

Outro olha para o telefone e anuncia, em voz áspera:

– O Teemu mandou-me agora uma mensagem. Já viu o vídeo. Diz para reunirmos o pessoal.

Leo não demora sequer um minuto a encontrar o vídeo no seu próprio telefone; toda a gente na escola já está a partilhá-lo, e Leo adivinha o que vai acontecer a seguir. Corre para a floresta. Se for rápido, talvez consiga chegar a Hed antes da Matilha.

Vai haver uma luta.

*

Teemu Rinnius caminha até ao canil, por entre as trevas. Adri vê-o pela janela; não traz garrafas consigo e vem sozinho.

– O teu irmão está cá? – pergunta Teemu.

Adri reconhece a expressão nos olhos dele.

– Está no telhado – indica ela.

Teemu sorri, satisfeito.

– Estava a pensar em ir pagar-lhe uma cerveja. Queres vir?

Adri abana lentamente a cabeça.

– Se lhe acontecer alguma coisa, mato-te.

Teemu finge não compreender.

– O que lhe havia de acontecer por beber uma cerveja?

Adri levanta a mão e segura-lhe no queixo.

– Ouviste-me bem.

Teemu sorri. Adri entra em casa. Sabe o que vai acontecer esta noite. Gostava que Benji não se envolvesse na luta, mas antes isso do que dar com ele deitado no chão da floresta a lamentar-se de «erros». Confirma que a chave do gabinete das armas está debaixo da sua almofada. E depois vai para a cama.

Benji está sentado no telhado do anexo, a fumar, sob as estrelas. Teemu sobe a escada e espreita por cima do beiral.

– Queres uma cerveja, Ovich?

Há algo na maneira como pergunta, uma sugestão de riso contido.

– O quê? Agora? – pergunta Benji, imediatamente mais alerta.

Teemu pega no telemóvel e mostra-lhe o vídeo que se tornou viral *online*.

– Está alguém a queimar uma camisola de Björnstad na praça central de Hed.

– Porque havia eu de me ralar com isso? – pergunta Benji.

Teemu já começou a descer quando responde. Tem a certeza de que Benji o seguirá.

– É o meu urso que essa camisola tem na parte da frente, Ovich. E o teu nome atrás.

Não fala em tom zangado. Mais divertido do que outra coisa. Se alguém visse Benji a descer do telhado, perceberia porquê: Teemu compreende-o, são feitos da mesma cepa.

Benji sorri.

– O que estás a pensar?

– Em pagar-te uma cerveja. Ouvi dizer que a cerveja é boa em Hed.

27

Ódio e caos

Teemu e Benji passam pela placa com o nome da cidade, calmamente, de ar tranquilo, sem qualquer pressa. Param na praça principal de Hed. Os restos da camisola queimada encontram-se no chão. Está escuro, mas não precisam de luz para saber que há olhos a observá-los por trás de todas as janelas. Os dois sobem e descem a rua principal de Hed, cada um com uma cerveja na mão. Em tronco nu, as tatuagens do urso a brilhar como faróis na noite escura. Esperam até terem a certeza de que já foram feitos telefonemas, já se levantaram pessoas da cama, já atiraram tubos de ferro para dentro dos carros. Depois saem ambos calmamente de Hed e embrenham-se na floresta, cinquenta ou sessenta metros, até alcançarem uma clareira. Aí, aguardam-nos seis homens de blusões pretos. Um quarto de hora mais tarde, aparecem os de Hed, em número a dobrar. Não tem importância, porque nem todos os vinte de Hed sabem lutar e Teemu só tem homens que sabem. Trouxe o Aranha, e o Martelo, e todos os seus melhores homens.

E, principalmente, trouxe Benji.

Uma luta numa floresta escura não é organizada nem coreografada. Não passa de ódio e caos. Não é lugar para trabalho de pés ensaiado e movimentos elegantes; o objetivo é ficar de pé, sobreviver e garantir que o maior número possível de adversários está caído no chão antes de nós. Nunca recuar, avançar sempre; não há regras nem bandeiras brancas. Podemos matar alguém sem querer, dar um pontapé a mais, ou acertar num sítio onde não devíamos. Sabíamos no que nos estávamos a meter quando viemos, e eles também. É uma experiência aterrorizadora para todos; só quem nunca lutou de igual para igual com alguém é que não sente medo. É preciso rebuscar bem fundo dentro de nós até encontrar algo mais, terrível, descontrolado. O nosso lado mais verdadeiro.

A violência é a coisa mais fácil e mais difícil de compreender do mundo. Algumas pessoas estão dispostas a usá-la para obter poder, outros apenas em legítima defesa, alguns sempre, outros nunca. Mas depois há um tipo de pessoa, diferente das demais, que parece lutar sem objetivo algum. Perguntem a alguém que já tenha visto um par desses olhos quando se ensombram; não há dúvida de que pertencem a uma espécie diferente de ser humano. Ninguém sabe se lhes falta algo que os restantes possuem, ou se é o contrário. Se alguma coisa se apaga dentro deles quando cerram os punhos, ou se algo se acende.

Quase todas as lutas são ganhas ou perdidas muito antes de começarem; o cérebro tem de estar a trabalhar e os corações a bater, antes que as mãos possam fazer o mesmo. E todos sentirão medo – se não de serem atingidos, então de serem vencidos; se não de ficarem feridos, então de ferirem outra pessoa. É por isso que a adrenalina, a defesa biológica do corpo, dispara: garras de fora, cornos para baixo, cascos levantados, caninos expostos.

O primeiro golpe? Isso não decide nada, não diz nada sobre ninguém. Os seguintes, por outro lado, revelam tudo. Qualquer pessoa pode desferir um soco, por raiva ou medo, ou puro instinto. Mas socar o queixo de um adulto com toda a força é como bater com o punho numa parede de tijolo e, quando se ouve o ranger do osso a ceder sob os nossos dedos, acontece algo: o inimigo cambaleia, recua e vemos o medo nos seus olhos. Talvez ele até levante a mão trémula, num pedido de misericórdia… O que fazemos então? Atacamos de novo? No mesmo sítio, ainda com mais força? Isso faz de nós uma espécie diferente de pessoa. Porque a maioria não consegue avançar.

*

Ninguém que veja um indivíduo desferir esse segundo soco voltará a lutar contra ele.

*

Teemu e Benji avançam primeiro, lado a lado. Corpos agacham-se em volta deles. O primeiro homem que se atira contra Benji parece tê-lo escolhido com alguma intenção, mas é uma má decisão: o homem é mais alto, maior, mais pesado, embora nada disso importe aqui. Depois de Benji desferir o primeiro golpe, segura no homem com a outra mão para poder socá-lo de novo, exatamente no mesmo sítio, ainda com mais força.

Benji não sente nada quando o solta e a cabeça do homem bate no chão com um baque surdo, como uma criança que atira uma bola de Berlim para o chão, na praia. Benji costumava senti-la: a adrenalina, a excitação, às vezes até uma espécie de júbilo. Mas algo se quebrou; uma fronteira foi ultrapassada. Detém-se a meio do movimento. Tem tempo para pensar um pensamento, e não devia. Não na floresta, não na escuridão, não quando os outros estão armados. Alguém se aproxima por trás com um tubo de metal, brande-o contra os joelhos dele e Benji apercebe-se, tarde de mais, de que os homens de Hed podem perder a luta esta noite, mas vão ganhar um jogo de hóquei.

Não conhecemos uma pessoa enquanto não conhecermos os seus maiores medos. Benji ouve o grito, como é estridente; ouve-o antes de sentir a dor. Espera que o corpo ceda, que o joelho se dobre sob o impacto do ferro. Tem tempo para pensar se não perderá apenas o jogo contra Hed mas toda uma carreira. Depois de passar a vida inteira no gelo sem nunca sofrer uma lesão séria, o joelho nunca mais voltará a ser o mesmo, e tem tempo de pensar que o mais estranho é que não está com medo. Nem aflito. Não se importa. Quantos anos de treino, quantas horas? Está-se borrifando para o jogo. Fica imóvel, sem ar, ao perceber o quanto lhe é indiferente. No entanto, ainda está em pé. Demora alguns segundos a perceber que não está ferido. Que o ferro não lhe acertou.

Pelo canto do olho vê um rapaz, que não terá mais do que doze anos, a brandir algo, desvairada e indiscriminadamente, apavorado. O homem que tentara atingir Benji com o tubo de ferro cai por terra. Foi o grito dele que Benji ouviu, não o seu. O rapaz tem na mão um tronco grosso. As lágrimas deslizam-lhe pelas faces.

Benji reconhece-o. Leo Andersson, o irmão mais novo de Maya. Alguém atinge o rapaz de raspão no olho. Ele recua, a cambalear, e Benji dá por si a pensar que isto não está certo. Não se vira para continuar a lutar; em vez disso, pega no braço do rapaz e corre. Sobe a encosta, mete-se pela floresta, afasta-se por entre as árvores. Ouve os gritos atrás de si, sabe que os homens de Hed espalharão a história de como Benji Ovich fugiu da luta. Que é um cobarde. Não quer saber. Leo debate-se contra ele nos primeiros passos, mas depressa está a correr também, por entre a escuridão.

Nessa noite, Leo fica a conhecer Benji. Descobre os medos dele. Benji não tem medo de lutar ou de levar porrada, nem sequer tem medo de morrer. Mas eis o que o apavora: virar-se, ver um miúdo de doze anos ser magoado e sentir-se responsável.

Qualquer pessoa que sinta responsabilidade não é livre.

Correm o caminho todo até Björnstad. Leo, ofegante, só para depois de Benji. O rapaz de doze anos apercebe-se de que lhe dói o pé; pensa que talvez tenha uma pedra no sapato, mas, quando olha para baixo, vê que o sapato não está lá. Deve tê-lo perdido durante a luta e correu o caminho todo descalço, sem dar por isso, graças à adrenalina. Tem os dedos dos pés ensanguentados.

– Chamo-me Leo e…

Benji respira calmamente, como se tivesse acabado de acordar de uma sesta debaixo de uma janela soalheira.

– És o irmão da Maya Andersson. Eu sei.

O tom de voz de Leo muda rapidamente.

– Não me venhas com sermões para não me meter em lutas porque…

Benji ergue a mão, num gesto brusco.

– És o irmão dela. Tirando a Maya, não há provavelmente mais ninguém por estes lados que tenha maior direito a querer dar um murro na cara de alguém.

A respiração de Leo começa a acalmar e ele acena com ar grato.

– Não pensei… Estava escondido na floresta, só queria ver a luta… mas tu não viste o tipo com o ferro, e ele ia…

Benji sorri.

– Se ele tivesse feito pontaria à minha cabeça, não havia problema, já não há lá grande coisa que se estrague. Mas se a intenção dele era dar-me cabo do joelho, devo-te muito por o teres impedido de o fazer. Como está esse olho?

– Não é nada de mais…

Benji dá-lhe uma palmadinha no ombro.

– És um miúdo duro, Leo. Quando fores mais velho, perceberás que isso tanto pode ser uma coisa boa como uma coisa má.

Leo cospe para o chão e repete as palavras que ouviu dos homens em frente ao Urso Pardo. Sabem-lhe bem na boca:

– Aqueles cabrões filhos da puta! O William Lyt e os cabrões dos amigos dele e os paneleiros dos seus apoiantes em Hed! Odeio-os!

Benji pisca tristemente os olhos a cada palavra, mas o outro rapaz não repara.

– Já é tarde. Devias ir para casa.

– Podes ensinar-me a lutar como tu? – pergunta Leo, com admiração.

– Não – responde Benji.

– Porquê?

Benji baixa o queixo e sente um aperto no peito. Vê que Leo está deslumbrado pela sua capacidade de magoar outras pessoas. Benji não sabe quem odeia mais por isso.

– Não tens o que é preciso, Leo – diz, baixinho.

O rapaz perde a cabeça; nota-se na sua voz, no corpo todo.

– O Kevin violou a minha irmã! Que raio de homem seria eu se…

Benji abraça o rapaz mais novo e murmura-lhe ao ouvido:

– Eu também tenho irmãs, e se alguém fizesse a uma delas o que o Kevin fez à Maya, também estaria cheio de ódio.

Leo, desesperado, balbucia:

– Se o Kevin tivesse violado uma das tuas irmãs, tu já o terias matado!

Benji sabe que ele tem razão. Assim, diz a verdade:

– Então não acabes como eu. Porque, depois de isso acontecer, é tarde de mais para mudar.

28

«*Gay* de merda!»

Na manhã seguinte, Ana e Maya param a trinta metros da escola. Começaram a correr diariamente. Tornou-se uma espécie de ritual de ganho de energia que as blinda. Ana pigarreia e pergunta, muito séria:

– Muito bem… Ter diarreia todos os dias para o resto da vida, ou ter de ir *sempre* à casa de banho com a porta aberta?

Maya solta uma gargalhada.

– Que se passa contigo e a merda, ultimamente? Não pensas noutra coisa?

– Responde à pergunta! – ordena Ana.

– É uma pergunta parva – riposta Maya.

– Tu é que és parva! Diarreia ou porta aberta… *sempre*. Onde quer que estejas. Para o resto da *vida*!

Maya ri-se.

– Tenho aula agora.

Ana estremece.

– Como é possível que joguemos a este jogo desde sempre e ainda não tenhas compreendido as regras? Tens de responder! É precisamente esse o *objetivo*!

Maya abana a cabeça, com ar provocador, Ana empurra-a, Maya ri-se e empurra-a também, mas Ana desvia-se com tanta agilidade que Maya cai. Ana senta-se em cima dela, agarra-lhe nas mãos e grita:

– Responde, ou borro-te a maquilhagem toda!

– Diarreia! *Diarreia*! – responde Maya, meio a gritar, meio a rir.

Ana ajuda-a a levantar-se. Abraçam-se.

– Amo-te, minha maluca – murmura Maya.

– Nós contra o mundo – murmura Ana em resposta.

E depois preparam-se para mais um dia.

*

Há um frémito algures entre o estômago e a caixa torácica, como uma bandeira a adejar numa tempestade, naqueles primeiros momentos em que nos apaixonamos por alguém. Quando a pessoa olha para nós nos dias depois do primeiro beijo, quando ainda é tudo um segredo incompreensível, só nosso. O facto de tu me quereres a mim. É uma vulnerabilidade; e não há nada mais perigoso.

Quando a escola começa o dia, três palavras estão escritas a caneta vermelha no cacifo de Benji: «Foge, Benji, foge!» Porque sabem que foi isso que ele fez na noite anterior. Benji é intocável há tanto tempo, nesta cidade, que a mais ínfima fragilidade na sua armadura será implacavelmente explorada pelos seus inimigos. Ele fugiu de uma luta. Não é a pessoa que todos julgavam. É um cobarde.

Observam-no quando chega, à espera de uma reação sua ao ler as palavras, mas é como se nem sequer as tivesse visto. Talvez seja por isso que começam a temer que ele não tenha percebido. Assim, ao passar um dia inteiro de escola sem que Benji demonstre qualquer sinal de arrependimento ou vergonha, alguém grita, quando ele passa pelo refeitório:

– VÁ, BENJI, CORRE! FOGE!

William Lyt e os amigos estão sentados a uma mesa no canto mais afastado. É impossível saber quem gritou, mas Benji vira-se e faz o que lhe sugeriram.

Corre. Em direção a eles. A toda a velocidade, de punhos fechados. Os outros alunos saltam para lhe sair do caminho; mesas tombam, cadeiras voam. Quando Benji estaca abruptamente, a menos de meio metro de William Lyt, um dos amigos de Lyt enfiou-se debaixo da mesa, outros dois estão praticamente ao colo um do outro e um quarto chega-se para trás tão depressa que bate com a cabeça na parede.

Mas William Lyt não moveu um músculo. Continua sentado, de olhos bem abertos, fixos em Benji. E Benji vê-se a si próprio nele. William também cruzou uma fronteira. O refeitório está silencioso, mas os dois rapazes de dezoito anos ouvem o bater do coração um do outro. Calmos, vigilantes.

– Doem-te os pés, Ovich? Ouvimos dizer que vieste a correr o caminho todo

desde a floresta – rosna Lyt.

Primeiro, Benji parece pensativo. Depois, descalça os sapatos e as meias e coloca estas no colo de Lyt.

– Aqui tens, William. A tua única hipótese de um *ménage à trois*.

Lyt aperta os maxilares e a sua resposta é mais tensa do que ele gostaria.

– Estão suadas. Como as de um cobarde.

Tenta não baixar os olhos para o relógio de Benji, mas não consegue. Sabe quem lho ofereceu, e Benji sabe que ele sabe, por isso os ciúmes devoram William e Benji sorri.

– Na verdade, estava à *tua* procura na floresta, William. Mas nunca tens coragem de participar numa luta quando os números estão equilibrados, pois não? Só és um valentão em vídeo. É por isso que a tua equipa não confia em ti.

Pequenas manchas vermelhas de embaraço surgem no rosto de William.

– Não sabia que ia haver luta. Estava em casa. E não fui *eu* que queimei a camisola – riposta.

– Pois não, não és homem para isso – responde Benji.

Vira-se e sai do refeitório, e só então é que William Lyt lhe grita algo. Benji não ouve tudo; as únicas palavras que lhe chegam aos ouvidos são:

– *GAY* DE MERDA!

Benji detém-se, para que ninguém o veja precipitar-se no abismo que acaba de se abrir à sua frente. Enfia as mãos nos bolsos para que não as vejam tremer. Não se vira, para que Lyt não consiga perceber o que acontece quando exige:

– O que é que disseste?

Encorajado pela vantagem inesperada, Lyt repete:

– Disse que a vossa treinadora é uma *gay* de merda nojenta! Estás orgulhoso de jogar numa equipa arco-íris ridícula?

Benji abotoa o blusão para que não vejam o coração a bater sob a camisola. Lyt grita mais qualquer coisa e todos os seus amigos se riem. Benji sai para o corredor e, por entre a multidão, repara num polo. Hoje, é verde. O olhar do professor é de súplica, como se quisesse dizer-lhe: «Lamento muito», mas soubesse que as palavras são demasiado insignificantes.

Há nesse instante um frémito dentro de Benji. Uma bandeira que se solta numa tempestade. Não pode permitir que ninguém o torne fraco, não esta época. Sai da escola, a passos deliberadamente lentos, mas assim que se vê fora do alcance dos olhares, corre. Entra pela floresta adentro. Esmurra todas as árvores por que passa.

*

Um rapaz mais novo detém-se em frente de um cacifo na mesma escola. Tem doze anos. Está coberto de mazelas e nódoas negras. Ontem, pegou num tronco e atirou-se sem hesitar para o meio de uma luta, determinado a deitar abaixo alguém que tentava lesionar Benjamin Ovich. É o tipo de coisa que não passa despercebida nesta cidade.

Hoje, tem algo pendurado no cacifo. Primeiro, pensa que é um saco de lixo. Não podia estar mais enganado. É um blusão preto. Sem quaisquer emblemas ou logótipos, apenas um blusão preto perfeitamente normal. Não significa nada. Significa tudo. É grande de mais para Leo, porque querem que ele perceba que só pode ser um deles quando for muito mais velho. Mas deixaram-no pendurado no seu cacifo para que toda a gente na escola perceba a mensagem.

Doravante, Leo tem irmãos. Ninguém lhe volta a pôr a mão em cima.

*

É preciso uma enorme dose de confiança para lutar lado a lado com alguém. É por isso que as pessoas violentas dão tanto valor à lealdade e são tão sensíveis ao mínimo indício de traição: quem recua e foge expõe-me ao perigo, enfraquece-me aos olhos dos outros. Por isso, Benji sabe que desiludiu Teemu e a Matilha. E que isso não pode ser tolerado.

Ainda assim, recompõe-se depois de algumas horas na floresta e regressa à cidade. Limpa as lágrimas das faces e o sangue dos nós dos dedos. Não pode

deixar ninguém pensar que se passa alguma coisa consigo; tudo tem de continuar como é habitual. Mesmo quando a visão de um polo azul o dilacera, mesmo quando sabe que a Matilha pode querer puni-lo por ter fugido da luta na floresta. Porque onde iria ele se não tivesse Björnstad?

Assim, vai trabalhar – fica atrás do balcão do bar no Urso Pardo, tira cervejas. Quanto mais o bar enche, mais ele evita o contacto visual com as pessoas. Estão lá vários dos tipos presentes na floresta. Como o Aranha, sobre cuja inteligência Ramona costuma dizer: «É tão esperto como uma batata esmagada, aquele rapaz», mas que é leal; na floresta, Benji viu-o ficar sempre atrás de Teemu, não por ter medo, mas porque estava a proteger o flanco do líder. O Aranha foi vítima de *bullying* na infância por ser muitíssimo escanzelado e doido, mas encontrou um lugar na Matilha. Esse tipo de devoção não está à venda.

Ao lado do Aranha, está sentado um tipo que é o oposto dele, fisicamente. Um homem baixo, sem pescoço, largo como uma parede e com a barba tão densa como uma pele de lontra. Chamam-lhe Martelo porque trabalha como carpinteiro, que era também a profissão do pai. Uma vez, alguém lhe perguntou se não preferia ter uma alcunha mais imaginativa, mas ele simplesmente respondeu, em tom trocista: «És *gay*, ou quê?» Se é mais inteligente do que o Aranha, disfarça bem, mas andou na escola com Gaby, uma das irmãs de Benji, e ela costuma comentar que ele não é nenhum génio, mas também não é mau tipo.

O primeiro amor do Martelo é a diversão: cerveja, hóquei, amigos, raparigas. Beber, dançar e lutar. Se houver sarilhos de qualquer espécie, ele estará lá sem pensar duas vezes nas consequências, e se o convidarem para uma escaramuça na floresta, nunca hesita.

Mas ele e o Aranha têm também outros amigos, guerreiros batidos e endurecidos, que veem as lutas quase como um passatempo partilhado. Uma espécie de golfe. Um dos tipos que trabalha com o Martelo é tão simpático que se vir alguém na terça-feira lhe deseja um bom fim de semana, no caso de não voltar a ver essa pessoa até sexta. Outro tem quatro gatos. Como pode um tipo com quatro gatos ser perigoso? Mas é.

Os homens que formam a Matilha não são extremistas; o que os torna perigosos é apenas o facto de serem unidos. Contra tudo, contra todos. Benji lembra-se de um livro que leu, escrito por um jornalista qualquer, que dizia, ao falar sobre desporto e violência, que «qualquer grupo de boa dimensão a que não pertencemos é uma ameaça».

Há homens em Björnstad que cresceram com Teemu mas trabalham agora em escritórios e usam camisas brancas em vez de blusões pretos; no entanto, se Teemu os chamar, eles virão. Um deles foi pai e foi tirar um curso universitário para dar uma vida melhor ao filho; começou a receber uma bolsa mensal proveniente do fundo comum do Urso Pardo quando os seus empréstimos de estudante se revelaram insuficientes. Outro tem uma irmã na cidade grande que foi espancada pelo namorado; a Polícia disse que não podia fazer nada. Um terceiro tem um tio cujo negócio, uma gráfica, foi ameaçado por um gangue numa tentativa de extorsão. A irmã do segundo está hoje muito bem casada com um homem melhor e o tio do terceiro nunca mais recebeu visitas do tal gangue. Se Teemu alguma vez os chamar, esses homens virão. É por isso que dão valor à lealdade e são tão sensíveis à traição.

Nem o Aranha nem o Martelo estão a olhar para ele neste momento, mas Benji está bem ciente de que, se quiserem fazer-lhe alguma coisa esta noite, não o avisarão primeiro.

*

Depois da escola, Maya e Ana seguem por caminhos diferentes. Ana mente e diz que tem de ir ver se está tudo bem com os cães, embora na realidade vá ver se está tudo bem com o pai. Tem vergonha. Maya mente e diz que vai dar uma corrida, embora esteja a planear ir para casa e enroscar-se debaixo das mantas. Tem vergonha, por motivos diferentes. São como irmãs, nunca tiveram segredos uma da outra. Mas Kevin destruiu também algo entre elas.

*

É quase hora de fechar no Urso Pardo quando um grupo numa das pontas do balcão abre discretamente passagem. O bar fica um pouco mais silencioso, não tanto que uma pessoa de fora desse por isso, mas o suficiente para que Benji repare.

– Duas cervejas – pede-lhe Teemu, fitando-o nos olhos com expressão dura.

Benji assente com um aceno e serve-o. Teemu olha para as mãos dele; não estão a tremer. Benji compreende a situação em que se encontra e não tem medo. Teemu pega numa das cervejas e deixa a outra em cima do balcão. Benji demora muito tempo a perceber o que isso significa. Por fim, pega lentamente no copo, e Teemu inclina-se sobre o balcão e toca com o copo no dele, num brinde. Para toda a gente ver.

– És um dos nossos, Ovich. Mas não podemos levar-te mais connosco para a floresta. Fiz mal, ontem. Podias ter-te magoado e precisamos de ti no gelo.

– Apareceu um miudinho na floresta… o Leo…

Teemu sorri.

– Nós sabemos. O puto é valente. Se não o tivesses tirado dali, teria continuado a lutar até alguém acabar com ele.

– É só um rapazinho – lembra Benji.

Teemu estica o pescoço e as articulações estalam.

– Os rapazes tornam-se homens. Se a Polícia fizer perguntas ao Leo…

– … ele não diz nada! – promete Benji.

– Estamos a contar com isso – diz Teemu.

Benji vê que Teemu acha graça à ideia de o filho do diretor-geral sonhar em correr pela floresta de blusão preto. Ao facto de Peter ter tentado, durante anos, limitar a influência da Matilha no clube, e agora não ser sequer capaz de limitar a influência deles sobre o próprio filho. Inclina-se sobre o balcão e toca uma vez mais com o copo no de Benji.

– Já soubeste? O meu irmão mais novo está de regresso a casa. E a tua treinadora vai deixá-lo jogar! Tu e o meu irmão! E aquele Amat, o miúdo que é mais rápido do que uma doninha depois de um clister de piripíri. E o Bobo, aquele brutamontes! Vocês não são como os outros jogadores mais velhos, esses

malditos mercenários; a maioria nem sequer quer viver em Björnstad! Estão mortos por sair daqui. Mas vocês, vocês são uma equipa de Björnstad, feita de tipos de Björnstad!

Antes do final da noite, o Aranha, o Martelo e uma dúzia de outros tipos de blusão preto já brindaram com Benji. Ele pertence uma vez mais ao grupo. Seria de pensar que isso lhe facilitaria as coisas quando os seus segredos forem revelados, mas o que acontece é precisamente o oposto.

29

Ela mata-o lá

A ansiedade é uma coisa verdadeiramente extraordinária.

Maya caminha sozinha até casa, firme como ferro por fora mas um castelo de cartas por dentro. Não é preciso mais do que uma leve brisa. Hoje, foi na fila do refeitório. A multidão. Alguém colidiu contra ela, sem querer; não sabe o nome do rapaz e ele nem sequer deu por isso. Mal se tocaram. Ele não teve culpa. Mas foi o que bastou para mergulhar Maya novamente no inferno.

Quando ela e Ana eram mais novas, costumavam contar borboletas o verão inteiro. Agora é diferente; Maya conta-as de outra maneira. Sabe que elas morrem quando as folhas começam a cair.

Ansiedade. É uma coisa tão estranha. Quase toda a gente sabe qual é a sensação, mas ninguém a consegue descrever. Maya olha para o seu reflexo no espelho, perguntando a si própria porque será que aquilo não se vê de fora. Nem sequer com radiografias – como é possível? Como é que algo que nos fustiga com uma força tão tremenda por dentro não aparece nas imagens sob a forma de cicatrizes negras, gravadas nos nossos esqueletos? Como é possível que a dor que ela sente não seja visível ao espelho?

Está a ficar muito boa a fingir. Vai à escola, senta-se nas aulas, faz os trabalhos de casa. Toca guitarra – talvez isso ajude, a menos que seja apenas imaginação sua. Talvez só precise de ter os dedos ocupados. Deu uma vista de olhos aos livros que o pai lê sobre «*mental coaching*» que dizem que o cérebro tem de comandar o corpo, mas que às vezes o oposto é a única forma de sobreviver. Ela já viu adultos deprimidos fazerem-no. Continuar em movimento, exercitar-se, limpar e reparar as casas de férias, encontrar o que fazer para se forçarem a sair da cama de manhã: plantas para regar, assuntos a tratar, qualquer coisa, desde que não tenham tempo para pensar em como se sentem. Como se tivéssemos a esperança de que a atividade física e os pequenos rituais

quotidianos possam enganar a ansiedade, adormecê-la.

Maya aprendeu a dominar a sua própria pele, a não a deixar rebentar com o fogo que arde dentro dela. Imagina que, se conseguir enganar toda a gente, acabará um dia por ser capaz de se enganar a si própria. Contudo, a mais pequena coisa deita-a abaixo: um candeeiro parecido com o que Kevin tinha ao canto do quarto, ou o ranger de uma tábua sob os pés, como se alguém estivesse finalmente a subir as escadas na casa dos pais dele, depois de ela ter passado uma vida a gritar. Podem passar-se semanas em que está tudo bem, e de repente um som ou um cheiro e ela está lá outra vez. Na cama dele. Com a mão dele a apertar-lhe a garganta e uma força avassaladora a tapar-lhe a boca.

O rapaz na fila do refeitório apenas roçou em Maya: não significou nada para ele, mas, para ela, foi um gatilho. Conteve o ataque de pânico dentro de si, como uma bomba.

Quando as pessoas falam sobre violação, fazem-no sempre no passado. Ela «foi» violada. Ela «sofreu». O que ela «passou».

Mas Maya não passou por isso – continua a passar. Não foi violada – continua a ser violada. Para Kevin, durou meros minutos, mas nunca tem fim para Maya. Sente-se como se fosse continuar a sonhar com a pista de *jogging*, todas as noites, para o resto da vida. E, de todas as vezes, ela mata-o lá.

Acorda com as unhas cravadas nas palmas das mãos e um grito nos lábios.

Ansiedade. Um tirano invisível.

*

A esquadra de Hed está sobrecarregada e tem pessoal insuficiente, como todas as outras esquadras da província. É fácil criticar os tempos de reação demorados e as investigações intermináveis, como se as pessoas que lá trabalham o fizessem de propósito. Mas os polícias não são assim tão diferentes de qualquer outro grupo profissional na região: se lhes derem tempo e

oportunidade para fazerem o seu trabalho, fá-lo-ão. Deem-lhes um grupo de apoiantes de hóquei vestidos de vermelho que aparecem espancados e coxos no hospital, e eles farão as perguntas certas. Deem-lhes uma floresta que conhecem, e acabarão por lá encontrar alguma coisa.

– Aqui! – grita um deles depois de mais de uma hora a passarem a pente fino a clareira onde calculam que a luta teve lugar.

Atira algo para um dos colegas.

Um sapato. Do tamanho certo para servir a um rapaz de doze anos.

*

Leo está sentado nos degraus em frente de casa. Maya parece surpreendida.

– Porque é que estás aqui fora?

– Perdi as chaves – murmura ele.

Maya lança-lhe um olhar desconfiado. Repara que ele calça um par de sapatos velhos e coçados.

– Onde é que estão os teus sapatos novos?

– Já me fartei – mente o irmão.

– Andaste a chatear a mãe durante *meses* para tos comprar!

Maya espera que o irmão lhe responda no mesmo tom, mas ele limita-se a olhar para o chão. Tem o rosto inchado, um olho negro; disse a toda a gente que levou uma bolada na cara na aula de Educação Física, mas ninguém o viu acontecer. E Maya ouviu boatos na escola, hoje, sobre um blusão preto pendurado no cacifo dele.

– Está tudo bem contigo? – pergunta, cautelosamente.

Ele faz que sim com a cabeça.

– Não contes à mãe que perdi as chaves – implora.

– Não vou fazer queixinhas – murmura ela.

Já fizeram muitas maldades um ao outro, mas nunca se atraiçoaram. Foi ela que lhe ensinou isso, uma noite, quando tinha doze anos como ele tem agora, na

noite da sua primeira grande festa; chegou a casa mais tarde do que tinha prometido, mas os pais nunca souberam, porque bateu à janela de Leo e foi assim que entrou em casa.

«Nunca fazemos queixinhas um do outro», disse na altura ao irmãozinho ensonado, e ele teve esperteza suficiente para perceber que, um dia, beneficiaria com esse acordo.

*

Mais tarde, nessa noite, aparece um polícia à porta de casa deles. Peter conhece-o; o filho dele jogava hóquei com Leo. Talvez seja por isso que as palavras do polícia estão tingidas de pesar quando diz:

– Desculpe incomodá-lo tão tarde, Peter, mas houve problemas na floresta, nos arredores de Hed. Uma luta. Vários feridos com gravidade. A Matilha esteve envolvida.

Peter tira precipitadamente a conclusão errada.

– Sabe muito bem que o clube não tem nada a ver com a Matilha, se é isso que…

O polícia corta-lhe a palavra e estende-lhe um sapato.

– Encontrámos isto no local da luta.

Peter pega no sapato do filho e segura-o com a mão trémula. Quando foi a última vez que segurou num sapato perdido pelo filho? Quando Leo tinha dois anos? Três? Quando é que os pés dele ficaram daquele tamanho?

O polícia continua, pesaroso:

– Não saberia de quem é, mas o meu filho anda a massacrar-me há semanas para lhe comprar uns iguais. Expliquei-lhe que eram demasiado caros para um miúdo de doze anos e ele gritou-me que eu era estúpido porque, ao que parece, «*toda a gente* tem uns». Pedi-lhe que me indicasse uma pessoa, e ele mencionou o Leo.

Peter tenta manter a voz firme. São de facto demasiado caros para um miúdo de doze anos. Kira e Peter compraram-nos para Leo, no verão, apenas porque se

sentiam culpados por… tudo.

– Eu… São uns sapatos normais… Deve haver montes de miúdos dessa idade que…

O polícia estende-lhe outra coisa. Um pequeno chaveiro.

– Encontrámos também isto. Se você me fechasse agora a porta na cara, tenho a impressão de que conseguiria voltar a abri-la.

Peter não tenta outras explicações. Aceita as chaves. Acena com a cabeça, em silêncio.

– O Leo terá de vir à esquadra prestar declarações – diz o polícia.

– Mas ele tem só doze anos… – consegue Peter dizer.

O polícia tem pena dele, mas não cede.

– Peter, isto é sério. Os tipos de Hed já tinham lutado contra a Matilha, mas desta vez foi diferente. Três deles ainda estão no hospital, gravemente feridos. Vão retaliar, e depois a Matilha vai querer vingança. Isto não é um jogo. Mais cedo ou mais tarde, alguém acabará morto.

Peter aperta o sapato e as chaves contra o peito, inconscientemente.

– Eu… O Leo só tem… Posso ao menos levá-lo eu à esquadra?

O polícia acena que sim.

– A sua mulher é advogada, não é?

Peter compreende o que ele quer dizer. E fica apavorado. Depois de o carro-patrulha se afastar, Peter não roda a maçaneta da porta do quarto do filho. Abre-a com um pontapé.

Um momento depois, pai e filho estão cara a cara, aos gritos um com o outro, mas na verdade nunca estiveram mais afastados.

*

Maya tranca-se na casa de banho. Ouve o pai a gritar com Leo, depois a mãe a gritar com o pai para ele parar de gritar, e depois os dois a gritarem um com o outro sobre quem tem mais direito de estar aos berros. Estão assustados,

zangados, sentem-se impotentes. Como os pais se sentem sempre.

Maya já viu fotografias deles antes de terem filhos. Eram jovens e felizes; agora já não se riem da mesma maneira, nem sequer nas fotografias. Estavam tão apaixonados, como se tivessem fome um do outro: os dedos do pai a roçar na franja da mãe, ela a conseguir deixá-lo arrepiado só com um olhar. Os filhos têm reações puramente biológicas contra a expressão do amor dos pais um pelo outro, mas, quando esse amor desaparece, culpam-se a si próprios.

Está sentada no chão da casa de banho, a abrir e a fechar a porta da máquina de secar roupa: *clique, clique, clique.* O som é quase hipnótico, mas depois repara na *T-shirt* que está dentro da máquina. É de Leo. Só ele seria estúpido o suficiente para pôr uma *T-shirt* de algodão na máquina de secar – nunca trata da roupa, não sabe fazê-lo. Maya tira a camisola da máquina; as manchas de sangue ainda são visíveis. Sabe o que ele fez; ela própria queimou as suas roupas depois daquela noite em casa de Kevin porque ninguém a teria compreendido. Leo anda metido em lutas, e Maya sabe por quem é que ele luta.

Ouve o pai gritar mais alto:

– Queres brincar aos *gangsters* na floresta com *hooligans?* Perdeste o *juízo*?

Leo responde, também aos gritos:

– Pelo menos eles estão a *fazer* alguma coisa! O que é que *tu* estás a fazer? Estás a deixar aqueles cabrões de merda de Hed *espezinharem a nossa cidade*!

Depois a mãe grita, mais alto do que todos:

– NÃO QUERO LINGUAGEM DESSA NA MINHA CASA!

Clique, clique, clique. Maya abre e fecha a máquina de secar. Sabe que a família não está a discutir por causa da linguagem, nem por causa da luta, nem de cidade nenhuma. Estão a discutir por causa dela. Como toda a gente.

Ela costumava contar borboletas com Ana, falar sobre o «efeito borboleta»: como um bater de asas pode ter um efeito devastador no universo, ao ponto de a insignificante deslocação de ar assim criada causar um furacão do outro lado do mundo. Maya vê uma cidade inteira a fragmentar-se agora, na sequência da decisão que ela tomou. Ela é a causa, e todas as discussões e violência são o efeito. Se não vivesse lá, se nunca tivesse conhecido Kevin, se não tivesse

entrado no quarto dele naquela festa, se não tivesse bebido, se não tivesse uma paixoneta, se tivesse simplesmente dito que sim, sem resistir. É isso que ela está a pensar; é assim que funciona o sentimento de culpa. Se ela não existisse, nada disto teria acontecido.

O pai grita:

– Não te criámos para andares metido em *lutas!*

E Leo grita em resposta:

– ALGUÉM TEM DE LUTAR NESTA FAMÍLIA, E TU ÉS DEMASIADO COBARDE PARA ISSO!

Maya ouve uma porta a bater. Apercebe-se de que foi o pai que saiu intempestivamente. Cego pela dor.

*

Nessa noite, Maya compõe uma canção que nunca tocará ao vivo. Chama-se «Oiçam-me».

Todos os homens que conheço, cada pai, irmão e filho,
Sempre os punhos cerrados. Onde foram buscar essa ideia?
Sempre esta violência, buracos redondos e uma peça quadrada,
As ideias absurdas que vos incutiram,
Que queremos que lutem por nós.

Se queres fazer alguma coisa por nós,
Pousa a arma por mim,
Fecha as portas do Inferno por mim,
Sê meu amigo,
Tentem ser homens bons por mim.

Gabam-se de tudo o que vão fazer por mim.

Quando vão parar de estragar tudo por mim?
Querem saber o que podem fazer por mim?
Comecem por me ouvir.

A mãe está do outro lado da porta da casa de banho e pergunta a Maya, num sussurro, se está tudo bem. Maya mente:

– Sim.

A mãe informa-a:

– Temos de ir a Hed. Para… resolver um assunto.

Como se Maya não compreendesse. Assim, Maya mente de novo:

– Não te preocupes, tenho de estudar. Até logo.

Quando a mãe de Leo o vai buscar ao quarto, com uma expressão severa, ele não protesta. Já vestiu o casaco e calçou os sapatos novos. Saem para ir à esquadra, a porta fecha-se atrás deles, e Maya fica sentada no chão da casa de banho, sem conseguir respirar. Levanta-se, com uma necessidade desesperada de ar, quase em pânico. De súbito, sente que tem de sair de casa, sair da cidade. Só conhece um sítio para isso, e uma única amiga para a acompanhar. Assim, envia a Ana uma mensagem que é apenas uma palavra: «Ilha?»

Começa a arrumar as suas coisas numa mochila e guarda o telemóvel no bolso de trás. Não espera por resposta, pois sabe que Ana virá. Ana nunca a desapontaria.

30

Não são o tipo de pessoa que tem finais felizes

Claro que Ana irá até lá. Uma amizade como a delas é impossível de cultivar artificialmente. Mas há outras coisas que também o são: os pais são um tipo de planta que não escolhemos, com raízes profundas, que se enrolam aos nossos pés de uma maneira que só os filhos de pessoas com dependências conseguem compreender.

Ana já está na floresta, a caminho da ilha, quando o seu telefone toca. É Ramona. A velha mulher é dura, mas nunca cruel; já fez muitos telefonemas como este ao longo dos anos e fala sempre da mesma maneira: compreensiva, mas não condescendente. Avisa Ana que o pai dela «bebeu até sair porta fora», o que significa que alguém teve de o expulsar do Urso Pardo e que ele não está em condições de ir para casa sozinho.

– Está a arrefecer – acrescenta Ramona, porque não quer ter de envergonhar Ana contando-lhe que o pai se vomitou todo e precisa de roupas secas. Sabe que a rapariga compreende. Há meio século que Ramona vê pessoas beberem até caírem para o lado na sarjeta, e aprendeu que alguns jovens precisam de ver o lado pior do álcool para nunca chegarem lá perto. – O teu pai precisa de companhia para voltar para casa, Ana – especifica, ainda assim.

E Ana detém-se no meio da floresta, acena com a cabeça e murmura:

– Estou a caminho.

Irá sempre. Nunca o abandonaria.

Ansiedade. Domina-nos, mas não deixa rasto.

Ana não liga a Maya, porque Maya tem pais perfeitos: uma mãe que nunca abandona a família, um pai que nunca se vomitou todo por estar bêbado. São como irmãs, ela e Maya, mas a única coisa que nunca tiveram em comum foi essa vergonha. Ana não suporta a ideia de Maya ver o pai dela naquele estado.

*

Maya fica sentada na ilha, sozinha, a noite toda. A olhar para o telemóvel. Por fim, recebe uma SMS, mas não de Ana. Outro número anónimo, mais uma vez. Continua a recebê-las, mas deixou de falar nelas a Ana porque não quer entristecer mais a amiga. Agora é um segredo só seu. «Chupas pilas por 300 coroas?», diz esta. Maya nem percebe se as pessoas que lhas mandam ainda sabem porque o fazem. Tanto pode ser alguém em Hed que a quer destruir, como uma rapariga qualquer da escola que não goste dela, como um bando de miúdos que se desafiam uns aos outros para «mandar uma mensagem àquela rapariga que foi violada pelo Kevin Erdahl». É tudo o que Maya alguma vez será para essas pessoas. Vítima, puta, mentirosa, princesa.

No verão, Ana enterrou uma garrafa de vinho caro ali na ilha; fora oferecida ao pai dela por um vizinho idoso dos Montes, porque o pai de Ana lhe dera carne depois de uma caçada. Ana não tivera coragem de a deitar fora, mas também não se atrevia a deixá-la na cozinha, no meio dos cacos do coração do pai. Assim, escondeu-a aqui. Maya desenterra-a e bebe-a. Não quer saber se está a ser egoísta; mas embriagar-se não lhe traz alívio nem paz, apenas amargura. *Sempre pensei que virias*, pensa sobre a amiga. *E julguei que virias também quando o Kevin me prendeu na cama dele. A minha melhor amiga vai aparecer, pensei então, porque a minha melhor amiga nunca me abandonaria!* Atira a garrafa vazia contra uma árvore. Parte-se e um dos cacos ressalta e fere-a no braço. O sangue pinga da ferida. Maya não o sente.

*

Todas as noites, ultimamente, Ana sonha que está a morrer sufocada dentro de um caixão, que alguém está sentado em cima da tampa para que ela não a consiga abrir, e que, por mais que dê murros na madeira, ninguém a ouve. Não contou à sua melhor amiga porque Maya parece estar a ficar um bocadinho melhor e Ana não a quer afligir. Também não menciona as mensagens, porque

parece que Maya já não as está a receber e Ana não quer que ela se lembre de como são horríveis. *Ping, ping.* Fotografias de pilas de rapazes. Às vezes coisas piores. Ana não consegue perceber que tipo de satisfação doentia alguém retira disto, ou se pensam sequer em Maya como um ser humano. Talvez ela seja apenas um animal. Um produto para consumir.

Não foi assim que Ana imaginou a sua vida de adolescente. Os adultos dizem que temos de aproveitar os dezasseis anos, que é a melhor época da nossa vida. Mas não para Ana. Ela adorou a infância, quando a sua melhor amiga era feliz e o pai um herói intocável que ela podia venerar. Quando Ana era pequena, com quatro ou cinco anos, dois homens em motos de neve desapareceram numa tempestade de inverno, a norte da cidade. Os serviços de emergência contactaram os melhores caçadores locais, pessoas que conheciam o terreno, e o pai de Ana preparou-se e saiu a meio da noite. Ana ficou à porta de casa, a suplicar-lhe que não fosse. Ouvira falar da tempestade no rádio e já tinha idade suficiente para saber que os pais nem sempre voltavam para casa em situações dessas. Mas o pai agachou-se, segurou-lhe no rosto e murmurou: «Não somos o tipo de pessoa que deixa os outros ficar mal, tu e eu.»

Um dos homens perdidos morreu de frio, mas o outro sobreviveu. Foi o pai de Ana que o encontrou. Dois invernos mais tarde, quando Ana tinha seis anos, estava a brincar ao pé do lago certo dia, pouco depois de escurecer, quando ouviu um grito. Uma criança da idade dela caíra à água e estava já enregelada. Todas as crianças em Björnstad sabiam como se deslocar sobre o gelo para ajudar alguém que caíra através dele, mas isso não significa que todas ousariam fazê-lo, sozinhas, às escuras.

Ana não hesitou nem um segundo.

O pai fez muitas porcarias estúpidas na vida, mas criou uma filha que salvou a vida da filha de alguém. Quando chegou a casa, toda molhada e de lábios azuis, a mãe gritou, horrorizada: «O que é que aconteceu?»

A menina abriu um sorriso radiante e disse: «Encontrei uma melhor amiga!»

A mãe deixou-os poucos anos depois. Não suportava a floresta e a escuridão e o silêncio. Ana ficou. Ela e o pai jogavam às cartas e contavam anedotas, e, às

vezes, quando ele estava mesmo bem disposto, pregava-lhe sustos. Era fantástico nisso; escondia-se durante tempos atrás de uma porta, numa sala escura, só para poder saltar lá de trás com um berro, o que fazia Ana gritar e rir até ficar sem ar.

Sempre o amou, mesmo quando ele estava triste. Talvez ele estivesse sempre triste, no fundo. Ana não sabe se o pai ficou triste quando a mãe os deixou, ou se a mãe partiu por ele já estar sempre triste. Há pessoas que têm um núcleo de tristeza dentro de si. Ele sentava-se na cozinha, sozinho, a beber e a chorar, e Ana tinha pena dele porque devia ser horrível só conseguir chorar quando estava bêbado.

Por vezes pensa que tem dois pais, um bom e um mau, e já decidiu que é trabalho seu, quando o pai mau sai de casa à noite, certificar-se de que ele não danifica demasiado o corpo, ao ponto de o pai bom não o poder usar no dia seguinte.

Encontra-o agora atrás do Urso Pardo; está encostado à parede, a dormir. Por alguns instantes terríveis, Ana não lhe encontra a pulsação e é dominada pelo pânico. Dá-lhe bofetadas com a mão aberta até ele subitamente tossir e abrir os olhos. Quando a vê, pergunta com a voz entaramelada:

– Ana?

– Sim – murmura ela.

– Assu… assustei-te?

Ela tenta sorrir. Ele volta a adormecer. É preciso toda a força da filha de dezasseis anos para conseguir levantar-lhe o tronco o suficiente para lhe despir a camisola suja de vómito e lhe enfiar uma seca. A maior parte das pessoas provavelmente não se daria a esse trabalho, mas Ana sabe que o seu pai bom está ali dentro, algures. O pai que lhe lia histórias depois de a mãe se ir embora, e que sabe que há outras canções de embalar além do uísque. E ela quer que esse pai acorde com uma camisola limpa de manhã. Passa o braço pelos ombros dele e suplica-lhe que se levante.

– Vamos para casa, pai.

– Ana?… – balbucia ele.

– Sim. Está tudo bem, pai. Tiveste só uma noite má. Amanhã será melhor.

Ele funga.

– Desculpa.

Isso é o pior. As filhas não têm defesa contra essa palavra. Ele tropeça e ela tropeça também.

Mas alguém a apanha.

*

A voz de Kira ecoa pela esquadra toda. Como traçar uma linha divisória entre a advogada e a mãe quando o seu rapaz tem apenas doze anos? Não gritou com Leo no carro, durante a viagem até aqui, porque Peter já gritou o suficiente pelos dois. Por toda a gente. Assim, está a gritar agora, a descarregar toda a sua fúria e impotência nos polícias.

Peter está sentado numa sala, ao lado de Leo, de ombros abatidos. O filho tem as costas direitas, uma postura conflituosa, enquanto o pai parece encolhido, vazio de vida e energia. Quando foi a última vez que gritou com Leo? Há vários anos, por certo. O pai de Peter era agressivo, e Ramona, do Urso Pardo, disse uma vez a Peter que «os pais violentos são como os pais bêbados: ou os filhos são ainda mais violentos e mais bêbados, ou são pacifistas e abstémios». Uma vez, Peter tentou explicar algo parecido a Leo: «Não acredito em violência, Leo, porque o meu pai me batia por tudo e por nada. Batia-me só por entornar o leite. Isso não me ensinou a não entornar leite. Só fez com que eu ficasse com medo de leite.»

Não sabe se Leo compreendeu. Já não sabe o que lhe há de dizer. Chamou coisas terríveis ao filho esta noite, mas Leo não parece minimamente incomodado. Absorveu as censuras dos pais sem pestanejar. Agora, enquanto a Polícia faz as suas perguntas ao rapaz, o pai estremece, arrepiado, como se as janelas estivessem abertas. É nesse momento que compreende que está a perder o filho de doze anos.

Leo costumava jogar hóquei porque o pai adorava hóquei. Nunca se

apaixonou pelo desporto, mas entrou para a equipa porque gostava da sensação de pertença, da solidariedade. Peter vê que ele encontrou o mesmo agora, num lugar terrível. Quando a Polícia pergunta a Leo o que aconteceu na floresta durante a luta, Leo responde:

– Não sei do que está a falar.

Quando a Polícia quer saber como é que o sapato e as chaves dele lá foram parar, o rapaz explica:

– Andei a trepar as árvores. Devem ter caído sem querer.

A Polícia pergunta-lhe se viu alguém da Matilha envolvido numa luta.

– Qual matilha? – questiona o rapaz.

A Polícia mostra-lhe uma fotografia de Teemu Rinnius. Leo diz:

– Não o conheço. Como é que disse que ele se chama?

O seu rapaz está perdido, e Peter sabe-o. Porque Peter tem medo de leite e Leo não tem medo de nada.

*

Benji sai pela porta das traseiras do Urso Pardo com o lixo e são as suas mãos que amparam Ana. Enquanto ele a ajuda, e ao pai, ela começa a chorar. Quebra em todas as direções ao mesmo tempo. Benji abraça-a, ela esconde o rosto no seu peito e ele faz-lhe festas no cabelo.

Ana não lhe explica que está habituada a ter de carregar o pai. Benji não lhe conta que nunca terá oportunidade de carregar o seu.

– Porque é que toda a gente bebe tanto? – soluça Ana.

– Porque a bebida faz com que fique tudo em silêncio – responde Benji, com honestidade.

– Tudo o quê?

– As merdas em que não conseguimos parar de pensar.

Ana afasta-se lentamente de Benji e passa os dedos pelo cabelo do pai, cuja cabeça oscila ao ritmo do ressonar. Diz, tão baixinho que é quase uma canção:

– Deve ser terrível, só conseguir suportar sentir coisas se se estiver bêbado.

Benji levanta o corpulento caçador do chão e passa o braço do homem mais velho sobre os seus ombros.

– É melhor do que nada, suponho…

Depois leva o pai de Ana até casa, meio às cavalitas, meio arrastado, enquanto ela caminha ao seu lado. Por fim, Ana reúne coragem e pergunta:

– Odeias a Maya?

– Não – responde Benji.

Não se faz de parvo, compreende a pergunta, e Ana ama-o por isso. Esclarece:

– Não estou a perguntar se a odeias por ter sido violada. Mas… se a odeias por existir. Se ela não estivesse lá naquela noite… ainda terias tudo: o teu melhor amigo, a tua equipa… A tua vida era perfeita. Tinhas tudo. E agora…

Benji responde, em tom neutro:

– Se tivesse de odiar alguém, seria o Kevin.

– E odeias?

– Não.

– Quem é que odeias, então? – pergunta Ana, apesar de saber.

Benji odeia o próprio reflexo. E Ana também. Porque eles deviam ter estado lá. Deviam ter impedido o que aconteceu. A vida dos seus amigos não devia ter sido destruída desta maneira. Ana e Benji é que deviam ter sido as vítimas. Porque eles é que não são o tipo de pessoa que tem finais felizes.

É difícil culpar Ana, precisamente por essa razão. Todos temos momentos em que o desejo de sentir o toque de alguém na pele se torna insustentável.

Estão na casa dela. Benji deitou o pai de Ana na cama e ajudou-a a tirar todas as garrafas da cozinha, e é impossível uma pessoa zangar-se com uma rapariga de dezasseis anos porque os seus sentimentos cresceram demasiado para que o cérebro consiga lidar com eles.

Benji toca-lhe ao de leve no ombro e diz, tão baixinho que quase não se

ouve:

– Não podemos acabar como os nossos pais.

Dirige-se para a porta, mas Ana corre atrás dele, agarra-lhe nos braços e encosta o corpo ao dele. A língua dela toca-lhe nos lábios, pega-lhe na mão e coloca-a dentro da sua camisola. Não sabe, mais tarde, por que razão o detestará mais: por ele não a desejar ou por ser tão amável quando a rejeita.

Benji não a empurra; poderia atirar um homem feito para o outro lado da cozinha, mas mal lhe toca enquanto se liberta. A expressão nos seus olhos não é zangada, é compreensiva, e, oh!, como ela o odiará por isso. Por ele não fazer sequer com que ela se sinta rejeitada, por mostrar apenas ter pena dela.

– Desculpa. Mas tu não queres… Não é isto que queres, Ana… – murmura Benji.

Fecha a porta silenciosamente atrás de si quando sai. Ana senta-se no chão, lavada em lágrimas. Liga a Maya. A amiga atende ao décimo toque.

– Aaanaaa? Mas que merda? Fica sabendo que acabei com o teu vinho, toma! Não *vieste!* Disseste que vinhas para a ilha e não *vieste!*

Ana larga tudo quando se apercebe de que Maya está embriagada. Desliga o telefone e sai a correr de casa.

É extraordinariamente difícil culpá-la por aquilo que está prestes a acontecer. Mas também muito, muito fácil.

*

A política é uma coisa difícil de compreender. Talvez ninguém a compreenda por completo, na verdade. É raro sabermos porque é que a burocracia de uma dada sociedade funciona como funciona, porque é impossível acusar alguém de corrupção quando tudo pode ser igualmente explicado por incompetência. Um telefonema é feito para uma esquadra, um polícia e uma mulher de uma entidade oficial entram noutra sala. Kira está furiosa e pronta para lutar, mas quando o polícia volta, informa-a de que Leo pode ir para casa.

– Tendo em conta a idade do rapaz.

Kira grita que é isso que está a berrar há mais de uma hora, mas depois percebe que é exatamente essa a intenção deles: dar a entender que foi ela, a advogada, que conseguiu persuadi-los. Mas Kira percebe que isso não é verdade. Alguém fez um telefonema.

Quando Kira, Peter e Leo saem da esquadra, Peter vê um carro que reconhece. Pede a Kira que vá andando com Leo. Ela tenta perceber o que se passa sem dar nas vistas. Peter espera até a mulher e o filho terem desaparecido para se aproximar do carro preto. Bate com os nós dos dedos na janela e um homem de fato preto abre a porta.

– Olá, Peter. Que surpresa, encontrá-lo por aqui – diz o político.

É um choque para Peter que alguém consiga mentir com tanta naturalidade.

– O meu filho foi interrogado sobre uma luta de *hooligans*, mas parece que de repente ficaram sem perguntas. Calculo que não saiba nada a respeito deste assunto? – questiona Peter num tom seco.

Não consegue esconder os seus sentimentos: nem a raiva, nem a preocupação, nem os seus defeitos enquanto pai. Richard Theo despreza-o por isso, mas não o faz transparecer.

– Claro que não – responde em tom afável.

– Deixe-me adivinhar: você tem muitos amigos? – cospe Peter, irritado.

Richard Theo limpa a saliva dele da manga do casaco.

– Você também tem amigos, Peter. Em breve será informado da hora e do local da conferência de imprensa na qual serão apresentados os novos proprietários da fábrica. Estarão presentes políticos, representantes da comunidade empresarial local, pessoas importantes de todo o distrito. Como seu amigo, ficaria muito feliz de o ver lá também.

– E será nessa altura que tenho de me manifestar contra a Matilha?

Richard Theo finge-se horrorizado.

– Vai manifestar-se contra a *violência*, Peter. Violência para a qual o seu próprio *filho* parece estar a ser arrastado!

Peter sente-se como se lhe faltasse o ar.

– Porque é que está tão interessado em acabar com a Matilha?

Theo responde:

– Porque eles governam pela violência. Uma democracia não pode admitir tal coisa. Qualquer pessoa que se torne poderosa porque lutou fisicamente para chegar ao topo precisa de oposição. Pode ter a certeza de uma coisa no que diz respeito ao poder, Peter: quem lhe deita a mão, nunca abdica dele voluntariamente.

Peter odeia o som da sua voz quando pergunta:

– E o que é que eu ganharei com isso?

– Você? O controlo do clube. Pode gastar o dinheiro do patrocínio como bem entender. Até o deixarão escolher pessoalmente um membro para a direção!

– Um membro da direção?

– Quem quiser.

Peter olha para os pés. Após alguns instantes, murmura:

– Está bem.

Em breve comparecerá na conferência de imprensa. Dirá tudo o que é preciso. Sem retorno. Daí em diante, será ele contra a Matilha.

Richard Theo não se sente perverso quando arranca, apenas pragmático. Um homem como Teemu Rinnius é capaz de afetar a forma como as pessoas votam em eleições. Theo precisa de lhe dar algo em troca. E a única coisa que interessa a Teemu é a sua bancada em pé, no rinque. E Richard Theo não pode devolver-lha se alguém não lha tirar primeiro.

*

Ana não sai de casa com a intenção de fazer mal a ninguém; simplesmente não suporta estar ali fechada. Nem sequer planeou seguir Benji através da floresta, mas, por acaso, avista a camisola branca dele à sua frente, entre as árvores; ele caminha devagar, como se os seus pés não estivessem bem de

acordo com o resto do corpo. Ana é boa a seguir animais, tem esse instinto, portanto segue-o. Talvez queira apenas saber onde Benji vai, se vai encontrar-se com alguma namorada. Consegue argumentar consigo própria que não se sentirá tão mal se vir que ele tem alguém muito melhor do que ela. A floresta depressa escurece, mas ela segue o ponto incandescente do cigarro dele e o fumo adocicado que deixa para trás.

A meio caminho entre Björnstad e Hed, ele vira para um caminho que leva ao parque de campismo. Detém-se em frente de uma das cabinas, bate à porta. Ana reconhece o homem que abre. É professor na escola. Mais tarde, Ana não se recordará o que pensou ou sentiu quando viu Benji envolver o corpo ao do outro homem e beijá-lo.

*

É fácil culpar Ana por tudo o que faz a seguir. Ela está em sofrimento, mas talvez toda a gente esteja. Nunca se sentiu tão só, e a solidão leva qualquer pessoa a tomar más decisões, mas talvez seja ainda pior com raparigas de dezasseis anos. Pega no telemóvel e tira fotografias de Benji com o professor. Depois publica-as *online.*

E é o caos.

31

Escuridão

BANG!

Falamos sempre de segredos como se fossem bens pessoais: o «meu» segredo. Mas só é assim enquanto estão fora do alcance das outras pessoas. É impossível *quase* perder um segredo – ou o perdemos completamente, ou não o perdemos de todo. Assim que um segredo se escapa para o mundo, torna-se um terramoto, uma avalancha, um *tsunami*. Pode não ser preciso mais do que um comentário impensado, um pensamento fugaz, ou algumas fotografias publicadas *online* por alguém de coração ferido, mas algo faz com que as pedras comecem a rolar, a neve se solte da encosta e a muralha de água se torne intransponível antes que compreendamos como isso aconteceu, e a partir daí é impossível conter tamanho ímpeto. É como tentar capturar o aroma de julho e guardá-lo na mão fechada. Agora toda a gente sabe. Toda a gente sabe o que ninguém devia saber.

É isso que acorda Benji.

BANG! Uma única pancada, mas tão forte que faz estremecer as paredes da cabina. Depois silêncio. O professor vira-se na cama, meio a dormir, mas Benji já saltou da cama e, agachado, dirige-se para a porta. Não sabe porquê, mas mais tarde lembrar-se-á de que estava já tomado por um mau pressentimento. Percebeu que estava a fazer uma estupidez assim que chegou, quando se beijaram à porta.

Um dia, compreenderá que o fez porque estava apaixonado. Foi por isso que não teve mais cuidado. Abre a porta da cabina e espreita lá para fora, mas a pessoa que se esconde entre as trevas não se deixa ver, quem quer que seja. Benji está prestes a dar meia-volta para entrar quando vê o que causou o ruído.

*

Bang.

*

Como o som de um disco a bater contra uma parede, ou de um coração a bater dentro de um peito, ou de uma faca a ser cravada na madeira da porta de uma cabina num parque de campismo. Uma simples folha de papel, uma única palavra; a faca atravessa o L central, desenhado dentro de um alvo, e é por aí que a prende à madeira.

PANELEIRO

*

Ana deambula pela floresta como se estivesse febril. A neve cai com força. Este ano começou a nevar cedo e está já bastante funda, mesmo para esta parte do país: aproxima-se uma tempestade de outono. É tão fácil subestimar o poder do frio, a rapidez com que pode matar. É um assassino subtil, a murmurar-nos ao ouvido que podemos sentar-nos e descansar um bocadinho se estivermos cansados. Engana-nos, faz-nos pensar que estamos a suar, encoraja-nos a despir as roupas. A neve e as temperaturas abaixo de zero podem causar as mesmas alucinações que o sol escaldante no deserto.

Ana sabe tudo isso porque se sente mais em casa na floresta do que na cidade. Mais esquila do que humana, como Maya lhe costuma dizer, a brincar. Quando Ana está entre as árvores, deixa a realidade para trás; o tempo deixa de se mover, e o que acontece ali nunca afeta a vida na cidade. É o que ela sempre gostou de imaginar, e é por isso que o pleno impacto do que acaba de fazer só a atinge quando está quase a chegar a casa. Só quando está prestes a entrar é que o pânico a invade, com uma força brutal, e o peito dói-lhe tanto que mal consegue

respirar. É tão fácil pensar que aquilo que publicamos *online* é como levantar a voz numa sala, quando na realidade é mais como gritar a plenos pulmões de cima de um telhado. Os nossos mundos de fantasia têm sempre consequências nas realidades dos outros.

Ana pega no telemóvel e apaga as fotografias de Benji com o professor, mas é tarde de mais. Já espalhou o segredo deles, como cinzas no mar, e é impossível voltar a recolhê-las.

*

As nossas reações espontâneas raramente são os momentos de que mais nos orgulhamos. Diz-se que o primeiro pensamento de uma pessoa é o mais honesto, mas muitas vezes isso não é verdade. Muitas vezes, o primeiro pensamento é apenas o mais estúpido. Caso contrário, não seria bom pensar duas vezes.

Peter bate à porta do Urso Pardo logo de manhã, bem cedo. Ramona abre uma janela do apartamento por cima do bar, enrolada num roupão e furiosa.

– Espero bem que o bar esteja a arder, rapaz! Acordar uma pessoa a esta hora indecente!

Mas cede, porque Peter também já foi em tempos um rapaz. Foram tantas as vezes que ela lhe ligou para vir buscar o pai bêbado e o levar para casa, que Peter quase não toca numa gota de álcool desde então. Toda a sua vida girou sempre à volta da necessidade que tem de tentar resolver tudo. Deixar toda a gente feliz. Esconder os erros dos outros. Assumir responsabilidades.

Peter confessa:

– Vai haver uma conferência de imprensa, Ramona. A fábrica tem novos proprietários, estrangeiros; são o «misterioso patrocinador» do clube de que toda a gente fala. E eu tenho de comparecer e dizer aos repórteres que vou demolir a bancada em pé e… livrar-me dos *hooligans.*

É possível que Ramona esteja chocada, mas, se está, não o demonstra. Acende um cigarro.

– O que é que eu tenho a ver com isso?

Peter pigarreia.

– Deixaram-me escolher uma pessoa para a direção. Quem eu quiser.

– Com certeza que o Janota fará um bom trabalho – observa Ramona.

– O Janota preferia que fosse você. E eu também – responde Peter.

Uma pequena nuvem de fumo sai por uma das narinas de Ramona, a única indicação de que está surpreendida.

– Bateste com a cabeça, rapaz? Sabes que eu… Sabendo o que queres fazer ao Teemu e aos rapazes? São os *meus* rapazes! Aquela bancada em pé é… O raio do clube também é *deles!*

Peter ouve-a de costas direitas e cabeça erguida embora a voz lhe trema.

– Estou a fazer tudo o que posso pelo bem do clube. Mas alguém me disse que ninguém abdica voluntariamente do poder. Assim, se quero mesmo convencer-me de que estou a fazer isto por motivos altruístas, preciso de colocar alguém na direção que não esteja sempre de acordo comigo. Alguém que me enfrente.

Ramona continua a fumar em silêncio.

– Se ambos lutarmos por aquilo em que acreditamos, um de nós acabará sem emprego.

Peter concorda com um aceno.

– Mas se ambos lutarmos pelo que é melhor para o clube, o clube sairá vencedor.

Ramona aperta melhor o roupão. Pensa durante muito tempo. Depois franze a testa.

– Queres pequeno-almoço?

– Que tipo de pequeno-almoço? – pergunta Peter.

Ramona resmunga:

– Devo ter para aí café em algum lado. Ou lá o que é que vocês, abstémios, tomam.

É assim que Ramona ocupa um lugar na direção do Clube de Hóquei no Gelo

de Björnstad, mas os dois são interrompidos antes de terem tempo de terminar a conversa. O telefone de Peter toca. É o Janota, que lhe pergunta:

– Já soubeste do Benjamin?

E é assim que Ramona descobre. A vergonha da sua reação será um peso que carregará para o resto da vida, bem como Peter, porque o primeiro pensamento de ambos é: «Era só o que faltava!»

A nossa reação espontânea é, muitas vezes, a mais estúpida.

*

Descobrir a verdade sobre as pessoas é como um fogo, destrutivo e cego. A verdade sobre Benji arde através de Björnstad e Hed, e todos os que alguma vez tiveram a mais ínfima razão para o invejar, todos os que não gostam dele seja por que motivo for, vislumbram agora um ponto fraco na sua armadura. E cravam a faca com todas as suas forças, cada um deles.

Poucos se atreveriam a dizer alguma coisa a Benji cara a cara, portanto fazem o que as pessoas fazem sempre: falam dele, não com ele. É preciso retirar-lhe a humanidade, transformá-lo num objeto. Há mil maneiras de o fazer, mas nenhuma é mais simples do que aquela que usamos quase sempre: privá-lo do seu nome.

Assim, quando «a verdade» se espalha, as pessoas não escrevem «Benjamin» ou «Benji» nos seus telemóveis e computadores. Escrevem «o jogador de hóquei». Ou «o estudante». Ou «o jovem». Ou então «o maricas».

Alguns afirmarão mais tarde que não odeiam homossexuais, odeiam apenas Benji. Muitos dirão que «ficámos apenas surpreendidos, logo ele…» Outros sugerirão que «se tivesse havido algum tipo de… sinal… talvez se tivesse lidado melhor com a situação».

Alguns adiantarão uma complexa análise cultural, sugerindo que o mundo do desporto, e do hóquei em particular, simboliza ideais masculinos tão profundamente entranhados que o choque é ainda maior. Outros alegarão que as

reações não foram de modo nenhum tão fortes como «a comunicação social» gostaria de fazer crer. Foi tudo muito exagerado.

Uma voz poderá dizer: «Obviamente, ninguém tem nada contra eles.» Outra acrescentará: «Só não queremos que a cidade… se encha deles.» Mais alguns murmurarão: «Talvez fosse melhor se ele se mudasse, para o seu próprio bem, porque não há aqui grande futuro para ele, pois não? Era melhor ir para uma cidade grande. Pelo seu próprio bem, claro. Não que eu tenha alguma coisa contra eles. De forma alguma. Mas… enfim.»

Algumas das piadas *online* provavelmente não passam disso mesmo, piadas – será essa a desculpa. «Eu sempre soube. A minha mãe fez-me um bolo de aniversário de frutas quando eu andava na primária, e o Benji só comeu as bananas!» Outras são mais insinuantes: «O que será que ele e o Kevin ficavam a fazer no balneário depois de os outros irem para casa?»

Na vaga que se segue, é tudo nesse tom. Mensagens enviadas de telemóveis com cartões pré-pagos e comentários anónimos *online*. «Paneleiro.» «Maricas.» «Homo.» «Rabeta.» «Nojento!» «Não é natural, seu tarado!» «Sempre soubemos!» «Não queremos maricas em Björnstad!» «Vamos apanhar-te e arrancar-te a tatuagem! O urso não é um símbolo *gay!»* «Nem violadores nem paneleiros em Björnstad!» «És um tarado como o Kevin!» «Espero que apanhes sida!» «Espero que morras!» «Desaparece daqui se queres viver!» «Para a próxima, a faca é para ti e não para a porta!»

*

Maya está sentada em casa, à frente do computador. Lê tudo o que os filhos da mãe escrevem sobre Benji e lembra-se de tudo o que escreveram sobre ela. Nada muda: as coisas limitam-se a recomeçar. O pai de Maya costumava ouvir um disco antigo em que o cantor dizia que tudo tem fendas, porque é assim que a luz entra. Maya olha para as fotografias de Benji com o professor, uma e outra vez, mas não é Benji e o professor que está a ver. No verão, quando estava na ilha com Ana, Maya pôs uma música a tocar no telemóvel de Ana, qualquer

coisa com guitarras e uma letra triste, e Ana gritou: «Não quero música de drogados na minha ilha!»

Maya riu-se e levantou o telemóvel para ela não o conseguir apanhar, e gritou: «Nada de música de computador na floresta. É poluição sonora!»

Ana tentou tirar-lhe o telemóvel. Maya deu um salto para fugir, mas o aparelho escapou-lhe da mão, caiu e bateu numa pedra. O vidro na lente da câmara ficou estalado, não muito, apenas o suficiente para todas as fotografias que Ana tirou, daí em diante, terem uma leve linha num dos cantos superiores.

Maya esperava que Ana ficasse zangada, mas ela riu-se e disse: «Agora vou ver essa racha em todas as fotos que tirar, por isso, estarás em todas as minhas fotografias daqui para a frente, sua idiota!»

Maya adorava a melhor amiga por essa reação, mas agora, sozinha em frente do computador, olha para as fotografias de Benji com o professor e tudo o que consegue ver é aquela pequena linha no canto superior. A mesma em todas as fotografias.

Uma racha minúscula, quase invisível. Por onde sai toda a escuridão.

*

Muito depois, nenhum de nós conseguirá provar exatamente quem disse o quê, ou de onde vieram exatamente as várias fotografias que apareceram *online.* Mas toda a gente tem oportunidade de ver as fotografias de Benji a beijar o professor. Muitas pessoas não querem saber, mas essas ficam em silêncio, portanto só as outras é que se fazem ouvir. E será essa a sua desculpa: eles *preocupam-se,* apenas isso. Com a cidade, com a equipa de hóquei, com o próprio Benjamin. Preocupam-se com a escola. Preocupam-se com *as crianças.*

Um grupo de pais liga ao diretor e exige uma reunião. Maggan Lyt, a mãe de William, é uma delas. Faz parte da associação de pais, está apenas a fazer o seu trabalho, «não é nada pessoal». Como diz na reunião:

– Não temos qualquer má vontade contra ninguém. Somos apenas pais

preocupados.

Mas exige que o professor seja despedido, obviamente. Não por ser… diferente, claro que não! Mas não se pode tolerar o facto de ele ter tido relações sexuais com um aluno! Depois de tudo o que aconteceu! Primeiro a violação, agora isto? Não faz qualquer diferença se se trata de um rapaz ou de uma rapariga, pois não? Com certeza que o tratamento deve ser igual para todos!

As coisas estão sempre relacionadas – quando nos convém.

– Como podemos sentir-nos seguros com este professor a educar os nossos filhos, agora que temos conhecimento da… da agenda dele? – questiona um dos pais.

Quando o diretor lhe pergunta exatamente o que quer dizer com «agenda», é Maggan Lyt que riposta:

– Sabe muito bem o que queremos dizer!

– Então e *isto?* – grita outro pai, atirando uma folha de papel para cima da secretária do diretor.

– Estava num quadro de avisos, no corredor! Então essa professora, Jeanette, vai ensinar os alunos a *lutar?* – acrescenta Maggan Lyt.

– São… artes marciais… Ela está a oferecer aos alunos treino em… – começa o diretor, mas claro que é interrompido, com os argumentos previsíveis.

– Violência! Treino em *violência!* Então um professor tem relações sexuais com os alunos e outra quer lutar com eles! Que raio de escola vem a ser esta, afinal?

Maggan Lyt avisa:

– Vou ligar para a câmara municipal!

É o que faz. E o primeiro vereador que atende é Richard Theo.

*

Maya dá murros na porta da casa de Ana, com tanta força que os cães desatam a ladrar, como se quisesse deitar a casa abaixo. Ana abre a porta, pálida

e abatida, arrasada e cheia de ódio por si própria. Mas Maya está demasiado furiosa para se conseguir conter e grita:

– TIRASTE AQUELAS FOTOS! COMO FOSTE CAPAZ?

Ana soluça histericamente, ofegante, a fungar, de tal forma que mal consegue falar.

– Não queria… Eu beijei-o, Maya! *Beijei-o!* Ele podia ter dito que era… podia ter *dito* qualquer coisa, porque eu só… pensei que ele tinha namorada, mas… Beijei-o! Se ele me tivesse dito que era…

Maya não a deixa terminar; abana a cabeça e cospe para o chão entre ela e a sua melhor amiga, que de repente já não o é.

– És tal e qual como o resto das pessoas nesta cidade, Ana. Assim que não conseguem o que querem, acham-se no direito de magoar os outros.

Ana está a chorar de tal maneira que não se aguenta em pé. Cai à porta de casa. Maya não a segura; já lhe virou costas.

*

Talvez o que dizem seja verdade; talvez não seja pessoal. Talvez seja apenas a última gota para algumas pessoas que sentem, há muito tempo, viver entre a espada e a parede. Os empregos estão a desaparecer, os políticos são corruptos, o hospital vai fechar e a fábrica mudou de donos. Os repórteres só aparecem quando acontece alguma coisa negativa, e tudo o que querem é poder retratar os habitantes como retrógrados e preconceituosos. Mas talvez algumas pessoas por aqui sintam que é demasiada política ao mesmo tempo. Demasiada mudança, imposta a gente trabalhadora que já sofreu muito. Talvez não tenha nada a ver com Benji, com o professor, com Elisabeth Zackell ou com qualquer outra pessoa. Talvez aqueles que estão a publicar isto *online* sejam apenas «descontentes isolados». Talvez ninguém tivesse intenção de provocar nada de mau. «No calor do momento, as pessoas têm tendência a reagir de forma exagerada, apenas isso.» Para se explicarem, dirão que havia demasiado a

acontecer em simultâneo, era um assunto complexo, e temos de permitir que as pessoas reajam de forma emocional.

São sempre os sentimentos dos agressores que é preciso defender. Como se fossem eles que precisam de compreensão.

A notícia de que um professor da escola teve «uma relação duradoura com um aluno» e «encontra-se agora suspenso enquanto o assunto é investigado» depressa chega ao jornal local. Ao princípio, a secção de comentários é cautelosa, mas depressa surgem as questões: «Acham mesmo que isto é coincidência? Primeiro a treinadora, agora um professor?» Ninguém escreve «mulher» ou «homossexual». Toda a gente diz «pessoas assim», «como eles». Alguém escreve: «E não podemos queixar-nos, porque senão somos o mau da fita! Mas com certeza que temos o direito de reagir, pelo bem das *crianças?* Em que tipo de cidade queremos viver? Porque é que temos de servir de cobaia para tudo?»

A maior parte nem sequer menciona Benji. Assim é mais fácil. Mas depois aparece uma fotografia. Da primeira vez, é publicada por uma conta anónima, ninguém se lembra onde, e assim que começa a espalhar-se, essa conta é eliminada. Ninguém questiona a proveniência da foto; os boatos espalham-se em todas as direções, mas não importa. Tudo o que importa é o que a fotografia mostra.

É um capacete de hóquei. Parece ter sido fotografado em cima de um banco, num balneário, e de lado tem o desenho de um urso, o logótipo do Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad. À volta, alguém pintou um arco-íris. Um dos comentários anónimos diz: «Acho muito bem! Nem sequer gosto de hóquei, mas penso que podíamos aproveitar esta oportunidade e fazer algo simbólico com todo o clube, para mostrar o nosso apoio. Um gesto político, de mão dada com o hóquei!»

A seguir, a imagem espalha-se para além de Björnstad e um jornal de uma cidade grande publica-a no seu *website* com a seguinte legenda: «Jogador de

hóquei assume-se como *gay* – e esta é a admirável resposta do seu clube!»

*

Quando as reações começam a aparecer, Richard Theo já fechou o computador. Fecha a janela do escritório depois de deixar sair as últimas moscas; está frio lá fora e em breve morrerão geladas. Mas tiveram o seu verão, cumpriram o seu propósito.

Enquanto Richard Theo sai, alguém está já a escrever *online:* «Björnstad não vai ser nenhuma merda de uma cidade arco-íris, e o Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad não se vai tornar a merda de uma equipa arco-íris! A Matilha nunca permitirá que isso aconteça!»

Quando se revela que a imagem é falsa, manipulada com recurso a um programa de computador comum, os repórteres de todo o país começam a ligar para o diretor-geral do clube com perguntas.

«Porque é que não querem mostrar apoio aos jogadores homossexuais?» «Porque é que se distanciaram dos capacetes com a bandeira de arco-íris?»

Peter Andersson tenta explicar, sem saber realmente como fazê-lo. Está a acontecer tudo tão depressa. Por fim, já nem se atreve a atender o telefone.

No entanto, quando a repórter do jornal local liga a Richard Theo e lhe pergunta o que pensa da «turbulência» em torno do clube de Björnstad, naturalmente o político tem uma resposta muito simples:

– Acho que não se deve misturar hóquei com política. Deixem os rapazes jogar.

É algo que se ouvirá cada vez mais nos dias seguintes. «Deixem os rapazes jogar!» Uma expressão que significa coisas diferentes para pessoas e em contextos diferentes.

*

Maya chega a uma casa onde o único som que se ouve são os cliques suaves de um teclado e um rato de computador. Leo está no quarto, tão perto do ecrã que o mundo desaparece, como sempre. Maya inveja o escape do irmão.

– O que estás a fazer? – pergunta, estupidamente.

– A jogar – responde Leo.

Maya fica parada à porta alguns instantes, abre a boca como se quisesse perguntar alguma coisa, mas não lhe sai nada. Assim, fecha a porta e dirige-se para a cozinha. Talvez ele tenha percebido pelos seus passos que se passa alguma coisa, a menos que os irmãos mais novos saibam coisas que passam despercebidas às outras pessoas, porque, sem tirar os olhos do ecrã, pergunta-lhe:

– Queres jogar?

32

Depois pega na caçadeira e mete-se pela floresta

O hóquei é o desporto mais simples do mundo, para quem está sentado nas bancadas. É sempre tão fácil indicar o que toda a gente devia ter feito quando já sabemos que aquilo que fizeram não resultou.

Peter dirige-se para o rinque, sem pensar em mais nada. O seu telemóvel continua a tocar, mas deixou de atender. Tenta ligar para Benji, mas Benji não atende. Abre o *e-mail*. É uma avalancha.

Baixa a cabeça, cego por uma enxaqueca, incapaz de respirar. Durante alguns minutos, teme estar a ter um AVC. Ainda se lembra dos *e-mails* e SMS terríveis que apareceram depois de Maya ter denunciado Kevin à Polícia. Está a recomeçar. Está tudo a acontecer outra vez.

A maior parte das mensagens nem usa a palavra propriamente dita, apenas termos como «distração» e «política». «Não queremos distrações ou política no clube especialmente tão perto do jogo com Hed, Peter!» Todos têm boas intenções, claro. Ninguém tem nada contra Benji, obviamente. «Mas, pelo bem do próprio rapaz, talvez seja melhor que ele faça… uma pausa? Já se sabe como algumas pessoas são sensíveis… *nós* não, mas… *outros* podem reagir de forma mais negativa, Peter! Estamos só a pensar no que é melhor para o *rapaz!*» Naturalmente. «Deixem os rapazes jogar!», pedem vários dos autores dessas mensagens.

Mas não todos os rapazes.

Um dos *e-mails*, porém, é diferente. Vem de um dos pais dos jogadores da equipa de infantis e tem anexa uma fotografia tirada no balneário da equipa principal, mas não de Benji. Mostra Elisabeth Zackell, que parece estar inclinada para a frente a examinar os genitais de Bobo. Pode ter sido uma partida

inofensiva na altura, mas alguém da equipa tirou uma fotografia. Ninguém sabe como a foto se espalhou, mas há outro *e-mail* com a mesma imagem anexa. A seguir, aparece outro. «Primeiro, professores a dormir com os alunos, depois, professores a treinar os alunos para lutar, e agora ISTO?!»

Os *e-mails* que se seguem evoluem na progressão habitual: primeiro, os preocupados. Depois, os carregados de ódio. A seguir, os ameaçadores. Por fim, um *e-mail* anónimo: «Se essa puta e esse maricas participarem em mais um treino que seja de Björnstad, terão problemas sérios!»

É tão fácil ser-se sábio em retrospetiva; o hóquei é tão simples visto da bancada. Se Peter não tivesse uma filha que foi apresentada como inimiga de todo o clube na primavera anterior, talvez tivesse reagido melhor agora. Ou pior. Mas como os seus instintos o puxam em direções diferentes, acaba por imprimir a fotografia de Zackell e Bobo, procura a treinadora no gelo e grita-lhe:

– Zackell! Mas que… O que vem a ser *isto?*

Zackell está sozinha, a disparar discos, e patina calmamente até às tábuas para olhar para a fotografia.

– Sou eu. E o Bobo. E aquela coisinha pequenina é um pénis.

– Mas… como… porquê?…

Zackell bate com o *stick* no gelo. Encolhe os ombros.

– Sabe como é. As equipas de hóquei testam os limites quando têm um treinador novo. É entre mim e eles.

Peter aperta a cabeça entre as mãos, como se estivesse partida e ele a tivesse colado e estivesse a deixar secar a cola.

– Mas, Zackell… Já não é entre você e eles. Alguém publicou a fotografia *online!* Toda a cidade está…

Zackell examina a fita adesiva no seu *stick.*

– Sou treinadora de hóquei. Não sou presidente da câmara. Os problemas da cidade são problemas da cidade. Aqui, jogamos hóquei, nada mais.

Peter geme.

– Não é assim que a sociedade funciona, Zackell. As pessoas vão interpretar

isto como… Não estão habituadas a… Primeiro esta história com o Benji, e agora isto! Você e este…

– Pénis? – sugere Zackell de forma prestável.

Peter lança-lhe um olhar furioso.

– Recebemos uma ameaça! Temos de cancelar o treino de hoje!

Zackell não parece ouvi-lo e pergunta:

– Como está a situação com o Vidar? O novo guarda-redes? Vai deixá-lo jogar?

– Não me ouviu? Recebemos uma *ameaça*! Esqueça o Vidar! Temos de cancelar o treino!

Zackell encolhe uma vez mais os ombros.

– Ouvi. Não sou surda.

Volta a patinar para o meio do gelo, como se ele tivesse terminado, e continua a disparar discos calmamente. Peter regressa ao escritório, fora de si, e liga para os jogadores da equipa principal. Todos atendem, exceto Benji. Peter explica a ameaça do *e-mail.* Todos os jogadores compreendem. Nenhum deles fica em casa.

Quando o treino começa, a equipa reúne-se no gelo em frente de Zackell. Ela bate com o *stick* no gelo e pergunta-lhes:

– Souberam que o clube recebeu uma ameaça?

Eles confirmam com acenos de cabeça. Ela esclarece:

– Se eu vos treinar e o Benjamin jogar connosco, parece que vamos ter «problemas sérios». Portanto, se não quiserem treinar hoje, não levarei a mal.

Ninguém se mexe. Tem-se dito muita porcaria sobre esta equipa, mas a verdade é que não se atemorizam com facilidade. Zackell acena.

– Muito bem. Compreendo que há neste momento muitas… emoções. Mas somos uma equipa de hóquei. Jogamos hóquei.

Os jogadores mais velhos esperam que ela queira saber quem publicou a fotografia dela com Bobo na Internet. Mas a treinadora nem sequer toca no assunto. Talvez isso lhe conquiste algum respeito, porque por fim um deles

comenta:

– Para ser franco, só viemos por causa da cerveja!

Os risos que se seguem são libertadores. Até Bobo parece um pouco menos embaraçado.

*

São apenas palavras. Combinações de letras. Como podem magoar alguém?

Benji está no canil de Adri; os cães brincam na neve em torno dos pés dele. Os animais não querem saber, e como ele gostaria que as pessoas fossem assim. Benji não quer mudar o mundo, não quer que ninguém tenha de se adaptar a ele: só quer jogar hóquei. Entrar no balneário sem que este se silencie porque já ninguém se atreve a estar na palhaçada na sua presença. Só quer o normal: *sticks* e gelo, um disco e duas balizas, vontade de vencer, de lutar. Os outros contra nós, com tudo o que temos. Mas isso acabou-se. Benji já não é um deles.

Talvez um dia encontre palavras para esse sentimento de ser diferente. É muito físico. A exclusão é uma forma de exaustão que nos consome o corpo. As pessoas que são como toda a gente, que pertencem à norma, à maioria, não compreendem. Como poderiam?

Benji ouviu todas as discussões: sentou-se ao lado de adultos nas bancadas e nos autocarros, a caminho de torneios, pessoas que afirmam que «não há homossexuais no hóquei no gelo». Sempre houve piadas, as habituais, mas isso nunca o afetou verdadeiramente. Eram as pequenas opções de vocabulário que toda a gente parecia achar óbvias que mais o magoavam: quando «maricas» era usado como um insulto. «Jogam como maricas!» «Paneleiro do árbitro!» «Esta máquina de café rabeta não funciona!» Palavras usadas para descrever fraqueza, estupidez, algo que não funciona bem. Uma coisa defeituosa.

Naturalmente havia adultos que nunca proferiam tais palavras. Alguns diziam outras coisas, sem sequer pensarem muito nisso. Mas ao longo dos anos Benji foi armazenando pequenos fragmentos de conversas. «Eles não ligam ao

hóquei. De qualquer maneira, como é que funcionaria? Com os balneários e tudo o mais? Teríamos de ter sempre três balneários, por via das dúvidas?» As pessoas que diziam essas coisas eram pais normais, gente simpática e generosa que fazia tudo o que podia pela equipa de hóquei dos filhos. Não votavam em partidos extremistas, não desejavam a morte a ninguém, nunca sonhariam em ser violentos. Faziam apenas afirmações óbvias, como: «Esse tipo de pessoas nem se deve sentir à vontade no mundo do hóquei, devem preferir outras atividades. Não se esqueçam de que o hóquei é um desporto duro!» Às vezes, falavam sem rodeios: «O hóquei é um desporto de homens!» Diziam «homens», mas, mesmo quando era pequeno, Benji ficava ao lado deles em silêncio, pois sabia que o que realmente queriam dizer era «homens a sério».

São apenas palavras. Apenas letras. Apenas um ser humano.

Benji não treina com a equipa, hoje, porque sabe que já não é um deles. Mas não sabe quem há de ser em vez disso. E não sabe se quer viver assim.

*

Quando o treino começa, Sune está sentado nas bancadas. Peter deixa-se cair ao lado dele.

– Deste parte da ameaça à Polícia? – pergunta Sune.

– Não sabem se é a sério ou não. Pode ser só um miúdo qualquer.

– Tenta não ficar preocupado.

– Não sei o que fazer – admite Peter, frustrado.

Sune não tenta reconfortá-lo; nunca o faz. Exige que as pessoas assumam as suas responsabilidades.

– Não sabes o que fazer, ou o que *devias* fazer?

Peter suspira.

– Sabe o que quero dizer. É uma situação complexa de lidar… a Zackell e a equipa…

Sune acena com a cabeça na direção do gelo.

– Eles escolheram vir. Deixa os rapazes jogar.

– E o Benjamin? Como é que hei de ajudá-lo?

Sune ajeita a *T-shirt* por cima da barriga.

– Podes começar por pôr de lado a ideia de que ele precisa de ajuda. Quem precisa de ajuda são os outros todos.

– Não me venha dizer que sou precon… – riposta Peter, magoado.

Sune interrompe com uma risada.

– Porque é que ainda estás envolvido neste desporto, Peter?

Peter respira fundo.

– Não sei como deixar de estar.

Sune acena com ar compreensivo. Peter continua:

– Digo a mim próprio que ainda estou aqui porque o gelo é o único sítio que conheço onde toda a gente é igual. Lá em baixo, não interessa quem somos. A única coisa que interessa é se sabemos jogar.

– Talvez haja igualdade no gelo, mas isso não se aplica ao desporto em geral, Peter.

– Pois não. E a culpa é nossa. Sua e minha e de todos nós. – Peter levanta os braços num gesto impotente. – Mas o que havemos de fazer?

Sune ergue uma sobrancelha.

– Fazemos com que o próximo miúdo que admita ser diferente, de alguma maneira, tenha de lidar apenas com um encolher de ombros. Temos de dizer: «E depois? O que é que isso interessa?» E, um dia, talvez deixe de haver jogadores de hóquei homossexuais e treinadoras do sexo feminino. E haja apenas jogadores de hóquei e treinadores.

– A comunidade não é assim tão simples – considera Peter.

– A comunidade? A comunidade somos nós! – responde Sune.

Peter esfrega os olhos.

– Por favor, Sune… Há horas que os repórteres não param de me ligar… Eu… Raios, se calhar têm razão. Se calhar devíamos fazer algum gesto simbólico pelo Benjamin. Se pintássemos os capacetes… isso ajudaria?

Sune encosta-se no banco.

– Achas que é isso que o Benjamin quer? Ele optou por não contar a ninguém. Foi um desgraçado qualquer que o denunciou. Tenho a certeza de que muitos jornalistas gostariam de o transformar agora numa figura de proa, e muitos fanáticos do lado oposto querem descarregar todo o seu ódio em cima dele. E nenhum dos lados está minimamente preocupado com o hóquei. Vão transformar todas as partidas que ele disputar numa batalha entre as suas agendas contrárias, num circo político, e se calhar era disso que ele tinha mais medo: de se tornar um fardo para a equipa. Uma distração.

Peter responde, frustrado:

– Então o que acha que o Benjamin quer que façamos?

– Nada.

– Temos de fazer alguma coisa!

– Tu importas-te com a sexualidade dele? Altera alguma coisa na forma como o vês?

– Claro que não!

Sune dá uma palmadinha no ombro de Peter.

– Eu sou um velhote palerma, Peter. Nem sempre sei o que está certo ou errado. Mas o Benjamin fartou-se de arranjar problemas fora do rinque ao longo dos anos, sempre metido em lutas e a fumar erva e sabe Deus que mais. Só que, como é um excelente jogador, tu e toda a gente diziam sempre: «Isso não tem nada a ver com o hóquei.» Então porque é que *isto* há de ter alguma coisa a ver com o hóquei? Deixem o rapaz viver a sua vida. Não o forcem a ser um exemplo. Se estamos pouco à vontade com a sexualidade dele, não é ele que tem um problema… somos nós!

Peter cora e engole em seco.

– Eu… não queria dizer…

Sune coça o pouco cabelo que lhe resta.

– Os segredos sobrecarregam uma pessoa. Imagina como terá sido arcar com esse segredo a vida toda. O hóquei era o refúgio dele. O gelo pode muito bem ter sido o único sítio onde se sentia igual a toda a gente. Não lhe tires isso.

– Então o que hei de fazer?

– Deixa-o conquistar o seu lugar na equipa pelas suas capacidades de jogador, como os outros todos. Daqui para a frente, será tratado de maneira diferente em todo o lado. Não deixes que isso lhe aconteça aqui.

Peter fica calado durante muito tempo. Depois diz:

– Sempre achou que devíamos ser «mais do que um clube de hóquei», Sune. Não é exatamente isso que devíamos ser agora?

Sune reflete um pouco. Por fim, murmura tristemente:

– Talvez. Como te disse, Peter, sou um velho. Metade das vezes não sei o que digo.

*

Benji não é o seu pai. Não faz o que Alain Ovich fez. Não deixa presentes, não deixa quaisquer sinais ou símbolos.

A mãe e as irmãs ligam-lhe; leram as mesmas coisas que toda a gente e estão preocupadas. Assim, ele garante-lhes que está tudo bem. Tem jeito para isso. Vai ao canil de Adri porque um dos cães estava doente a noite passada; Adri chegou tarde do veterinário e ainda está a dormir.

O som de Benji a fechar a porta desperta a irmã por instantes, mas adormece de novo, quase imediatamente. Adri só dorme mesmo profundamente quando sabe que o irmão está em casa, caso contrário é apenas um dormitar ansioso. Benji leva o lixo para a rua, dobra os lençóis e arruma-os no armário, como ela está sempre a pedir-lhe para fazer. Depois vai ver dos cães. Também estão a dormir quando ele sobe silenciosamente, evitando com todo o cuidado as tábuas que sabe que vão ranger, como se estivesse a jogar ao jogo da macaca mais lento do mundo.

Com muito cuidado, enfia a mão debaixo da almofada de Adri e tira a chave. Beija a testa da irmã pela última vez.

Depois pega na caçadeira e mete-se pela floresta.

*

A seguir ao treino, Zackell está no parque de estacionamento a fumar um charuto. Peter sai, aproxima-se dela e pergunta:

– Quer mesmo o Vidar na equipa?

Ela solta o fumo pelo nariz.

– Sim.

Peter geme.

– Então faça um treino aberto. Anuncie que qualquer pessoa que não tenha contrato com outro clube pode vir prestar provas. Se o Vidar for bom o suficiente, pode jogar. Mas só tem lugar garantido se for testado, como todos os outros!

Peter abre a porta para voltar a entrar, mas Zackell pergunta:

– Porque é que está tão zangado com o Vidar? É normal ficar assim tão furioso por alguém lhe cagar na secretária?

Peter tenta conter os vómitos quando se lembra do cartão de visita deixado por Vidar. Ficou com merda entre as teclas no teclado do computador, e não é o tipo de coisa que desapareça facilmente, nem das teclas, nem da memória. Mas abana a cabeça.

– O Vidar não é de confiança. Uma equipa tem de poder contar com o seu guarda-redes, mas o Vidar é completamente imprevisível. Egoísta. Não se pode construir uma equipa com gente egoísta.

– Então porque é que mudou de ideias? – pergunta Zackell.

Peter não sabe o que dizer. Assim, é sincero:

– Quero que este seja um clube onde tornamos as pessoas melhores. Talvez consigamos fazer do Vidar uma pessoa melhor. E de nós próprios, também.

Os flocos de neve rodopiam ao vento e Peter está horrorizado por só se ter apercebido disto demasiado tarde. É possível que Benji não volte. E pode dizer-se muita coisa de Benjamin Ovich, mas se é algo que nunca foi é egoísta.

Dir-se-á mais tarde que isto aconteceu a uma pessoa. É mentira. Diremos que

isto «não é culpa de ninguém», mas é claro que foi. No fundo, saberemos a verdade. É culpa de muita gente. É culpa nossa.

33

Não acorda

Benji penetra na floresta, mais do que nunca, e finalmente detém-se. A neve ainda cai, os flocos a roçarem-lhe ao de leve na pele antes de derreterem com o calor do seu corpo, escorrendo por entre os pelos dos antebraços. A temperatura gélida cora-lhe as faces. Os seus dedos estão rígidos sobre a espingarda, a sua respiração forma nuvens cada vez mais pequenas. Até que, por fim, não está a respirar.

Há um longo período de silêncio. Depois um tiro ecoa por entre as árvores.

*

Em Björnstad, sepultamos aqueles que amamos debaixo das nossas árvores mais bonitas. É uma criança que encontra o corpo, mas a criança não caminha calmamente até Björnstad como Adri quando encontrou o pai, Alain Ovich, tantos anos antes. Esta criança corre.

Amat e Bobo estão sentados no balneário. Lembrar-se-ão desta como a última conversa, as últimas gargalhadas estridentes antes de descobrirem que alguém morreu. Sentir-se-ão como se nunca mais fossem capazes de voltar a rir tão alto.

– O que é que as miúdas acham *sexy?* – pergunta Bobo.

Fala como costuma fazer sobre tudo: como se o seu cérebro fosse uma máquina de café e alguém se tivesse esquecido de colocar a cafeteira por baixo e os seus pensamentos estivessem a escorrer diretamente para a base de aquecimento e a espirrar para todo o lado.

– Como queres que saiba? – pergunta-lhe Amat, perplexo.

Não foi assim há tanto tempo que Bobo inquiriu se era verdade que as lentes

de contacto eram feitas de alforrecas. De outra vez, perguntou: «Sabes como se costuma dizer que dá azar deixar as chaves em cima da mesa? Ok, e se alguém usar as minhas chaves e as deixar em cima de uma mesa e eu nem sequer lá estiver, achas que tenho azar na mesma?» Na primavera, interrogara: «Como é que sabemos se temos uma pila gira?»

No outro dia, na escola, perguntou a Amat: «De que comprimento devem ser os calções?» E quase imediatamente a seguir: «Sabes, no vácuo, como no espaço, se chorares… o que acontece às lágrimas?»

Agora, Bobo explica-se:

– Ouvi umas miúdas na escola a dizer que um ator qualquer era *sexy* porque tinha «um queixo bem definido e maçãs do rosto altas». Como é que sabemos se temos essas coisas?

– De certeza que tens – responde Amat.

– Achas? – pergunta Bobo, esperançoso.

O rosto dele é tão pouco definido como uma batata demasiado cozida, mas Amat faz que sim com a cabeça, amavelmente.

– Tenho a certeza de que és *sexy*, Bobo.

– Obrigado – diz Bobo, nitidamente aliviado, como se pudesse riscar isso da sua lista de preocupações. Depois pergunta: – Alguma vez foste o melhor amigo de alguém?

Amat geme.

– Por favor, Bobo… Sim… já tive um melhor amigo.

Bobo abana a grande cabeça.

– Não, mas… Já *foste* o melhor amigo de alguém? Eu já tive muitos melhores amigos, mas acho que nunca *fui* o melhor amigo de ninguém. Percebes?

Amat coça a cabeça.

– Posso ser franco? Quase nunca percebo o que raio é que tu queres dizer.

Bobo desata a rir. Amat também. As gargalhadas mais estridentes e ruidosas que darão durante muito tempo.

*

«Nunca estamos sozinhos na floresta.» Todas as crianças por estes lados aprendem isso. Benji estaca abruptamente quando vê aparecer o animal, a dez metros de si. Fita-o diretamente nos olhos. Toda a vida caçou nesta floresta, mas é a primeira vez que vê um urso tão grande.

Benji estava a caminhar contra o vento, por isso o urso ainda não apanhou o cheiro dele. Está perto o suficiente para se sentir ameaçado, e Benji não tem oportunidade de fugir. Todas as crianças por estes lados recebem os mesmos avisos quando são pequenas: «Não corras, não grites. Se o urso correr para ti, enrola-te numa bola no chão e faz-te de morto, e tapa a cabeça com a mochila! Não lutes a menos que tenhas a certeza de que não há outra hipótese!»

A espingarda treme nas mãos de Benji; não devia disparar. O coração e os pulmões do animal estão protegidos pelas poderosas espáduas; só caçadores extremamente hábeis têm alguma hipótese de disparar contra um urso e sobreviver tempo suficiente para falar sobre o assunto. Benji devia saber isso. Mas tem o coração aos saltos, ouve a sua própria voz rugir das profundezas e depois dispara para o ar. Ou diretamente contra o urso, não se lembra. E o urso desaparece. Não foge, não corre para a floresta, simplesmente… desaparece. Benji fica parado sobre a neve, a floresta engole o eco do tiro até não restar nada a não ser o vento, e ele não sabe se está a sonhar. Se havia mesmo um urso ou se o imaginou, se foi uma ameaça real ou fantasia. Dirige-se para o sítio onde o urso estaria, mas não encontra quaisquer pegadas na neve. Mesmo assim, ainda sente o olhar dele, como quando acordamos de manhã e não precisamos de abrir os olhos para saber que a pessoa ao nosso lado está a olhar para nós.

Benji está ofegante. Há uma sensação de invencibilidade em decidir morrer e depois não o fazer. Uma sensação de poder sobre si próprio. Regressa a casa com a sensação de que o corpo não lhe pertence, sem saber quem o habitará agora.

Mas, pelo menos, regressa a casa.

*

Amat e Bobo ainda estão a rir. Entretanto, Bobo silencia-se abruptamente, antes que Amat tenha tempo de perceber o que aconteceu. Bobo toda a vida ouviu que é um bocadinho lento a captar as coisas. Sabe de cor as piadas todas. «Aquele rapaz não conseguiria despejar água de uma bota nem que tivesse buracos na biqueira e as instruções escritas debaixo da sola.» E: «O Bobo é tão estúpido que nem consegue escrever o seu nome na neve com mijo.» Mas isso não significa que o cérebro dele não esteja ocupado; a mãe sempre disse que funciona apenas de maneira diferente dos das outras pessoas.

Assim, Bobo estava à espera disto. Por fora, pode parecer desconcentrado, mas, por dentro, estava a preparar-se para este momento desde que a mãe o levou para a floresta e lhe contou que estava doente.

A criança corre por Björnstad, entra pela porta do rinque, gesticula desvairadamente às pessoas que lhe perguntam onde vai. Há quem a reconheça: é a irmãzinha mais nova de Bobo. Alguém pode até ter percebido, murmurado baixinho:

– Oh, não…

A irmã de Bobo aparece à porta do balneário, lavada em lágrimas.

– Ela não acorda, Bobo! O papá saiu para ir buscar um carro e a mamã não acorda, apesar de eu ter gritado com ela!

Entretanto, Bobo já lidou com a sua dor. Chora com o rosto encostado ao cabelo da irmã, mas é mais por ela. A menina foi corajosa o bastante para atravessar a cidade inteira, mas agora vai-se abaixo, e não há ninguém em quem confie mais do que no irmão mais velho.

Só aqui, nos braços dele, é que se sente segura o suficiente para poder desfazer-se num milhão de cacos. Correrá sempre para Bobo quando se sentir triste, a vida toda, e ele, de pé com a irmã nos braços, sabe que tem de ser forte que baste para aguentar essa responsabilidade.

Amat abraça-os a ambos, mas Bobo nem sente. Já está a pensar onde irá encontrar uma árvore suficientemente bonita sob a qual a mãe repousará. É nesse momento que se torna adulto.

*

Adri Ovich acorda de um sonho terrível. Enfia a mão debaixo da almofada, meio a dormir, e sente a pulsação nas têmporas quando os seus dedos se fecham sobre a chave. Está tão ofegante que lhe dói o peito. Desce e encontra o irmão a dormir no sofá. A espingarda está no armário das armas, como se nada tivesse acontecido.

Beija-o na testa. Senta-se no chão ao lado dele durante horas. Está acordada, mas parece não conseguir fazer mais do que isso.

34

Violência contra um cavalo em serviço oficial

Daqui a muitos anos, talvez não saibamos o que chamar a esta história. Diremos que é uma história sobre violência. Sobre ódio. Sobre conflito e diferenças e comunidades dilaceradas. Mas não será verdade, pelo menos, não completamente.

É também outro tipo de história.

*

É o último ano em que Vidar Rinnius é adolescente. O relatório do psicólogo sugere que ele tem «falta de controlo de impulsos», mas a maior parte das pessoas acrescentaria uma palavra antes: «*total* falta de controlo de impulsos». Sempre se meteu em lutas; às vezes, ele e o irmão mais velho, Teemu, tentavam defender a mãe, outras vezes defendiam-se um ao outro. E, se não fosse preciso defender ninguém, lutavam entre si. A parte sobre o controlo de impulsos é verdade: Vidar nunca conseguiu conter-se. Enquanto as outras pessoas estão a ter uma ideia e a pensar: *O que será que aconteceria se eu…*, Vidar já a pôs em prática. Quando era mais novo, o treinador disse-lhe uma vez que era isso que o tornava um guarda-redes tão bom.

«Não consegues *evitar* defender os remates!»

Toda a gente diz que o problema de Vidar é «não pensar», mas, na realidade, o que se passa é o contrário. Ele não consegue parar de pensar.

Tinha doze anos quando compreendeu que estava sozinho. Foi a outra cidade, com o irmão e os amigos do irmão, quando a equipa principal de Björnstad foi disputar uma partida fora. Depois do jogo, Teemu pediu a Vidar para ir para o McDonald’s e esperar por eles lá, pois tinha a sensação de que ia haver problemas. Vidar estava sentado no restaurante, a comer, quando um grupo

de apoiantes da equipa adversária entrou pelas portas adentro. Teemu e a Matilha tinham sido travados pela Polícia, e Vidar estava sentado sozinho a um canto, vestido com as cores erradas, e os elementos da claque adversária sabiam quem ele era. Durante o jogo tinham visto o rapaz de doze anos a gritar insultos contra o clube deles e a fazer-lhes gestos obscenos.

«Não és tão valente sem o teu irmão, pois não?», gritaram enquanto o atacavam.

Foi nesse momento que Vidar se apercebeu de que estava por sua conta. Como aliás todos estamos. Nascemos sozinhos, morremos sozinhos e lutamos sozinhos. Assim, Vidar lutou. Julgou que ia morrer, viu os adultos a fugirem do restaurante, e ninguém tentou ajudá-lo, apesar de ser uma criança. Os empregados correram para a cozinha. Vidar não sabia quantos eram os seus inimigos – tudo o que sabia era que não tinha qualquer hipótese. Ainda assim, não deixou de lutar. Depois o Aranha apareceu do nada; na sua memória, Vidar vê-o a saltar por uma janela, mas quem sabe? O Aranha defendeu-o como se fossem família, e depois disso passaram a ser. Foi então que Vidar compreendeu que não tinha de estar sozinho. Pelo menos o tempo todo. Desde que tivesse uma matilha.

Quando Vidar tinha dezasseis anos, foram assistir a outro jogo fora. O Aranha fora condenado por uma série de pequenas transgressões e estava em liberdade condicional. Ele e Vidar ficaram à espera, num parque, enquanto o resto da Matilha seguia caminho, porque o Aranha também tinha uma cabeça que nunca se silenciava e, tal como Vidar, descobrira que às vezes conseguia abrandar esse tumulto com as drogas certas. A Polícia virou a esquina, a cavalo, viu os dois *hooligans* suspeitos e o Aranha entrou em pânico e fugiu. Estava na posse de drogas, bem como Vidar. Sendo mais rápido do que o companheiro, Vidar podia ter escapado, mas o Aranha estava em liberdade condicional e Vidar não controlava os seus impulsos. Portanto não conseguiu impedir-se de proteger uma pessoa de quem gostava.

Assim, enquanto o Aranha fugia para um lado, Vidar fugiu para o lado

oposto – direitinho à Polícia. As acusações que foram posteriormente apresentadas contra ele eram numerosas e variadas; Vidar nem se lembra de todas. Posse de narcóticos era uma, disso tem a certeza. Resistir violentamente a um agente da autoridade era outra, se bem se lembra. Depois qualquer coisa sobre agressão a um cavalo da Polícia. Vidar sempre embirrara com cavalos. Violência contra um cavalo em serviço oficial? Quanto tempo de detenção é que isso implica?

Foi esse o motivo pelo qual acabou na clínica, onde conheceu Baloo, um dos funcionários, assim chamado porque tinha o mesmo tamanho e a mesma postura do urso de *O Livro da Selva.* Quando ficaram amigos, pareceu natural que Vidar, moreno e esguio, recebesse a alcunha de Mowgli. Talvez isso tenha ajudado, assumir um nome diferente. Talvez, assim, conseguisse fingir que era uma pessoa diferente.

Baloo não falava muito, mas apercebeu-se de que Vidar tinha muita energia que precisava de um escape positivo para não explodir de maneira negativa. Quando soube que o rapaz jogava hóquei, arranjou um equipamento de guarda-redes emprestado e, de cada vez que os fusíveis na cabeça de Vidar ameaçavam explodir em descargas impulsivas de raiva, por tudo e por nada, Baloo sugeria calmamente: «Muito bem, Mowgli, vamos para a cave.»

Havia uma divisão na cave com espaço suficiente para Baloo poder ficar de um lado a atirar bolas de ténis com todas as suas forças contra Vidar que as defendia do lado oposto. Ao fim de um mês ou dois, Baloo mandou fazer um chão novo, tão liso que mais parecia gelo, para poder atirar-lhe discos de hóquei.

Jogavam sempre que podiam; às vezes, Baloo até quebrava as regras e jogava com Vidar à noite. Fazia-o porque esperava que isso ajudasse Vidar a não quebrar todas as outras regras. As definições de «cuidados» e «castigo» estão sempre a alterar-se, e Baloo fazia o que podia para lhes dar uma forma definida. Raramente falava muito, mas foi o que protestou mais acaloradamente quando Vidar foi libertado. «Ele não está preparado!», declarou. Ninguém quis saber. Vidar tinha um amigo poderoso, algures, alguém que se certificara de que toda a documentação necessária se materializava de um momento para o outro. Assim,

quando Vidar deixou a instituição, Baloo só pôde murmurar-lhe, tristemente: «Fica no gelo, Mowgli. Concentra-te no hóquei.»

*

Maya e Leo estão sentados ao computador e, na memória dela, parecerá que passaram dias seguidos a jogar. Guarda as palavras dentro de si o máximo que pode, mas por fim não consegue contê-las mais.

– Não voltes a lutar por mim. Sei que me amas, mas não lutes mais por mim. Luta por outras coisas, se tiver de ser. Mas não por mim.

– Está bem – promete-lhe o irmão mais novo.

Não falam muito mais depois disso. Mas às vezes Leo engana-se no jogo e fica tão furioso que dá murros na perna e grita:

– *Idiota!*

E Maya ri-se tanto que fica com dores de garganta. As coisas são mais ou menos como nos velhos tempos durante um bocadinho. Simples.

Depois Maya faz qualquer coisa bem no jogo e até Leo fica impressionado, por isso vira-se de mão no ar para a felicitar. Ela não reage a tempo e a mão dele acerta-lhe no ombro.

Maya dá um salto tão grande que derruba a cadeira, como se ele a tivesse queimado. Fica ali parada, ofegante, de olhos arregalados, furiosa consigo própria, e tenta fingir que não foi nada. Mas Leo já compreendeu. Às vezes, os irmãos mais novos são capazes disso. Praticamente ninguém tocou em Maya desde a violação. Não importa que Leo seja seu irmão; o medo não é lógico, o corpo reage de forma independente do cérebro.

Leo desliga o computador.

– Vai buscar o casaco – diz, em tom sério.

– Porquê? – pergunta Maya, timidamente.

– Vou mostrar-te uma coisa.

*

Quando Vidar sai da instituição, Teemu, o Martelo e o Aranha estão à espera dele, num carro. Teemu tem de dar um encontrão ao Aranha para libertar Vidar do seu abraço. Mas o rapaz mais novo nunca chegará a pôr os pés no apartamento que lhe foi atribuído pela associação de habitação social.

– Tenho de ficar em casa. Para te ajudar a contar – diz ao irmão.

Teemu beija-o na cabeça.

A primeira coisa de que Vidar quer falar? Do Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad! *Que tal parece a equipa este ano? Que jogadores temos? Vamos vencer Hed?* É o apoiante mais devotado da equipa e – a seguir à cozinha da mãe – a bancada em pé no rinque é o sítio de que sente mais falta. Teemu não consegue parar de dar palmadinhas no ombro do irmão mais novo e nem sequer diz a Vidar que este ano não precisará de lugar na bancada, que em vez disso terá oportunidade de jogar. Não lhe conta já porque não quer deixar o irmão nervoso e durante alguns minutos a sua própria felicidade é pura e descomplicada. E não quer dar cabo disso.

Depois Vidar pergunta por Benji Ovich. A última vez que falaram com Vidar, disseram-lhe que a nova treinadora dera a Ovich o cargo de capitão de equipa, e na altura estavam todos entusiasmados com isso porque Benji era um dos seus. Um miúdo de Björnstad que levantava a cabeça, levava uma pancada e respondia com três. Mas, quando Vidar menciona agora o nome dele, tanto o Aranha como o Martelo se silenciam. Os seus olhos endurecem, as palavras são ainda piores.

– Descobrimos uma coisa em relação a ele…

Vidar escuta. Os amigos não conseguem usar o nome de Benji; falam dele como se tivesse morrido. Talvez tenha, em parte; pelo menos a pessoa que julgavam que era foi-se. Já não é um deles.

Vidar é capaz de ser diferente da maioria dos membros da Matilha porque tanto lhe faz quem vai para a cama com quem. Nunca quis saber disso. Mas compreende que os homens dos blusões negros não estão a falar de sexualidade; estão a falar de confiança e lealdade. Benji fingiu ser alguém que não era. É

falso, não merece confiança, e o Aranha e o Martelo acham que ele envergonhou a Matilha.

– Sempre o defendemos, e este tempo todo ele queria ir-nos ao cu! – exclama o Aranha.

Vidar não diz nada. Quando tinha doze ou treze anos, pouco depois de o Aranha ter lutado por ele no McDonald's, perguntou-lhe: «Somos *hooligans*?»

O Aranha abanou a cabeça com ar sério e respondeu: «Não. Somos soldados. Eu defendo-te a ti, tu defendes-me a mim. Se não pudermos confiar uns nos outros a mil por cento, não temos nada. Percebeste?»

Vidar percebeu. Os membros da Matilha estiveram sempre unidos, a vida inteira, e esse tipo de amizade só se constrói com sacrifícios complexos.

Têm razões diferentes para odiar Benji. Alguns estão enojados, outros sentem-se traídos; alguns estão apenas preocupados com o que as claques adversárias dirão agora deles nos seus cânticos. Alguns têm o urso tatuado no pescoço, e é preciso amar muito uma coisa para a tatuar no pescoço. Assim, Vidar não diz nada. Está apenas contente por estar em casa, por tudo estar a voltar ao normal.

Então Teemu inclina-se para a frente e sussurra:

– A nova treinadora vai fazer uma prova aberta para a equipa principal, por tua causa. Se tiveres qualidade para isso, poderás jogar!

A alegria de Vidar canta tão alto dentro da sua cabeça que não sobra espaço para pensar em mais nada.

*

É apenas desporto.

Os cães no canil começam a ladrar à distância quando os irmãos se aproximam, mas Adri sai de casa, ensonada, e acalma-os. Leo e Maya param, assustados.

– A Jeanette está aqui? É nossa professora na escola… Ela disse-me que tem

um clube de artes marciais… É aqui? – pergunta Leo.

– «Clube» é capaz de ser um nome demasiado otimista. Mas ela está no celeiro. – Adri ri-se e boceja enquanto coça o cabelo de palha de aço.

Leo acena com a cabeça, mas não se mexe, de mãos nos bolsos, a olhar com interesse para os cães.

– De que raça são?

Adri franze a testa, olha de Leo para Maya, tenta perceber o que estarão aqui a fazer. Talvez compreenda, porque ela também tem irmãs. Pergunta:

– Gostas de cães?

Leo confirma com um aceno.

– Mas os meus pais não me deixam ter um.

– Queres ajudar-me a dar-lhes comida? – propõe Adri.

– *Sim!* – exclama Leo, mais contente do que um cachorrinho com duas caudas.

Adri lança um olhar amável a Maya.

– A Jeanette está no celeiro.

*

Assim, Maya entra sozinha no celeiro. Jeanette está a treinar com um saco de areia e detém-se a meio do movimento. Esforça-se por não mostrar a sua surpresa. Maya está com ar de quem já se arrependeu da decisão de ter vindo. Jeanette limpa o suor da testa e pergunta:

– Então, queres experimentar as artes marciais?

Maya esfrega as mãos uma na outra.

– Não sei bem do que se trata. O meu irmão é que me arrastou até aqui.

– Porquê? – pergunta Jeanette.

– Porque está com receio de que eu possa fazer mal a alguém.

– A quem?

Maya vai-se abaixo e admite:

– A mim.

Então, por onde começar? Jeanette olha para a rapariga e, por fim, decide-se pela opção mais simples: senta-se no tapete. Após o que parece uma eternidade, Maya senta-se em frente dela, a meio metro. Jeanette aproxima-se um pouco mais, a rapariga encolhe-se e ela fica onde está. Começa por explicar, em tom afável:

– Ouvirás as pessoas dizerem que as artes marciais são violentas. Mas, para mim, tem a ver com amor. Confiança. Porque se nós as duas vamos treinar juntas, temos de confiar uma na outra. Porque usamos o corpo uma da outra.

Quando Jeanette estende a mão e lhe toca, é a primeira vez, desde o que aconteceu com Kevin, que Maya deixa que alguém lhe toque sem se encolher, à exceção de Ana. Quando Jeanette lhe mostra como se debater, como agarrar alguém, como se libertar, Maya tem de aprender a sentir-se presa sem entrar em pânico. Há uma ocasião em que entra em pânico, mesmo assim, atira a cabeça para trás e atinge Jeanette na cara.

– Não faz mal – assegura-lhe Jeanette, sem parecer incomodada com o sangue no lábio e no queixo.

Maya olha para o relógio na parede. Estão a treinar há uma hora; livre de pensamentos, está tão transpirada que, se há lágrimas a deslizar-lhe pelas faces, nem ela própria tem a certeza.

– É só que… tenho tanto medo de que as coisas nunca mais voltem a ficar bem – confidencia, ofegante.

Jeanette não sabe como responder àquilo – se como professora se como ser humano; por isso diz a única coisa que lhe ocorre, como treinadora:

– Estás cansada?

– Não.

– Então, outra vez!

Maya não ficará bem para sempre, dentro daquele celeiro. Não construiu uma máquina do tempo, o celeiro não modificará o passado, ela não será abençoada com amnésia seletiva. Mas voltará todos os dias, aprenderá artes marciais e um dia, em breve, estará na fila do supermercado e quando um desconhecido lhe tocar sem querer não dará um salto. É o maior de todos os

pequenos acontecimentos, e ninguém compreende. Porém, nesse dia, ela voltará para casa com a sensação de caminhar com um propósito. Nessa noite, voltará para treinar mais. E no dia seguinte.

É apenas desporto.

*

Ana está sentada numa árvore alta, não muito longe do canil. Vê Maya e Leo a caminharem pela floresta. Anda a segui-los, não sabe porquê. Só quer estar perto de Maya. Tudo parece demasiado frio sem ela.

Estão a pouca distância quando Maya passa lá em baixo. Ana podia ter dito alguma coisa. Podia ter descido da árvore e suplicado à melhor amiga que lhe perdoasse. Mas esta não é uma história dessas. Assim, Ana deixa-se ficar onde está, lá em cima, e vê a amiga a afastar-se.

*

No dia seguinte, Vidar apanha o autocarro para a escola. Muitas pessoas sabem quem ele é, por isso ninguém se atreve a sentar-se ao lado dele. Pelo menos até uma rapariga alguns anos mais nova subir para o autocarro, numa paragem nos arredores dos Montes. Tem cabelo desgrenhado e olhos tristes e chama-se Ana.

A primeira coisa em que Vidar repara é em como são bonitos os tornozelos dela, como se não tivessem sido criados para chão de cimento e madeira, mas para correr pelas florestas e sobre rochas. A primeira coisa em que Ana repara é no cabelo negro de Vidar, tão fino que lhe cai sobre a pele do rosto como gotas de chuva num vidro.

Daqui a muitos anos, poderemos dizer que esta era uma história sobre violência. Mas não será verdade, não completamente.

É também uma história de amor.

35

Apenas se fores o melhor

Vai haver uma conferência de imprensa em Björnstad. É a pior altura possível para algumas pessoas, agora que parece que a cidade está à beira de implodir por cem causas diferentes, mas é claro que é a melhor altura possível para outras pessoas. Para Richard Theo, por exemplo.

Os representantes dos novos proprietários da fábrica vêm de Londres; o jornal local fotografa-os a apertar a mão do político da casa de férias em Espanha, todos com grandes sorrisos, em frente da fábrica. Peter Andersson acompanha-os obedientemente; de voz trémula e olhos postos no chão, promete ainda assim «resolver o problema do hooliganismo».

O político da casa de férias em Espanha está tão orgulhoso e inchado que quase rebenta com a camisa. Começa a conferência de imprensa por mencionar o seu estimado mas modesto colega, Richard Theo:

– Merece a nossa gratidão pelo seu trabalho ao serviço do distrito. Sem os contactos e os esforços do Richard ao longo de vários meses, este acordo nunca teria sido concluído!

O político da casa de férias em Espanha explica então, com bastante menos modéstia, o seu próprio envolvimento no negócio. Os contribuintes ficarão a ganhar muito, declara, e o mais importante de tudo é que:

– Salvámos empregos em Björnstad!

Quando a vereadora ao seu lado abre subitamente a boca para falar, o político da casa de férias em Espanha é de tal forma apanhado de surpresa que nem tem tempo de reagir. Ela diz:

– E não só em Björnstad, claro. Em colaboração com os novos proprietários da fábrica, chegámos a um acordo que dará também prioridade à força laboral de Hed! Essa é uma das condições: se a fábrica quer apoio financeiro das entidades distritais, então *todo* o distrito tem de ganhar com isso!

Os jornalistas tiram notas e fotografias, filmam a conferência de imprensa. O político da casa de férias em Espanha olha para a veradora e esta devolve-lhe o olhar. E ele fica impotente; o que pode dizer? Que não está a planear dar empregos nenhuns a Hed? Em breve enfrentará novas eleições. Treme de raiva e o seu sorriso para as câmaras é forçado, mas quando lhe fazem perguntas sobre os empregos não pode responder senão que:

– Obviamente qualquer política responsável tem de envolver… todo o distrito.

Curva-se ligeiramente quando fala, enquanto a vereadora ao seu lado se sente crescer vários centímetros.

Daí a alguns meses, certa manhã, a vereadora em questão encontrará um envelope no degrau à sua porta, e os documentos no interior deste envelope provarão que o político da casa de férias em Espanha tem estado envolvido em especulações imobiliárias não declaradas nesse país. É verdade que ficará posteriormente provado que o político da casa de férias em Espanha é totalmente inocente dessa acusação, mas Richard Theo não precisa de provas, apenas de dúvidas. Os cabeçalhos sobre «negócios duvidosos» serão enormes; a notícia sobre a inocência do político ficará confinada a meras linhas nas últimas páginas do jornal local. A carreira política do político com a casa de férias em Espanha já estará morta nessa altura, depois de os seus filiados terem concluído, por unanimidade, que «o partido não pode dar-se ao luxo de mais escândalos». Será substituído por um membro do sexo feminino que parece ter muitos inimigos em Björnstad mas ainda mais amigos em Hed.

*

Benji não aparece nos treinos da equipa. Não liga, não atende quando alguém lhe telefona. Porém, uma noite, já depois de a maioria das luzes do rinque estar apagada e de os balneários estarem vazios, ele sai sozinho para o gelo, de calças de ganga e patins, com um *stick* na mão. Veio rematar uns discos, como já fez

um milhão de vezes, e ver se ainda se sente da mesma maneira. Se pode ser como era antes. Mas o seu olhar é atraído para a imagem do urso no círculo central. Alguém desliza pelo gelo e trava ao lado dele. Elisabeth Zackell.

– Vais disputar a partida contra Hed? – pergunta ela, com uma absoluta falta de sentimento.

Benji engole em seco, hesitante, ainda a olhar para o urso.

– Não quero ser… um problema. Para a equipa. Não quero que eles sintam que…

– Não foi isso que perguntei. Vais jogar ou não? – insiste Zackell.

Benji fecha os olhos rapidamente. Abre-os devagar.

– Não quero ser um fardo para o clube.

– Tencionas fazer sexo com alguém no balneário?

– O quê?… Hã?

Zackell encolhe os ombros.

– É isso que as pessoas pensam, não é? Que os *gays* têm problemas com a disciplina? Que vão todos começar a fazer sexo uns com os outros no balneário?

Benji franze a testa.

– Onde é que ouviu isso?

– Tencionas ou não fazer sexo com alguém no balneário?

– Nem pensar!

Zackell volta a encolher os ombros.

– Nesse caso, não és um fardo. Hóquei é hóquei. As pessoas podem dizer o que quiserem de ti fora do rinque, mas aqui dentro não interessa. Se és bom, és bom. Se marcas golos, marcas golos.

Benji não parece muito convencido.

– As pessoas odeiam-me. E a si também. Talvez seja demasiado para eles, que nós sejamos os dois… enfim. Talvez conseguissem aguentar *um,* mas dois na mesma equipa, isso já é… demasiado para as pessoas.

Zackell parece confusa.

– Como assim?

As sobrancelhas de Benji estremecem.

– Por você ser… *gay.*

– Eu não sou *gay* – declara Zackell.

Benji fita-a.

– Toda a gente pensa que sim.

– As pessoas pensam muita coisa. Estão demasiado obcecadas com as suas emoções.

Benji limita-se a olhar para ela durante muito tempo, perplexo. Depois desata a rir. Não consegue evitar.

– A sério, Zackell! Com certeza deve ter a noção de que tudo teria sido muito mais fácil para si nesta cidade se tivesse simplesmente dito a toda a gente que não é…

– Como tu?

– Sim.

Zackell solta uma exclamação desdenhosa.

– Não me parece que a tenhas obrigação de dizer a toda a gente com quem é que queres ir para a cama, Benjamin. Nem tu, nem eu.

Benji raspa com o patim no gelo. Reflete por um instante antes de perguntar:

– Alguma vez pensa que gostaria de ser homem?

– Porque pensaria tal coisa? – pergunta Zackell.

Benji olha para o urso no gelo. Tenta encontrar as palavras certas.

– Para não ter de ser uma treinadora de hóquei do sexo feminino.

Zackell abana lentamente a cabeça, mas, para variar, não parece totalmente impassível.

– O meu pai deve ter desejado que eu fosse um rapaz, às vezes.

– Porquê?

– Porque sempre soube que eu teria de ser duas vezes melhor do que os homens para ser aceite. E o mesmo se aplica agora a ti. Serás julgado de forma diferente. As pessoas que me odeiam podem permitir que eu treine uma equipa, mas apenas se vencermos. E deixar-te-ão jogar, mas apenas se fores o melhor. A partir de agora, já não basta seres bom.

– É injusto como a merda – murmura Benji.

– A injustiça é um estado das coisas mais natural neste mundo do que a justiça – reflete Zackell.

– Foi o seu pai que disse isso?

– A minha mãe.

Benji engole em seco.

– Não sei se consigo ser capitão.

– Está bem – responde Zackell.

Depois vira-se e deixa-o, sem mais palavras. Como se fossem desnecessárias.

*

Benji fica sozinho no círculo central. Por fim, vai buscar um monte de discos junto das tábuas, deixa-os cair para o gelo, um após outro, possivelmente pela última vez. O desporto nunca se dá por satisfeito em ser apenas parte de nós: é preciso sacrificar demasiado. Há demasiadas coisas que só sabemos quando ali passámos uma vida inteira. Como os pés doem quando patinamos pela primeira vez depois do verão. O fedor inacreditável nas luvas no final da época. O som quando colidimos com as tábuas ou disparamos um disco contra o vidro. Que cada rinque tem o seu eco único. Que cada passo canta quando as bancadas estão vazias. A sensação de simplesmente jogar. O bater do nosso coração.

Bang-bang-bang-bang-bang.

*

Na primeira manhã em que Ana se senta ao lado de Vidar, nenhum deles diz nada. Ana está demasiado sobrecarregada pela culpa e pela perda para falar. Durante toda a infância e juventude, sempre foi para a escola com Maya, e a recente solidão é um choque. Anda a dormir muito, porque tem a esperança de acordar e perceber que o maior erro da sua vida não passou de um sonho. Mas

nunca acontece.

No entanto, na segunda manhã, volta a sentar-se ao lado de Vidar e, quando o autocarro está a chegar à escola, olha para ele de viés. Ele finge estar concentrado no telemóvel, mas Ana repara que ele viu. É o tipo de rapaz que não consegue não o fazer.

– O que estás a jogar? – pergunta ela.

– O quê? – resmunga Vidar, como se só agora tivesse reparado nela.

Ana não se deixa enganar assim tão facilmente.

– Ouviste muito bem.

Ele começa a rir; é o que faz quando está nervoso. Em breve descobrirá que, quando está nervosa, Ana diz piadas sarcásticas. Se passassem o resto da vida juntos, podiam tornar-se o pior casal para ter a assistir a um funeral: um não consegue parar de fazer piadas e o outro não consegue parar de rir.

– *Minecraft.* Estou a jogar *Minecraft* – responde ele.

– Tens sete anos ou quê? – pergunta Ana.

Ele ri-se.

– Ajuda-me a não… Tenho dificuldade em controlar os meus impulsos. O meu psicólogo acha que o *Minecraft* é bom. Consigo concentrar-me melhor quando estou a jogar.

O autocarro para. Os estudantes saem. Ana não afasta os olhos dele.

– És o irmão mais novo do Teemu Rinnius, não és? O que estava na prisão?

Vidar encolhe os ombros.

– Era mais um campo de férias.

– O que queres dizer com isso de não te conseguires concentrar? Tens alguma síndrome, ou coisa parecida?

– Não sei.

Ana sorri.

– Então és só um maluquinho normal?

Vidar ri-se.

– Há quem me ache um psicopata! Não devias estar a falar comigo!

Ana mira-o cuidadosamente, de cima a baixo. Ele tem o cabelo preto caído

sobre os olhos.

– Pareces demasiado simpático para ser um psicopata – observa ela.

Vidar franze a testa.

– Cuidado! Posso ter uma faca.

Ana ri-se.

– Não teria medo de ti, mesmo que tivesses uma faca e nem que eu fosse um pão.

Vidar apaixona-se perdidamente por ela, porque ele é o tipo de pessoa que não sabe controlar os sentimentos.

36

«Os psicopatas não fazem caminhadas?»

Uma manhã bem cedo, Elisabeth Zackell realiza as provas abertas. Aparecem meia dúzia de candidatos: alguns juniores que não têm onde jogar porque Björnstad este ano não conseguiu montar uma equipa de juniores, e alguns jogadores mais velhos que foram dispensados de outros clubes e não têm qualquer contrato. Nenhum deles está sequer perto de ser bom o suficiente para entrar na equipa de Zackell, mas isso não importa; só aqui estão como figurantes, para que o clube possa alegar que foi uma prova aberta a todos. Vidar é o único jogador que interessa, mas Zackell tem de ir à procura dele quando o rapaz não aparece no gelo. Encontra-o na sala onde guardam o equipamento.

– Precisas de alguma coisa? – pergunta ela.

– Não há por aí um serrote? – demanda Vidar.

– Para quê? – indaga Zackell.

Vidar ergue o seu *stick* de guarda-redes.

– É comprido de mais!

Durante todas aquelas noites em que, fechado na instituição, jogou com Baloo, Vidar tinha de conseguir atirar as bolas e discos até ao outro lado da cave, depois de defender os remates de Baloo. Não podia usar patins lá em baixo, por isso serrou a parte de cima do *stick* para ficar do tamanho adequado. Sem querer, serrou mais do que tencionava e deixou-o demasiado curto, mas descobriu que, dessa forma, conseguia fazer passes mais fortes e mais precisos. A única coisa que há de sobra quando uma pessoa está aprisionada em algum lado é tempo, e por isso Vidar começou a fazer experiências com vários comprimentos e tipos de fita no *stick.* Acabou por optar por usar a fita, mas não deixar um alto na ponta, como faz a maior parte dos guarda-redes, pois conseguia segurá-lo melhor desta maneira.

Zackell arranja-lhe um serrote, sem compreender o que ele está a fazer. Mas quando Vidar se dá por feliz com o *stick* e sai para o gelo, defende um disco e

devolve-o sem qualquer esforço, de uma ponta do gelo à outra.

– Consegues fazer isso outra vez? – pede Zackell.

Vidar assente. Zackell coloca-o em frente de uma baliza e vai posicionar-se junto da outra.

– Passa para mim! – indica.

E ele assim faz. De um lado ao outro do rinque, diretamente para o *stick* dela. Pode não parecer um grande feito a quem não liga nenhuma ao hóquei, mas Zackell sabe que a maioria dos guarda-redes na divisão de Björnstad não conseguiria acertar com o disco na água nem que caísse de um barco. «Este rapaz será o nosso guarda-redes quando não tivermos o disco, e um jogador extra quando o tivermos», pensa ela. E, assim, acredita que pode ganhar.

– Vai para a baliza – ordena.

Ele obedece. Ela começa a disparar disco após disco, e é boa a rematar, mas ele defende tudo. Deixa os outros jogadores presentes na sessão aberta tentarem a sua sorte, mas nenhum consegue marcar. Põe dois a rematar ao mesmo tempo, depois três, de ângulos diferentes. Vidar não deixa passar praticamente nada. Tem uns reflexos extraordinários.

Zackell olha para as bancadas. Ao cimo, a um canto, está sentado Peter Andersson. O mais longe possível dele, do outro lado, na bancada em pé, está Teemu Rinnius, com o Aranha e o Martelo ao seu lado. Teemu tenta disfarçar o orgulho, mas sem sucesso. O Aranha e o Martelo nem sequer tentam.

Zackell vira-se para Vidar e diz:

– Faz uma pausa para beber água!

Os outros jogadores param de rematar. Vidar tira o capacete; tem o cabelo preto suado e colado ao rosto. Vira costas a Zackell e pega na garrafa de água. Ela faz pontaria e dispara um disco pelo ar que lhe acerta mesmo no meio das costas, com força. Vidar dá um salto e vira-se, e Zackell dispara imediatamente outro que passa ao lado da cabeça desprotegida do rapaz, a assobiar, a menos de meio metro.

Das bancadas, Teemu grita: «Não!», mas Vidar nem hesita; já arrancou na direção de Zackell a toda a velocidade. Ninguém no gelo tem tempo de perceber

o que está a acontecer; se Teemu não conhecesse tão bem o irmão, era possível que Zackell não tivesse saído viva do rinque. Vidar atira-se a ela, a desferir socos com as mãos enluvadas, e Teemu corre da bancada, abre a portinhola para o banco e salta por cima das tábuas. Escorrega no gelo, mas ainda consegue deitar a mão ao irmão, e recorre a todas as suas forças para o puxar para o gelo, onde se deita em cima dele para o prender. O Aranha e o Martelo não demoram a chegar, e é preciso a força dos três para impedir que Vidar se levante e mate Zackell à pancada.

– MAS VOCÊ É DOIDA VARRIDA???!!! – grita Teemu à treinadora, que não parece minimamente assustada e tem no rosto um sorriso de orelha a orelha.

– Consegue prometer que ele aparecerá nos treinos a horas e jogará todos os jogos?

Vidar ainda está a debater-se desesperadamente para se libertar dos punhos de aço dos amigos. Teemu lança um olhar fulminante a Zackell.

– Podia tê-lo matado! Ele… *Você* podia ter morrido! Ele podia tê-la *matado*!

Zackell acena com a cabeça, satisfeita.

– Exato! O Vidar não quer saber se eu sou mulher! Ia matar-me de qualquer maneira, não ia? Para ele, sou apenas um treinador de hóquei. Consegue garantir-me que ele aparece nos treinos a horas?

Teemu olha para ela. É óbvio que a mulher é louca.

– Isso significa que ele tem lugar na equipa?

Zackell solta uma risada.

– Lugar na equipa? Vou construir a equipa toda à volta dele! Vou torná-lo num profissional!

Teemu engole em seco e responde:

– Está bem. E eu garanto-lhe que ele aparecerá a horas em todos os treinos.

Zackell acena com a cabeça e sai do gelo. Já terminou o que veio fazer. Os outros jogadores que prestaram provas receberão uma breve mensagem a informar que não têm a qualidade necessária para a equipa. Ela é honesta, justa e implacável.

Tal como o desporto.

No gelo, Vidar finalmente acalma-se. Fica deitado de costas, suado e exausto. Teemu senta-se ao lado dele. Vidar vira-se para ele e, incrédulo, murmura:

– Que raio, mano! Estás a chorar?

– Não estou nada a chorar, merda – resmunga Teemu, e vira a cara.

– Parece que estás a…

– DEIXA-ME! – grita Teemu, e dá um soco no braço de Vidar com tanta força que o irmão se encolhe no gelo, entre gemidos, enquanto Teemu se levanta e sai do rinque.

*

Elisabeth Zackell entra animadamente no gabinete de Peter Andersson.

– Viu as provas? – pergunta, sem preâmbulos.

– Sim – responde Peter.

– Ele pode jogar? – quer saber Zackell.

– Consegue controlá-lo? – questiona Peter.

– Não! Precisamente por isso! – exclama Zackell, rejubilante.

Parece mesmo feliz, o que causa uma grande dor de cabeça a Peter.

*

Lá fora, no parque de estacionamento, encontra-se um velho *Saab*. Teemu sai do rinque, acende um cigarro, dirige-se sozinho para o carro, entra para o banco do passageiro e fecha a porta. Quando tem a certeza de que ninguém o está a ver, apoia a cabeça no tabliê e fecha os olhos.

Não está a chorar.

Deixem-no.

*

Na manhã seguinte, Ana senta-se outra vez ao lado de Vidar no autocarro. Ele está a jogar *Minecraft*, porque tem de se concentrar para não ficar demasiado nervoso e ter a coragem de lhe dizer:

– Vou jogar pela equipa principal de Björnstad. Queres vir assistir ao jogo?

Ana parece desconfiada.

– Não sabia que jogavas hóquei. Pensei que fosses um *hooligan*, como os outros da Matilha.

Diz «Matilha» sem medo. Mais ninguém o faz, nesta cidade.

A pergunta seguinte de Vidar é tímida, feita num tom quase magoado.

– Não gostas de *hooligans?*

Ela solta uma exclamação desdenhosa.

– Não gosto de jogadores de hóquei.

Ele ri-se. Ana consegue fazê-lo rir com facilidade. Porém, antes de o autocarro parar na escola, Vidar declara, com um ar sério:

– Os tipos da Matilha não são *hooligans.*

– O que são, então? – pergunta Ana.

– Irmãos. Todos eles são meus irmãos. Defendem-me, e eu defendo-os a eles.

Ana não o critica por isso. Quem não quereria ter irmãos assim?

*

A mãe de Maya leva-a à escola. Kira não pergunta porque é que Ana já não vai com ela – sente-se demasiado feliz por Maya a deixar acompanhá-la até à porta sem se mostrar embaraçada. Ainda há seis meses a filha pedia sempre para que a deixasse a umas centenas de metros e ia a pé o resto do caminho. Mas agora Kira pode levá-la mesmo até à paragem de autocarro, e Maya inclina-se para ela, dá-lhe um beijo e diz:

– Obrigada! Até logo!

Estas palavras podem ser demasiado insignificantes para derrubar uma mulher feita, mas significam tudo para uma mãe. Kira segue o seu caminho numa nuvem de felicidade.

Maya, por outro lado, entra na escola sozinha. Vai buscar os livros sozinha, senta-se nas aulas sozinha, almoça sozinha. É uma escolha sua; se não pode confiar na melhor amiga, em quem pode confiar?

Ana entra na escola pouco depois de Maya. Causa-lhe uma angústia especial ter de ver todos os dias a melhor amiga e saber que ela já não o é. Costumavam despedir-se com um aperto de mão secreto que inventaram em crianças: punho para cima, punho para baixo, palma, palma, borboleta, dedo dobrado, pistolas, abanar, minifoguete, explosão, rabo com rabo, adeusinho. Foi Ana que arranjou as descrições. No fim, depois de baterem com o traseiro uma na outra, ela levantava sempre as mãos no ar e gritava: «… e adeusinho da Ana, pessoal!»

Agora Maya entra na escola sem sequer reparar que Ana está mesmo atrás dela. Ana odeia-se a si própria, talvez até mais por aquilo que fez a Maya do que pelo que fez a Benji, e por isso este é o seu derradeiro ato de amor. Tornar-se invisível.

Maya desaparece no corredor. Ana fica parada, derrotada. Mas Vidar estende-lhe a mão.

– Estás bem?

Ana olha para ele. Há qualquer coisa no rapaz que a faz responder com sinceridade.

– Não.

Ele passa os dedos freneticamente pelo cabelo e sussurra:

– Queres sair daqui?

Ana olha para ele com um sorriso triste.

– Para onde?

Vidar encolhe os ombros.

– Não sei.

Ana olha em volta, no corredor. Odeia a escola. Odeia-se a si própria aqui. E sugere:

– Queres ir dar uma caminhada?

– Uma caminhada? – repete Vidar, como se fosse uma palavra estrangeira.

– Os psicopatas não fazem caminhadas? – questiona Ana.

Ele ri-se. Saem da escola e caminham lado a lado pela floresta durante horas, e é então que Ana se apaixona por ele. Por todos os seus gestos atrapalhados, nervosos, abruptos. Ele apaixona-se por Ana porque ela é invencível e frágil ao mesmo tempo, como se fosse feita de ferro e de casca de ovo. Tenta beijá-la, porque não consegue conter-se, e ela retribui o beijo.

Se tivessem passado a vida inteira um com o outro, ter-se-iam tornado algo extraordinário, juntos.

*

No cabeçalho no jornal local, após a conferência de imprensa, pode ler-se: «Novos empregos – mas metade destina-se aos trabalhadores de Hed!»

O artigo inclui inúmeras citações de políticos. A maior parte mostra-se chocado quando os repórteres exigem uma resposta e tenta manter uma reação neutra, para não provocar nenhum dos lados. O único que se afasta dessa linha é, claro, Richard Theo. Este consegue fazer com que a sua declaração pareça espontânea, apesar de a ter preparado minuciosamente.

– O que penso sobre as quotas para a fábrica? Não gosto de qualquer tipo de quota. Penso que se devia deixar os empregos em Björnstad para os trabalhadores de Björnstad.

Não se pode dizer que seja brilhante, mas é o género de oratória que viaja depressa.

Poucas horas depois, o *slogan* «Empregos em Björnstad para os trabalhadores de Björnstad» está a ser repetido não só *online* mas em bares e à volta de mesas de jantar. Na manhã seguinte, há um bilhete no capô do político

da casa de férias em Espanha.

Para que o bilhete não fosse levado, a pessoa que o deixou segurou-o com um machado. Afinal, basta o vento mudar de direção para o bilhete poder facilmente voar.

Logo a seguir à conferência de imprensa, Peter começa a contactar empresas de construção. Todos atendem, todos estão disponíveis para trabalhar, até ele lhes dizer qual é o serviço: demolir a bancada em pé do recinto desportivo. De súbito, alguns afinal não têm tempo, outros alegam «não estar qualificados para esse tipo de trabalho». Outros simplesmente desligam. Alguns são bastante claros e diretos:

– Temos famílias, Peter, por amor de Deus!

Numa das empresas para onde Peter liga, o telefone é atendido por uma voz que se identifica como Martelo. Quando Peter explica porque está a ligar, o Martelo solta uma risada sonora. E desdenhosa.

Nesse dia, mais tarde, Kira encontra uma caixa de cartão de mudanças em frente da casa da família Andersson. A maioria das pessoas que a abrisse diria que estava vazia, mas Kira percebe que não. Inclina-a lentamente e ouve o pequeno cilindro metálico a rebolar no fundo. Vê-o brilhar sob a luz refletida das janelas dos quartos dos filhos.

Um cartucho de espingarda.

37

Aquilo de que somos capazes

A maioria de nós não sabe as coisas terríveis de que é capaz. Como podemos saber, antes que alguém nos leve longe de mais? Quem faz alguma ideia de quão perigoso é, antes que alguém ameace a sua família?

Kira está oculta nas sombras. Seguiu Teemu desde o supermercado; ele leva um saco de mercearias em cada mão, um deles praticamente só com cigarros. Entra no Urso Pardo. Quando volta a sair, vem sozinho e a rua está deserta. Kira não sabe que demónio a possuiu, mas de súbito tem coragem para sair das sombras.

– Teemu Rinnius! – ruge, parecendo mais ameaçadora do que se sente.

Ele vira-se.

– Sim?

Kira aproxima-se tanto dele que lhe consegue sentir o hálito. Traz na mão uma caixa de mudanças, desmanchada e dobrada. A janela abre-se por cima do Urso Pardo e uma mulher mais velha espreita, mas Kira está demasiado agitada para dar por isso.

– Sabe quem eu sou? – pergunta Kira.

Teemu acena afirmativamente, com o rosto a dez centímetros do dela.

– É a mulher do Peter Andersson.

Ela chega a cabeça para trás, ligeiramente, mas a sua voz cresce de intensidade.

– Sou mãe do Leo Andersson e da Maya Andersson! E sou advogada! E talvez eu tenha medo de si, como toda a gente, mas uma coisa tem de ficar aqui bem clara. Se voltar a ameaçar a minha família, pode ter a certeza de que eu irei atrás da *sua*!

Atira a caixa para o chão. Teemu ergue uma sobrancelha.

– Está a ameaçar-me?

Kira acena.

– Pode acreditar que estou, Teemu Rinnius! E avise todos os miseráveis cobardolas da sua «matilhazinha» que, da próxima vez que deixarem um cartucho de espingarda à porta da minha casa, ele acabará na sua cabeça!

Teemu não responde e os seus olhos não o traem. Talvez Kira devesse ter-se dado por satisfeita com este confronto, mas já está muito para além do ponto onde tal seria possível. Assim, tira algo da mala. Frascos de comprimidos vazios. Agita-os em frente dele, com ar trocista.

– Vieram à minha casa, por isso eu fui à sua, Teemu. Isto estava no caixote do lixo da sua mãe. Medicamentos controlados. A sua mãe tem receita para os adquirir? Porque, se não tem, está a violar a lei. E, principalmente, quem lhos vende está a violar a lei. Não é você, pois não, Teemu? O que acha que acontecerá quando eu lhe cair em cima?

Teemu pestaneja lentamente, e é evidente que está fascinado. Mas quando dá um passo na direção de Kira, ela recua. Porque toda a gente o faz.

As palavras dele são uma ordem.

– Desapareça. Já.

Kira baixa a cabeça, de forma involuntária. Irá amaldiçoar-se muitas vezes por tê-lo feito, mas não sabemos aquilo de que somos capazes até alguém nos levar longe de mais. Vira costas e tenta não desatar a correr até chegar ao carro; quase que consegue.

*

No canil, Adri está a alimentar os cães. Hoje não aparece nenhum carro com o porta-bagagens cheio de garrafas. Também não espera a visita de caçadores para tomar café. Não sabe se é porque não querem ou porque não se atrevem. Por aqui, nunca é fácil saber se as pessoas querem dizer alguma coisa mas não dizem, ou se não dizem nada porque não sabem o quê.

Assim, Adri liga à sua amiga Jeanette, que ainda está na escola a debruçar-se sobre as notas. Ao longo da infância, sempre foi Jeanette que ligava a Adri e lhe

perguntava se queria ir brincar, nunca ao contrário. Mas agora é Adri que pergunta:

– Queres vir até cá para treinarmos um bocado?

Jeanette vai imediatamente. Levantam pesos e esmurram o saco até já não poderem com os braços. Jeanette não garante a Adri que vai correr tudo bem, porque Jeanette não tem irmãos mais novos e não sabe se isso seria ou não verdade. Mas treina e treina enquanto Adri quer; e quando a estrada continua vazia, sem sinal de carros ou caçadores, Jeanette pensa que se calhar é melhor assim – vê nos olhos de Adri que, se aparecesse alguém que dissesse a coisa errada sobre o irmão dela, essa pessoa teria de ser levada dali em braços.

*

Teemu ainda está parado em frente ao Urso Pardo, e a janela no primeiro andar continua aberta. A voz de Ramona chega até ele.

– Ouvi dizer que deixaste um blusão preto para o Leo Andersson na escola, Teemu. E agora deixas um cartucho de espingarda ao pai dele? Que lógica tem isso?

Teemu soa seguro de si, talvez por ter um irmão mais novo com quem partilha apenas a mesma mãe.

– Se calhar reconhecemos que os homens não precisam de ser os filhos da mãe que os seus pais foram.

É uma desculpa, e Ramona sabe-o muito bem. Apaga o cigarro no parapeito da janela.

– Se foste mesmo tu que deixaste esse cartucho, não sei o que pensar de ti.

Teemu interrompe-a num tom que nunca usa com mais ninguém, apologético e constrangido:

– Não fui eu. Mas não posso controlar todos…

É a vez de Ramona o interromper, e o seu tom de voz é tudo menos afetuoso.

– Não me venhas com essa conversa! Podes não controlar tudo o que fazem os teus rapazes, mas sabes muito bem que *nenhum* deles faria alguma coisa que

tu tivesses expressamente proibido!

– Eu… – começa Teemu, mas Ramona corta-lhe a palavra.

– Tu e eu não nos julgamos um ao outro, Teemu. Nunca o fizemos. Mas as crianças são as únicas pessoas que não têm de assumir a responsabilidade por mais nada a não ser por si próprias. Nós, todos os outros, temos de assumir a responsabilidade pelas coisas que fazemos acontecer. És um líder. As pessoas seguem-te. Portanto, francamente, se não podes assumir a responsabilidade pelas ações dos teus seguidores, isso faz de ti nada menos do que um monstro.

*

Kira não menciona o cartucho de espingarda a Peter ou aos filhos; na verdade, nem a mais ninguém. Contudo, quando chega a casa, vê dois vizinhos, uma mulher de idade e um homem ainda mais velho, sentados em cadeiras de armar coçadas em frente da casa deles, vestidos com *T-shirts* verdes. Têm a porta da frente aberta, a luz acesa no vestíbulo, e Kira vê a espingarda de caça do velho vizinho encostada à parede no interior. Ele é velho e lento, e talvez a espingarda nem sequer esteja carregada, mas não importa. A mulher cumprimenta Kira com um aceno e diz-lhe:

– Vá para dentro e descanse um bocado, Kira. Nós vamos ficar aqui sentados a ver passar os carros durante algum tempo.

O velho abre uma garrafa-termo e murmura:

– Correm boatos de que algumas companhias de mudanças receberam informações equivocadas e têm andado a passar pelas moradas erradas, ultimamente. Não voltará a acontecer por estes lados.

Pequenas palavras. Um pequeno gesto. Mas é o que basta para recordar que nós também vivemos aqui. E que ninguém faz farinha connosco.

*

Teemu está do lado de fora do rinque, pensativo. O local está às escuras e a

única janela ainda iluminada é a do gabinete de Peter. O que será uma pessoa capaz de fazer pelo seu clube? Pela sua cidade? A quem é que pertence? Quem permitiremos que viva nela? Por fim, Teemu liga ao Aranha e pergunta:

– Quem é que deixou a caixa de mudanças em frente da casa do Peter?

O Aranha engasga-se um pouco, surpreendido.

– Normalmente não queres saber quem faz o quê. Como é que costumas dizer? «Eu aviso quando forem longe de mais.»

É verdade. É a forma que a Matilha tem de proteger Teemu. Nunca ninguém o pode responsabilizar legalmente por algo que ele desconhece.

– Foram longe de mais – diz Teemu agora. – Que não volte a acontecer.

A barba por fazer do Aranha raspa no microfone do telemóvel.

– Não fomos… nós. Foram uns miúdos da claque. Raios, Teemu, sabes bem o que toda a gente pensa! Os miúdos ouvem os pais a queixarem-se dos empregos que vão para Hed, e a falar sobre a intenção do Peter de desmantelar a bancada em pé. Estão a tentar impressionar-te! Acharam que ficarias contente!

Teemu tapa os olhos com a mão e suspira.

– Não precisas de ser duro com eles. Certifica-te apenas de que não volta a acontecer.

O Aranha volta a pigarrear.

– A história do caixote de mudanças ou… tudo o que vise a família?…

O tom de Teemu torna-se mais cortante.

– Não atacamos as pessoas do clube. Estaremos sempre de cabeça erguida, antes e depois de esses filhos da mãe cá estarem, mas não atacamos as pessoas do clube.

– E a bancada em pé?

Pela primeira vez, Teemu admite:

– Falei com um… um político. Um amigo. Ele vai devolver-nos a bancada. E lá continuaremos muito depois de o Peter Andersson ter deixado esta cidade.

*

Quando anoitece, Benji está sentado no telhado do anexo, no canil. Apaga o cigarro e chega, por fim, a uma decisão. Depois atravessa Björnstad, sozinho. Não se esconde nas sombras; caminha sob a luz dos candeeiros de rua. Não tem ido à escola e praticamente ninguém o vê desde que descobriram que é *gay*. Mas agora aqui está ele, a caminhar à vista de todos.

Talvez seja estúpido. Contudo, mais cedo ou mais tarde, tem de enfrentar toda a gente. A cidade é demasiado pequena, não tem assim tantos esconderijos, e para onde havia de ir? O que fazemos quando queremos que seja tudo normal? Vamos trabalhar. Rezamos pelo melhor.

Quando entra no Urso Pardo, o bar silencia-se. Uma pessoa de fora talvez não se apercebesse, talvez achasse que o zunzum de conversas e discussões e o tilintar de copos eram os de sempre. Mas todas as células do corpo de Benji ouvem o oxigénio a ser sugado da sala. Estaca, imóvel. O mero facto de ele aqui ter entrado pode parecer uma loucura, mas nunca foi o tipo de miúdo que se encolhia na cama, com medo de fantasmas e monstros. Preferia abrir as portas, levantar os colchões, convidá-los a entrar e a apanhá-lo de uma vez se era essa a sua intenção.

Melhor do que ficar à espera.

*

Um grupo de homens, sentados a uma mesa mais ao fundo do Urso Pardo, levanta-se. Primeiro um, depois os outros todos. Blusões pretos. Nenhum deles termina a cerveja, deixando os copos meio cheios num gesto eloquente. Toda a gente lhes sai do caminho quando eles se dirigem para a porta, mas nenhum toca em Benji. Simplesmente passam por ele, saem, afastam-se. Em menos de dois minutos, mais uma dúzia de homens, novos e velhos, alguns de blusão preto e outros não, alguns de casacos de caça, outros de camisa branca, fazem a mesma coisa.

*

Os sentimentos são complicados. As ações são simples.

Vidar é uma das pessoas sentadas à mesa ao fundo do bar. Quando era mais novo, perguntou ao Aranha porque é que odiava tanto os maricas. O Aranha respondeu, sem sombra de hesitação: «Porque é nojento! Homens são homens e mulheres são mulheres, e isso é uma merda de uma coisa intermédia que eles inventaram! Há estudos, sabes? Falta-lhes qualquer coisa no cérebro, uma substância qualquer, e sabes quem é que também não tem essa substância? Os pedófilos e os tarados que gostam de animais e essas merdas. É uma doença, Vidar; eles não são como nós!»

Vidar não acreditou, na altura. E continua a não acreditar. Mas quando o Aranha e Teemu e os outros se levantam e saem, Vidar faz o mesmo. Porque, desde que era pequeno, aprendeu que os soldados se mantêm unidos. Não precisa de odiar Benji, mas tem de amar os seus irmãos. O que é, ao mesmo tempo, complicado e simples.

*

Muito depois da hora do fecho, Ramona e Benji ainda estão sentados no bar. Só os dois.

– É só que… as pessoas têm tanta merda na cabeça… até pode nem ter nada a ver contigo – diz Ramona, hesitante; mas sabe que o rapaz sabe que ela está a mentir.

– Deixaram a cerveja. Não querem beber com pessoas como eu – murmura Benji.

As suas palavras são galhos secos, que se quebram sob o mínimo peso. Ramona suspira.

– É muita coisa, tudo ao mesmo tempo, Benjamin. Uma treinadora mulher, os malditos políticos, patrocinadores a meterem-se na gestão do clube… As

pessoas estão a ficar nervosas. Tudo a mudar. Não te odeiam a *ti*… É só que… as pessoas precisam de um certo tempo para digerir estas coisas.

– Odeiam-me, sim – corrige Benji.

Ramona coça o queixo com o copo de uísque.

– O Teemu e os rapazes viam-te como um deles, Benjamin. É isso que torna tudo pior. Alguns deles talvez pensassem que… sei lá… que estas coisas só acontecem na televisão. Que homens assim… bom, que viviam apenas nas cidades grandes e… sabes… que se vestiam de determinada maneira. Sempre acreditaram que era algo que se percebia logo, mal se olhasse para uma pessoa. Mas tu eras… como eles. Bebiam contigo, lutavam juntos, gritavam pelo teu nome no rinque. Eras um símbolo, uma prova de que um deles podia liderar a equipa, a cidade… numa altura em que sentiam que estavam rodeados de filhos da mãe que os queriam deitar abaixo. Tu eras o dedo do meio que eles mostravam ao mundo. Eras o bandido que provava que não tinham de se adaptar, que podiam vencer assim mesmo; que nós, aqui na floresta, somos capazes de enfrentar qualquer um que nos queira fazer frente.

– Não quero… Nunca pedi a ninguém que me visse… Só quero que tudo seja normal, como antes.

Ramona agarra na cabeça de Benji, com força, entre as duas mãos. Até ele achar que lhe vai arrancar as orelhas. Depois grita:

– Não tens nada de que pedir desculpa, rapaz. Ouviste? *Nada*! Não estou a defender *nenhum* dos tipos que saíram por aquela porta esta noite. Estou só a dizer que… o mundo gira depressa. Não penses mal de nós quando… bom… não penses muito mal de nós. Está tudo a mudar a uma velocidade tal que alguns não conseguem acompanhar. Fartamo-nos de ouvir falar em «quotas» para tudo e mais alguma coisa, e é fácil uma pessoa pensar: quando será a sua vez. Quando é que *nós* teremos uma oportunidade? Não estou a defender ninguém, rapaz; estou só a dizer que há pessoas, por aqui, que se sentem atacadas por todos os lados. Que acham que toda a gente lhes está a querer mostrar que o seu modo de vida está errado. Ninguém gosta da mudança quando sente que lhe está a ser imposta.

– Não estou a impor nada a ninguém… Só quero que as coisas sejam

normais!

Ramona solta-o. Suspira. Serve mais uísque.

– Eu sei, rapaz. É o que é. Temos de encontrar um novo normal, só isso. Agora, há dois tipos de pessoas. Umas precisam de mais tempo e outras de mais juízo. Para o segundo grupo, não há esperança, mas temos de esperar para ver quantos estão no primeiro grupo antes de começar a partir-lhes a cabeça.

Benji foge ao olhar dela.

– Também está desiludida comigo?

Ramona começa a rir e o riso dá lugar a um ataque de catarro.

– Eu? Por gostares de ir para a cama com homens? Meu querido rapaz, sempre gostei muito de ti. Desejo-te uma vida feliz. Assim, só posso lamentar o facto de te quereres envolver com homens, porque uma coisa te garanto, é impossível ser-se feliz assim. Os homens não são mais do que uma carga de trabalhos!

38

O jogo

Vai haver um jogo de hóquei. O Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad contra o Clube de Hóquei no Gelo de Hed. O resto do país mal tem ideia de que este jogo se vai realizar; ninguém quer saber, exceto aqui. Aqui, no entanto, todos querem saber.

Há pessoas que não conseguem compreender algo a menos que passem por isso pessoalmente. A esmagadora maioria da população mundial viverá a vida inteira na convicção de que um jogo de hóquei é só um jogo. Que não passa de um desporto qualquer. Que não significa nada.

Essas pessoas encontram-se numa posição afortunada. Não têm de passar por tudo isto.

*

O que fariam pela família? E o que não fariam?

O Javali nunca teve cartões de visita, mas, se tivesse, diriam quatro coisas: «Jogador de hóquei. Mecânico automóvel. Pai de três. Marido de Ann-Katrin.» Ela ainda canta na mente dele, ainda dança sobre os seus pés, e ele nunca a deixará parar. Acaba o trabalho na oficina, como num dia normal, apesar de saber que as coisas nunca mais voltarão à normalidade. Quando entra em casa, Bobo, o filho mais velho, está a lavar a loiça. Foi Bobo que lidou com a agência funerária e organizou a cerimónia fúnebre e a cremação. Depois teve de cuidar do resto. Há comida na mesa, os mais pequenos já estão a jantar e Bobo tratou da roupa suja. Todas as coisas que a mãe costumava fazer. O Javali engole um nó na garganta quando se senta à mesa, para que os filhos mais novos não o vejam ir-se abaixo. Depois diz a Bobo:

– Devias ir, alinhar no jogo de hoje.

Bobo murmura:

– Faço falta aqui… ainda tenho de limpar e…

– Harry Potter! – exclama o irmão, embora a irmã o mande calar.

– Sim, eu leio-vos um pouco do Harry Potter esta noite. Como sempre – promete Bobo, e pestaneja com força, de olhos postos no lava-loiça.

O Javali mastiga, também ele a piscar os olhos, de cabeça baixa.

– Isto está bom. Mesmo bom.

– Obrigado – murmura Bobo.

Não dizem mais nada até os mais pequenos saírem da cozinha para lavarem os dentes. Nessa altura, o Javali levanta-se, lava o prato e abraça Bobo, enquanto lhe murmura uma ordem ao ouvido:

– Eu posso ler o raio do Barry Trotter esta noite. Está mais do que na altura de começar a fazer isso. Estás a ouvir-me?

Bobo acena silenciosamente. O Javali segura-lhe nas faces e continua:

– Tu e eu vamos superar isto, porque, caso contrário, a tua mãe nunca nos perdoará. Portanto vai lá jogar; ela há de estar a ver-te, onde quer que esteja. Nem Deus nem os anjos nem coisa nenhuma a impediriam de ver o primeiro jogo do filho na equipa principal de Björnstad!

Bobo arruma o saco. Quando sai, o Javali espera que os outros filhos peçam para ir também. Mas não o fazem. Aparecem à porta, com os seus *sticks* de hóquei e uma bola de ténis, e perguntam:

– Queres jogar, papá?

Assim, o Javali vê o filho mais velho sair para o seu primeiro jogo na equipa principal, e depois joga hóquei com os dois mais novos na garagem. Correm e suam e perseguem a bola durante horas. Como se nada mais importasse. Porque, naquele momento, nada mais importa. E é precisamente esse o objetivo.

O que fariam pela vossa família?

*

Peter Andersson anda pela casa, de divisão em divisão, antes de sair. Kira está sentada na cozinha, com o computador portátil e um copo de vinho.

– Queres vir ao jogo? – convida ele, sem grande esperança.

– Tenho de trabalhar – responde ela, previsivelmente.

Fitam-se nos olhos. Pelo menos ainda conseguem fazer isso. Ele afasta-se e bate à porta do quarto de Maya.

– Queres… Vou… Estou a caminho do jogo – murmura.

– Tenho de estudar, pai! Boa sorte! – diz ela do outro lado da porta.

Mãe e filha dão estas respostas porque tornam as coisas mais fáceis para ele. Estão a dar-lhe uma oportunidade de fingir que está tudo bem.

Peter bate também à porta de Leo, mas Leo não está em casa. Já arrancou para Hed. Tenciona assistir ao jogo na bancada em pé.

Peter sabe que devia impedi-lo. Castigar o filho. Mas como pode fazer uma coisa dessas, quando passou a vida a insistir com Leo para ir ao hóquei com ele?

*

Ana está em frente do espelho, a tentar escolher a roupa. Não faz ideia de qual será o visual indicado. Já esteve em mil jogos de hóquei, mas nunca num onde Vidar fosse participar. É uma fantasia estúpida, mas quer que ele se vire para a bancada e a veja. E perceba que ela está ali por ele.

O pai anda aos tropeções na cozinha, lá em baixo. Deita uma coisa qualquer ao chão, depois outra. Ela ouve-o praguejar. Magoa-a tão profundamente, o quanto ele bebe. Veste qualquer coisa sem pensar muito, ao contrário do que planeara, porque quer sair de casa antes que o pai fique embriagado ao ponto de precisar de ajuda. Não quer permitir que a versão má do pai lhe roube este jogo. Não desta vez.

Ele chama-a quando ela chega à porta e a primeira coisa que ocorre a Ana é

fingir que não o ouviu, mas há algo na voz dele que a faz estacar abruptamente. Demasiado clara, demasiado firme – não é habitual. Vira-se. O pai tomou duche e penteou-se e vestiu uma camisola lavada. A cozinha, atrás dele, está arrumada. O caixote da reciclagem está cheio de garrafas, cujo conteúdo ele despejou para o lava-loiça.

– Diverte-te no jogo. Precisas de dinheiro? – pergunta ele, hesitante.

Ela olha para o pai bom durante muito tempo. O pai mau parece tão distante, neste momento.

– Como te sentes? – murmura.

– Quero tentar de novo – murmura ele em resposta.

Tal como nas vezes anteriores. Mas isso não impede que Ana acredite. Hesita por um instante antes de perguntar:

– Apetece-te ir dar uma caminhada?

– Não ias ver o jogo?

– Prefiro dar uma caminhada contigo, pai.

E, assim, é o que fazem. Enquanto duas cidades se dirigem para um jogo de hóquei, um pai e uma filha passeiam pela floresta que sempre foi a deles. Ele, ela e as árvores. Uma família.

*

Bobo atravessa Björnstad na sua bicicleta, carregando uma mochila feita de pedra invisível às costas. Chega atrasado ao ponto de encontro, mas ninguém parece preocupado com isso, e Zackell mal se dá conta de que ele chegou. Amat senta-se ao lado de Bobo no autocarro da equipa para Hed, mas não sabe o que dizer. Assim, não dizem nada.

O parque de estacionamento em frente do pavilhão de Hed está cheio de pessoas e já se formaram filas para entrar, apesar de ainda faltar muito para o início da partida. O rinque vai estar cheio, as cidades estão em polvorosa, o ódio teve muito tempo para fermentar. Vai ser uma guerra. No autocarro, impera o

silêncio. Todos os jogadores se debatem com os seus próprios demónios.

Só depois de os jogadores da equipa principal terem saído do autocarro, entrado no recinto, percorrido o corredor até aos balneários e ficado todos sentados é que um dos jogadores mais velhos se levanta. Aproxima-se de Bobo com um rolo de fita adesiva na mão.

– Como se chamava a tua mãe? – pergunta-lhe.

Bobo ergue a cabeça, surpreendido. Engole em seco.

– A minha mãe? Ann… Ann-Katrin. Chamava-se… chamava-se… Ann-Katrin.

– Com «K» ou com «C»? – pergunta o jogador mais velho.

– «K» – murmura Bobo.

O jogador mais velho escreve «Ann-Katrin» num pedaço de fita adesiva. Cola-a à manga da camisola de Bobo. Depois, repete o processo e cola a fita à sua própria manga. O rolo de fita adesiva passa silenciosamente de mão em mão, no balneário. O nome da mãe de Bobo está em todos os braços.

*

Amat sai para o gelo. Tal como fez desde que era pequeno, começa a patinar à volta, à volta, para aquecer. Normalmente não ouve nada, por mais pessoas que haja no recinto – tornou-se perito nisso. Tudo se torna ruído de fundo e ele desaparece numa zona de concentração que faz com que todas as pessoas do outro lado das tábuas sejam irrelevantes. Mas hoje é diferente. Algo se destaca entre o barulho e os gritos: o seu nome. Algumas pessoas, algures, estão a entoar o nome dele. Cada vez mais alto. Uma e outra vez. Até que Amat olha para cima. E os gritos se intensificam ainda mais.

A um canto, mesmo no topo das bancadas, está um grupo de idiotas aos saltos. Não vieram torcer por nenhuma das equipas, mas sim por um único jogador. Porque ele é do Covão. Estão a gritar a coisa mais simples, mais bela e mais importante de todas:

– AMAT! UM DOS NOSSOS! AMAT! UM DOS NOSSOS! AMAT! UM

DOS NOSSOS!

*

Fatima chega ao rinque de Hed sozinha, mas tem na mão dois bilhetes. Assiste ao jogo com um lugar vazio ao seu lado, o de Ann-Katrin. Quando Amat entra no gelo, levanta-se e aplaude, e quando Bobo entra, aplaude com o dobro da força. Fará o mesmo em todos os jogos que Bobo jogar, e em todos os jogos em que os seus irmãos mais novos jogarem. Onde quer que a vida os leve, haverá sempre uma mulher doida nas bancadas a aplaudir e a gritar por duas.

*

Porque é que alguém gosta de desportos de equipa? Será porque queremos fazer parte de um grupo? Para algumas pessoas, a resposta é simplesmente que uma equipa é uma família. Para quem precisa de uma família diferente ou para quem nunca teve uma.

Vidar Rinnius adorava jogar hóquei quando era pequeno, como qualquer outro miúdo. Porém, ao contrário dos outros miúdos, ainda adorava mais a bancada. Sempre prometeu a si próprio que, se algum dia tivesse de escolher, nunca preferiria o gelo à bancada em pé. Disse-o a Teemu, quando era pequeno, e Teemu sorriu e respondeu: «É o nosso clube, não te esqueças disso. Quando todos os jogadores trocarem de clube, quando o diretor-geral e os treinadores se mudarem para clubes que lhes pagam mais, quando os patrocinadores nos abandonarem e os políticos se venderem, nós ainda aqui estaremos. E cantaremos ainda mais alto. Porque o clube nunca lhes pertenceu de qualquer maneira. Será sempre nosso.»

Hoje, Vidar entrou no autocarro da equipa, pôs o equipamento na bagageira, mas não está no rinque. Em vez disso, veste o blusão preto, sobe para a bancada em pé, posiciona-se ao lado do irmão e grita:

– SOMOS OS URSOS! SOMOS OS URSOS! SOMOS OS URSOS! OS URSOS DE BJÖRNSTAD!

Teemu olha para ele. Talvez queira ordenar ao irmão que volte para o balneário, que uma vida melhor espera por ele no gelo. Mas a Matilha é a família deles e o clube pertence-lhes. Assim, beija o irmão na cabeça. O Martelo e o Aranha abraçam Vidar, com os punhos fechados nas costas dele. E cantam, mais alto, com mais insistência:

– Somos os ursos! Somos os ursos!

*

Amor e ódio. Alegria e tristeza. Raiva e perdão. O desporto traz consigo a promessa de que podemos ter tudo, por uma noite. Só o desporto consegue fazê-lo.

De um dos lados do rinque, na bancada em pé da claque de Hed, o volume aumenta até nada conseguir penetrar aquela parede de som. Os seus cânticos estão carregados de *Schadenfreude*. Se perguntarem às pessoas que estiveram naquela bancada, anos mais tarde, elas baixarão os olhos, atrapalhadas, e titubearão: «Era só hóquei… não foi com maldade… São coisas que se dizem no calor da batalha. Sabem como é! Foi só hóquei!»

Claro que sabemos. Nós apoiamos a nossa equipa, vocês apoiam a vossa, e todos exploraremos cada ínfima fraqueza que encontrarmos. Se tivermos oportunidade de dar um golpe baixo, aproveitá-la-emos; faremos tudo o que pudermos fazer para vos prejudicar, para vos desequilibrar. Porque queremos apenas o mesmo que vocês: vencer. Assim, as claques de Hed cantam as coisas mais simples, cruéis e perversas de que se lembram.

O melhor jogador do Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad era Kevin Erdahl. Este violou Maya Andersson, a filha do diretor-geral do clube. O melhor amigo de Kevin, Benjamin Ovich, é homossexual. O que é que esperávamos? Que os outros não tocassem nesse assunto? Aqueles que nos odeiam?

As suas vozes não se contam aos milhares, mas, num recinto pequeno, com teto baixo, o silêncio de muitos pode fazer com que os cânticos de alguns deem a entender que toda a gente está a gritar o mesmo. As claques de vermelho viram-se para a secção das bancadas de Björnstad, onde se encontra a Matilha, e rugem:

– Paneleiros! Putas! Violadores!

É fácil dizer que eles deviam ter ignorado. Que não se deviam deixar afetar. É apenas hóquei. São meras palavras. Não significam nada. Mas se forem entoadas vezes suficientes, gritadas alto o suficiente, repetidas e repetidas e repetidas… conseguem perfurar as barreiras. Cem braços de vermelho apontam para o outro lado do gelo, para os apoiantes de verde. As suas palavras ressaltam no teto e ecoam nas paredes. Uma, e outra, e outra vez.

PANELEIROS!
PUTAS!
VIOLADORES!

39

Violência

Na parte sentada do rinque, Peter Andersson não consegue deixar de ouvir os cânticos. Esforça-se por os ignorar, mas é impossível. Inclina-se e dá um toque no ombro de Sune, que está sentado na fila da frente.

– Onde está o Benji? – pergunta.

– Não apareceu – responde Sune.

Peter volta a encostar-se. As palavras das claques de Hed batem no teto e ressaltam, atingindo-o como óleo a ferver. Apetece-lhe levantar-se e gritar também, gritar qualquer coisa, seja o que for. É só uma merda de um jogo de hóquei, e o que vale agora? Quanto é que Peter sacrificou por isto? Tudo o que fez a família passar? A filha? Quantas más decisões terá um homem de ter tomado para que a mulher fique em casa em vez de o acompanhar, para o filho preferir estar ao lado dos *hooligans* do que do pai? Se o Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad não vencer este jogo, depois de tudo o que Peter fez, o que valerá ele? Vendeu os seus ideais, arriscou tudo aquilo que ama. Se o clube perder contra Hed, estará tudo perdido. Não há outra maneira de encarar as coisas.

– Paneleiros! Putas! Violadores!

Peter olha, em silêncio, para as pessoas que berram na bancada em pé de Hed e deseja-lhes mal, a cada um deles. Se Björnstad conseguir a liderança no jogo de hoje, se a equipa tiver oportunidade de esmagar estas pessoas e destruir todo o seu desejo de se levantarem da cama amanhã, Peter deseja ardentemente que a sua equipa não seja misericordiosa. Quer vê-los sofrer.

*

A dada altura, quase todos temos de fazer uma escolha. Alguns nem se apercebem disso e a maioria não tem oportunidade de a planear antecipadamente, mas há sempre um momento em que seguimos por um caminho em vez de outro, um momento cujas consequências nos acompanharão para o resto da vida. Determina quem seremos, tanto aos olhos dos outros como aos nossos. Elisabeth Zackell talvez tivesse razão quando disse que qualquer um que se sinta responsável não é livre. Porque a responsabilidade é um fardo. A liberdade é um prazer.

Benji está sentado no telhado de um dos anexos do canil, a ver os flocos de neve que pairam até ao chão. Sabe que o jogo está prestes a começar, mas ele não está lá. Não sabe explicar porquê; nunca teve jeito para justificar ou racionalizar as suas ações. Às vezes faz coisas estúpidas por instinto, outras não as faz pelo mesmo motivo. Às vezes preocupa-se muito pouco com as coisas, outras preocupa-se de mais.

Ao seu lado, no telhado, estão sentadas as três irmãs, Adri, Katia e Gaby. Lá em baixo, numa cadeira ao lado de uma mesa pouco estável, com os pés enterrados na neve, encontra-se a mãe deles. Ela faria – e já fez – quase tudo pelos filhos, mas subir a um escadote para se sentar no telhado gelado de um anexo e ficar com o traseiro encharcado ultrapassa os seus limites.

A família Ovich sempre adorou hóquei, embora nem sempre da mesma maneira. Adri adorava jogar e assistir aos jogos, Katia gostava de jogar, mas não de ver, Gaby nunca jogou, mas foi sempre ver Benji jogar. A mãe pergunta constantemente, irritada: «Por que raio têm de ter três tempos? Não chegavam dois? Estas pessoas não comem refeições como deve ser?» Porém, se lhe dissermos a data de um jogo há dez anos, ela sabe se o filho marcou ou não. Ou se jogou bem. Lembra-se se ficou orgulhosa ou zangada. Muitas vezes, ficou ambas.

As irmãs agitam-se ao lado dele, pouco à vontade. Está frio, e não só por causa das temperaturas gélidas.

– Se não queres que nós vamos ao jogo, não iremos – diz Gaby baixinho.

– Se não quiseres mesmo, mesmo, mesmo que não vamos… – clarifica Katia.

Benji não sabe o que dizer. Acima de tudo, depois do que aconteceu, odeia-se a si próprio por ter colocado a família nesta posição. Não quer ser um fardo para elas, não quer que tenham de lutar por ele. Uma vez, a mãe de outro rapaz comentou: «Podes não ser um anjo, Benjamin, mas sabe Deus que não foste prejudicado pela ausência de um exemplo masculino. Todas as tuas melhores qualidades derivam do facto de teres sido criado numa casa cheia de mulheres.»

Benji sempre afirmará que ela estava enganada porque, da maneira que o disse, parece que se referia a mulheres comuns. E não o são, pelo menos para ele. As irmãs fizeram todos os possíveis para substituir o pai: ensinaram o irmão mais novo a caçar, a beber e a lutar. Mas também o ensinaram a nunca confundir simpatia com fraqueza, nem amor com vergonha. E é por elas que ele se odeia a si próprio agora. Porque, se não fosse ele, nem lhes passaria pela cabeça não ir a Hed.

Por fim, é Adri que olha para o relógio e anuncia:

– Amo-te, maninho, mas vou ao jogo.

– Eu também vou! – grita a mãe lá de baixo.

Porque ela e Adri têm idade suficiente para se lembrarem da vida antes de Björnstad. Os mais novos eram demasiado pequenos, mas Adri lembra-se do que a família fugia e do que encontraram aqui. Um lugar seguro para construir um lar. Esta é a cidade deles. Benji dá uma palmadinha na mão de Adri e murmura:

– Eu sei.

Adri beija-o na face e murmura que o ama em duas línguas diferentes. Quando ela desce do telhado, Katia e Gaby hesitam, mas acabam por segui-la. Vão ao jogo pela mesma razão que podiam ter ficado em casa: pelo irmão e pela sua cidade. Gostavam que Benji jogasse, mas sabem que nada que lhe possam dizer o fará mudar de ideias. Porque ele é, afinal de contas, membro desta família, e é bem capaz de haver mulas que se acusem umas às outras de serem «casmurras que nem um Ovich».

*

Benji fica sentado no telhado até o carro com a mãe e as irmãs arrancar. Fuma, sozinho. Depois desce, pega na bicicleta e embrenha-se pela floresta. Mas não na direção de Hed.

*

Quando as crianças começam a jogar hóquei, dizemos-lhes que tudo o que têm de fazer é dar o seu melhor. Que isso chega. Toda a gente sabe que é mentira. Todos sabem que este desporto não é para nos divertirmos; não se mede em termos de esforço, apenas de resultados.

Os jogadores do Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad entram no rinque com o nome de uma mãe nos braços e, embora seja um jogo fora, grandes porções do recinto estão ocupadas por camisolas verdes com as palavras BJÖRNSTAD CONTRA OS OUTROS. Homens de blusões pretos desenrolam uma faixa por cima de uma das bancadas em pé, parecida com a que vai ser demolida no seu próprio rinque, e as palavras são dirigidas tanto a Peter Andersson como aos apoiantes de Hed: «Façam-se a nós se acham ter força para isso!»

No gelo, o jogo começa. O volume do ruído é insustentável, os ouvidos das pessoas começam a estalar, e os jogadores do Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad fazem o que podem. Lutam pela vida. Dão tudo o que têm. O seu melhor. Mas Vidar está na bancada e ninguém sabe onde anda Benji. O guarda-redes e o capitão. Talvez Björnstad mereça ganhar, talvez fosse justo que tivessem um final feliz de conto de fadas, mas o hóquei não se mede assim. No hóquei, só contam os golos.

Hed marca. Depois marca outro. E outro, e outro.

Os cânticos vindos das bancadas vermelhas são ensurdecedores. Contudo, Peter Andersson não os ouve. O que lhe ecoa nos ouvidos é o som do seu coração a partir-se.

*

No parque de campismo, o professor já fez as malas, já as colocou no carro. No entanto ainda está sentado à mesa da cozinha, na pequena cabina, de olhos postos na janela, à espera que alguém de olhos tristes e coração selvagem apareça por entre as árvores. Quando finalmente vê Benji, está à espera há tanto tempo que, ao princípio, julga estar a sonhar. O professor levanta-se e tenta reunir todas as palavras que tem dentro de si. O seu coração dá um salto ao ouvir o som da porta a abrir-se e dá por si a olhar para os lábios de Benji.

– Eu… estava a tentar escrever qualquer coisa… – diz, em tom apologético, apontando com atrapalhação para a caneta e a folha de papel em branco sobre a mesa.

Benji fica em silêncio. A cabina está fria, mas o professor veste uma camisa fina de linho branco por fora das calças, desalinhada como cabelo de domingo de manhã; cheira a pele quente e café acabado de fazer. Benji abre a boca, mas não lhe sai nada. Olha em volta; todas as roupas desapareceram, todos os bens pessoais foram retirados. Talvez o professor detete algum vestígio de crítica no olhar de Benji, porque murmura, embaraçado:

– Não sou tão corajoso como tu, Benjamin. Não sou o tipo de pessoa que fica e luta.

Ainda há um entalhe fundo na porta, deixado pela faca. Benji estende a mão, toca-lhe na pele uma última vez. Murmura:

– Eu sei.

O professor segura a mão dele contra o rosto por um breve momento, fecha os olhos e diz:

– Liga-me se alguma vez quiseres… quiseres estar noutro lado qualquer. Talvez as coisas pudessem ser diferentes para nós… noutro lugar.

Benji faz que sim com a cabeça. Talvez tivesse sido diferente, sim, noutro lugar. Algo mais.

Quando o professor entra no carro, dá por si a recordar a citação de um filósofo: «O homem é a única criatura que recusa ser o que é.» Tenta lembrar-se de quem o disse. Talvez Albert Camus? Entretém a mente com o assunto enquanto atravessa Björnstad e sai da floresta, porque se se concentrar muito nessas palavras, todos os outros sentimentos não conseguirão dominá-lo e impedi-lo de ver a estrada à sua frente.

Muito atrás dele, Benjamin Ovich sobe para a bicicleta e começa a pedalar numa direção diferente. Um dia talvez seja livre. Mas não hoje.

*

Quando o Clube de Hóquei no Gelo de Hed está a vencer por 4-0, no final do segundo tempo, quatro rapazes de Hed esgueiram-se pelas bancadas. São apenas miúdos em idade escolar, e é por isso que foram incumbidos desta missão, porque ninguém desconfiaria deles. Não vestem camisolas vermelhas, para não darem nas vistas. Levam consigo sacos de lixo, discretamente infiltrados no pavilhão durante o treino da equipa infantil na véspera. Vão atirar o conteúdo desses sacos aos inimigos. Quando for a altura certa, quando as almas dos apoiantes de Björnstad estiverem no ponto mais baixo, para os quebrar de vez.

Muitas pessoas no lado vermelho do rinque dirão que isto faz parte do jogo, é puramente simbólico, é só o hóquei. Talvez até lhe chamem «uma brincadeira». O tipo de coisa que se faz para magoar os adversários e os afetar. Conquistar. Destruir. Aniquilar.

Os rapazes conseguiram esgueirar-se pela parte lateral do rinque e estão já demasiado perto da bancada em pé dos apoiantes de Björnstad quando alguém dá por eles. Nessa altura, é tarde de mais. Os rapazes tiram dos sacos de lixo *dildos* e outros brinquedos sexuais, um após outro, às centenas. Chovem vibradores sobre os homens de blusões pretos, atingindo os seus corpos curvados

como mísseis. E da bancada vermelha, do outro lado do rinque, o cântico ergue-se de novo, ainda mais ameaçador, ainda mais carregado de ódio:

– PANELEIROS! PUTAS! VIOLADORES! PANELEIROS! PUTAS! VIOLADORES!

*

Podem dizer o que quiserem sobre Teemu Rinnius, porque ele diz o que quer sobre toda a gente. Na sua experiência, todas as discussões sobre violência revelam a hipocrisia de quase todas as pessoas. Se lhe perguntássemos, observaria que a maioria dos homens e mulheres não é violenta e que acredita que assim é porque a sua «moral» os impede de o ser. Teemu tem uma palavra para os descrever: «Mentirosos.» Não seriam mesmo violentos, se pudessem? Quando outros condutores se lhes atravessam à frente? Quando alguém os prejudica no trabalho? Quando alguém se mete com as suas mulheres no *pub*, ou com os seus filhos na escola, ou faz mal aos seus pais no lar? Quantos milhares de vezes terá um típico homem trabalhador, dono de um adorável labrador, sonhado em ser o tipo de pessoa que na realidade se está a borrifar para tudo? Teemu está convencido de que a falta de violência das pessoas comuns não tem nada a ver com moral, e que não teriam qualquer compunção em fazer mal a alguém se acreditassem que não sofreriam qualquer consequência por isso. O único motivo pelo qual não são violentos é que para eles a violência não é uma opção: ou por não saberem lutar, ou por não conhecerem ninguém com a força necessária, ou por não disporem da vantagem dos números, ou por não possuírem influência. Caso contrário, sairiam do carro e esmurrariam aquele idiota que não para de buzinar, espancariam o pai que insultou a sua família na reunião da escola, empurrariam o fanfarrão do empregado de mesa contra a parede e obrigá-lo-iam a engolir a conta.

Teemu tem a certeza disso. Quando ele e Vidar eram miúdos, os dois irmãos aprenderam a odiar uma frase mais do que todas as outras. Houve quem lhes

chamasse muita coisa ao longo da vida: «Tesos!» «Ladrões!» Mas aquilo que mais os afetava era: «Filhos da puta!» E notava-se, portanto era o que todos os miúdos na escola usavam mais do que qualquer outro insulto. Teemu e Vidar tinham a mesma mãe, mas pais diferentes, e, quando um irmão é moreno e o outro é loiro, isso faz deles alvos em qualquer recreio. Lutaram até que todos deixaram de os insultar, mas há palavras que nunca deixam de ecoar dentro de nós. Filhos da puta. Filhos da puta. Filhos da puta. Puta. Puta. Puta.

Agora, Teemu e Vidar estão em pé nas bancadas, ao lado do Aranha e do Martelo. O Aranha, que levava porrada com toalhas molhadas no duche da escola e a quem chamavam «paneleiro» quando era pequeno. O Martelo, que estava disposto a meter-se num avião, em adolescente, e lutar contra todas as pessoas que encontrasse no país onde a prima fora violada, antes de Teemu o arrastar de volta para casa.

Não são santos, não têm corações de ouro, e a maior parte das piores coisas que é dita sobre eles é verdade. Mas, quando o Martelo foi ter com Teemu, na primavera, e lhe disse que a Matilha devia ficar contra Kevin Erdahl, o melhor jogador que o seu bem-amado clube alguma vez tivera, Teemu concordou, porque sabia o que as pessoas andavam a chamar a Maya Andersson na escola.

E agora as claques vermelhas do outro lado do rinque gritam:
– PANELEIROS! PUTAS! VIOLADORES!

Os apoiantes de Hed não sabem nada disto. Estão apenas a tentar gritar os piores insultos de que se lembram, aquilo que acham que pode ferir, enervar qualquer um que tenha um urso no peito. E são bem-sucedidos. Assim que a chuva de vibradores se abate sobre os homens de blusões pretos, oito deles começam a descer a bancada. Despem os blusões, e oito homens de camisa branca vestem esses mesmos blusões e ocupam o lugar deles. Os seguranças não veem Teemu, Vidar, o Aranha, o Martelo e quatro outros desaparecerem por um corredor, entrarem por uma porta e descerem para a cave.

A violência não é uma opção para a maioria das pessoas. Mas a Matilha não é como a maioria.

*

Leo Andersson tem doze anos de idade e nunca esquecerá o momento em que ouviu Teemu Rinnius virar-se para o Aranha e mandar:

– Reúne o pessoal. Só os mais duros.

E como viu Teemu fazer um sinal quase impercetível com a cabeça, e sete homens o seguiram de imediato. Os mais duros, a unidade central da Matilha, os mais perigosos de todos.

Leo viu outros homens vestirem os blusões pretos e bloquearem a linha de visão dos guardas enquanto os duros desciam das bancadas e corriam para uma porta, num corredor escuro, ao lado da despensa do porteiro. Há uma cave por baixo do rinque de Hed; a maioria das pessoas nem sequer tem conhecimento da sua existência, mas, aqui há algumas semanas, houve problemas com as luzes e tiveram de chamar um grupo de eletricistas. Um deles precisou de descer à cave porque achava que havia uma caixa de fusíveis lá em baixo. Nunca passou pela cabeça do porteiro que houvesse nisso algo de suspeito. O eletricista teve o cuidado de não deixar ver a tatuagem do urso.

Leo Andersson nunca esquecerá o quanto desejou poder descer à cave com eles.

Alguns rapazes sonham em ser jogadores profissionais de hóquei – assistem aos jogos da bancada e desejam poder estar no gelo. Mas alguns rapazes têm outros sonhos. Outros ídolos.

*

Percorrem o corredor por baixo do recinto. Oito homens. Os mais duros. Nada devia poder travá-los, mas um homem fá-lo. Está sozinho, no meio do

caminho deles. Não traz consigo quaisquer amigos ou armas e enfiou uma vassoura pelas pegas das portas atrás de si de modo a impedir que alguém as abra pelo outro lado. Benji fechou-se num corredor com eles, voluntariamente.

Não queria vir. Mas não havia outro lugar onde preferisse estar.

Veio de bicicleta desde o parque de campismo até ao rinque em Hed, através da neve, com o vento nos olhos. Quando entrou, o jogo estava nos minutos finais do segundo tempo e todos os olhos estavam postos no gelo. Benji ergueu os seus para o quadro luminoso. Hed vencia por 4-0. Ouviu os cânticos, viu o mar vermelho de ódio de um lado e os blusões pretos do outro. Viu a chuva de *dildos*. Enquanto todos assistiam, em estado de choque, Benji olhou em volta, à procura de uma maneira de descer das bancadas. Quando Teemu e Vidar e os outros seis despiram os blusões, Benji já sabia para onde eles iam.

Ele já esteve naquela cave antes. Jogou centenas de jogos e torneios no pavilhão de Hed, desde miúdo, e não há ninguém melhor do que Benji para encontrar cantos sossegados onde possa fumar o seu charro em paz. Assim, sabe que é possível usar a cave para atravessar o rinque, de um lado das bancadas ao lado oposto. E aparecer no meio do inimigo. Como uma bomba.

Teemu detém-se a meio da cave. Os homens à sua volta param também. O Martelo e o Aranha estão mais adiantados, de um dos lados de Teemu, e o seu irmão, Vidar, do outro. Teemu olha para o rapaz de dezoito anos que bloqueia o corredor estreito e dá-lhe uma única oportunidade.

– Sai da frente, Benji.

Benji abana lentamente a cabeça. Calça sapatos gastos e veste umas calças de fato de treino cinzentas e uma *T-shirt* branca. Parece pequeno.

– Não.

A voz de Teemu é implacável:

– Não volto a avisar-te…

A voz de Benji treme; nenhum deles o ouvira falar assim antes.

– É a mim que vocês querem dar uma tareia. Mais ninguém. Portanto despachem-se. Aqui estou eu. Sei que alguns conseguirão passar por mim. Mas outros não.

O silêncio que se segue tem garras afiadas. A voz de Teemu parece momentaneamente abafada, e depois ele rosna:

– Tratámos-te como um dos nossos, Benji… És um mentiroso de merda.

Benji responde de olhos húmidos:

– Sou um *paneleiro* de merda! Diz o que queres dizer! Se é para bater em alguém, aqui me tens! Se subirem para as bancadas de Hed, o árbitro terminará o jogo e Hed vencerá. Não percebes que é isso que eles querem? Se o que queres é dar porrada num paneleiro, aqui estou eu!

Teemu tem os punhos fechados, os nós dos dedos brancos, quando responde:

– Sai da frente. Não me obrigues a…

Benji interrompe com voz embargada:

– A fazer o quê? Se queres lutar, luta! Vocês são oito, portanto estamos mais ou menos equilibrados! Mas, se subires à bancada de Hed, o jogo termina e não poderemos vencer estes cabrões. Não percebes? *Mas eu consigo vencê-los!*

Benji já não está a olhar para Teemu, mas sim para Vidar. Jogaram juntos alguns anos antes, mas na altura Kevin era o melhor amigo de Benji, e Kevin nunca gostou de Vidar porque ele não era de confiança. Kevin exigia um guarda-redes que obedecesse a ordens e Vidar nunca o fez; e, embora Benji fosse provavelmente mais parecido com Vidar do que qualquer um dos demais membros da equipa de juniores, a sua lealdade era sempre para com Kevin. Vidar, por sua vez, foi sempre leal ao irmão e à Matilha. Nunca falaram sobre isso, nunca ficaram amigos, mas talvez existisse entre eles um certo respeito mútuo. Assim, é a ele que Benji se dirige agora.

– Ouviste, Vidar? Se nós os dois jogarmos no terceiro tempo, conseguimos vencer estes cabrões. Podes subir às bancadas e lutar, se é isso que queres, mas, se nos juntarmos à equipa no gelo, conseguimos vencer. Partam-me os dentes, se isso vos faz sentir melhor; eu consigo jogar sem a merda dos dentes. Mas o que quero… o que eu quero mesmo… Só quero vencer! Quero que vocês se lixem

todos! Posso deixar a cidade amanhã mesmo, se quiserem. Deixo o clube já, se…

Benji cala-se. Mas os outros homens não respondem. Nenhum deles se move sequer. Assim, Benji bate no peito com os punhos e grita, desesperado:

– Estou aqui! As portas estão trancadas. Se querem fazer alguma coisa despachem-se para eu poder ir jogar o resto do jogo! Porque sei que sou capaz de vencer estes cabrões!

As pessoas falam de silêncios em que se ouviria um alfinete cair no chão. Naquele corredor, ouvir-se-ia uma folha de relva cair num monte de algodão. Esta história dificilmente voltará a ser contada seja por quem for, em Björnstad ou em Hed. Mas os homens que ali estiveram saberão sempre que eles eram oito e Benji estava sozinho, e que foi ele que trancou as portas.

Passa um minuto. A menos que tenham sido dez. Sabe Deus.

– Está bem – diz Teemu, lentamente.

Mas não se dirige a Benji. Está a falar com o irmão.

– Está bem? – murmura Vidar.

Teemu ruge:

– O que é que ainda estás a fazer aqui? O terceiro tempo está quase a começar; vai equipar-te, idiota!

Um sorriso abre-se no rosto de Vidar. Lança um olhar a Benji e acena com a cabeça, e Benji acena de volta. Depois Vidar afasta-se na direção dos balneários de Björnstad. Segundos depois, dois dos membros da Matilha viram-se e seguem-no com passos lentos. Depois outros dois.

Apenas o Aranha e o Martelo continuam ao lado de Teemu. Benji não se mexe. Teemu sopra o ar pelo nariz, furioso, e murmura:

– Por amor de Deus. Bebeste comigo. Lutaste ao meu lado…

Benji não tenta limpar as lágrimas.

– Vai para o Inferno, Teemu.

E o líder da Matilha baixa a cabeça. Apenas por um breve instante.

– És um filho da mãe valente, Benji, ninguém o pode negar. Mas não vamos permitir que esta cidade se encha de… sabes… bandeiras arco-íris e essas merdas…

Benji funga.

– Nunca pedi tal coisa.

Teemu enfia as mãos nos bolsos. Acena com a cabeça. É o que basta para que o Aranha e o Martelo virem costas e se afastem. Benji não sabe se ainda o odeiam, mas pelo menos deixaram-no a sós com Teemu.

Teemu tem os punhos cerrados. Benji também.

*

É só um jogo de hóquei. Um rinque de gelo, apinhado de espectadores, dois balneários cheios de jogadores, duas equipas que se enfrentam. Dois homens numa cave. Porque é que damos tanta importância a estas coisas?

Talvez porque trazem ao de cima todas as nossas perguntas mais difíceis. O que nos faz gritar de alegria? O que nos faz chorar? Quais são as nossas memórias mais felizes, os nossos piores dias, as nossas mais profundas desilusões? Estivemos ao lado de quem? O que é uma família? O que é uma equipa?

Quantas vezes, na vida, somos completamente felizes?

Quantas oportunidades temos de amar incondicionalmente algo que quase não faz sentido?

*

O corredor está deserto, e contudo os dois homens ainda se sentem como se estivessem encostados à parede. Teemu ainda treme de raiva e Benji limita-se a tremer, por mil motivos diferentes. Teemu olha para o chão, ofegante, e fala:

– Os jornais estão a escrever sobre ti. Os repórteres não param de ligar para pessoas na cidade, a fazer perguntas sobre ti. O raio da merda da comunicação social, com as suas políticas estúpidas… Sabes o que eles querem, não sabes? Querem apanhar um de nós a dizer algum disparate para poderem mostrar que somos uns provincianos atrasados e preconceituosos. Para poderem voltar para a cidade com o nariz empinado e acharem-se moralmente superiores…

Benji mordeu as bochechas com tanta força que estão a sangrar por dentro. Murmura:

– Desculpa…

Teemu relaxa um pouco e o sangue volta a percorrer-lhe os nós dos dedos. Responde:

– É o nosso clube.

– Eu sei – diz Benji.

Os punhos de Teemu abrem-se, lentamente. Esfrega as faces com as palmas das mãos.

– Dizes que consegues ganhar a estes cabrões… Neste momento estamos a perder por 4-0. Portanto… se venceres este jogo, pago-te uma cerveja a seguir.

Benji tem o rosto molhado, mas os olhos a arder quando responde:

– Pensei que não bebias com pessoas como eu.

O suspiro que sai dos pulmões de Teemu enche todo o corredor, ressalta nas portas fechadas e ecoa no teto baixo.

– Por amor de Deus, Benji. Agora tenho de beber com *todos* os maricas? Não posso começar só por um?

40

Sempre justo. Sempre injusto

Falar à frente de outras pessoas não é fácil. Os melhores treinadores de hóquei nem sempre têm talento para isso. Falar em público é uma atividade de extrovertidos, mas o entendimento tático e a vontade de se sujeitar a noites e noites de vídeos de jogos antigos pode parecer que requer uma personalidade introvertida. Claro que é possível compensar isto apelando ao sentimento. No entanto, quando uma pessoa também não tem jeito nenhum para sentimentos, que raio há de dizer?

Mesmo antes do início do terceiro tempo, Peter levanta-se. Não consegue ficar sentado na bancada. Não sabe onde vai, nem porquê, mas dirige-se para o único lugar que realmente compreende: o balneário. Naturalmente, detém-se no corredor; é o diretor-geral, não tem nada que invadir aquele espaço para falar com os jogadores. Isso compete ao treinador. Tem a certeza de que Zackell lá deve estar neste momento, a fazer um discurso apaixonado aos jogadores, a inspirá-los para darem a volta ao jogo. A dizer-lhes que são capazes, que têm de pensar que ainda estão empatados a zero, que só precisam de um golo rápido para ficar tudo de novo em aberto!

Mas, quando Peter vira a esquina, vê Zackell do lado de fora da porta que dá para o parque de estacionamento. Está sozinha, a fumar um charuto. Toda a equipa ficou no balneário, à espera.

– O que é que está a fazer? – interpela-a Peter.

– Como assim? Não posso fumar lá dentro! – responde Zackell em tom defensivo.

– Estão a perder por 4-0! Não vai falar com a equipa? – insiste Peter.

– Acha que eles não sabem que estão a perder por 4-0? – pergunta Zackell, confusa.

– Por amor de Deus… Eles precisam… Você é a treinadora! Vá falar com

eles! Diga-lhes qualquer coisa que os inspire! – ordena Peter.

Zackell apaga o charuto. Encolhe os ombros. Murmura, resignada:

– Está bem. Pronto. Está bem.

Quando chega à porta do balneário, vê um rapaz a correr na direção dela, vindo do lado oposto: Vidar Rinnius.

– Posso jogar? – pergunta ele, ofegante.

Zackell encolhe os ombros.

– Claro. Porque não? Não pode ser muito pior.

Um minuto ou dois depois de Vidar entrar alegremente no balneário para vestir o equipamento de guarda-redes, aparece outro jovem no corredor. Este vem a andar calmamente, em vez de correr, e detém-se em frente de Zackell. Pergunta educadamente, como é normal num rapaz que tem irmãs:

– Precisa de mais um jogador?

Zackell franze a testa.

– Estás a pensar em fazer sexo com alguém no balneário?

Benji tenta perceber se ela está a brincar. É impossível ter a certeza.

– Não – responde.

– Está bem – concorda Zackell.

Qualquer treinador normal teria apagado Benji da lista de convocados quando ele não apareceu no início do jogo. Mas Zackell não é normal. Decidiu que, mesmo não estando aqui, Benji continuava a ser melhor do que todos os outros. Haverá quem compreenda, embora não seja a maioria. Ela desvia-se para o deixar passar, ele entra no balneário.

O local estava silencioso antes de ele chegar, e agora o silêncio é ainda mais pesado.

Os seus companheiros de equipa estão sentados, duas dúzias de pares de olhos virados para o chão, e, pela primeira vez, Benji não sabe como agir ali dentro: onde se sentar e como se despir para mudar de roupa, não por se sentir pouco à vontade, mas porque tem receio que alguém se sinta pouco à vontade. Ele é diferente, agora.

Descalça-se, mas não faz mais do que isso. Corre para o cubículo da casa de banho e bate com a porta, mas toda a gente consegue ouvi-lo a vomitar. Tem os olhos cheios de lágrimas e aperta a beira da sanita com tanta força que o tampo começa a estalar. Se tivesse forma de escapar naquele momento, talvez a tivesse aproveitado, mas só há uma saída do balneário. Assim, quem é que ele quer ser?

Todos temos momentos em que isso é decidido. Em que escolhemos.

Limpa o rosto, destranca a porta e sai de novo para o balneário. É um gesto insignificante, e todos os seus colegas continuam em silêncio quando ele aparece, mas, quando Benji volta para o seu lugar, tem os sapatos cheios de creme de barbear. E não são só os dele. Todos os pares de sapatos debaixo daquele banco. Porque os homens à sua volta querem que ele saiba que não é diferente dos outros. Não aqui dentro.

Benji senta-se no banco. Hesitante, despe a camisola. De súbito, uma voz ergue-se acima do silêncio, de uma direção inesperada, em frente de Benji.

– Como é que um tipo sabe se é *sexy?*

Benji, sentado no banco em tronco nu, inclina a cabeça para o lado.

– O quê?

Amat está vermelho como um tomate. Estão todos a olhar para ele e nunca se sentiu mais embaraçado em toda a sua vida, mas insiste:

– Quer dizer… Como é que sabemos o que as miúdas acham que é *sexy* num rapaz? Ou o que os rapazes acham *sexy*… nos rapazes?

Benji franze o sobrolho.

– Que raio é que estás a querer saber a sério, Amat?

Amat pigarreia.

– Já tomaste banho comigo, por isso devias ser especialista. Sou *sexy*? – E antes que Benji tenha tempo de responder, abre um grande sorriso. – Não estou a perguntar para mim. É para o meu melhor amigo.

Ao lado dele, Bobo dá um salto como se alguém lhe tivesse dado um choque elétrico. É um pequeno gesto que um rapaz pode fazer por outro, mas qualquer pessoa consegue aguentar muito na vida se tiver um melhor amigo. E ainda mais

se puder ser o melhor amigo de alguém. Assim, Bobo tosse e gagueja:

– Ah… Benji… estava só a pensar… enfim… Como é que um tipo sabe se é… giro?

Benji olha para Bobo, depois para Amat, a seguir de novo para Bobo. Abana a cabeça.

– Nunca olhei nem uma vez para *nenhum* de vocês os dois no duche!

Os risos explodem pelo balneário, mas um dos tipos mais velhos continua sério e pergunta bruscamente:

– Então e o resto de nós? Estás mesmo a dizer que nunca controlaste nenhum de nós no duche?

Benji franze a testa.

– Credo, preferia olhar para miúdas.

Os ombros do jogador mais velho abatem-se ligeiramente.

– Por acaso, isso magoa-me um bocadinho.

– Eu tenho-me esforçado por estar em forma – resmunga outro, em tom desapontado.

Bobo e Amat sorriem. É quase como de costume. Mas Benji está mais sério e aponta para o braço de Bobo.

– Também quero uma braçadeira dessas. Se não te importares.

Bobo escreve «Ann-Katrin» numa tira de fita e cola-a em volta do braço de Benji. As letras ficam tortas porque tinha a mão a tremer.

*

Elisabeth Zackell está do lado de fora do balneário com Peter. Resmunga, contrariada, mas Peter indica-lhe com um gesto firme que tem de ir falar com a equipa. Assim, com um gemido, ela entra e solta um assobio sonoro a pedir silêncio.

– Muito bem. Fui informada de que os treinadores devem fazer discursos inspiradores em situações destas. Portanto… bom… estão a perder por 4-0.

Os homens olham para ela e ela devolve o olhar. Depois continua:

– Estou só a confirmar que vocês sabem. Quatro a zero! Mais ainda: não só estão a perder, como estão a jogar mesmo mal. Portanto só um bando de perfeitos idiotas acreditaria que vocês têm alguma hipótese de vencer a partida!

Os homens continuam em silêncio. Zackell pigarreia. A seguir, acrescenta:

– Bom. Quero apenas dizer que, toda a minha vida, estive envolvida no hóquei. E nunca conheci um maior bando de perfeitos idiotas do que vocês.

Com isto, volta a sair. Peter, no corredor, vê-a afastar-se em direção ao gelo. Nunca ouviu um discurso de balneário melhor do que aquele.

*

Dentro do balneário, ficam todos calados, imóveis. Benji olha para o relógio na parede; já deviam estar no gelo, mas ninguém se mexe. Por fim, Amat dá um pontapé no patim de Benji.

– Eles estão à espera.

– De quê? – pergunta Benji.

– De ti.

Benji levanta-se. Os outros fazem o mesmo. Os jogadores da equipa de hóquei de Björnstad seguem o seu capitão.

Benjamin Ovich não sai para o gelo; toma-o de assalto.

*

As três irmãs Ovich chegam ao pavilhão de Hed com a mãe. Entram com a linguagem corporal de mulheres que já viram coisas muito piores em sítios ainda mais frios. Não têm medo.

O recinto está cheio, todos os lugares ocupados. Toda a gente sabe quem elas são, mas a maioria finge que não. As pessoas apontam e murmuram, mas ninguém as encara. Talvez alguns tenham vergonha, enquanto outros só não sabem o que dizer. É possível que alguns gostassem de se dirigir a elas, mas é

difícil ser o primeiro a levantar-se.

Porém, há cinco pessoas que o fazem.
Os tios.

Vestem *T-shirts* verdes onde se pode ler BJÖRNSTAD CONTRA OS OUTROS. Enquanto sobem as escadas, chamam velhos uns aos outros, na brincadeira. Um deles dá o braço à mãe de Benjamin Ovich e acompanha-a ao lugar dele. Os restantes cedem os seus lugares às irmãs de Benji. Quando Adri passa por um deles, o velho homem aperta-lhe a mão e diz:

– Diz ao teu irmão que talvez os que gritam mais alto deem mais nas vistas. Mas não são a maioria. Nós é que somos.

As mulheres dos cinco tios estão sentadas nos lugares seguintes. Uma delas tem uma geleira aos pés. Obviamente não é permitido trazer tais objetos para um jogo de hóquei, mas, quando o segurança à porta lhe perguntou o que tinha lá dentro, ela respondeu, mortalmente séria: «O meu gato.» Assim que o segurança começou a protestar, uma das outras mulheres inclinou-se para ele e sussurrou: «O gato está morto, mas não lhe diga nada, coitadinha.» O segurança abriu a boca, mas uma terceira mulher pegou-lhe no braço e perguntou: «Tem tomates frescos? Não quero aqueles belgas que me costuma vender, quero tomates como deve ser! Tenho aqui um cupão de desconto!» E a quarta exclamou, animadamente: «Tanta gente que têm aqui esta noite! Qual é o filme, afinal? É com o Sean Connery?» E, antes que a quinta se pudesse lançar no protesto ensaiado de: «Esta noite vai nevar, os meus joelhos não enganam!», o segurança suspirou, desistiu e deixou-as entrar com a geleira.

Agora, as mulheres tiram cervejas da geleira e partilham-nas com a mãe e as irmãs de Benji, e nove mulheres de três gerações diferentes brindam umas com as outras. E cinco velhos tios ficam de pé nos degraus, ao lado delas, como uma guarda de honra.

*

Um café não é nada de especial, na verdade.

Todos se lembrarão dos cânticos provenientes da bancada em pé da claque de Hed:

– Paneleiros! Putas! Violadores!

Muitos acreditarão que todo esse lado das bancadas estava a entoar este cântico, porque é o que parece, e à distância não é fácil distinguir umas pessoas das outras. Assim, todos os que estavam naquela bancada serão criticados, embora nem todos estivessem a gritar, porque as pessoas querem bodes expiatórios, e é muito fácil para alguém com intenções moralizadoras dizer que: «a cultura não é apenas aquilo que encorajamos, mas também o que permitimos que aconteça».

No entanto, quando toda a gente está aos gritos é difícil ouvir a oposição, e depois de a avalancha de ódio começar a deslizar é quase impossível perceber quem é responsável por a travar.

Assim, quando uma jovem com uma camisola encarnada com o desenho de um touro deixa o seu lugar na bancada em pé, ao princípio ninguém repara. Mas essa mulher ama o clube de Hed tanto como aqueles que estão aos gritos – apoiou a equipa a vida toda e portanto esta parte do rinque também lhe pertence. Sair dali para se ir posicionar, em pé, entre os apoiantes sentados, a brigada do cachorro-quente de quem sempre troçou, é o seu protesto silencioso.

Um homem de camisola verde, a alguma distância, vê-a e levanta-se. Vai ao bar, compra dois cafés em copos descartáveis, depois volta a descer e oferece-lhe um. Ficam ali, lado a lado, um de vermelho e outro de verde, e bebem em silêncio.

Um café não é nada de especial. Mas, às vezes, acaba por ser.

Em poucos minutos, mais pessoas de camisola vermelha deixam a bancada em pé. Depressa os degraus na área sentada estão tão cheios como as cadeiras. O cântico de «Paneleiros! Putas! Violadores!» continua a ecoar ruidosamente, mas

aqueles que o entoam estão agora isolados. Assim, todos conseguem ver que afinal não eram tantos como pareciam. Nunca são.

*

Um dos jogadores do Clube de Hóquei no Gelo de Hed chama-se Filip. É o mais jovem da equipa, mas está a caminho de se tornar o melhor. Só que esta história não é sobre ele; na verdade, o seu envolvimento é tão breve que poderíamos facilmente ter-nos esquecido até de o mencionar.

Mesmo antes do início do terceiro tempo, Filip sai do gelo. William Lyt e alguns dos outros chamam-no, aos gritos, mas Filip sai pelo túnel dos jogadores, sobe os degraus da bancada e dirige-se para a zona das claques. Ainda tem os patins calçados e o *stick* na mão. Avança sem hesitar para o maior apoiante de Hed que vê, o mais forte e o mais tatuado, interrompe-o a meio de «PANE…», agarra-lhe na camisola e avisa:

– Se gritarem isso uma vez mais que seja, não continuo a jogar.

Filip tem apenas dezassete anos, mas qualquer pessoa que perceba um pouco de hóquei vê que ele vai ser muito bom. O apoiante de Hed olha para ele, furioso, mas Filip não recua. Aponta para as claques de vermelho em pé nos degraus da bancada, entre os lugares sentados, e previne-os:

– Se gritarem isso uma vez mais que seja, ficarei ali em pé o resto do jogo.

*

Regressa para o gelo, deixando atrás de si um silêncio pesado.

Filip não é ingénuo: o mundo não mudou, sabe que eles gritarão a mesma coisa noutros jogos. Mas não hoje. Quando chega ao banco, alguém grita:

– Hed! Hed! Hed!

– VITÓRIA! VITÓRIA! VITÓRIA! – responde o resto da bancada.

E é a única coisa que cantam durante o resto do jogo. No fim, a bancada em pé está de novo cheia, e os seus cânticos quase que levantam o telhado.

*

O hóquei é simples. É, simultaneamente, o desporto mais justo e o mais injusto do mundo.

Björnstad marca um golo. Depois outro. Quando reduzem para 4-3 e têm apenas um golo de desvantagem a vinte segundos do final, já toda a gente sabe o que vai acontecer. Sente-se no ar. Isto só pode acabar de uma maneira. Como num conto de fadas.

Benji recebe o disco, voa para a área de Hed, simula um remate e passa a Amat. Todos os jogadores de Hed pensam que Benji vai rematar; apenas um dos homens de vermelho sabe que ele não é assim tão egoísta.

William Lyt conhece Benji.

Amat corre para a baliza de Hed; remata com pulsos flexíveis, em perfeito equilíbrio. Parece tão simples – Amat devia ter sido o herói, esse seria o final perfeito. Mas William já leu a jogada. Atira-se para o gelo; o disco acerta-lhe no capacete, depois no poste, e ressalta na direção das tábuas. Filip recupera-o e afasta-o da área; o disco desliza, zombeteiramente fora do alcance dos *sticks* dos jogadores de Björnstad.

E é o fim.

*

O apito final soa, implacável. Os apoiantes vermelhos explodem num rugido de felicidade e William Lyt vê-se debaixo de uma montanha de colegas rejubilantes. Os jogadores de verde deixam-se cair no gelo, desesperados, e, nas

bancadas, as pessoas com o urso ao peito continuam sentadas, entorpecidas, perplexas.

Hed venceu. Björnstad perdeu.

O hóquei é simples. Sempre justo. Sempre injusto.

41

Cabeça erguida

O balneário da equipa de Björnstad está silencioso. Depois de um jogo, uma equipa derrotada só se despacha do balneário de uma de duas maneiras: ou muito depressa ou muito devagar. Ou demoram cinco minutos a sair do recinto, ou várias horas. Desta vez, nenhum deles encontra energia sequer para tomar duche.

Peter Andersson entra. Olha para os jogadores e sabe exatamente como se sentem. Deseja desesperadamente ter algo de inspirador para lhes dizer, por isso murmura:

– Bom, rapazes… Foi um jogo difícil. Perderam, mas quero que…

Um dos jogadores mais velhos interrompe-o com uma fungadela desdenhosa.

– Com todo o respeito, Peter, não venha com tretas de que temos de «esquecer», ou outra frase batida qualquer do género. Se não tem nada de útil para dizer, seria melhor que fizesse o que costuma fazer sempre: fique calado e vá esconder-se no seu escritório!

É um desafio direto. Eles não o respeitam. Peter fica parado à porta, de mãos nos bolsos. Em qualquer outra ocasião, era bem capaz de ter feito o que lhe sugeriram: ir esconder-se no escritório. Diria a si próprio que é o diretor-geral, não o treinador, e que não faz parte das suas funções conquistar o respeito dos jogadores. Mas hoje não é uma dessas ocasiões. Assim, aperta os punhos dentro dos bolsos e diz:

– Esquecer? *Esquecer*? Acham que eu quero que vocês *esqueçam* isto? O que eu quero é que se *lembrem*!

Com isto espanta-os o suficiente para lhes chamar a atenção. Normalmente, nunca ergue sequer a voz, mas agora aponta para cada um dos jogadores, do mais velho até Benji, Bobo, Vidar e Amat, e ruge:

– Hoje foram derrotados. Hoje, *quase* conseguiram. Lembrem-se exatamente de qual é esta sensação. Para que nem vocês, nem eu, tenhamos de voltar a

sentir-nos assim! *Nunca mais!*

Talvez tencionasse continuar a falar, mas nesse momento um batuque surdo ecoa pelas paredes do pavilhão e todos no balneário olham para cima. Ao princípio, parece um tambor, depois alguém aos pontapés a uma porta, mas depressa se transforma num bramido e só Peter percebe de onde vem. Já o ouviu antes, mas foi há vinte anos, durante uma época mágica, quando uma cidade inteira viveu e morreu com as vitórias e derrotas de uma equipa de hóquei. Nesse tempo, Peter ouvia esse som em todos os rinques.

– Voltem para o gelo – ordena à equipa.

Eles obedecem. Peter não os acompanha; sabe que não é bem-vindo.

Os jogadores do Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad regressam ao rinque. As bancadas estão agora quase vazias e as luzes foram apagadas. Porém, ao fundo, um grupo de homens de blusões pretos continua de pé, e estes homens recusam-se a ser silenciados. Estão aos saltos, com os pés a bater na madeira das bancadas. Não são sequer uma centena, mas cantam como se fossem dez mil.

– Cabeça erguida, nós e vocês! Cabeça erguida, nós e vocês! Cabeça erguida, nós e vocês! – gritam, uma e outra vez.

Para que todos saibam que eles ainda ali estão. Para lhes recordar o que significa o clube. Que é um privilégio, não um direito.

Por fim, toda a equipa principal de Björnstad, no gelo, se junta ao cântico.

– CABEÇA ERGUIDA, NÓS E VOCÊS! CABEÇA ERGUIDA, NÓS E VOCÊS!

O resto do recinto está deserto e às escuras, mas mais ninguém seria bem-vindo neste momento de qualquer maneira. Isto é entre a equipa e os seus maiores apoiantes: uma família.

Peter fica sozinho no balneário, com as mãos nos bolsos. Depois sai do pavilhão e regressa a Björnstad a pé, pela floresta, inspirando fundo o ar do inverno que se aproxima e sentindo-se mais derrotado do que nunca. Está tudo a fugir-lhe das mãos: os filhos, o casamento, o clube.

Valeu a pena? Como havemos de saber antecipadamente?

*

Os treinadores de Björnstad e Hed encontram-se depois do jogo, na sala da equipa de arbitragem. Falam como é habitual entre treinadores – com educação, mas não com simpatia.

– Bom jogo – diz David, de vermelho.

– Vocês ganharam. Portanto só foi bom para vocês – responde Zackell, de verde.

David sorri. São parecidos, ele e ela.

– Como estão os seus rapazes a dar-se? – pergunta ele.

– Os meus rapazes em geral ou um deles em particular? – replica ela.

David tenta encontrar algo para fazer com as mãos.

– O Benjamin. Gostava de saber como está o Benjamin.

– Voltaremos a defrontar Hed em dezembro. Nessa altura, ele jogará a partida inteira – assegura Zackell.

David sorri. A treinadora de Björnstad não respondeu à pergunta dele, mas é a maneira que tem de o avisar que não tenciona perder o próximo confronto. Ela é, acima de tudo, uma treinadora de hóquei, tal como David.

– Bom jogo! – repete ele.

Estende-lhe a mão, mas Zackell não dá qualquer indício de estar a pensar em apertá-la.

– Aquele seu defesa, o Filip, pode vir a ser mesmo muito bom – declara em vez disso.

David sente-se inchar de orgulho. Filip foi, ao longo de toda a infância, o pior jogador, o mais pequeno, mas David continuou a dar-lhe oportunidades e agora ele cresceu e tornou-se uma estrela.

– Sim. Só precisa… – começa, mas Zackell interrompe-o.

– Não o deixe voltar a subir à bancada. Não permita que ele seja arrastado para o meio da política.

David acena, em concordância. Ele e Zackell são realmente semelhantes. Sabem que Filip tem potencial para vir a ser o melhor, mas também que não tem nada a ganhar se cair em desgraça junto dos apoiantes. O nível de elite não permite esse tipo de distração. Os jogadores devem limitar-se a jogar. O hóquei deve ser apenas hóquei.

– Hoje esteve um pouco mais lento do que o normal, mas é capaz de estar ainda perro, depois dos treinos da pré-época – considera David.

– Tem uma dor na anca – declara Zackell, sem a mínima dúvida.

– Como?

– Na anca direita. Está a compensar em excesso; se olhar para as costas dele quando está de pé, verá que não estão direitas. Ele não lhe contou porque tem receio de o deixar ficar mal.

– Como sabe? – questiona David.

– Eu fiz o mesmo quando tinha a idade dele.

David hesita durante muito tempo antes de perguntar:

– Quem era o seu treinador?

– O meu pai.

A expressão de Zackell não se altera. Apanhado de surpresa, David coça o pescoço.

– Obrigado. Vou falar com o Filip…

Zackell tira um papel do bolso e escreve um número de telefone.

– É de um fisioterapeuta. É o melhor neste tipo de lesões. Quando lhe levar o Filip, diga que eu mando cumprimentos.

E, com estas palavras, sai. David grita, atrás dela:

– Ligo-lhe quando arranjar um cargo numa das equipas de elite! Pode ser a minha assistente!

A resposta da mulher, já no corredor, é tão óbvia quanto confiante:

– Você é que pode ser *meu* assistente!

Na manhã seguinte, David leva Filip ao fisioterapeuta. Com a viagem de ida e volta, demoram o dia todo, e, dentro de alguns anos, Filip mencionará, em

entrevistas, como David o acompanhou nessas visitas, uma vez por semana, até ao final da época.

«O melhor treinador que já tive! Salvou a minha carreira!»

O fisioterapeuta trabalha para uma das maiores equipas de hóquei a nível nacional e, no ano seguinte, essa equipa vai buscar Filip. David consegue também um lugar de treinador nesse clube.

Elisabeth Zackell candidatar-se-á ao mesmo cargo, mas não será a escolhida.

Sempre justo. Sempre injusto.

*

É já tarde quando a campainha da casa de David toca. A namorada, grávida, vai abrir. Do outro lado da porta, está Benji.

Quando David desce as escadas, fica sem ar por um instante, e toda a infância daquele rapaz lhe passa pelos olhos em instantâneos: Benji e Kevin, os melhores amigos, o rapaz selvagem e o génio. Céus, como David gostava daqueles dois. Não sabe se alguma vez voltará a sentir o mesmo que sentia quando era treinador deles.

– Entra! – exclama, esfuziante, mas Benji abana a cabeça.

Já tem dezoito anos. É um homem. Quando ele e Kevin eram crianças, David recorria a mil maneiras para os motivar, e talvez nenhuma fosse mais eficaz do que quando lhes emprestava o seu relógio. Fora-lhe oferecido pelo pai e os rapazes admiravam-no muito. Assim, quando um deles fazia um jogo especialmente bom, podia usá-lo durante alguns dias.

Benji estende-lhe agora o relógio.

– Para dar ao seu filho. Não me fica muito bem, na verdade.

Na primavera, pouco depois de deixar o Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad, David viu Benji beijar outro rapaz. Na altura, havia tanta coisa que

lhe queria dizer, mas não conseguiu arranjar maneira de o fazer. Assim, deixou o relógio do pai na campa do pai de Benji, com um disco de hóquei no qual escreveu: «Ainda és o filho da mãe mais corajoso que conheço.»

– Eu… – murmura David, mas não lhe sai mais nada.

Benji põe-lhe o relógio na mão, e os dedos de David fecham-se com força sobre ele. A namorada chora baixinho por ele.

– Fico com o disco. Para mim chega – diz Benji.

David quer abraçá-lo. É curioso, pensar que uma pessoa pode esquecer-se de como isso se faz.

– Lamento muito tudo o que estás a passar – sussurra, com sinceridade.

Benji morde a bochecha.

– Continua a ser o melhor treinador que já tive – responde, com a mesma sinceridade.

«Treinador.» Não «pessoa» nem «amigo». Apenas «treinador».

Isso nunca deixará de doer a David.

– Haverá sempre uma camisola com o número dezasseis para ti em todas as minhas equipas – promete-lhe David.

Sabe qual será a resposta de Benji antes de ele abrir a boca:

– Para mim só há uma equipa.

Depois o rapaz desaparece na escuridão. Como é habitual.

*

Alguns dias depois, Björnstad disputa o jogo seguinte. Também é fora, mas as camisolas verdes e os blusões pretos fazem a viagem e o mesmo cântico obstinado ecoa ao longo de todo o jogo:

– Cabeça erguida, nós e vocês! Cabeça erguida, nós e vocês! Cabeça erguida, nós e vocês!

Björnstad vence esse jogo: 5-0. Amat é como um furacão, Bobo luta como se fosse o último jogo da sua vida, Benji é o melhor jogador em cima do gelo. A dada altura, perto do final, Vidar quase se envolve numa luta com um dos adversários, mas Benji desliza a toda a velocidade pelo gelo para segurar o guarda-redes, impedindo-o de desferir o soco.

– Se o agredires, és suspenso! Precisamos de ti! – grita Benji.

– Ele está a dizer merda! – grita Vidar, apontando para o outro jogador.

– O que é que ele disse? – pergunta Benji.

– Que és maricas!

Benji lança-lhe um longo olhar.

– E sou, Vidar.

Vidar bate no urso que tem ao peito.

– Mas és o *nosso* maricas!

Benji olha para o gelo, com um suspiro. É o elogio mais disfuncional que alguma vez lhe fizeram.

– Podemos limitar-nos a jogar hóquei por agora? – suplica.

– Está bem – resmunga Vidar.

E é o que fazem. Benji marca duas vezes. Vidar não deixa entrar um único golo. Quando Benji chega ao Urso Pardo, nessa noite, tem uma cerveja à sua espera em cima do balcão. Bebe-a, com Vidar e Teemu ao lado dele. Conseguem fazer com que tudo pareça de novo quase normal. Talvez volte a ser, um dia.

42

Tomam-no de assalto

Em Björnstad, enterramos os nossos mortos debaixo das árvores mais bonitas. Choramo-los silenciosamente, falamos baixinho e muitas vezes achamos mais fácil fazer algo do que dizer alguma coisa. Talvez porque aqui há tantas pessoas más como boas, o que nos torna complicados; nem sempre é muito fácil distingui-las. Às vezes, somos as duas coisas ao mesmo tempo.

*

Bobo está a tentar fazer o nó da gravata. Nunca conseguiu aprender a fazê-lo como deve ser, parece que fica sempre ou comprida ou curta de mais. Uma das tentativas fracassa de maneira tão ridícula que o irmão e a irmã mais novos desatam a rir. Logo hoje, consegue fazer rir os irmãos.

Ann-Katrin ficaria orgulhosa dele por isso.

São tão diferentes, os três filhos. Bobo nunca percebeu como três irmãos podiam sair assim. Os mesmos genes, a mesma educação, a mesma casa, e, contudo, pessoas tão totalmente diferentes. Pergunta a si próprio se a mãe acharia o mesmo, ou se veria partes iguais de si própria em cada um dos filhos. Há tantas coisas que Bobo lhe devia ter perguntado.

A morte faz-nos isso – é como um telefonema onde só nos lembramos sempre exatamente do que devíamos ter dito assim que desligamos. Do outro lado da linha, fica apenas um gravador de mensagens cheio de memórias, fragmentos de uma voz que se tornam mais fracos de dia para dia.

O Javali entra no quarto e tenta ajudar Bobo com a gravata, mas não se sai muito melhor. Era sempre Ann-Katrin que fazia os nós das gravatas, tanto do marido como do filho, quando a família tinha de ir a algum funeral. Assim, Bobo ata a sua à volta da testa e os irmãos desatam a rir. E vai assim com ela até ao funeral, só porque isso os faz rir.

O padre fala; ninguém da família presta realmente atenção às suas palavras, apesar de estarem sentados mesmo à frente, o mais perto uns dos outros que conseguem. Ann-Katrin sempre gostou disso, do facto de a sua família ser um pequeno rebanho, como as ovelhas que procuram calor umas nas outras. Ela costumava dizer: «Uma casa maior? Para que havíamos de querer uma casa maior? Estamos sempre todos na mesma divisão, seja como for!»

A seguir, as pessoas vêm ter com o Javali e tentam resumir Ann-Katrin em poucas palavras. É impossível, ela era demasiadas coisas: uma enfermeira talentosa no hospital, uma colega querida que estava sempre disposta a ajudar, uma amiga leal e apreciada. O grande amor da vida de um homem e a única mãe que três filhos muito diferentes alguma vez terão.

É apenas uma, a pessoa que está a ser sepultada, mas para aqueles que deixou para trás, ela era muito mais.

Todas as pessoas presentes na igreja desejam ter-lhe feito mais perguntas. A morte faz-nos isso.

*

É como se Peter e Kira vivessem agora em paralelo, e não juntos. Depois do funeral, saem da igreja lado a lado, mas há entre eles uma distância, a suficiente para impedir que as suas mãos se toquem sem querer. Entram em carros separados, mas nenhum deles enfia a chave na ignição. Estão ambos a desmoronar-se, em lados opostos do parque de estacionamento.

É terrível estar dependente de outras pessoas – os dois sempre o souberam. Uma noite de verão, há alguns anos, estavam sentados no degrau em frente de casa; nas notícias, tinham falado de um acidente de automóvel que causara a morte a duas crianças, o que trouxera de novo ao de cima o desgosto deles.

Nunca se termina de perder um filho.

Kira murmurou a Peter: «Meu Deus… foi tão doloroso, querido… Quando o Isak morreu, se eu tivesse de lidar com aquele sofrimento todo sozinha… ter-me-

ia suicidado.»

Talvez ela e Peter tenham conseguido ficar juntos, ao longo de tudo, porque nenhum deles confiava em si próprio para lidar com o desgosto separadamente. Assim, andavam constantemente à procura de outras coisas por que viver: o cônjuge, os filhos, um emprego com um objetivo, um clube de hóquei, uma cidade.

Peter olha pelo para-brisas e vê Kira sentada no carro. Sai, aproxima-se, abre a porta do passageiro e sugere-lhe, em tom hesitante:

– Devíamos ir a casa deles, querida. Estar com o Javali e os miúdos.

Kira assente com um aceno lento e limpa o *eyeliner* das rugas finas na pele em torno dos olhos. Quando Isak morreu, o Javali e o outro amigo de infância de Peter, o Janota, foram ter com eles ao Canadá assim que conseguiram. Sabiam que Peter e Kira estariam em estado de choque, e o Janota ajudou-os a tratar das questões práticas, como burocracias e documentos e seguros. Ao princípio, o Javali passava a maior parte do tempo sentado nos degraus em frente da casa, sem saber bem o que podia fazer. Nunca estivera sequer no estrangeiro. Mas depois reparou que o corrimão das escadas da sala estava partido; e como os corrimões no Canadá, na realidade, não diferem por aí além dos corrimões em Björnstad, foi buscar as ferramentas e arranjou-o. E continuou a arranjar coisas nos dias seguintes.

– No teu carro ou no meu? – murmura Peter agora.

– No meu – diz Kira, e tira a mala do banco do passageiro.

Conduz até à casa do Javali. A meio do caminho, estende o braço para o lado, cautelosamente. Peter segura-lhe a mão e aperta-a.

Fatima, a mãe de Amat, já lá está, a preparar comida na cozinha, e Kira ajuda-a. Amat também foi. Aproxima-se de Bobo e dos irmãos mais novos e diz a única coisa que ocorre a um adolescente dizer a um amigo que perdeu a mãe:

– Querem jogar hóquei?

Vão buscar *sticks* e um disco. Bobo ata novamente a gravata à volta da cabeça, pega nas mãos dos irmãos e dirigem-se para o lago. Este já congelou, o

mundo é branco.

Jogam como se nada mais importasse.

*

Peter encontra o Javali na oficina; já regressou ao trabalho. Tem de manter as mãos ocupadas para impedir que o coração se despedace ainda mais.

– Posso fazer alguma coisa? – pergunta-lhe Peter.

O Javali está suado e distraído quando responde:

– O telhado ficou danificado na tempestade. Podes dar uma vista de olhos?

O sofrimento pode fazer isso a uma pessoa – ele esqueceu-se de que o amigo é um desastrado e nem sequer conseguiu reparar o seu próprio corrimão no Canadá. Mas Peter ama o Javali, como as crianças amam os seus melhores amigos, por isso vai buscar uma escada e sobe ao telhado.

Enquanto está sentado lá em cima, sem fazer a mais pequena ideia de por onde começar, vê um cortejo de carros a aproximar-se pela floresta. Primeiro Peter pensa que é a família do Javali, mas, quando os carros param, quem sai deles é um grupo de jovens.

Teemu e Vidar são os primeiros, seguidos do Aranha e do Martelo, mais uma dúzia de homens de blusões pretos. Normalmente, é aqui que mandam arranjar os carros e as motas de neve, tanto eles como os seus pais. Por estes lados, se um limpa-neves ou uma máquina florestal qualquer se avaria, ou até mesmo uma chaleira elétrica, as pessoas procuram o Javali. Portanto, agora que é ele que precisa de conserto, aqui estão.

Teemu entra na oficina, aperta a mão suja de óleo do mecânico e diz:

– Os nossos pêsames, Javali. Do que precisa?

O Javali limpa o suor e a sujidade do rosto.

– O que é que têm?

– Um carpinteiro, um eletricista, alguns tipos que são apenas fortes, e outros que não prestam para grande coisa – enuncia Teemu.

O Javali responde com um sorriso fraco.

Peter ainda está sentado no telhado quando o Martelo e o Aranha sobem lá acima. Olham uns para os outros e Peter respira fundo e admite:

– Não percebo nada de telhados. Nem sequer sei por onde começar…

O Martelo não diz nada. Simplesmente mostra a Peter o que fazer. Os três homens passam as próximas horas a trabalhar juntos. Quando voltam finalmente a descer, podem ser de novo inimigos, mas enquanto estavam no telhado fizeram uma pausa.

A morte também faz coisas destas.

*

Teemu entra na cozinha. Estaca abruptamente ao ver Kira. Ela cerra os maxilares e aperta os punhos, tão depressa que Fatima se coloca instintivamente entre eles, sem saber qual dos dois corre maior perigo. Mas Teemu recua um passo, baixa os ombros e inclina a cabeça, tornando-se tão pequeno quanto possível.

– Só quero ajudar – diz.

Porque, às vezes, é mais fácil fazer algo do que dizer alguma coisa. Assim, Fatima e Kira entreolham-se. Kira acede com um breve aceno de cabeça e Fatima pergunta:

– Sabe cozinhar?

Teemu responde que sim. Fatima sabe quem é a mãe dele e percebe que o rapaz deve ter-se visto obrigado a aprender a cuidar de si próprio muito cedo. Pede-lhe para cortar os legumes e ele obedece sem protestar. A seguir, Kira lava a loiça. Teemu limpa-a. Não fazem as pazes, mas fazem uma pausa.

O problema, tanto com as pessoas boas como com as más, é que a maior parte de nós é as duas coisas ao mesmo tempo.

*

É tão fácil depositarmos esperança nas pessoas. Pensar que o mundo pode mudar de um dia para o outro. Fazemos manifestações depois de um ataque, doamos dinheiro depois de uma catástrofe, abrimos o coração *online*. Porém, para cada pequeno passo em frente, damos outro quase tão grande para trás. À distância, todas as mudanças são tão lentas que mal nos apercebemos delas enquanto estão a acontecer.

A campainha toca na escola, em Björnstad. As aulas começam. Mas Benji está a trinta metros da entrada, com pés feitos de cimento. Sabe quem é agora aos olhos de todos, e um jogo de hóquei não vai alterar nada. Podem aceitá-lo no gelo enquanto for o melhor, mas, a partir de agora, terá sempre de lhes dar muito mais do que qualquer outro. Terá sempre de se sentir grato só por poder participar. Porque não é um deles. E nunca mais voltará a ser.

Sabe que as pessoas continuam a escrever insultos sobre ele, a falar mal, a fazer piadas. Não importa quem é: se é ou não bom em determinado desporto, se é lutador, se joga com tudo o que tem. Aos olhos de alguns, será sempre apenas uma coisa. Um certo tipo de pessoa olhará sempre para tudo o que ele alguma vez alcançar e reduzi-lo-á à mesma palavra. Como estava escrito no bilhete na porta da cabina do parque de campismo, com uma faca a atravessar o alvo no «L», ladeado das letras «PANE» e «EIRO».

A partir de agora, aqui, isso é tudo o que lhe permitirão ser.

Benji vira-se, com a intenção de se afastar na direção oposta. Pela primeira vez na vida tem medo de entrar na escola. Mas ali perto, à espera, está parada uma rapariga. Não lhe toca, mas a voz dela detém-no abruptamente.

– Não deixes que os cabrões te vejam chorar, Benji.

Benji para, de olhos muito abertos.

– Não aguento… Como é que consegues?

A voz de Maya é mais fraca do que as suas palavras.

– Tens de entrar. De cabeça erguida e costas direitas, e olhar para cada um desses cabrões nos olhos, até eles baixarem os deles. Não somos nós que temos alguma coisa errada, Benji.

Benji ouve a sua voz falhar quando pergunta:

– Como é que conseguiste? Na primavera, depois… depois do que aconteceu… como é que aguentaste?

O brilho nos olhos dela é duro, a sua voz frágil.

– Recuso-me a ser uma vítima. Sou uma sobrevivente.

Maya dirige-se para a escola. Benji hesita uma eternidade antes de a seguir. Ela espera. Caminham lado a lado. Os seus passos são lentos; talvez pareça que vão devagar, mas não se esgueiram timidamente por aquele corredor.

Tomam-no de assalto.

43

Estamos em todo o lado

Este ano, os dias confundem-se uns com os outros em Björnstad; talvez porque não suportamos tirar a medida do tempo ou dos nossos sentimentos. A dada altura, o outono termina e o inverno chega, mas mal damos por isso. O tempo limita-se a passar, e cada um de nós preocupa-se apenas em tentar sair da cama todas as manhãs.

Kira continua a ir trabalhar, mas nunca se sente verdadeiramente lá. Chega ao escritório cada vez mais tarde, sai cada vez mais cedo, e sabe que o seu nome não será mencionado da próxima vez que se falar em promoções. Não vai à conferência para a qual foi convidada. Não tem energia para pensar no futuro – está apenas a tentar viver o dia a dia, permanentemente sintonizada em modo de sobrevivência.

Como de costume, é a colega que acaba por lhe dizer umas verdades. Certa tarde, Kira confunde o local da sua reunião e entra numa sala onde a colega está a apresentar um plano estratégico a um cliente importante. Kira para à porta e olha para as notas no quadro. São brilhantes, como sempre, mas se Kira estivesse envolvida, seriam ainda melhores. Espera e, quando a colega sai após a reunião, diz-lhe:

– É a minha especialidade, e tu sabes! Podia ter-te ajudado com a apresentação! Porque é que não disseste nada?

A colega não está zangada. Não quer magoar Kira. Responde apenas com honestidade:

– Porque tu desististe, Kira.

*

No fundo, a maior parte de nós gostaria que todas as histórias fossem

simples, porque queremos que a vida real também o seja. Mas as comunidades são como gelo, não como água. Não começam de repente a fluir em determinada direção como queremos; mudam centímetro a centímetro, como glaciares. E, às vezes, não se movem de todo.

Na escola ninguém confronta Benji. Quem se atreveria? Mas todos os dias o seu telemóvel enche-se de mensagens de números não identificados, e de cada vez que abre o cacifo encontra bilhetinhos: as palavras do costume, as mesmas ameaças. Depressa acaba por se habituar. Torna-se bom a fingir que não se passa nada, e aqueles que lhe desejam mal presumem que isto significa que está a ser tudo demasiado fácil. Que ele não está a ser tão castigado como devia, que não sofre o suficiente, e portanto que têm de arranjar novas formas.

Um dia, William Lyt aparece na escola com uma *T-shirt* com um alvo na parte da frente. É tão pequeno e discreto que apenas Benji repara. O bilhete que espetaram na porta da cabina naquela manhã, depois de a verdade vir ao de cima, tinha um alvo igual, desenhado em volta da letra «L». Benji rasgara de imediato o bilhete, que nunca apareceu em lado nenhum *online*, e por isso sabe que a pessoa que o deixou é a única que sabe como era esse desenho.

William Lyt quer que ele saiba quem foi. Quer que Benji se lembre da faca. Vencer um jogo de hóquei não é suficiente.

Benji fita-o nos olhos. Estão em frente um do outro, num corredor, num dia normal de um longo período de inverno, e todos os outros alunos deambulam como habitualmente entre salas ou a caminho do refeitório. É um momento que existe apenas para os dois rapazes: um de uma equipa vermelha, o outro de uma equipa verde, um touro e um urso.

Mais cedo ou mais tarde, um dos dois acabará por esmagar o adversário.

As equipas da mesma liga defrontam-se duas vezes por época: um jogo em casa, um jogo fora. O Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad vencerá todos os seus jogos até lá, e o Clube de Hóquei no Gelo de Hed vencerá também os seus.

A contagem decrescente conduz inexoravelmente ao dia marcado para o segundo jogo, desta vez no pavilhão de Björnstad.

*

Todos os desportos são contos de fadas – é por isso que nos perdemos neles. Assim, claro, só há um final possível para este.

*

Maya faltou à escola, mas escolheu cuidadosamente um dia em que tinha poucas aulas. Mesmo quando quebra as regras, fá-lo com responsabilidade. Entra no autocarro e faz uma longa viagem, até uma cidade distante o bastante para quase não fazer sentido a deslocação diária. Aí, entra num grande edifício de tijolo, com uma carta na mão, e na receção pede para falar com uma advogada. Quando entra no escritório da mãe, esta quase entorna o café com a surpresa.

– Querida! O que fazes aqui?

Maya não vinha ao escritório de Kira há muito tempo, mas, quando era pequena, adorava ali estar. As outras crianças aborreciam-se no local de trabalho dos pais, mas Maya gostava de ver a mãe concentrada. De ver a paixão dela. Isto ensinava à filha que alguns adultos têm empregos de que gostam e não o fazem só pelo dinheiro. Que o trabalho pode ser uma bênção.

Com ar preocupado, porque não quer que a mãe se sinta abandonada, pousa a carta na secretária dela.

– É de… uma escola de música. Candidatei-me… foi só por… Queria saber se tinha qualidade para isso. Mandei-lhes um vídeo a tocar as minhas canções e…

A mãe olha para a carta. Basta-lhe ver o cabeçalho para começar a fungar. Kira estudou muito, quando era jovem, para ser aceite numa universidade conceituada; sonhava ser advogada apesar de ninguém na sua família ter tirado

um curso superior. Queria regras e estrutura, segurança e uma carreira na qual pudesse progredir. E ambicionava o mesmo para os filhos: uma vida na qual soubessem o que podiam esperar, livre de desapontamentos. Mas as filhas nunca são iguais às mães, por isso Maya apaixonou-se pelo tema mais livre e menos regulado possível: a música.

– E entraste. Claro que entraste – funga Kira, tão orgulhosa que mal se tem de pé.

Maya chora.

– Posso começar em janeiro. Sei que é muito longe, e que temos de pedir um empréstimo. Compreendo se não quiseres…

Kira olha para ela.

– Se eu não quiser? Claro que quero… querida… Estou tão feliz por ti!

Abraçam-se e Maya diz:

– Quero fazer isto por mim, mãe. Uma coisa que seja só para mim. Compreendes?

Kira compreende. Melhor do que ninguém.

No dia seguinte, chega ao escritório mais cedo do que qualquer pessoa. Quando a colega entra, encontra Kira sentada na cadeira dela. A colega ergue as sobrancelhas, surpreendida, e Kira franze o sobrolho.

– Nunca mais me digas que eu desisti! Tudo o que eu faço é *não* desistir!

A colega sorri e murmura:

– Cala-te e manda a fatura!

As duas apresentam a sua carta de demissão nessa mesma manhã. Depois, à tarde, assinam o contrato de arrendamento das instalações com que sonhavam e criam a sua própria empresa.

*

As pessoas em Björnstad nunca foram de se manifestar na rua. Não fazem

marchas; as suas opiniões são transmitidas por outros meios. As pessoas de fora por vezes têm dificuldade em compreender, mas, nesta comunidade, há muito pouco que aconteça por acaso. Mesmo quando algo parece coincidência, normalmente não é.

O Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad joga algumas partidas no início da época com a bancada em pé intacta, e Peter não consegue pôr de lado a esperança, talvez ingenuamente, de que a desculpa de não encontrar ninguém disposto a demoli-la tenha acabado por ser aceite. Mas os novos proprietários da fábrica enviam então um *e-mail* redigido em termos categóricos: «Se o clube não tomar medidas firmes para afastar os *hooligans* conhecidos como a "Matilha", não teremos outra opção a não ser cancelar o contrato de patrocínio.»

Assim, quando o público entra um dia no recinto, para um jogo em casa no início do inverno, encontram seguranças em frente das fitas amarelas que interditam a área da bancada em pé.

Este ano, toda a gente tem de fazer escolhas difíceis. Peter escolhe um caminho, pela sobrevivência do clube. Pela sua própria sobrevivência, a Matilha escolhe outro caminho.

Peter está sentado ao fundo da bancada, à espera que comecem a gritar com ele. Não ficaria surpreendido se alguém corresse por ali acima para lhe dar um soco. Mas ninguém olha sequer na sua direção. O pavilhão está cheio, mas não se veem estandartes nem cartazes. Toda a gente age como se este fosse um jogo perfeitamente normal.

As coisas que acontecem quando esta cidade escolhe um lado são tão pequenas que podem passar despercebidas, ainda que estejam mesmo à nossa frente. A maioria do público de hóquei é formado por gente comum, decente, que nunca apoiaria a violência; muitos queixam-se da Matilha na privacidade dos seus lares, afirmando que os «bandidos» dão mau nome ao clube e espantam

jogadores e investidores. Porém, escolher um lado num conflito raramente é feito a pensar em quem apoiamos mas sim, quase sempre, a pensar em contra quem estamos. Esta comunidade pode ter as suas disputas internas, mas une-se sempre contra quem vem de fora.

Portanto, se uma companhia milionária quer comprar a fábrica e assim ficar a deter o poder sobre os nossos empregos, não podemos impedi-los, mas se acham que podem comprar o nosso clube e controlar o nosso modo de vida, escolheram a cidade errada com quem se meter.

A Matilha pode ser um símbolo de violência para muitas pessoas, mas para os vizinhos que tiveram ajuda a tirar as árvores caídas dos quintais e que beberam de graça no Urso Pardo a seguir, simboliza também outras coisas. Para eles, a Matilha é um pequeno grupo de gente que não atura merdas, que não muda de acordo com as exigências de poder, do dinheiro e da política. Têm as suas falhas, cometem erros, mas é difícil seja para quem for em Björnstad não simpatizar um pouco com eles, especialmente em alturas destas.

Não está totalmente certo. Mas também não está totalmente errado. É o que é.

Peter demora muito tempo a reparar nos blusões pretos; estão espalhados pelas bancadas, sentados, em diferentes áreas. Claro que Peter estava à espera disso, mas parecem-lhe consideravelmente mais do que antes. Umas centenas mais. Só ao olhar com mais atenção compreende porquê: não são só os membros da Matilha. Há reformados, operários da fábrica, caixas do supermercado, funcionários da associação de habitação social. Não é uma marcha, não é um protesto ruidoso, e se Peter tivesse perguntado, todos fingiriam não compreender.

«Como assim? Não, não, é apenas coincidência!»

Peter não tem provas, claro, porque os blusões são de marcas diferentes, de tecidos variados. Mas têm todos a mesma cor.

E há muito poucas coincidências em Björnstad.

Ninguém ficou surpreendido quando ele interditou a bancada em pé porque alguém se certificou de que a notícia chegaria às pessoas certas atempadamente. E Peter sabe quem foi. Os únicos a quem teve de comunicar a decisão antes de avançar foram os membros da direção, porque precisava da sua aprovação para contratar mais seguranças. Peter fez uma escolha e Ramona respondeu. Ele dera-lhe um assento na direção para que ela tomasse as decisões que considerasse certas no interesse do clube. E agora tem de se sujeitar às consequências.

No intervalo entre o primeiro e o segundo tempo, um jovem levanta-se entre as cadeiras do outro lado do rinque. Está bem vestido, bem arranjado, não parece uma pessoa violenta. Se perguntássemos a alguma das pessoas à sua volta, todos responderiam: «Aquele? Não, não o conheço. Como diz que ele se chama? Teemu Rinnius? Nunca ouvi falar!»

Calmamente, sem pressas, Teemu desce até ao fundo da bancada e caminha junto às tábuas em direção à bancada em pé interditada. Estão lá dois seguranças, mas nenhum deles esboça qualquer gesto para o travar. Teemu passa por cima da fita e atravessa a bancada vazia com naturalidade, chegando mesmo a parar a meio para atar o sapato. Olha por cima do gelo, à procura de Peter Andersson no meio do mar de gente. Depois sai da bancada vazia pelo outro lado e afasta-se para ir comprar um café, como se nada tivesse acontecido. Contudo, todos perceberam: Teemu acaba de mostrar a Peter que aquela é a sua bancada e que pode recuperá-la quando quiser.

Minutos depois começa o cântico, primeiro apenas na bancada do lado mais distante do rinque; como que ensaiado, alguns homens umas filas abaixo de Peter começam também a gritar. A seguir, à esquerda e à direita. Ninguém olha diretamente para Peter, mas os homens de blusões pretos cantam apenas para ele:

– Estamos em todo o lado! Estamos em todo o lado! Estamos em todo o lado! Façam-se a nós se acham ter força para isso! Porque estamos em todo o lado, em todo o lado, em todo o lado! Estamos em todo o lado!

Repetem o cântico dez vezes. Depois levantam-se e mudam para:

– Cabeça erguida, nós e vocês!

Por fim, ficam de pé, em silêncio, muito disciplinados e concentrados, para mostrar a paz que reina no pavilhão. E recordar a todos como se sentiria a falta do apoio da Matilha se esta desaparecesse.

Então, como que na sua deixa, recomeçam a cantar, e desta vez todos se juntam a eles. Velhos e novos, de blusões pretos, de camisas brancas, de *T-shirts* verdes:

– Somos os ursos, somos os ursos, somos os ursos, OS URSOS DE BJÖRNSTAD!

O Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad vence por 7-1.

Os cânticos nas bancadas são ensurdecedores e a multidão forma uma muralha verde de ambos os lados do gelo. Há no recinto, nesse momento, uma sensação ribombante de unidade. Nós contra todos. Björnstad contra os outros.

*

Peter nunca se sentiu tão só.

*

Na manhã seguinte, sai no jornal uma entrevista com o político local Richard Theo. O repórter pergunta-lhe o que pensa da decisão do clube de eliminar a bancada em pé, e Theo responde: «O Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad é do povo. Não pertence a uma elite, nem às entidades públicas; pertence às pessoas comuns, decentes e trabalhadoras desta cidade. Vou fazer tudo o que puder para persuadir o diretor-geral de que a bancada em pé deve permanecer. Os nossos apoiantes contribuem imenso para a atmosfera dos jogos. É o clube do povo!»

Poucas horas depois, Peter recebe outro *e-mail* dos proprietários da fábrica.

Mudaram de ideias. De súbito, «chegaram à conclusão de que a bancada em pé é de grande valor para a comunidade local». É assim que Peter descobre que esteve a ser enganado, desde o princípio.

Nessa noite, senta-se sozinho na cozinha, em casa, à espera do som de uma chave na fechadura. Mas Kira faz serão até tarde. Quando ela chega a casa, o marido já adormeceu no sofá. Kira tapa-o com uma manta. Em cima da mesa, uma garrafa de vinho e dois copos.

44

Tempestade e Ímpeto

A noite vai demasiado adiantada para que haja luzes acesas no rinque, mas Elisabeth Zackell ainda está a rematar discos quando Bobo chega. O rapaz não sabia que a treinadora ali estaria quando saiu de casa, mas tinha esperança de a encontrar. Leu *Harry Potter* aos irmãos antes de estes adormecerem, tratou da loiça e limpou a cozinha. Depois arrumou o saco e veio até ao rinque. Foi instintivo. Não consegue dormir, o seu cérebro não para de pensar, e só conhece um sítio onde tudo se silencia.

– Pode ensinar-me a patinar? – pergunta, alto.

Zackell vira-se para ele. Nunca conheceu um jovem com maior necessidade de encontrar um escape da realidade.

– O que queres dizer? – indaga.

– Quando nos conhecemos, perguntou porque é que nunca ninguém me tinha ensinado a patinar!

É mais uma súplica do que uma afirmação. Zackell apoia-se no *stick*, pensativa.

– Porque é que gostas de hóquei?

Bobo morde o lábio inferior.

– Porque é… divertido?

– Não chega, essa resposta – observa ela.

Bobo respira fundo. Volta a tentar.

– Eu… eu sei quem sou quando estou a jogar hóquei. Sei o que se espera de mim. Tudo o resto é tão… tão difícil. Mas o hóquei… é apenas… Aqui sei quem *sou*…

Zackell bate com o *stick* no gelo e vê-se que não está completamente insatisfeita com a resposta.

– Está bem. Então se calhar é melhor ensinar-te a patinar.

Bobo sai para o gelo e patina até junto dela. Depois trava e pergunta:

– E você, porque é que gosta de hóquei?

Ela encolhe os ombros.

– O meu pai gostava de hóquei. Eu gostava do meu pai.

Bobo franze a testa.

– Então e o seu pai, porque é que gostava de hóquei?

– Ele costumava dizer que o hóquei é uma orquestra sinfónica. Gostava muito de música clássica. *Sturm und Drang.*

– Isso é uma banda? – pergunta Bobo, e Zackell solta uma gargalhada sonora, para variar.

– Significa «Tempestade e Ímpeto». O meu pai costumava obrigar-me a ouvir as mesmas peças de música, repetidamente, e dizia: «São todas as emoções, todas ao mesmo tempo, Elisabeth, estás a ouvir? *Sturm und Drang!*» E sentia o mesmo em relação ao hóquei. *Sturm und Drang.* Sempre.

Bobo reflete nisso por um instante. Depois pergunta:

– E porque é que está aqui sozinha, à noite, a disparar discos?

Ela sorri.

– Porque é divertido.

Ensina-o a patinar. Algumas horas depois, Bobo pergunta-lhe se acha que ele poderá vir a ser um bom jogador de hóquei, um dia. Ela abana a cabeça e responde:

– Não. Mas podes ser um bom treinador, se conseguires perceber a melhor maneira de seres útil à equipa.

Nessa noite, Bobo não prega olho a pensar naquelas palavras. No treino, no dia seguinte, sai do balneário, patina pelo gelo o mais depressa que consegue e colide com Benjamin Ovich com todo o seu peso. Confuso, Benji levanta-se do gelo e olha para ele.

– Mas que?…

Bobo não responde. Atinge Benji nas pernas com o *stick.* O resto da equipa olha para eles, estupefacta, sem saber como reagir. Bobo perdeu a mãe, o que

deixaria qualquer tipo um pouco desvairado, mas todos sabem que Benji não admitirá que ele o volte a agredir.

– Bobo, para com isso – pede Amat, com gentileza, mas Bobo atinge outra vez Benji.

Ninguém tem tempo para travar o capitão. Bobo é um dos jogadores mais pesados da equipa mas Benji lança-o contra as tábuas, tira as luvas, atira-as para o chão e precipita-se contra ele de punhos cerrados.

– O QUE É QUE ACHAS QUE TODA A GENTE TE VAI FAZER? – grita-lhe Bobo.

Benji detém-se, surpreendido.

– O quê?

– O que é que achas que toda a gente te vai fazer? Todas as equipas com quem jogarmos vão tentar provocar-te. *Querem* que tu lutes! Querem que faças faltas!

Benji olha para Bobo e os restantes membros da equipa também. Amat murmura:

– Olha que ele tem razão, Benji. Vão gritar-te coisas cada vez piores, até encontrarem uma que funcione. Não podes reagir. Nem tu, nem o Vidar. São ambos demasiado importantes para a equipa.

Benji está a respirar pelo nariz, furioso. Mas, por fim, acalma-se e ajuda Bobo a levantar-se.

– Está bem. Continua a tentar.

Daí em diante, em todos os treinos, Bobo arranja formas cada vez mais criativas de provocar Benji e Vidar. Às vezes consegue e regressa a casa com um olho negro, apesar de ambos os rapazes saberem que é precisamente isso que ele está a tentar que façam. Parece que é esse o talento especial de Bobo na vida: provocar as pessoas até as levar além dos limites da sua resistência.

*

Quando Benji abre o cacifo, uma manhã, há bilhetes caídos no fundo, como de costume. Mas um deles é diferente. Apenas uma palavra: «Obrigado.» No dia seguinte, outro, com uma caligrafia diferente, a dizer: «Ontem contei à minha irmã que sou bissexual.» Alguns dias depois, um terceiro bilhete, uma vez mais numa caligrafia diferente, que diz: «Não contei a mais ninguém, mas, quando contar, não vou dizer que sou *gay*, vou dizer que sou como tu!» A seguir, alguém lhe manda uma mensagem anónima para o telemóvel: «Toda a gente diz q te vê como um símbolo, espero que saibas q és mt importante p tds nós, os que não têm coragem de falar!!!»

São apenas alguns bilhetes e SMS. Apenas palavras. Vozes anónimas que querem que Benji saiba o que significa agora para algumas pessoas. Ele atira-os para o mesmo caixote do lixo em que deita todos os outros bilhetes. Porque não sabe o que é pior: as ameaças ou o amor. O desprezo ou as expectativas. O ódio ou a responsabilidade.

Recebe também outro tipo de mensagens. Começam sempre da mesma maneira: «Olá! Não sei se é o número certo. Estou a falar com o jogador de hóquei homossexual? Sou jornalista, gostava muito de o entrevistar…» Uma manhã, Benji e as irmãs vão até ao lago, fazem um buraco no gelo e atiram o telemóvel dele lá para dentro. Depois fazem outros buracos mais à frente e passam o resto do dia a beber cerveja e a pescar em paz e sossego.

Quando o Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad joga a partida seguinte fora, os boatos sobre Benji já chegaram também a essa cidade. Em todas as cidades em que jogar, daqui em diante, haverá pessoas a gritarem-lhe as coisas mais revoltantes de que conseguirem lembrar-se para tentar afetá-lo. Mas Benji não cede e continua a marcar golos. Quanto mais lhe gritam, melhor ele joga. Depois do jogo, Bobo abraça-o e exclama, entusiasmado:

– Se te odeiam, é porque estás a fazer alguma coisa bem! És o melhor! Nunca te detestariam tanto se não o fosses!

Benji tenta sorrir. Fingir que não é nada. Mas não consegue deixar de

perguntar a si próprio durante quanto tempo terá de ser o melhor. Quanto tempo será preciso até que o deixem simplesmente jogar hóquei.

*

Ana e Vidar são o tipo de história de amor em que nenhum deles sabe bem como agir. Assim, acabam por dar grandes caminhadas pela floresta todos os dias. A altura da neve vai crescendo ao ritmo da paixão deles.

Uma tarde, ele toca-lhe e ela desata a chorar histericamente. Quando ele não compreende porquê, Ana conta-lhe o que se passou com Benji. Como toda a gente descobriu, a fotografia, a reação furiosa de Maya.

– Não te mereço, sou uma pessoa horrível! Devo ser uma psicopata! – chora ela.

Vidar está parado em frente dela e sente-se totalmente despido quando responde:

– Também eu.

Como poderia alguém evitar apaixonar-se ainda mais por ele naquele momento? Talvez outra pessoa conseguisse, mas não Ana.

Na manhã seguinte, quando chegam à escola, Ana espera até ver Benji. Quando ele abre o cacifo, caem vários papelinhos dobrados, e Ana apercebe-se do que estará escrito neles; sabe que Benji terá de carregar sempre consigo tanto ódio das outras pessoas.

– Tenho de… – murmura ela a Vidar.

Vidar tenta impedi-la, mas é impossível. Ana já avança pelo corredor, determinada. Benji ergue a cabeça, surpreendido, e tenta esconder os bilhetes.

– Sei que me odeias, mas… – começa Ana, mas não consegue dizer mais nada antes de as lágrimas começarem a cair e a voz lhe falhar.

– Porque havia de te odiar? – pergunta Benji, e só então é que Ana percebe que Maya não contou a ninguém, nem mesmo a ele.

– Fui eu… Fui… Tirei aquela fotografia e… fui eu! Tudo o que estás a passar é por minha culpa… Fui *eu!*

O seu rosto franze-se em rugas de vergonha que nunca desaparecerão completamente. Treme da cabeça aos pés. Depois foge a correr, sai da escola, sem destino. Benji fica parado por um momento e os seus olhos cruzam-se com os de Vidar. O guarda-redes faz algo que não é costume: hesita.

– Ela… – começa Vidar, mas Benji corta-lhe a palavra.

– Não faz mal. Vai atrás dela.

E é o que Vidar faz. Corre atrás dela e só a apanha quando estão quase a um quilómetro da escola; Ana é tão rápida e forte que ele não tem hipótese de a deter. Por isso, corre ao lado dela. Pela floresta adentro, até nenhum dos dois conseguir já respirar ou pensar. Depois, deixam-se cair sobre a neve e ficam ali deitados.

Vidar não diz uma palavra. Nunca ninguém fez nada tão fantástico por Ana.

*

Maya está sentada sozinha no refeitório, como todos os dias. Porém, do nada, alguém se senta em frente dela, como se tivesse sido convidado. Ela ergue os olhos. Benji aponta para o prato.

– Vais acabar isso?

Maya sorri.

– Não devia sentar-me contigo. Tens má fama.

Benji parece impressionado.

– Au!

Ela ri-se.

– Desculpa.

Às vezes é preciso rir das coisas más; é assim que se tornam toleráveis. Benji sorri. Depois diz:

– Devias perdoar à Ana.

– O quê?

– Ela contou-me que publicou as fotografias de mim com… e… de mim e do…

Benji é inabalavelmente forte e inacreditavelmente frágil ao mesmo tempo. Maya pensa que, muitas vezes, ele lhe faz lembrar Ana.

– Porque havia de lhe perdoar? O que ela te fez foi horrível! – riposta.

– Mas vocês são como irmãs. E as irmãs perdoam-se umas às outras – consegue Benji concluir.

Porque ele tem irmãs. Maya inclina a cabeça e pergunta:

– Tu perdoaste-lhe?

– Sim.

– Porquê?

– Porque toda a gente comete erros, Maya.

Maya acaba de almoçar em silêncio. Mas, depois da escola, atravessa Björnstad, bate a uma porta e, quando Ana abre, diz-lhe:

– Veste o equipamento de corrida.

Ana não pergunta porquê.

Isso salva a amizade delas.

45

Cerejeira

Quando aparece algum jogador ou desportista mesmo, mesmo bom, numa cidade tão pequena, tão perdida na floresta, as pessoas de Björnstad costumam dizer que é como ver uma cerejeira em flor no meio de um jardim gelado.

Peter Andersson foi o primeiro que tivemos, e quando ele conseguiu chegar até à NHL não nos fez diferença que jogasse apenas meia dúzia de jogos antes de a sua carreira ser prematuramente interrompida por uma lesão. Esteve lá. Um dos nossos chegou aos melhores do mundo. Peter transformou toda a cidade, condenando-nos a uma vida de sonhos intermináveis e impossíveis.

*

Zacharias tem dezasseis anos de idade. As pessoas como ele são facilmente esquecidas em histórias como esta. Para a maioria, é conhecido como «o amigo de Amat». Sabem quem é Amat porque é bom jogador de hóquei, e por aqui o hóquei é a única coisa que conta. A vida de Zacharias é daquelas que se vai desenrolando em segundo plano.

Ele e Amat cresceram com Lifa, e é bem possível que por estes lados nunca três outros rapazes tão diferentes se tenham tornado melhores amigos. Os pais de Zacharias nunca gostaram de Lifa, especialmente quando este começou a ser visto com os «bandidos», o nome pelo qual tratavam qualquer pessoa do Covão que não parecesse ter um emprego certo. Já Amat era outra história: os pais de Zacharias adoravam-no. Quando ele começou a jogar na equipa principal, ficaram tão orgulhosos como se fosse o seu próprio filho. Como se desejassem que fosse o seu filho.

E é impossível um rapaz como Zacharias não reparar nessas coisas.

Zacharias jogou hóquei até à última primavera, embora fosse sempre o pior

jogador de todas as equipas e nem sequer gostasse muito. Ia aos treinos para agradar aos pais, aguentava-os por Amat. Quando soube que esta época não havia equipa de juniores foi um alívio, porque tinha uma desculpa para parar. O que realmente queria era ficar em casa, em frente do computador. Assim, quando os pais chegaram a casa um dia, todos entusiasmados com as «provas abertas» no Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad, a ansiedade tomou conta de Zacharias.

– Tens de ir!

Zacharias nunca conseguiu explicar aos pais que fora vítima de *bullying* grave ao longo de toda a infância. Por tudo: o peso, a aparência, o sítio onde vivia. Os pais nunca o viram desse modo. Pertencem à mesma geração de Peter Andersson, a geração dos sonhos impossíveis. Zacharias murmurou:

– Não é assim que funciona, mãe; não posso simplesmente aparecer e…

Mas o pai interrompeu-o:

– É um treino *aberto*! Qualquer pessoa pode aparecer! E a fábrica agora patrocina o clube de Björnstad! Diz à treinadora que…

– Que o quê, pai? Que tem de me deixar jogar porque o meu pai trabalha na fábrica? – respondeu Zacharias com maus modos, e arrependeu-se imediatamente.

O Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad fora fundado por operários, e os trabalhadores mais velhos ainda o consideram o clube da fábrica. Agora que os novos proprietários estão a prometer mais empregos para quem está desempregado e mais trabalho para os que já lá estão, além de patrocinar o clube, o pai de Zacharias tem esperança de que as coisas comecem a voltar ao que eram: uma cidade próspera, um clube na primeira divisão, empregos permanentes, talvez até uma hipótese de a família sair do apartamento no Covão e comprar uma casinha melhor. Nada muito grande, nada extravagante; apenas mais uma assoalhada e uma cozinha um bocadinho maior. Aquecimento mais fiável no inverno.

– Desculpa, pai… não era isso que eu queria dizer… – pede Zacharias baixinho.

Os olhos do pai ainda estão brilhantes de felicidade. Seria tão importante para os pais se Zacharias jogasse outra vez de urso ao peito. Assim, Zacharias foi às provas abertas. Claro que foi.

Deu o seu melhor. Ficou muito longe do objetivo. A seguir, nem sequer recebeu uma palmadinha nas costas da treinadora, que lhe disse apenas: «Desculpa, já temos a equipa fechada, mas obrigada por teres vindo.» Sem sequer olhar para ele duas vezes.

Quando chegou a casa, os pais fizeram um esforço por conter as lágrimas de desilusão. Daqui a muitos anos, ele recordará este momento e compreenderá que foi uma enorme prova de devoção: os pais eram tão incapazes de ver como ele jogava mal que ficaram verdadeiramente desapontados.

Nessa noite, a mãe tentou de novo convencê-lo a não passar tanto tempo a jogar no computador. Ele tentou explicar-lhe que se tornara mesmo bom a jogar *online,* que estava a par dos melhores do mundo. Que fora até convidado para participar numa competição noutra cidade.

– Uma competição? Disso? É um jogo de computador, Zacharias… Não é um desporto! – exclamou a mãe em tom desdenhoso.

Zacharias passou a noite toda a jogar, mas as palavras dela rasgaram-lhe o peito.

*

Alicia ainda nem fez cinco anos, e as crianças dessa idade não deviam ter tanto jeito para fugir do jardim de infância como ela.

– Não pode responsabilizar-nos! Isto não é uma prisão! – protestaram os funcionários quando Sune a levou de volta pela vigésima vez.

– Para ela, é o que parece ser – respondeu Sune.

Alicia venerava-o porque ele compreendia. Todos os dias Sune levava-a do rinque à escola e ela continuava a fugir, assim que conseguia, para ir assistir aos treinos. Qualquer treino. Da equipa principal, dos infantis, de patinagem

artística, era indiferente. Logo que o gelo ficava vazio, por um minuto que fosse, ela calçava os patins e começava a jogar. Como é que se consegue impedir isso?

Num dos dias em que Sune a arrastou de regresso à escola, os funcionários tiveram pena dele e convidaram-no a entrar para beber um café. Por fim, todos chegaram à conclusão de que seria muito mais fácil se Sune viesse buscar Alicia à escola da parte da manhã, a levasse para o rinque e a voltasse a trazer à tarde, com tempo para tomar um café com eles.

Um dia, no princípio do inverno, os funcionários mencionaram que o jardim de infância estava cheio de bolor, que estavam fartos de se queixar às autoridades competentes, mas ninguém conseguia arranjar-lhes outras instalações. Sune olhou para Alicia. Refletiu cuidadosamente no assunto. Depois voltou para o rinque, subiu ao gabinete de Peter Andersson e perguntou-lhe:

– Precisas mesmo deste escritório?

– Como? – respondeu Peter.

Sune gesticulou na direção do resto do piso superior do pavilhão.

– Quase todos estes gabinetes estão vazios! És só tu, e eu, e a Zackell! Quem mais? Um ou dois secretários em *part-time?* O porteiro?

– Não há mais ninguém. Somos… Nós somos o clube… – disse Peter.

Sune pegou num papel e numa caneta e começou a desenhar.

– Deitamos estas paredes abaixo. Instalamos um sistema de ventilação como deve ser. É perfeitamente praticável!

– Desculpe, mas está a falar de quê? – perguntou Peter.

– Mais do que um clube! Podemos construir mais do que um clube! – troou Sune.

No dia seguinte, foi ter com os políticos para apresentar o seu plano de construção de um jardim de infância no interior do pavilhão. Alguns mostram-se céticos, outros abertamente desdenhosos, mas um deles vê de imediato o potencial. Quando os outros vereadores rejeitam a proposta, esse político vai a uma reunião de pais no jardim de infância e mobiliza uma campanha por *e-mail.* Por fim, convence os restantes políticos a restruturarem o orçamento. Sune

recebe dinheiro para construir o primeiro «jardim de infância no gelo» do país. Nesse inverno, as crianças passam tanto tempo a brincar de patins como de sapatos. Daqui a alguns anos, Alicia dirá que foram essas horas extra de treino que lhe permitiram trabalhar a rapidez e a perfeição técnica.

Ter-se-á esquecido que o político que esteve na reunião de pais se chamava Richard Theo. Todavia, nas próximas eleições, muitos pais com filhos pequenos se lembrarão dele.

«É apenas desporto.» É o que tentamos dizer a nós próprios.

*

Uma noite, já tarde, Amat liga a Zacharias.

– O que estás a fazer? – pergunta-lhe.

– A jogar – responde Zacharias.

Amat costumava fazer pouco dele por responder dessa maneira. Por dizer apenas «a jogar» sem especificar que se tratava de um jogo de vídeo, como se Zacharias quisesse dar a entender que era… um desporto.

– Apetece-te sair um bocadinho? – pergunta.

– Sair? Agora? Está mais frio do que no buraco do rabo de um urso polar!

Amat ri-se.

– Aposto que não está frio nenhum no buraco do rabo de um urso polar! Anda lá!

– Para quê?

Amat engole em seco.

– Porque estou tão nervoso com o jogo contra Hed que não consigo dormir. Anda lá.

Assim, Zacharias sai. Claro que sim. Caminham pelo Covão, gelados, a conversar, como costumavam fazer quando eram mais novos e não tinham para onde ir.

– Como está a correr isso dos jogos? – pergunta Amat.

– Não gozes, está bem? – riposta Zacharias, magoado.

– Não, a sério! Conta-me! Eu… Ouve, preciso de falar de alguma coisa que não seja hóquei.

Zacharias fica uns instantes de cara fechada. Por fim, diz:

– Está a correr bem. Mesmo bem, na verdade. Fui convidado para participar numa competição.

– Posso ir assistir? – pergunta Amat de imediato.

Zacharias nem consegue descrever como isso o deixa orgulhoso. Assim, resmunga:

– Claro. – E depois acrescenta, de má vontade: – Mas só se não vieres com a conversa dos meus pais, que não é um desporto a sério só porque não é hóquei!

Amat pergunta, sentindo-se culpado:

– É isso que os teus pais dizem?

Zacharias dá um pontapé na neve.

– Sonham em ter um filho como tu, Amat. O hóquei é a única coisa que conta nesta cidade.

Amat não diz nada. Não há nada que possa dizer.

*

Maya chega ao celeiro junto do canil. Jeanette já está a treinar com o saco de areia, mas Ana fica à porta, desconfiada.

– Ela pode juntar-se a nós? – pergunta Maya.

Jeanette solta uma risada ofegante e surpreendida.

– Claro! Se formos três, daqui a pouco seremos um clube a sério!

Não está preparada para o que acontece a seguir – nenhuma delas está, nem mesmo Ana. Mas quando Jeanette demonstra um movimento para prender o adversário que ela e Maya têm andado a treinar, e Maya tenta recordar exatamente como tem de se contorcer para escapar, sem êxito, Ana pergunta:

– Posso tentar?

Jeanette hesita.

– Bom… isto já é bastante avançado. E se começássemos com uma coisa mais fácil?

– Mas posso só experimentar? – insiste Ana.

Assim, Jeanette deixa-a experimentar, porque às vezes é preciso deixar que uma pessoa falhe para aprender. O único problema dessa teoria é que Ana não falha. Jeanette mostra-lhe o movimento e Ana duplica-o à primeira tentativa. Jeanette mostra-lhe um movimento mais difícil, depois outro ainda mais complexo, e Ana consegue dominá-los a todos em duas ou três tentativas.

Vinte minutos depois, Jeanette está ofegante, com as mãos apoiadas nos joelhos, mas Ana não parece nada cansada. O antigo treinador de Jeanette costumava falar de «inteligência física» e de como alguns praticantes de artes marciais pareciam ter o equivalente ao ouvido perfeito de um músico: quando veem algo, o corpo sabe instintivamente como o reproduzir. Ana jogou hóquei durante alguns anos quando era mais nova, mas nunca praticou artes marciais. Ainda assim, parece ter um físico perfeitamente adaptado para tal. Cresceu na floresta, a correr em terreno irregular, a saltar e trepar. O pai é caçador e pescador, desde pequena que ela persegue e abate e arrasta animais pesados com ele; limpou neve com a pá, abriu valas e fez buracos no gelo do lago. É forte, ágil, resistente e mais dura do que as costeletas de porco do Urso Pardo.

Jeanette levanta as mãos e pede-lhe:

– Acerta-me com toda a tua força.

– A sério? – pergunta Ana.

Jeanette confirma com um aceno.

– Com toda a tua força!

Maya está sentada no chão e nunca esquecerá este momento. Ana ataca tão depressa e com tanta força que Jeanette é projetada para trás, a cambalear. É como se Ana explodisse. Jeanette e Maya desatam a rir. Ana nem compreende o que tem de tão especial aquilo que fez, mas Jeanette já está a planear a carreira dela.

As três mulheres dentro do celeiro estão molhadas de suor; a paisagem lá fora está congelada, coberta de neve, mergulhada na escuridão.

Mas a cidade inteira cheira a flores de cerejeira.

*

Uma manhã cedo, a campainha toca na casa dos pais de Zacharias. É Amat. A mãe de Zacharias parece ao mesmo tempo contente e frustrada. Primeiro a alegria:

– Amat, é tão bom ver-te! Parabéns pela entrada na equipa principal, estamos muito orgulhosos de ti. Imagina, depois de andares tantos anos por aqui, podes calcular como nos gabamos de ti aos vizinhos! A tua mãe deve estar tão orgulhosa!

Antes de Amat ter tempo de responder, ela avança de imediato para a frustração:

– O Zacharias não está em casa. Foi jogar jogos de computador com uns amigos. A horas daqui! Imagina! Para quê?

Amat respira fundo, porque gosta muito dos pais de Zacharias, mas responde com firmeza:

– O Zach não está a jogar «com uns amigos». É uma competição muito importante. Ele qualificou-se no meio de milhares de outros jogadores. Deviam vir assistir comigo.

O pai de Zacharias está atrás da mãe dele, no corredor. Não quer insultar Amat, mas não consegue disfarçar um riso trocista.

– És muito simpático por o defenderes, Amat, mas os jogos de computador não são um verdadeiro desp…

Amat fixa os olhos nele.

– Ao longo de toda a nossa infância, eu e o Zach competimos para ver quem se tornaria profissional primeiro. E ele vai vencer. Se não estiverem lá a assistir, vão arrepender-se para o resto da vida.

Dá meia-volta e desce as escadas antes de eles terem tempo para responder.

Quando Zacharias entra no grande recinto onde a competição terá lugar, a várias horas de caminho de Björnstad, Amat está lá para assistir. Não é um grande exército, mas é um exército, apesar disso.

A arena, onde estão montados os computadores em filas, está rodeada por bancadas altas, cheias de espectadores. Há ecrãs suspensos do teto e música alta proveniente de colunas.

– É… quase como o hóquei – admite o pai de Zacharias, estupefacto.

Ele e a mãe de Zacharias apanharam Amat na estação de comboio e vieram os três de carro. Os pais entraram no recinto com relutância, sem compreenderem o que estava a acontecer, mas antes do final da competição todas as pessoas à volta deles estarão a aplaudir o filho. Quando ele ganhar, Amat gritará bem alto e os pais de Zach farão o mesmo. Um desconhecido na fila da frente olhará para trás e perguntará:

– Conhecem-no?

– É o meu filho! – exclamará a mãe de Zach.

O desconhecido acenará com a cabeça, impressionado.

– Deve estar muito orgulhosa dele!

Não é assim tão importante. É apenas um desporto. Um desporto diferente.

*

Uma vez, a mãe de Kira Andersson disse-lhe: «O mais difícil de ter uma família é que nunca estamos despachados.»

Kira não consegue esquecer-se dessas palavras enquanto ela e a colega mobilam o escritório novo, correm atrás de clientes e tentam recrutar funcionários, negoceiam com o banco e se preocupam com dinheiro. O telefone de Kira não para de tocar. Olha para a fotografia dos filhos que tem em cima da secretária com as mesmas perguntas silenciosas de sempre: por quem é que

persegues uma carreira? Valerá a pena todos os sacrifícios? Como havemos de saber antecipadamente?

Peter Andersson chega a casa e encontra-a vazia. Kira está a trabalhar, os miúdos saíram com os amigos. Peter faz o jantar para si e come enquanto vê um jogo de hóquei na televisão. O seu telemóvel está silencioso. Quando aceitou o cargo de diretor-geral, tantos anos antes, odiava o som do telefone a tocar porque nunca parava, nem mesmo quando ele estava de férias. Agora, sente falta disso.

Maya Andersson enfia a chave na porta e entra. O pai levanta-se do sofá e tenta esconder como está contente por não ficar mais tempo sozinho em casa. Maya está exausta depois do treino de artes marciais, mas, quando vê a expressão no rosto do pai, vai buscar a guitarra. Tocam três músicas juntos, na garagem. Depois a filha pergunta:

– A mãe contou-te? Da… escola de música?

Peter parece surpreendido. Depois embaraçado.

– Nós… A tua mãe e eu… não temos tido muito tempo para conversar, ultimamente.

Maya vai buscar a carta.

– Posso começar em janeiro. É longe, teria de me mudar para lá e fazer um empréstimo, mas… a mãe disse que podia ser.

Peter tenta não dar parte de fraco mas não é totalmente bem-sucedido.

– Só quero que… que sejas feliz, joaninha… apenas isso! – consegue dizer, comovido.

– Sabes que mais, pai? É tudo o que eu quero para ti também – sussurra a filha.

Leo Andersson está a passear sozinho por Björnstad. Não tem nenhum destino específico em mente, nenhum plano, anda apenas a passear. Quando crescer, lembrar-se-á deste inverno como aquele em que andou desesperado em busca de algo que o apaixonasse. Toda a gente parece ter algo que ama

incondicionalmente: o pai tem o clube, a mãe, o seu novo negócio, Maya, a música. Leo quer algo que seja apenas seu. Talvez o encontre. Talvez essa seja outra história.

Esta noite, porém, quando chega a casa, a mãe ainda está a trabalhar e a irmã já se foi deitar. O pai está sentado na sala a ver televisão. Leo pendura o casaco e pensa em enfiar-se logo no quarto, como qualquer jovem que acabou de entrar na adolescência, mas resolve antes ir até à sala. Senta-se ao lado do pai. Veem um jogo de hóquei juntos.

– Eu… tu… Espero que saibas como te amo – diz-lhe o pai num dos intervalos.

– Eu sei, pai. Eu sei. – Leo sorri e boceja como se isso fosse algo que tem como certo.

Peter ainda tem a esperança de ter feito alguma coisa certa como pai, afinal de contas. Estão ambos a dormir no sofá quando Kira chega a casa. Ela tapa-os com mantas.

Nunca estamos despachados com uma família.

46

Diremos que foi um acidente

Já viram uma cidade cair por terra? Aconteceu à nossa. Porque, às vezes, é tão fácil fazer com que as pessoas se odeiem umas às outras que parece incompreensível que tenham alternativa.

Esta tem sido uma história sobre rinques de hóquei e todos os corações que batem neles e à volta deles. Sobre pessoas e desporto e como, às vezes, se apoiam mutuamente. Sobre nós, que sonhámos e lutámos. Alguns de nós apaixonaram-se e outros ficaram destroçados; tivemos dias bons e alguns dias muito maus. Björnstad festejou, mas também começou a entrar em combustão. A situação caminhava para uma explosão terrível.

Algumas raparigas deixam-nos orgulhosos; alguns rapazes tornam-nos especiais. Um carro passou demasiado depressa, a meio da noite. Diremos que foi um acidente; no entanto, os acidentes são caprichos do acaso e saberemos que podíamos ter evitado este. Este será por culpa de alguém. Culpa de muitas pessoas. Culpa nossa.

*

Hóquei é hóquei. Um jogo. De faz de conta.

Quando o inverno chega a Björnstad e Hed, é de noite quando as pessoas saem para o trabalho e é de noite quando chegam a casa. Nas urgências do hospital em Hed, o pessoal passa o tempo como toda a gente: a falar sobre hóquei.

Todos estão ansiosos pelo próximo jogo. Alguns apoiam a equipa vermelha, outros a equipa verde: há médicos e enfermeiros que mal dirigem a palavra uns aos outros. À medida que a época avançava e ambas as equipas venciam todos

os seus jogos, o novo confronto entre os clubes de hóquei de Björnstad e de Hed tornava-se cada vez mais importante. O clube vencedor terá a oportunidade de ser promovido à divisão seguinte. O que perder pode nem sequer existir na próxima época. A situação pode precipitar-se com grande rapidez.

Tentamos dizer a nós próprios que o hóquei é apenas hóquei, mas claro que nunca é. Um médico resmunga que «o dinheiro está a dar cabo do desporto». Uma enfermeira faz um longo discurso na sala de pessoal sobre como «os mandachuvas da federação estão sempre a impor exigências financeiras impossíveis de cumprir aos clubes mais pequenos, os agentes estão a sugar o mercado até ao tutano, os patrocinadores andam a brincar com isto e os jogos decidem-se nas salas de reuniões da direção e não no gelo!». Alguém lê um artigo de jornal no qual um comentador desportivo, muito longe daqui, prevê que equipas como Björnstad e Hed acabarão por ser meros clubes satélites das equipas maiores dentro de poucos anos.

– Clubes satélites? Como se nós fôssemos escravos das cidades grandes!

Outra pessoa resmunga:

– Pelo menos se o de Björnstad tivesse fechado, poderíamos estar a concentrar todos os esforços num clube só.

Isto provoca em resposta:

– Porque é que havíamos de ser *nós* a fechar? Porque é que não fecham *vocês?*

O pessoal do hospital discute e zanga-se, como todas as pessoas por estes lados.

Mas depois acontece algo, como sempre nestes locais de trabalho: soa um alarme, houve um acidente, vêm feridos a caminho. E os profissionais esquecem-se do hóquei e das lealdades clubísticas. Todos naquelas urgências trabalham em conjunto, lutam juntos, unem-se como uma equipa.

Farão todos os possíveis para salvar as vidas das pessoas que as ambulâncias

lhes trazem nessa noite.

Não será o suficiente.

*

Se a história de amor de Ana e Vidar fosse um romance comum, talvez tivessem vivido uma vida inteira juntos. Ou talvez se tivessem fartado um do outro e posto fim à relação, ou tivessem continuado a apaixonar-se pela mesma pessoa. Uma vida em comum é longa se a vivermos com alguém.

Mas o problema de se ser um adolescente invulgar é que, às vezes, só se quer ser um adolescente vulgar. Ana está deitada na cama, Vidar deitado em silêncio ao seu lado. Ana é como o *Minecraft* para ele: consegue concentrar-se quando está com ela.

– Queres ir a uma festa comigo? – murmura ela.

– O quê?

– Tu ouviste-me.

– Que tipo de festa?

– Há uma festa numa das cabinas do parque de campismo esta noite. Ouvi falar disso na escola. Não tens de vir. Mas eu… só quero ir a uma festa e sentir-me… normal. Durante algum tempo.

– Está bem – acede Vidar.

– Está bem? – repete Ana.

Ele sorri.

– És surda ou quê? *Está bem!*

Ela ri-se. Beijam-se. Parece tudo perfeitamente normal. Normal e maravilhoso.

Vão à festa. Sentem-se normais, pelo menos durante algum tempo. Mas depois Vidar vai à casa de banho e o tipo que se aproxima de Ana junto ao bar é de Hed, por isso não sabe quem ela é. Talvez nem sequer saiba quem é Vidar.

Ana tenta ser simpática; recusa a bebida que o tipo lhe oferece e afasta-lhe a

mão quando ele a pousa na anca dela. O tipo de Hed mostra-lhe orgulhosamente a tatuagem do touro no braço e diz que é capaz de jogar na equipa principal na próxima época. Ana empurra-o quando ele começa a tentar segredar-lhe ao ouvido. Tenta afastar-se. Ele pega-lhe no braço e ri-se.

– Vá lá! Não sejas uma seca! Vive um bocadinho!

Prende-a pela cintura com os dois braços. Nem sequer vê Vidar a atravessar a sala, não vê as nuvens negras no olhar dele, a testa franzida enquanto abre caminho por entre a multidão. Vidar não repara em quem afasta do caminho ou empurra contra as mesas à sua volta. Mas Ana vê. Sabe como devia ser simples sair daquela situação: dizer ao tipo de Hed que pôs as mãos na rapariga errada, que arranjou discussão com o rapaz errado. Seria tão fácil.

Mas Ana nunca fez nada da maneira mais fácil em toda a sua vida.

Assim, torce-se para se libertar dos braços dele, inclina o tronco para trás e dá-lhe uma cabeçada. Ouve um rangido quando lhe acerta com a testa no nariz. Ele cai no chão, aos gritos. Ana sente sangue a escorrer-lhe pelo rosto, mas não sabe de quem é.

Os amigos do tipo estão ali perto, tão chocados como todas as outras pessoas, e Ana sabe que tem apenas alguns segundos para agir. Vê Vidar irromper por entre a multidão com um olhar assassino e faz a única coisa que pode fazer, tendo em conta a pessoa que é e a pessoa que ama: faz pontaria e dá um soco na cara de Vidar.

A sala silencia-se. Ana bate-lhe outra vez, com mais força, e Vidar recua um passo, cambaleante. Depois ela pega-lhe no braço e corre para a porta. Arrasta-o para a floresta com ela e corre até que ninguém na festa os consiga encontrar.

– QUAL É O TEU PROBLEMA? – grita Vidar quando Ana finalmente se detém entre as árvores.

Ela sente-se quase culpada quando vê a cara dele a inchar. Mas não se deixa intimidar:

– Sabes qual é o meu *problema?* São vocês! Raio dos *rapazes!* Vocês é que são o meu problema!

– O que é que eu fiz?

Ana soluça agora de raiva.

– Podias tê-lo matado! Se eu não te tivesse tirado dali, tê-lo-ias espancado até o matar, e ias parar à cadeia e eu…

Está ofegante, a tentar conter as lágrimas acumuladas. Vidar, em frente dela, tem o lábio aberto e um olho que incha de minuto para minuto.

– Estava só a tentar… ajudar-te…

– O que é que se passa com vocês? Porque é que acham que queremos que estejam sempre a lutar por nós? Porque é que acham que têm de fazer tudo com violência? Que raio se passa com vocês?

– Não sei – admite Vidar.

Ana desata a rir.

– Amo-te.

– Foi por isso que me bateste?

– Sim!

Vidar coça a orelha.

– Era preciso amares-me com… com tanta força?

– Não quero estar numa merda de um pedestal! – responde ela.

– Num quê?

– Não quero que lutes por mim! Não quero que faças coisas por mim! Só quero que acredites em mim. Não quero que me leves a sítios, quero que me apoies para eu conseguir lá chegar sozinha!

– Está bem.

– Está bem o quê?

– Está bem, eu… Está bem, só isso. Eu… eu também te amo!

– És tão estúpido!

Dói-lhe tanto a mão que só lhe apetece enrolar-se numa bola e gritar. Ele empurra-a até junto de um banco de neve e obriga-a a enfiar a mão na neve. Ela grita. Ele tenta explicar:

– Não devias bater assim nas pessoas. Tens de… – começa, mas ela interrompe-o:

– Não te atrevas a ensinar-me como é que devo bater-te!

– Está bem.

É possível que haja histórias de amor mais normais, só isso.

No dia seguinte, Vidar vai assistir ao treino de artes marciais de Ana. Não diz nada, mas arrasta seis paletes de madeira do pátio e empilha-as de modo a formar degraus. Depois sobe até ao topo.

– O que é isso? – pergunta Ana, irritada.

– Um pedestal – responde Vidar.

– Para quem? – questiona ela.

– Para mim – replica ele.

Ela desata a rir, mas Vidar está muito sério.

– Estarei ao teu lado quando subires – afirma.

Ela para de rir e beija-o. Seja como for, nunca achou graça a histórias de amor normais.

*

Como é que começou? Nunca deixaremos de discutir sobre isso.

Talvez tenha começado com aquele tipo de Hed que estava a tentar a sua sorte numa festa com uma miúda de Björnstad e acabou com o nariz partido. Talvez ele tenha guardado rancor.

Ou talvez tenha começado muito antes, naquele primeiro jogo de hóquei do outono, quando os apoiantes de Hed chamaram coisas horríveis a Benjamin Ovich. Talvez algumas pessoas em Björnstad não tenham conseguido esquecer isso, principalmente depois de Hed vencer o jogo.

Ou talvez tenha começado numa manhã, no princípio do inverno, quando alguém deixou um corno de touro ensanguentado em frente às portas do pavilhão de Hed. Nem sequer era sangue verdadeiro, provavelmente apenas uma piada

parva de alguns adolescentes embriagados, mas nem toda a gente em Hed o encarou da mesma maneira.

Uma noite, não muito tempo depois disso, um tipo de Björnstad estava na fila de uma pizaria em Hed – a sua namorada era de lá e ficara à espera dele em casa. Uns apoiantes de Hed, mais atrás na fila, começaram a entoar os mesmos cânticos do jogo. Um deles aproximou-se e gritou essas terríveis palavras mesmo ao ouvido do tipo. Outro mandou-o «desaparecer daqui» e «deixar as mulheres de Hed em paz!». O tipo de Björnstad virou-se e mandou-os à merda, e os de Hed atiraram ao chão as pizas que ele segurava. Os funcionários conseguiram interferir antes que houvesse problemas sérios, mas talvez tenha sido assim que começou.

A menos que tenha começado com aqueles boatos todos sobre o hospital e a fábrica, quando tudo se tornava uma discussão sobre empregos. Em tempos, as pessoas temiam que os políticos quisessem juntar Hed e Björnstad e formar uma única cidade, uma cidade maior, mas agora temem que não haja espaço suficiente para duas cidades pequenas.

Pouco depois do incidente com o corno de touro em frente ao pavilhão e da escaramuça na pizaria, as equipas de infantis do Clube de Hóquei no Gelo de Hed e do Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad, crianças de nove anos de idade, defrontaram-se num torneio a alguma distância dali. O jogo estava equilibrado, os rapazes espicaçados, e quando um dos miúdos de nove anos de Hed começou a gritar: «Paneleiros! Putas! Violadores!», rebentou uma tal luta entre as equipas que os pais tiveram de saltar para o gelo para ajudar o árbitro a pôr ordem no rinque. Um pai de Hed e outro de Björnstad tentaram separar os filhos, e um deles achou que o outro fora um bocadinho bruto de mais com o seu filho. Os pais começaram aos gritos, depois aos empurrões, e passado pouco tempo eram as crianças que tentavam impedir os adultos de lutar, em vez do contrário.

Mais ou menos na mesma altura, dois homens de mais idade tiveram uma altercação na sala de espera do Hospital de Hed, porque um deles achava que tinha esperado mais do que o outro. O segundo homem murmurou:

– Malditos filhos da mãe de Björnstad! Arranjem um hospital para vocês e não venham para aqui entupir os nossos serviços de saúde.

Talvez nada disto tivesse qualquer importância se não tivesse tudo acontecido durante o mesmo outono e inverno. Talvez a situação não tivesse explodido se todas estas pessoas não tivessem tido uma oportunidade natural de se reencontrarem no mesmo pavilhão antes do final do ano. Mas é claro que tiveram: no jogo seguinte de hóquei entre Hed e Björnstad.

Uma manhã, pouco tempo antes do jogo, dois homens vêm de Hed para se candidatar a um emprego na fábrica em Björnstad. Estão desempregados há muito tempo, ambos têm filhos, e quando os novos proprietários da fábrica lhes ofereceram a oportunidade de comparecer a uma entrevista, foi como uma dádiva dos céus. Estacionam o carro em frente da fábrica. Quando saem, depois das entrevistas, encontram-no desfeito. As portas metidas para dentro ao pontapé, um grande ramo de árvore enfiado pelo para-brisas. Não há testemunhas, claro, apesar de eles avistarem alguns homens de blusões pretos nas imediações. No meio dos vidros partidos, no banco do condutor, um bilhete onde se pode ler: «Empregos em Björnstad para os trabalhadores de Björnstad.»

*

Talvez tenha sido assim que começou.

A menos que tenha sido quando um pequeno grupo de homens de Hed se reúne, pouco depois da história da fábrica, para discutir como se hão de vingar. Querem fazer mal à Matilha. Querem tirar aos homens de blusões pretos algo que eles amem.

– Vamos pegar fogo às casas daqueles cabrões – murmura um dos homens de Hed na reunião. Talvez não o queira dizer literalmente. Mas um dos amigos responde:

– Então é isso que faremos.

47

Uma história de amor que nunca esqueceremos

É difícil guardar segredos no balneário. Qualquer tipo de segredo.

No recinto em Hed, os treinos estão a tornar-se cada vez mais tensos. Todos deixaram de se referir aos habitantes de Björnstad como pessoas, preferindo usar expressões como «os verdes». Ou «os ursinhos bebés que vão ser chacinados». Ou «aquelas putas». Ou «os cabrões dos paneleiros». Seria de esperar que William Lyt fosse uma das vozes mais estridentes mas, por algum motivo, ele tem vindo a ficar mais e mais calado.

Quando os colegas lhe perguntam porque está tão metido consigo, diz que está «concentrado no hóquei». Não tem uma resposta melhor. Tem vindo a acontecer-lhe algo muito estranho ao longo deste outono e inverno: quanto mais os restantes se odeiam uns aos outros, mais saturado ele se sente de si próprio. Está zangado há tanto tempo – zangado no hóquei, zangado na escola, zangado em casa – que talvez tenha simplesmente ficado sem energia para continuar tão zangado.

«Concentra-te no hóquei», sugere-lhe a mãe, com uma carícia na cabeça. E é isso que ele faz. Distancia-se cada vez mais do resto da equipa, treina arduamente sozinho. Conhece uma rapariga de Hed e começa a passar as noites com ela. Um dia, David chama-o ao seu gabinete. Dá-lhe um papel com o número de telefone de um olheiro de um dos clubes de elite, várias divisões acima de Hed.

– Estão interessados em ti. Querem que entres em contacto.

Enquanto William olha para o papel, David contorna a secretária e pousa-lhe as mãos nos ombros.

– Reparei que estás a dedicar-te mais ao hóquei ultimamente, William. E que te afastaste dos outros disparates todos lá fora, as lutas e por aí fora… Ainda bem! É por isso que este clube está interessado em ti. Podes vir a ser alguém,

William, podes ir longe! Mas sabes que vou lutar para que continues a jogar para mim. Acho que na próxima época estarás preparado para ser capitão!

E depois David diz algo terrível. Algo que destrói completamente um jovem com medo de mostrar os seus sentimentos:

– Estou orgulhoso de ti, William.

William sai do gabinete e liga à mãe.

É difícil guardar segredos no balneário, portanto todos dão os parabéns a William quando ele entra. Está orgulhoso, claro, mas repara também que os outros se calam quando ele está por perto. Apercebe-se de que estão a discutir algo que não querem que ele oiça.

Depois do treino, há dois carros parados em frente do rinque; lá dentro, homens com tatuagens de touros e camisolas com capuz. Dois dos colegas de equipa de William, os que ainda são jovens o suficiente para quererem lutar, e que não são jogadores de hóquei tão bons que tenham muito a perder, dirigem-se para os carros.

– Onde vão? – pergunta William.

Um deles vira-se.

– Quanto menos souberes, melhor, William. És demasiado importante para a equipa para te envolveres nisto. Precisamos de ti no gelo!

– Que raio estão vocês a planear? – insiste William, confuso.

Os homens com as tatuagens do touro não respondem, mas um dos jogadores está tão excitado que não consegue conter-se. Assim, grita:

– Vamos ver se a pele de urso pardo arde bem!

Os carros arrancam, e William fica ali parado, sozinho.

*

Mais tarde, quando a Polícia os interroga, os homens de Hed terão mil e uma desculpas. Uns dirão que não tencionavam incendiar todo o edifício: pensavam

que só a porta arderia e que teriam tempo de apagar as chamas antes que fosse tarde de mais. Um dirá que só queriam «marcar uma posição» e outro que era para ser só «uma brincadeira». Nenhum deles sabia que havia um apartamento por cima do Urso Pardo. Nem que Ramona estava lá a dormir.

*

Maggan Lyt vai buscar o filho ao rinque a Hed, como faz sempre depois de todos os treinos. Leva-lhe sanduíches e batidos de proteína; guarda o saco do equipamento no porta-bagagens e põe a tocar as músicas preferidas dele o caminho todo até casa. Mas William não diz uma palavra.

– O que se passa? – pergunta-lhe a mãe.

– Nada… não é nada. Estou só… nervoso por causa do jogo – murmura William.

Finge que é verdade, e Maggan finge acreditar. Não querem magoar-se um ao outro. Jantam e ouvem o pai de William falar sobre o trabalho, riem-se quando a irmã de William fala sobre o seu dia: desenroscou as tampas dos saleiros na mesa dos professores e estas caíram quando eles tentaram pôr sal no almoço! Foi William que lhe ensinou isso. Maggan tenta ralhar-lhe, mas o riso da filha é tão contagiante que não consegue.

Hoje, mais do que é habitual, William observa os pais enquanto estes comem e conversam. Sabe bem o que as pessoas na cidade dizem da família dele: que o pai é «tão forreta que chora quando tem de cagar» e que a mãe é «uma maluquinha do hóquei». Pode até ser verdade, mas há também outras coisas que se poderia dizer deles. Nunca nada lhes foi dado de mão beijada, tiveram de lutar por tudo o que alcançaram, e querem dar aos filhos aquilo que nunca tiveram: poder sobre as suas próprias vidas, sem terem de lutar todos os dias. Talvez exagerem de vez em quando, mas William não tem qualquer dificuldade em perdoar-lhes. Este mundo não foi feito para pessoas boas. As pessoas boas são exploradas e esmagadas. Basta-lhe olhar em volta, em Björnstad, para ver isso.

Depois de jantar, vê desenhos animados com a irmã no quarto dela. Quando

ela nasceu, os médicos disseram que tinha um problema. Mas não tem problema nenhum, é apenas especial. As pessoas insistem em referir-se a ela pelo nome da sua condição, mas William recusa-se. Ela é quem é. A pessoa mais querida que ele conhece. Depois de a irmã adormecer, William desce até à cave para fazer um treino de força, sozinho. Mas aquelas palavras não lhe saem da cabeça: «Vamos ver se a pele de urso pardo arde bem!»

Assim, veste um fato de treino e diz à mãe que vai dar uma corrida. Maggan Lyt espera que seja porque o filho está nervoso.

Depois de a porta se fechar atrás de William, ela corre para a cozinha. Preocupa-se sempre com os filhos; quando William não está em casa, canaliza as suas ansiedades para a culinária.

«Diga-se o que se disser da Maggan Lyt, é uma excelente cozinheira!», comentam as pessoas. O facto de sentirem necessidade de começar a frase por «diga-se o que se disser» não a incomoda. Ela sabe quem é. Luta por tudo o que tem. Faz uma salada de massa, depois uma salada de batata.

«Ninguém consegue fazer tantas saladas de coisas que não deviam ser saladas como tu, mãe… Consegues transformar qualquer legume num prato pouco saudável!», costuma dizer William, com um sorriso.

Fica acordada até o filho chegar a casa, sempre preocupada.

William corre por Björnstad. De súbito, apercebe-se de que vestiu o fato de treino encarnado com o touro no peito. Até ele tem a noção de que isso é uma provocação estúpida neste momento. Dá meia-volta para regressar a casa e mudar de roupa, mas estaca quando o cheiro lhe invade as narinas.

Está qualquer coisa a arder.

*

O fumo não acorda Ramona; acorda apenas quando sente alguém a puxar por

ela. Talvez tenha bebido um ou dois lanchinhos antes de ir para a cama, por isso reage como sempre quando alguém a acorda: abana os braços, grita obscenidades e tenta encontrar qualquer coisa dura que possa usar como arma.

Porém, quando vê as chamas a lamberem as paredes e ouve os gritos da rua, abre os olhos e depara-se-lhe o rosto de Elisabeth Zackell.

A treinadora de hóquei pode ser má com sentimentos, mas é perfeitamente capaz de sentir nervosismo. Esta noite não estava a conseguir dormir, com a cabeça cheia de pensamentos sobre o jogo contra Hed, por isso foi dar uma corrida. Viu uns homens afastarem-se a correr do Urso Pardo e as chamas espalharem-se. A maioria das pessoas teria chamado os bombeiros e ficado à espera na rua. Nenhuma pessoa normal entraria a correr num edifício em chamas. Mas Zackell obviamente não é normal.

Quando a treinadora se deixa cair no passeio cá fora, a tossir e a tentar respirar, Ramona, de pé ao lado dela em camisa de dormir, murmura:

– O que esta rapariga faz por uns pratos de batatas! Imaginem se eu lhe tivesse dado carne!

Zackell tosse e ri-se.

– Tenho de admitir que começo a gostar da cerveja. As vitaminas são importantes.

Aparecem pessoas a correr vindas de todas as direções, e ninguém corre mais depressa do que Teemu. Atira-se para a neve e aperta Ramona nos braços.

– Então, rapaz, acalma-te lá. Não morreu ninguém. São só umas chamas – murmura Ramona, mas ele sente-a a tremer.

– As fotografias todas do Holger! – exclama Teemu, pondo-se de pé.

Ramona tem de o segurar. Gosta muito do rapaz, tanto que está disposta a impedi-lo de se enfiar no meio do incêndio para lhe ir salvar as fotografias do falecido marido.

Mas não consegue segurar Teemu com força suficiente para impedir o que acontece a seguir. Ninguém conseguiria.

*

Toda a Björnstad acorda com o incêndio; gritos espalham-se pela cidade mais depressa do que tambores, mais depressa do que sirenes. Todos os telefones tocam, todas as portas se abrem.

Benji e as irmãs aparecem a correr pela rua fora. As irmãs correm para o Urso Pardo. Os habitantes formaram já uma cadeia humana para passar baldes de água, e aparecem vários carros com bidões de água e mangueiras.

Mas Benji fica imóvel, porque percebe que isto não é coincidência. Nunca é. Assim, tenta encontrar um criminoso e o que vê imediatamente é um fato de treino encarnado. William Lyt está parado atrás das outras pessoas, um pouco mais afastado na direção da floresta, sozinho e em estado de choque, com a mão na boca.

Benji corre diretamente para ele. Por um momento, William pensa que Benji o vai atacar, mas este detém-se bruscamente como se se tivesse apercebido de alguma coisa. Há pessoas a correr de um lado para o outro no meio da rua, ouvem-se agora sirenes à distância, a aproximarem-se através da floresta. Benji vira-se para William e diz-lhe, entre dentes:

– Tu e eu. Agora. A sério. Sem amigos, sem armas. Só nós os dois.

William podia ter protestado, podia ter tentado acalmar Benji, explicar-lhe que não teve nada a ver com o incêndio. Mas Benji está demasiado fora de si para acreditar, e talvez William ainda o odeie demasiado para tentar. Assim, murmura apenas:

– Onde?

Benji pensa por um momento.

– A pista de *jogging* nos Montes. Não há pessoas, temos luz e o terreno é nivelado.

William acena com a cabeça, tenso.

– Para eu não ter desculpas depois, é o que queres dizer?

As ações de Benji sempre foram piores do que as suas palavras. Por esse motivo, a resposta que dá agora é especialmente sinistra.

– Não haverá um «depois» para ti, William.

Correm até à pista de *jogging.* Através da cidade toda. Já o fizeram mil e uma vezes antes; quando jogavam hóquei na mesma equipa, costumavam competir em todas as sessões de treino. Benji nunca deixava William ser o melhor em nada – costumava tirar-lhe coisas mesmo que não as quisesse. Agora, enquanto correm com neve pelos tornozelos, são outra vez esses mesmos rapazes. Até correm separados alguns metros, como se Kevin ainda estivesse entre eles.

*

Quando chegam à pista nos Montes, param e recuperam o fôlego durante uns segundos; nuvens densas erguem-se das suas bocas. Depois, ainda com o fato de treino encarnado vestido, William lança-se contra Benji, que está à espera dele, de camisola verde e punhos fechados. Sem amigos, sem armas, apenas eles os dois. Um touro contra um urso.

*

O Aranha e o Martelo encontram Teemu em frente ao Urso Pardo. O seu primeiro instinto é ajudar a apagar o fogo, proteger as pessoas. Este bar é um lar para eles, mais do que as suas próprias casas alguma vez foram. Mas o Aranha murmura ao ouvido de Teemu:

– Sabemos quem são, os cabrões de Hed. A namorada do Martelo viu-os pela janela da cozinha. Deixaram os carros junto ao supermercado. Se arrancarmos já, ainda os conseguimos apanhar!

Quando os homens de blusões pretos se afastam da multidão reunida em frente ao Urso Pardo e correm na direção do *Saab* de Teemu para perseguirem o inimigo pela floresta, quase ninguém repara neles. O único que os observa é um rapaz adolescente. Leo Andersson. E segue-os.

*

William e Benji não se contêm. Os seus golpes são frenéticos, e ambos os rapazes são tão fortes que têm os dois as caras ensanguentadas após meros segundos. William solta um grito de cada vez que desfere um soco, num misto de exaustão e fúria. É mais alto do que Benji, a única vantagem que Benji nunca lhe conseguiu tirar, e pode atingi-lo de cima para baixo, enquanto Benji tem de atacar de baixo para cima. E é mais difícil desferir um soco desse ângulo. Atacam-se um ao outro desvairadamente durante o que parece uma eternidade, ofegantes, com o sangue a escorrer. Benji já perdeu um dente e William mal consegue ver do olho direito.

– Estavas apaixonado por ele? – ruge, de súbito.

– O QUÊ? – grita Benji, cuspindo sangue para a neve.

Estão de frente um para o outro, arquejantes. William apoia as mãos nos joelhos. Tem um dedo partido e o sangue corre-lhe do nariz como se fosse uma torneira aberta. Baixa a voz, enquanto a dor e o cansaço se abatem sobre ele.

– Estavas apaixonado pelo Kevin? – pergunta, ofegante.

Benji fica em silêncio durante alguns minutos. Tem sangue no cabelo e nas mãos; é impossível determinar de onde é que sangra.

– Sim.

É a primeira vez na vida que Benji o admite.

William fecha os olhos e sente o nariz a latejar enquanto tenta respirar.

– Se eu soubesse, não te teria odiado tanto – murmura.

– Eu sei – responde Benji.

William endireita-se, com as mãos ao lado do corpo, o fato de treino rasgado e manchado de sangue e suor.

– Lembras-te daquele verão, quando éramos pequenos, em que choveu sem parar durante um mês inteiro? Quando o rinque ficou alagado?

Benji parece surpreendido, mas assente com um aceno.

– Sim.

William limpa o nariz com as costas da mão.

– Tu e o Kevin estavam sempre na floresta, no verão, mas, quando chovia, costumavam vir a minha casa e perguntar se podíamos jogar hóquei na cave.

Não sei porque não iam para casa do Kevin, mas…

– Os pais do Kevin estavam com obras em casa nesse verão – recorda-lhe Benji.

William faz que sim com a cabeça.

– Ah, pois foi. Era por isso. Nesse mês, jogámos hóquei na minha cave todos os dias. E éramos amigos, na altura. Tu eras fixe. Não discutíamos uns com os outros.

Benji cospe mais sangue para a neve.

– Dormíamos em colchões no chão, para podermos começar a jogar assim que acordávamos…

O sorriso de William está carregado de oportunidades perdidas e de anos desperdiçados.

– Quando outras pessoas da nossa idade falam da infância, lembram-se sempre do sol a brilhar. Tudo o que eu me lembro é de estar constantemente a desejar que chovesse.

*

Benji fica parado. Por fim, senta-se na neve. William não sabe se ele está a chorar. Não sabe se se nota que ele próprio está a chorar.

Depois os dois homens afastam-se, cada um por seu caminho. Não como amigos, nem como inimigos. Cada um segue apenas o seu caminho.

*

É tarde quando Maya e Ana acabam finalmente o treino no clube de artes marciais. Demasiado tarde, na opinião da mãe de Maya, mas, ainda assim, vai buscar a filha sem protestar. Oferece boleia a Ana, mas esta abana a cabeça com um sorriso disfarçado e Maya mete-se com ela:

– A Ana vai ter com o Vidaaar…

Isto deixa Maya tão feliz, porque é o tipo de coisa que as melhores amigas de dezasseis anos fazem, provocar-se uma à outra por causa de rapazes. Maya entra no *Volvo* e faz adeus a Ana pelo vidro de trás.

Vidar está à espera na orla da floresta. Ele e Ana caminham de mãos dadas pela noite. Ele trauteia uma canção e assobia, não consegue parar de tamborilar com os dedos na perna; e se tivessem vivido uma vida inteira juntos, talvez Ana acabasse por ficar irritada com a falta de controlo dos impulsos dele. Mas neste momento ama-o. Ama o facto de todas as suas emoções viverem dentro dele da mesma maneira: instantaneamente.

Se tivessem vivido a vida inteira juntos, talvez tivessem passeado por sítios diferentes. Talvez ao sol, noutro país. Talvez se tivessem mudado para longe dali e recomeçado noutro lugar, talvez tivessem amadurecido e construído um lar juntos. Talvez tivessem tido filhos, envelhecido juntos. Ana põe-se em bicos de pés para o beijar. O telefone de Vidar toca. Ela sente o cheiro a fumo.

Quando vê a expressão súbita de horror no rosto de Vidar e ele desata a correr, não tenta impedi-lo. Corre com ele.

*

Um carro branco acelera pela estrada fora, demasiado depressa. Os homens de Hed dentro da viatura são pouco mais do que rapazes. Poderemos perdoar-lhes por isso? Que idade teremos de ter para sermos responsáveis pelas nossas ações, mesmo quando as consequências são infinitamente piores do que imaginávamos?

Quando o *Saab* aparece no espelho retrovisor e os homens no carro branco percebem que estão a ser seguidos, entram em pânico. Aceleram. O *Saab* faz o mesmo. O condutor do carro branco tira os olhos da estrada por um segundo, e instantes depois os faróis de um terceiro carro incidem-lhe no para-brisas e

cegam-no. É um grande *Volvo*, que vem em sentido contrário.

O carro branco derrapa na neve; os homens de Hed dentro dele gritam. Os pneus perdem a tração na estrada. Milhares de quilos de metal levantam voo, por um breve momento, e ficam silenciosamente suspensos na escuridão. Depois dá-se uma colisão tão terrível que nunca deixaremos realmente de a ouvir.

Kira e Maya estão dentro do *Volvo*; acabaram de sair do canil quando o telefone de Kira toca. É Peter. Ele já está na cidade.

– O URSO PARDO ESTÁ A ARDER! NÃO SEI DO LEO! – grita ele.

O canil fica bastante dentro da floresta. Só há dois caminhos para Björnstad: a estrada sinuosa normal que todas as pessoas normais usam e um caminho de terra mal conservado, por entre as árvores, sem qualquer iluminação, que é usado de vez em quando pelos caçadores. Este caminho desemboca diretamente na estrada principal entre Björnstad e Hed.

Nunca uma mãe e uma irmã percorreram esse caminho mais depressa do que naquela noite.

Poucos minutos depois, o *Volvo* emerge da floresta com o motor a rugir, e vira para a estrada principal. Um pouco mais atrás, um homem de idade está a regressar de Hed e, quando o *Volvo* entra na estrada à sua frente, buzina, irritado. Kira não quer saber. Pisa o acelerador. Depois vê o carro branco que se aproxima em sentido contrário e acelera em direção a elas, demasiado depressa.

Maya grita antes que Kira tenha tempo de reagir. O condutor do carro branco perde o controlo e o carro derrapa na estrada. Kira pisa o travão, guina o *Volvo* para a valeta e atira-se para cima da filha, para a proteger. O carro branco perde o controlo, sai da estrada e colide contra uma árvore.

*

Leo Andersson corre pela floresta, no meio das árvores, para chegar lá antes dos carros. Não é suficientemente rápido. Graças a Deus.

Não é suficientemente rápido.

*

Há um velhote que é cliente regular do Urso Pardo; normalmente, senta-se com outros quatro velhotes, a discutir sobre hóquei. Não vê muito bem; às vezes os amigos trocam-lhe os óculos por óculos de leitura baratos para que ele pense que ficou cego quando os põe. Como Ramona costuma dizer: «Se ele um dia ficar mesmo cego, nem se vai aperceber!»

Esta noite o homem traz os seus óculos bons postos, mas mesmo assim não vê muito bem na escuridão. Tentou explicá-lo às pessoas no hospital. A mulher não está em casa e os filhos há muito que se mudaram para cidades maiores, em busca de empregos melhores e restaurantes de *sushi* e o que raio é que os jovens querem das cidades grandes, e o velhote hoje acordou com uma dor no peito. Assim, meteu-se no carro e conduziu de Björnstad a Hed, onde esperou várias horas no hospital até alguém finalmente o informar de que não havia motivos de preocupação. Devia ter sido apenas indigestão.

– Já pensou em beber menos álcool? – sugeriu o médico.

– Já pensou em fazer uma lobotomia? – ripostou o velho, e ainda ralhou com o médico por o ter feito esperar tanto tempo. Pois se ele não vê bem à noite! Prometeu à mulher que não pegaria no carro durante a noite!

– Estamos com falta de pessoal – desculpa-se o médico.

O homem mais velho meteu-se no carro e arrancou, aborrecido.

– Que porcaria de hospital é este, afinal?

Depois, no regresso a Björnstad, uma maluca qualquer num *Volvo* sai do meio da floresta e mete-se na estrada mesmo à sua frente. É evidente que decidiu apanhar o atalho para a cidade, e o velhote trava e buzina e faz-lhe sinais de luzes, mas claro que a estúpida da mulher não quer saber. É assim que as pessoas

conduzem atualmente.

O *Volvo* vai tão depressa que em menos de nada já só se veem as luzes traseiras. A neve cai com intensidade sobre o para-brisas. Está escuro. O homem pragueja e franze os olhos atrás dos óculos. Nem sequer vê exatamente o que acontece a seguir; não tem qualquer possibilidade de reagir. A estúpida da mulher do *Volvo* trava abruptamente e guina para a beira da estrada. Na direção contrária, aproximam-se dois carros: talvez o velhote tenha tido tempo de ver que o primeiro é branco. Este levanta voo, capota e esmaga-se contra uma árvore com uma força tremenda. O carro de trás é um *Saab*; talvez o velho tenha tido tempo de se aperceber disso. Vinha obviamente a perseguir o carro branco, porque trava com brusquidão e desliza de um lado ao outro da estrada. Teemu, o Aranha e o Martelo abrem as portas e saltam. O velhote talvez os reconheça do Urso Pardo.

Trava. Mas está a nevar e é de noite. Mesmo que os travões fizessem tudo o que podiam, talvez fosse impossível parar àquela distância, com este tempo. Talvez não seja culpa de ninguém. O velhote não tem o cinto de segurança posto, o carro é velho, os seus olhos também. Passa pelo *Volvo* e depois guina o volante com todas as suas forças para se desviar do *Saab*.

Não tem tempo de ver onde é que bate. Nem sequer ouve o baque no capô do carro. Já embateu com a cabeça no volante e perdeu a consciência.

*

Kira sai do *Volvo*, dá a volta ao carro a correr e tira Maya do banco do passageiro. Esse é o primeiro pensamento da mãe: tirar a filha da estrada, protegê-la. Estão agarradas uma à outra, na valeta, quando uma terceira pessoa se agarra também a elas, com toda a força, como se temesse perdê-las para sempre se as largasse.

É Leo.

*

Ana e Vidar correm pela floresta, mais depressa do que qualquer um tem na realidade energia para se deslocar. Se tivessem vivido uma vida inteira juntos, talvez gostassem de competir um com o outro. Se tivessem tido filhos, provavelmente estariam sempre a discutir sobre qual deles seria o mais rápido.

Ouvem os estrondos dos carros vindos da estrada e mudam instintivamente de direção, correndo agora na direção do som. Vidar ouve a voz de Teemu, depois as vozes do Aranha e do Martelo, aos gritos:

– Chamem uma ambulância!

– Cuidado!

As pontas dos dedos de Vidar e Ana tocam-se uma última vez. Esta não é uma história de amor comum. Podem ter-se amado durante menos tempo do que muitos, mas amaram-se com mais intensidade do que a maioria.

– Está a arder! – grita Ana quando chegam à estrada.

Do lado oposto, veem um carro enfaixado contra uma árvore, com a parte da frente desfeita. As pessoas no interior estão inconscientes. O fumo ergue-se pelas frestas no capô. Ana grita de novo:

– ESTÁ A ARDER! ESTÁ A ARDER!

Depois desata a correr. Vidar tenta detê-la, mas já não a consegue agarrar. Porque ela foi criada por um pai que lhe dizia: «Não somos o tipo de pessoa que deixa os outros ficar mal, tu e eu.»

Assim, Ana corre para o carro branco em chamas, atravessando a estrada sem hesitar. O velho que vem do hospital em Hed só vê o que tem pela frente quando é tarde de mais. Passa pelo *Volvo* e guina para se desviar do *Saab*, pisando o travão com todas as suas forças. Ana está no meio da estrada.

Vidar grita, corre, mas acontece tudo demasiado depressa. Por isso, atira-se para a frente e empurra Ana. Porque ele é o tipo de pessoa que não sabe controlar os seus impulsos.

Não consegue deixar de salvar a vida da pessoa que ama.

Ana rebola para a valeta, levanta-se o mais depressa que pode e solta um urro, mas a pessoa que ela ama já não está lá para ouvir. O carro do homem mais velho derrapa demasiado depressa, acerta-lhe em cheio e o corpo cai sobre o capô.

Vidar Rinnius morre tal como viveu. Instantaneamente.

É uma história de amor que nunca esqueceremos.

48

«Meu Deus! Meu Deus! Meu Deus! O meu bebé!»

Alguma vez viram uma cidade cair por terra? Aconteceu à nossa. Alguma vez viram uma cidade erguer-se dos escombros? A nossa também o conseguiu. Alguma vez viram pessoas que, normalmente, não conseguem estar de acordo em nada, quer seja política, religião, desporto ou outra coisa qualquer, aparecerem a correr de todas as direções para ajudarem a apagar um incêndio num velho bar? Alguma vez viram essas mesmas pessoas a salvarem as vidas umas das outras? Nós vimos. Talvez vocês tivessem agido como nós. Talvez não sejamos tão diferentes como julgam.

Fizemos o que podíamos, demos o nosso melhor. Demos tudo o que tínhamos, naquela noite.

Ainda assim, perdemos.

Há muitas árvores bonitas em Björnstad. Às vezes, afirmamos que é porque nasce uma nova de cada vez que sepultamos alguém. É por isso que os nascimentos aparecem ao lado das mortes, no jornal local, para que nunca fiquemos sem árvores nem sem pessoas.

Não importa.

Não queremos uma árvore nova. Ou outra pessoa. Só queremos esta pessoa de volta.

*

– Meu Deus! Meu Deus! Meu Deus! – grita a mãe de Vidar quando cai, sem forças, nos braços dos homens que estão na sua cozinha, lavada em lágrimas.

Os homens não têm palavras. Estão a cair aos trambolhões na mesma

escuridão que ela. A mãe de Vidar fica deitada no chão, a lamentar-se, inconsolável:

– O meu bebé! Onde está o meu bebé? Onde está o meu bebé onde está o meu bebé onde está o meu bebé?

*

Raio dos miúdos.

Com que frequência uma mãe pensa isso enquanto os filhos crescem? «Raio dos miúdos.» Quantas vezes tem de gritar com eles? Quantas vezes tem de mandar um rapazinho fazer até as coisas mais simples? Como atar os atacadores?

«Ata os atacadores!», pede ela. Mas o filho ouve-a? Claro que não. «Ata os atacadores antes que tropeces!», repete ela. «Ainda vais cair e magoar-te.»

Vais magoar-te. Raio do miúdo.

Leo não atou bem os atacadores nessa noite. Se o tivesse feito, teria sido uns segundos mais rápido a correr por entre as árvores, a sair da floresta para a estrada. Teria estado lá quando o carro chegou. Por poucos segundos. Por causa de um atacador e de um nó mal feito.

Assim, Kira adormece na cama de Leo nessa noite e ele não a obriga a sair, e que dádiva incrível isso é para a mãe de um adolescente. Acordam os dois quando Maya entra silenciosamente e se aninha junto deles. Kira aperta os filhos contra si com tanta força que eles nem conseguem respirar.

Raio dos miúdos.

Raio dos miúdos raio dos miúdos raio dos miúdos.

*

Quando Vidar era pequeno, nunca parecia ter medo de nada. Todas as outras

crianças tinham pesadelos e queriam ficar com a luz acesa, mas ele não. Quando ele e Teemu partilhavam o quarto e dormiam num beliche, Vidar insistia em dormir na cama de baixo. Teemu demorou meses a perceber porquê. Uma noite, acordou e ouviu Vidar a chorar, por isso saltou para o chão e obrigou o irmão mais novo a explicar-lhe o que se passava. Por fim, o menino, que não tinha mais de cinco ou seis anos, contou-lhe que estava convencido de que todas as noites havia monstros horríveis que entravam na casa.

«Então por que raio queres ficar a dormir na cama de baixo?», questionou Teemu.

Vidar fungou.

«Para os monstros me apanharem primeiro e tu teres tempo de escapar!»

Não conseguia conter-se. Nunca conseguiu.

O caminho de regresso à normalidade é indescritivelmente longo quando a morte puxa o tapete debaixo dos pés daqueles que cá ficam. O sofrimento é um animal selvagem que nos arrasta até às profundezas, numa tal escuridão que não conseguimos imaginar como regressaremos alguma vez a casa. Como conseguiremos voltar a rir. Dói tanto que nunca chegamos a perceber se a dor na realidade passa ou se apenas nos habituamos a ela.

Ana passa a noite sentada no chão, do lado de fora do quarto de hospital de Vidar. Teemu e a mãe sentam-se com ela, um de cada lado, e seguram-lhe nas mãos. A menos que seja ela que segura nas mãos deles. Três pessoas que amavam Vidar Rinnius, tanto que não teriam hesitado em trocar de lugar com ele se pudessem. Não é coisa de pouca monta, seja para quem for. Um dia, talvez consigam pensar isso sem desabarem.

Um rapaz morreu esta noite. Um velho também. Uma mãe e um irmão e uma namorada estão no hospital, uma mulher de idade chega a uma casa que para sempre lhe parecerá vazia. Dois homens de Hed são presos por fogo posto, um deles provavelmente não voltará a andar depois do acidente na floresta, e alguns

de nós nunca acreditarão que esse é castigo suficiente, nem por sombras.

Alguns dirão que foi um acidente. Alguns afirmarão que foi homicídio. Alguns pensarão que a culpa foi toda daqueles homens, outros garantirão que há mais responsáveis. Que foi por culpa de muitas pessoas. Culpa nossa.

É tão fácil fazer com que as pessoas se odeiem umas às outras. É por isso que o amor é tão impossível de compreender. O ódio é tão simples, que pela lógica devia vencer sempre. É uma luta desigual.

*

O Aranha, o Martelo e os homens de blusões pretos ficam na sala de espera do hospital quase vinte e quatro horas. Estão rodeados por homens e mulheres, novos e velhos, de *T-shirts* brancas e verdes. Deixam-se ficar muito tempo depois de os médicos aparecerem, com ar grave, para apertar a mão a todos e lhes darem os pêsames; ficam, como se Vidar não pudesse morrer mesmo enquanto eles não saíssem do hospital.

Ninguém, em nenhuma das cidades, saberá o que dizer. Às vezes é mais fácil agir. Quando os carros saem do hospital em Hed, Teemu e a mãe são os últimos, e por isso não percebem logo por que razão os carros à sua frente estão a abrandar. Só quando olham para as árvores.

Alguém sacudiu a neve dos ramos nus e pendurou fitas finas de tecido ao longo de toda a estrada. Não é nada de especial, apenas tiras de pano a esvoaçar ao vento numa floresta. Mas uma é verde, e outra é vermelha. E assim sucessivamente, ao longo de todo o caminho. Para que as famílias nos carros saibam que Björnstad não está a sofrer sozinha.

Quando Teemu e a mãe chegam a casa, encontram uma pessoa sentada nos degraus, à sua espera.

– É a Kira Andersson? – pergunta a mãe de Teemu.

Teemu sai do carro sem dizer nada. Kira também não fala. Levanta-se e entra com eles. Vai para a cozinha e começa a limpar e a cozinhar. Teemu leva a mãe

para o quarto e senta-se com ela até os comprimidos lhe darem o alívio do sono.

Volta para a cozinha. Kira dá-lhe a esponja sem uma palavra. Ele lava, ela limpa.

49

Toda a gente tem um *stick*. Duas balizas. Duas equipas

A vida é uma coisa estranha. Passamos o tempo a tentar gerir vários aspetos dela e contudo somos, em grande medida, definidos por coisas que acontecem para lá do nosso controlo. Nunca esqueceremos este ano, nem o melhor nem o pior. Nunca deixará de nos influenciar.

Alguns de nós mudar-se-ão para sítios diferentes, mas a maioria ficará. Não é um sítio simples, mas, quando crescemos, compreendemos que não há lugar nenhum que o seja. Deus sabe que Björnstad e Hed têm muitos defeitos, mas pertencem-nos. Este é o nosso canto do mundo.

Ana e Maya treinam no celeiro junto do canil. Hora após hora. As coisas não estão boas, nunca mais voltarão a estar totalmente bem para nenhuma delas, mas arranjarão maneira de se levantar da cama todas as manhãs. Quando Ana se vai abaixo, e chora e grita, Maya aperta a melhor amiga nos braços e murmura-lhe ao ouvido:

– Sobreviventes, Ana. Sobreviventes. Somos sobreviventes.

Uma manhã cedo, assim que o Sol se consegue erguer acima do horizonte, alguém bate à porta da oficina de um mecânico. É pleno inverno, perto do final de uma infância, e quando Bobo abre a porta vê Benji, Amat e Zacharias. Vão até ao lago, com *sticks* e um disco, e jogam juntos, uma última vez. Como se fosse apenas um jogo e nada mais importasse.

Daí a dez anos, Amat será profissional, competirá em estádios enormes. Zacharias também, mas em frente de um computador. Bobo será pai.

*

Quando acabam de jogar no lago, é quase noite. Benji acena aos amigos e grita-lhes um adeus. Como se fossem ver-se no dia seguinte.

*

Pela segunda vez esta época, o clube de Hed joga contra o de Björnstad, numa partida que significa tudo e ao mesmo tempo absolutamente nada.

Na cozinha de uma casa nos Montes, Maggan Lyt está a fazer salada de massa e salada de batata. Coloca-as em grandes tigelas e tapa-as com película aderente. Não sabe se é boa ou má pessoa; sabe que a maior parte das pessoas assume-se como boa, mas ela nunca o fez. Sempre se viu a si própria, acima de tudo, como uma lutadora. Luta pela família, pelos filhos, pela cidade. Mesmo quando a cidade não quer ter nada a ver com ela. Às vezes as pessoas boas fazem coisas más com boas intenções, e às vezes também acontece o oposto.

Maggan pega nas saladas, entra no carro e atravessa a cidade; passa pelo rinque e segue pela estrada fora. Para em frente da casa da família de Rinnius e bate à porta.

Diga-se o que se disser de Maggan Lyt, ela também é mãe.

*

Aproxima-se a hora de o disco cair sobre o gelo do rinque e todos os jogadores deviam estar nos respetivos balneários, mas William Lyt caminha pelo corredor em direção ao balneário da equipa adversária. Detém-se à porta e espera que Amat e Bobo o vejam.

– Têm mais alguma? – pergunta, baixinho.

Amat e Bobo não percebem, mas um dos jogadores mais velhos compreende-o. Vai buscar uma braçadeira preta igual às que todos os jogadores de Björnstad têm já postas, e entrega-a a William. Este enfia-a por cima da manga e acena, em

agradecimento.

– Eu… lamento muito a vossa perda. Toda a nossa equipa lamenta.

Os jogadores de Björnstad respondem com acenos silenciosos. Amanhã voltarão a odiar-se. Amanhã.

*

Benji fica parado do lado de fora do rinque durante muito tempo. Está a fumar à sombra de umas árvores, com os pés enterrados na neve. Jogou hóquei no gelo a vida toda, por tantas razões diferentes, por tantas pessoas diferentes. Algumas coisas exigem tudo de nós, e escolher este desporto é como aprender a tocar um instrumento clássico: é demasiado difícil para ser apenas um passatempo. Ninguém acorda uma manhã e se torna por milagre um pianista ou violinista de classe mundial, e o mesmo se aplica aos jogadores de hóquei: é preciso uma vida inteira de obsessão. É o tipo de coisa que pode absorver toda a identidade de uma pessoa. Por fim, um jovem de dezoito anos, parado em frente a um rinque de gelo, pensa: «Quem poderei eu ser, se não for isto?»

Benji não disputa esta partida. Quando o jogo começa, ele já está longe.

*

O treinador do Clube de Hóquei no Gelo de Hed procura a treinadora do Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad num corredor. Elisabeth Zackell parece surpreendida. David traz consigo um rapaz de dezassete anos e ar tímido, com o saco de equipamento ao ombro. David tem um grande discurso preparado, um discurso que pretendia ser adulto e compreensivo e as palavras certas à luz de todas as coisas terríveis que aconteceram. Mas os seus lábios recusam-se a proferi-lo. Quer ser sensível, ou pelo menos parecer sensível, mas às vezes é mais fácil fazer coisas do que dizê-las. Assim, aponta para o rapaz.

– Este é o nosso guarda-redes suplente. Acho que pode vir a tornar-se um

bom jogador, com o treinador certo, e… bom… não tem tido muitas hipóteses de jogar na nossa equipa. Por isso, se…

– Se o quê? – pergunta Zackell, sem tirar os olhos do rapaz, que se recusa a tirar os seus do chão.

David pigarreia.

– Falei com a Federação. Tendo em conta as circunstâncias, estão dispostos a permitir uma transferência.

Zackell ergue as sobrancelhas.

– Está a dar-me um guarda-redes?

David confirma com um aceno.

– Toda a gente diz que você é boa com guarda-redes. Acho que conseguirá transformá-lo num jogador fantástico.

– Como te chamas? – pergunta Zackell, mas o guarda-redes limita-se a murmurar algo ininteligível na direção do chão.

David tosse, atrapalhado.

– Os tipos da equipa chamam-lhe Murmúrio, porque é a única coisa que ele faz.

David tem razão. O rapaz virá a ser um guarda-redes fantástico e nunca pronunciará uma palavra desnecessária. Elisabeth Zackell engraça de imediato com ele. É de Hed, mas jogará por Björnstad durante quase vinte anos, nunca por qualquer outro clube, e um dia será, aos olhos dos apoiantes, mais urso do que qualquer um. Mas nunca usará o número 1 na camisola, porque esse é o número de Vidar. No entanto pintará o número 1 no capacete, e os blusões pretos sempre o aplaudirão ainda mais alto por isso.

David aperta-lhe a mão e o rapaz de dezassete anos entra no balneário. David agita os pés, embaraçado, e depois enche-se de coragem e pergunta a Zackell:

– Como está o Benji?

O lábio inferior de Zackell estremece de forma quase impercetível. A sua voz treme ligeiramente.

– Bem. Acho que ele… ficará bem.

Também ela guardará uma camisola com o número 16 em todas as suas equipas enquanto for treinadora. Ela e David fitam-se nos olhos e Zackell diz:

– Façam-nos a vida negra no gelo esta noite.

David sorri.

– Façam-nos *vocês* a vida negra!

Será um jogo extraordinário. As pessoas falarão dele durante anos.

*

Teemu aparece no canil, sozinho. Traz um envelope e sobe ao telhado, onde Benji se encontra. Teemu hesita e depois senta-se ao lado dele.

– Vais ao jogo? – pergunta-lhe.

A resposta de Benji não é contrariada. Na verdade, parece quase alegre.

– Não. E tu?

Teemu acena afirmativamente. Nunca deixará de ver hóquei. Algumas pessoas poderiam pensar que o desporto lhe lembra demasiado o irmão mais novo, mas, na verdade, durante longos períodos da vida de Teemu, será um dos poucos lugares onde suporta a memória de Vidar. Onde não lhe dói tanto.

– Estás a pensar ir embora daqui, não é? – pergunta por fim.

Benji parece surpreendido.

– Como sabes?

Os olhos de Teemu brilham por um instante.

– Tens aquele ar que eu esperava ver no Vidar um dia. De quem está a pensar sair daqui.

Teemu parece frágil, como se o mais leve sopro de vento fosse capaz de o desfazer em pedaços. Benji dá-lhe um cigarro.

– Para onde gostarias que o Vidar tivesse ido?

Teemu solta o fumo pelo nariz.

– Para qualquer lado onde pudesse ter-se tornado algo… mais. O que estás a

planear fazer?

Benji inala profundamente o fumo do cigarro.

– Não sei. Quero apenas descobrir quem sou se não for jogador de hóquei. E acho que não consigo fazer isso se ficar em Björnstad.

Teemu acena com ar sério.

– És um grande jogador de hóquei.

– Obrigado – diz Benji.

Teemu levanta-se rapidamente, como se temesse que a conversa seguisse por um rumo para o qual não está preparado. Larga o envelope no colo de Benji.

– O Aranha e o Martelo leram qualquer coisa *online*. Parece que há um Fundo Arco-Íris que recolhe dinheiro para ajudar… sabes… pessoas que foram atacadas e aprisionadas e essas merdas, noutros países, por serem…

Cala-se. Benji olha para o envelope e murmura:

– Como eu?

Teemu afasta o olhar. Apaga o cigarro e tosse.

– Bom… Os rapazes decidiram que queriam que o dinheiro que tínhamos no fundo do Urso Pardo fosse para… isso. Resolvemos dá-lo a ti.

Benji engole em seco, arrasado.

– Então querem que eu dê o dinheiro a esse Fundo Arco-Íris porque sou um deles?

Teemu já está a descer a escada, mas detém-se e fita Benji nos olhos.

– Não. Queremos que lhes dês o dinheiro porque és um de nós.

*

Ramona anda de um lado para o outro dentro do Urso Pardo, a beber o almoço e a dar instruções aos trabalhadores, intercaladas com muitas imprecações coloridas. Peter Andersson entra, com o mesmo ar que tinha quando era rapaz e vinha ao bar buscar o pai bêbado.

– Como está a correr? – pergunta, olhando em volta, para as obras.

Ramona encolhe os ombros.

– Cheira melhor depois do incêndio do que antes.

Peter responde com um sorriso fraco. Ela imita-o. Ainda não estão prontos para rir do sucedido, mas pelo menos já começaram a mover-se na direção certa. Peter respira fundo e indica:

– Isto é para si. Na capacidade de membro da direção do clube.

Ramona olha para o papel que ele colocou em cima do balcão, sem dizer nada. Faz uma boa ideia do que será, por isso recusa-se a tocar-lhe.

– Há um monte de velhos insípidos de casacos elegantes naquela direção. Dá isso a um deles!

Peter abana a cabeça.

– Estou a dá-la a si. Porque é a única pessoa lá em quem confio.

Ela dá-lhe uma palmadinha no rosto. A porta do Urso Pardo abre-se. Peter vira-se e vê Teemu à entrada. Os dois homens levantam instintivamente as mãos, como se quisessem mostrar que nenhum deles anda à procura de problemas.

– Posso… voltar mais tarde – sugere Teemu.

– Não, não! Eu já estava de saída! – insiste Peter.

Ramona solta uma risada trocista.

– Calem-se lá, vocês os dois. Sentem-se e bebam uma cerveja. Por conta da casa.

Peter pigarreia.

– Aceito um café.

Teemu pendura o casaco.

– Eu também.

Peter levanta a caneca, num vão arremedo de um brinde. Teemu faz o mesmo.

– Francamente! Homens! – resmunga Ramona, irritada.

Peter olha para o balcão e diz:

– Não sei se isto melhora ou piora as coisas, mas acredito que o Vidar podia ter ido longe no hóquei. Talvez mesmo até ao topo. Ele era mesmo bom jogador.

– Era ainda melhor irmão – contrapõe Teemu.

Depois sorri. Ramona sorri também. Peter tosse.

– É uma perda terrível…

Teemu roda a caneca de café, observando as pequenas ondas na superfície.

– Você e a sua mulher perderam o vosso primeiro filho, não foi?

Peter respira fundo e fecha os olhos.

– Sim. O Isak.

– Alguma vez ultrapassamos o desgosto?

– Não.

Teemu roda a caneca, à volta, à volta.

– Então como raio continuamos a viver? – pergunta.

– Lutamos mais – murmura Peter.

Teemu levanta de novo a caneca. Peter hesita por um instante antes de prosseguir:

– Sei que você e os outros sempre me viram como um inimigo da Matilha. Talvez tivessem razões para isso. Não acredito que haja lugar para a violência no desporto. Mas eu… bom… queria que soubesse que compreendo que nem tudo na vida é simples. Sei que também é o vosso clube. Peço desculpa pelas vezes em que… fui longe de mais.

Teemu tamborila com as unhas na caneca de loiça.

– Política e hóquei, Peter. Duas coisas que nunca deviam chegar perto uma da outra.

Peter respira fundo pelo nariz.

– Não sei se serve de alguma coisa dizer isto, mas… o Richard Theo enganou-me. O que ele faz é virar as pessoas umas contra as outras, pessoas como nós os dois, para conseguir deitar a mão ao poder. E tipos como ele não querem controlar só o clube de hóquei: querem controlar a cidade inteira.

Teemu coça a barba por fazer, distraído, um homem sem nada a perder.

– Se nos querem, terão de vir apanhar-nos.

Peter acena com a cabeça. Ainda não sabe de quem tem mais medo: dos *hooligans* das tatuagens, ou dos *hooligans* de fato e gravata. Levanta-se e agradece o café a Ramona. Ela tem a folha de papel na mão, mas espera que ele saia para a ler.

É a carta de demissão de Peter. Já não é diretor-geral do Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad. Já nem sequer lá trabalha.

Ramona empurra a carta por cima do balcão. Teemu lê-a. Bebe o café e declara:

– O Peter é um imbecil. Mas manteve o clube vivo. Não nos esqueceremos disso.

– Não há um único imbecil neste planeta que não tenha alguém que o ame – responde Ramona.

Levanta o copo, Teemu ergue a caneca e brindam em silêncio. Depois ele vai ao jogo. Mais tarde, come salada de massa e salada de batata com a mãe.

*

Richard Theo está a trabalhar, sozinho, no seu gabinete na câmara municipal. Lá fora, as bandeiras encontram-se a meia haste. Talvez ele se interesse por isso, talvez não. Talvez se arrependa de algumas das coisas que fez ou acredite que, no fim, terá feito mais bem do que mal neste mundo. Porque está convicto de que só uma pessoa de poder pode influenciar a política, portanto não basta ter boas intenções – primeiro é preciso vencer.

Nas próximas eleições, prometerá investimento em melhores medidas de segurança contra incêndios nos edifícios históricos do centro de Björnstad, nas imediações do Urso Pardo. Prometerá também reduzir os limites de velocidade na estrada entre Björnstad e Hed, para que aquele trágico acidente rodoviário nunca mais se repita. Prometerá lei e ordem, mais empregos, melhores cuidados de saúde. Ficará conhecido como o político que construiu o jardim de infância no rinque de gelo e o que salvou o financiamento do Clube de Hóquei no Gelo de Björnstad e os empregos da fábrica. Talvez tenha até salvado também o hospital de Hed.

Claro que, um dia, as pessoas de Björnstad compreenderão que os novos proprietários nunca tiveram qualquer intenção de manter a fábrica ali. Vão

transferi-la para outro lugar onde os preços das propriedades sejam ainda mais baratos e os ordenados ainda mais baixos, assim que essa se tornar a opção mais lucrativa. Não fará qualquer diferença para Richard Theo. Porque, antes das próximas eleições, chegarão ao conhecimento do jornal local documentos que mostram que os autarcas mais antigos andam a desbaratar o dinheiro dos contribuintes há anos; subsídios escondidos e empréstimos que foram parar aos bolsos dos «mandachuvas» nas direções dos clubes de hóquei, e «investimentos ilegais» que foram feitos para apoiar a construção de um hotel de conferências em conjunto com a candidatura do município a anfitrião do Campeonato Mundial de Esqui. Em menos de nada, rebentará um escândalo no qual «políticos influentes locais» foram subornados por «ricos homens de negócios».

Não importa que a antiga vereadora que é agora a líder do maior partido nunca tenha estado envolvida na má utilização de fundos, porque terá na mesma de passar toda a campanha eleitoral a responder a perguntas sobre corrupção. Por acaso, o marido e o irmão dela trabalham numa das companhias implicadas no escândalo de subornos. Posteriormente provar-se-á que eram totalmente inocentes, mas nessa altura será tarde, porque depois de a palavra «corrupção» aparecer ao lado do nome dela nos cabeçalhos dos jornais vezes suficientes, a maioria das pessoas chegará à conclusão de que «ela com certeza é corrupta também. É igual aos outros.»

Do outro lado encontra-se Richard Theo, que nem sequer precisa de ser perfeito; basta-lhe ser diferente. Assim, vencerá as próximas eleições, porque é isso que fazem homens como ele. Mas não vencerá as eleições depois dessas, porque também é isso que fazem homens como ele.

Hoje, sai do escritório mais cedo do que é habitual. Tem pela frente uma longa viagem ao volante do seu carro, até à casa do irmão, na capital. O sobrinho de Richard Theo faz seis anos amanhã e, desde que o menino era pequeno, Richard Theo liga-lhe todas as noites para lhe ler uma história ao telefone antes de dormir. As histórias são quase sempre sobre animais, porque tanto Richard Theo como o menino adoram animais.

Amanhã, no aniversário do sobrinho, irão ao jardim zoológico. Ver os ursos e os touros.

*

Kira Andersson e a colega estão no novo escritório. Está desarrumado e cheio de caixas e elas stressadas e exaustas. Conseguiram levar consigo alguns clientes importantes, mas está a ser muito mais difícil arranjar bons colegas. Ninguém quer correr o risco de trabalhar para uma firma tão recente, principalmente nesta parte do país.

Batem à porta e a colega de Kira reza para que seja um dos muitos advogados que entrevistou a dizer que afinal mudou de ideias. Abre a porta, animada, mas vê o marido de Kira.

– Peter? O que fazes aqui? – pergunta Kira, atrás dela.

Peter engole em seco e esfrega as mãos transpiradas nas calças de ganga. Vestiu uma camisa branca e pôs uma gravata.

– Eu… Isto vai com certeza parecer uma estupidez, mas vi na Internet que… bom… atualmente muitas empresas têm um departamento de RH, recursos humanos. É… tratam de recrutamento, formação, condições de trabalho. E eu…

Fica com a língua colada ao céu da boca. A colega de Kira está a tentar conter o riso, sem grande sucesso, e vai buscar-lhe um copo de água. Kira pergunta:

– O que estás a tentar dizer, querido?

Peter recompõe-se.

– Acho que podia ser bom nessa coisa dos recursos humanos. É como construir uma equipa. Unir um clube e mantê-lo unido. Sei que não tenho a experiência certa para a vossa empresa, mas tenho… outra experiência.

A colega de Kira coça a cabeça.

– Desculpa, mas não estou a perceber, Peter. O que fazes aqui? Björnstad não está a jogar esta noite?

Peter esfrega outra vez as mãos nas calças. Olha para Kira.

– Despedi-me do clube. Estou aqui à procura de um emprego.

Kira fita-o longamente, pisca os olhos muito depressa. Aperta os braços à volta do corpo.

– Porque é que queres trabalhar aqui? – murmura.

Ele endireita-se.

– Porque quero que tenhamos mais do que um casamento. Quero que nos ajudemos um ao outro a ser pessoas melhores.

*

Quando duas equipas, uma vermelha e uma verde, saem finalmente para o gelo para disputar o seu jogo, nessa noite, faltam pessoas, tanto no gelo como nas bancadas – pessoas que todos tomaram sempre como certas. Mas de resto estão lá todos, de duas cidades com mil histórias diferentes. Apesar disso, o rinque de Björnstad está completamente silencioso. Os lugares sentados estão esgotados, mas ninguém fala, ninguém aplaude, ninguém entoa cânticos. Numa das bancadas em pé, há uma multidão de pessoas de verde, e, no meio destas, um grupo de homens de blusão preto, imóveis. Não estão a cantar. É como se quisessem, mas não tivessem energia, como se os seus pulmões estivessem vazios, as suas vozes fossem inadequadas. Mesmo assim, um cântico ergue-se subitamente no ar. O seu cântico.

*

– Somos os ursooos! Somos os ursooos! Somos os ursooos…

Vem do outro lado do rinque, da outra bancada em pé. São as claques de vermelho que o entoam. Todos os apoiantes de Hed cresceram a odiar os de Björnstad, e amanhã voltarão a nutrir esse sentimento. Não deixarão de lutar entre si; o mundo não vai mudar, tudo continuará como de costume – mas hoje, por esta única vez, as suas vozes tristes erguem-se para entoar o cântico dos

rivais, em sinal de respeito:

– OS URSOS DE BJÖRNSTAD!

É uma breve demonstração de solidariedade. Apenas palavras. O rinque de gelo fica ainda mais silencioso a seguir, por um momento, e depois parece que o silêncio nunca mais ali entrará. Num minuto não há ruído algum e no minuto seguinte é impossível ouvir seja o que for, exceto uma explosão de orgulho e amor, enquanto uma cidade inteira tenta mostrar ao mundo que ainda ali está, ainda não desistiu, ainda é Björnstad contra os outros. Quando as pessoas nas bancadas verdes, onde estão os blusões pretos, começam a cantar, cantam com força suficiente para se fazerem ouvir no Céu. Para que Vidar saiba como sentem a sua falta.

E depois fazemos o que fazemos sempre. Jogamos hóquei.

*

A mãe de Maya leva-a à estação de comboio. Espera junto à entrada enquanto a filha sobe as escadas e olha para a plataforma até ver a pessoa que procura. Ele está sentado num banco.

– Benji… – chama ela em voz baixa, como se estivesse a atrair um animal e não o quisesse assustar.

Ele levanta a cabeça, surpreendido.

– O que fazes aqui?

– Vim à tua procura – diz Maya.

– Como sabias onde eu estava?

– As tuas irmãs disseram-me.

Ele abre um sorriso radiante.

– Não são nada dignas de confiança, as minhas irmãs.

Maya ri-se.

– Bem podes dizê-lo!

As mangas do casaco dela estão um bocadinho curtas; cresceu este verão,

sem que o casaco se tivesse apercebido. Tem duas tatuagens novas visíveis nos antebraços. Uma é uma guitarra, a outra uma espingarda.

Benji acena.

– Gosto delas.

– Obrigada. Para onde vais? – pergunta Maya.

Benji reflete na resposta durante muito tempo.

– Não sei. Apenas… para outro lado.

Ela compreende. Estende-lhe um papel com algumas linhas manuscritas.

– Entrei na escola de música. Vou mudar-me em janeiro. Não sei se nos veremos antes disso, portanto… queria dar-te isto.

Enquanto ele lê, ela dirige-se para o carro da mãe. Quando Benji termina, chama-a:

– MAYA!

– O QUE É? – grita ela em resposta.

– NÃO DEIXES QUE OS CABRÕES TE VEJAM CHORAR!

Ela ri-se com lágrimas nos olhos.

– NUNCA, BENJI! NUNCA!

Talvez não voltem a encontrar-se, mas ela escreveu todas as coisas mais importantes que sente por ele naquela folha de papel:

Desejo-te coragem
Desejo-te sangue a correr nas veias
Um coração que bata com demasiada força
Sentimentos que tornam tudo demasiado difícil
Amor descontrolado
As aventuras mais intensas
Espero que descubras o teu caminho
Espero que sejas o tipo de pessoa
Que encontra um final feliz

*

Amanhã, o Sol nascerá novamente sobre a nossa cidade. Por incrível que pareça.

Uma jovem chamada Ana encontrará dentro de si a força para continuar a viver. Porque as pessoas como ela encontram-na sempre, de alguma forma. Daqui a alguns meses, muito longe, numa cidade grande, ela competirá pela primeira vez no seu desporto. Jeanette beija-lhe a testa no balneário. Maya está ao seu lado, toca nas mãos enluvadas de Ana com os punhos e murmura:

– Amo-te, minha idiota!

Ana sorri tristemente e responde:

– Amo-te, minha imbecil.

Tem as mesmas tatuagens que Maya nos antebraços: uma guitarra de um lado, uma espingarda do outro. O pai de Ana está à porta do balneário. Continua a tentar.

Quando Ana entra no ringue para enfrentar a adversária, uma secção de pessoas no público levanta-se, como que em obediência a alguma instrução invisível. Não gritam nada, mas vestem blusões pretos e todos levam a mão ao coração por um instante quando ela olha nessa direção.

– Quem são? – pergunta o árbitro, surpreendido.

Ana olha para o teto e pisca os olhos. Imagina o Céu do outro lado.

– São os meus irmãos e irmãs. Cabeça erguida, eles e eu.

Quando o combate começa, Ana tem apenas uma adversária no ringue. Não faz qualquer diferença: podia ter pela frente uma centena. Não teriam qualquer hipótese.

E o Sol nasce. Amanhã, outra vez.

Um rapaz do Covão, chamado Amat, um miúdo que toda a gente achava ser demasiado pequeno e fraco para ser bom jogador de hóquei, correrá o caminho

todo, pela estrada principal, até à NHL. Torna-se profissional no gelo, e o seu amigo de infância do prédio ao lado, Zacharias, torna-se profissional em frente de um ecrã de computador. Alguns dos jovens com quem eles cresceram seguirão um rumo errado: alguns morrerão cedo de mais, mas outros encontrarão o caminho para as suas vidas. Vidas importantes, orgulhosas. Nenhum deles esquecerá de onde veio.

Um pai chamado Javali continuará a reparar carros numa oficina, a lutar pelos filhos, a enfrentar um dia de cada vez. Todas as manhãs visitam a campa de Ann-Katrin. O mais velho, Bobo, que consegue tirar machados cravados em capôs de carros mas nunca aprendeu a patinar mesmo bem, faz amizade com uma treinadora de hóquei sem jeito para lidar com emoções. Zackell dá-lhe um emprego como treinador assistente. E ele faz um trabalho dos diabos.

Ramona reconstrói o bar. Quando este reabre, toda a gente de Björnstad – e um bom número daqueles filhos da mãe de Hed – faz fila durante horas para entrar, comprar uma cerveja e deixar o troco num envelope com as palavras «Fundo Comum». A treinadora de hóquei de Björnstad come as suas batatas de graça até ao fim da época. Mas tem de pagar a cerveja; isto não é uma instituição de caridade, percebem.

A um canto, estão sentadas cinco mulheres de idade avançada. Ao balcão, quatro homens também velhos. Nem sempre é fácil. Mas, se alguém lhes disser isso, eles responderão que ninguém espera que seja.

Alicia, de quatro anos e meio de idade, fará entretanto os cinco. Está no rinque de gelo todos os dias, mas de vez em quando passa pelo jardim de um velho treinador e atira discos contra a parede, e um dia será a melhor.

Quando a primavera chegar, três homens feitos encontram-se um domingo à tarde no parque de estacionamento do supermercado: Peter, o Janota e o Javali. Têm menos algum cabelo e mais alguma barriga do que da última vez que

jogaram hóquei juntos, há vinte anos, mas trouxeram os seus *sticks* e uma bola de ténis. As suas mulheres e filhos carregam uma baliza, entre risos e provocações aos homens, que levam a outra. Depois as famílias começam a jogar, como se nada mais importasse.

*

Porque é um jogo simples se tirarmos todas as porcarias que o rodeiam e guardarmos apenas aquilo que nos fez amá-lo ao princípio.

Toda a gente tem um *stick.* Duas balizas. Duas equipas.

Nós contra os outros.